PEDRO JOSÉ SUPICO DE MORAIS

O MUNDO NO ANO 3000

A OBRA QUE DEU INÍCIO À LITERATURA DE FICÇÃO CIÊNTIFICA EM PORTUGAL

O MUNDO NO ANO TRÊS MIL

PEDRO JOSÉ SUPICO DE MORAIS

Ilustrações de Vidal Júnior

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

A presente obra encontra-se sob domínio público ao abrigo do art.º 31 do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (70 anos após a morte do autor) e é distribuída de modo a proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da sua leitura. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. Foi a generosidade que motivou a sua distribuição e, sob o mesmo princípio, é livre para a difundir.

Para encontrar outras obras de domínio público em formato digital, visite-nos em: http://www.luso-livros.net/

LUSO LIVROS
UMA NOVA FORMA DE LER

SOBRE A OBRA E O AUTOR

Publicada pela primeira vez em Portugal em 1895, esta é a primeira obra caracterizada como sendo de ficção científica, escrita em língua portuguesa - um tema literário inédito na época, não só em Portugal mas também no resto do mundo.

Ela não é, contudo uma obra original. Trata-se de uma adaptação literária da obra "Le Monde tel qu'il Sera" do escritor francês Émile Souvestre, escrita em 1846 que foi escrita com a intenção de ser uma obra de carácter moral (isto é, uma apologia de advertência a condutas morais) mas cujos elementos de fantasia e projeções de tecnologias futuras deram-lhe mais notoriedade como sendo uma referência literária sobre um tipo de ficção com premissas sobre as potencialidade de realização e invenção do Homem no campo tecnológico e científico, tornando-a, portando, numa das primeiras obras do mundo a ser reconhecida como uma obra de ficção cientifica. De facto, a obra de Émile Souvestre é uma das principais influências do seu conterrâneo, Júlio Verne, escritor que viria a popularizar e a consagrar a ficção científica como um tema literário legitimo.

Falamos de "Adaptação" da obra de Émile Souvestre e não de "Tradução" porque de facto esta obra difere em muitos aspectos da obra original, tendo mais elementos de humor e tendo situações e personagens alteradas, omitidas ou acrescentadas para se coadunar à realidade social portuguesa do século XIX.

As primeiras edições da versão portuguesa foram publicadas sem autor declarado (nem sequer a referencia à obra que imitava), sendo as posteriores atribuídas a um tal de Pedro José Supico de Morais. Hoje sabe-se que esse é apenas um pseudónimo do Sebastião José Ribeiro de Sá, um fidalgo, comendador e representante oficial do Estado Português no país e no estrangeiro, que escrevia ocasionalmente artigos para jornais.

Ribeiro de Sá era um entusiasta do desenvolvimento tecnológico, que defendia aliás para o seu país, escrevendo vários artigos sobre o assunto - motivo pelo qual se deve ter interessado na obra de Émile Souvestre. Será, no entanto, preciso fazer-se notar que a obra, no seu todo, apresenta uma imagem relativamente negativa em relação à tecnologia, pois é apresentada em paridade com uma visão grotesca (e cómica) de uma sociedade futura completamente disfuncional. É preciso lembrar que foi na segunda metade do século XIX que, em Portugal, se deu o período o que se convencionou chamar de "Regeneração" - época que deu inicio à revolução industrial portuguesa, que trouxe para Portugal, entre outras coisas, as indústrias fabris mecanizadas, as vias férreas, o

telégrafo e o telefone. Tal como hoje, as novas tecnologias levantavam receios e medos, não porque elas fossem intrinsecamente maléficas, mas no que a ambição humana as poderia transformar. Provavelmente, Ribeiro de Sá, apesar de ser um progressista, também teria noção do lado negro ou das consequências nefastas do progresso, daí ter pegado na obra de Émile Souvestre numa tentativa de alertar para essa possibilidade.

Sobre esse aspeto é também preciso fazer notar que a obra de Émile Souvestre é também a primeira obra literária a falar sobre uma sociedade distópica- termo que foi cunhado no século XX, para descrever um tipo de sociedade nefasta. No "Mundo no Ano 3000" não existem nações; a sociedade é global e regida pela "Republica dos Interesses-Unidos", cuja capital é a "Cidade Sem Igual" que se situa na "Ilha do Negro Animal", anteriormente chamada de Taiti. Apesar do mundo beneficiar de um extraordinário desenvolvimento tecnológico - As casas são totalmente automatizas, por exemplo, desde a cozinha até aos quartos; as pessoas movem-se pelo ar com "sapatos a vapor", ou pelos túneis subterrâneos em transportes tão rápidos que "fazer uma viagem" consiste somente em "partir e chegar" - o mundo é controlado e formatado segundo a vontade autoritária da "Republica dos Interesses-Unidos". As crianças, por exemplo, não têm pais e são alimentadas por máquinas a vapor até à idade da desmama; altura em que lhes é definido um propósito social e delineado por um plano de estudo na "Universidade das Vocações Unidas" onde

só aprendem o prático e o essencial para a realização da sua profissão futura atribuída.

Outro caso: O jornal mais lido da Republica, chamado "A Grande Peta", é distribuído – tal como o correio, em geral ─ em canalizações por vácuo desde o centro de produção até às mãos dos leitores que podem seleccionar as partes que lhes interessava ler (uma espécie de Internet mecânica operada a vapor), mas o conteúdo apresentado é somente aquele que obedece aos princípios ditados pela "Republica dos Interesses-Unidos" do dinheiro fácil, dos lucros chorudos, da exploração e da especulação financeira.

A obra é assim uma precursora de temáticas que se viram a desenvolver por todo o século XX e que ainda hoje constituem temas de debate.

AVISO

A história mais antiga começa no princípio do mundo; a mais estendida e continuada acaba nos tempos em que foi escrita. Esta nossa começa no tempo em que se escreve, continua por toda a duração do mundo, mede os tempos vindouros antes de virem, conta os sucessos futuros antes de sucederem, e descreve feitos heroicos e famosos antes da fama os publicar e de serem feitos.

Ouvirá o mundo o que nunca viu, lerá o que nunca ouviu, admirará o que nunca leu, e pasmará assombrado com aquilo que nunca imaginou.

E se por acaso puserdes os olhos neste livro, entendo que nem eu ficarei sem lucro, nem vós sem proveito.

PRÓLOGO

CAPÍTULO I

Imagine o leitor, ainda mesmo que não seja benévolo, um homem e uma mulher, ambos no verdor dos anos, encostados ao parapeito da janela de uma trapeira. Se acha a imagem prosaica, observe que a janela está como forrada, pelos ramos dos arbustos de uns alegretes, improvisados naquelas alturas. O par, que por esta forma tivemos a honra de apresentar ao leitor, desperta com a sua conversa as aves-abrigadas nos artificiosos ninhos que se enredam e apegam às telhas.

O gorjeio extemporâneo das aves acompanha, portanto, o diálogo que vamos referir.

Marta descansa com um dos braços no ombro direito de Maurício; e tanto um como outro, olham para o abismo envolto em grossas massas de sombra, que lhes fica fronteiro, e se projeta até ao horizonte. Nesse abismo, que só a vista pode penetrar à força de o ver, aparece a princípio o fundo azul estrelado do céu, surgindo mais em baixo as trevas pavorosas de Paris.

Maurício olha para a capital da França: Marta só olha para o céu.

A vista de Marta, como se estivesse cansada de andar errante de estrela para estrela, fitou Maurício, pousando o braço mais afetuosamente no ombro do jovem, até que a boca encantadora de tão graciosa mulher fez ouvir o murmúrio de um beijo.

— Em que pensas? disse ela a Maurício.

Estas palavras são o brado impaciente com que reciprocamente se chamam, duas almas que se procuram uma à outra e se não veem, como se fossem duas irmãs perdidas nas trevas da noite, não ousando dar um passo sem mutuamente se interrogarem.

Um romancista aproveitaria a contemplação deste quadro para fazer dois retratos, por meio dos processos modernos da análise do microscópio, tanto em voga nos romances. Diria que achava nos olhos azuis de Maurício, esfumados sob as pálpebras, a aspiração para quanto é desconhecido ou incógnito ao espirito humano: nas azas proeminentes e agitadas do nariz, a inquietação da audácia; e nos lábios entreabertos, a ternura expansiva; e finalmente no lodo daquele jovem, a personificação desta geração investigadora, impaciente e inconstante, que sempre quer mas que nem sempre sabe.

Pelo que diz respeito a Marta, o mesmo autor, vendo-lhe as fontes cobertas pelas madeixas ondeadas de cabelos prelos, o olhar terno, casto e corajoso, acharia em todas estas circunstâncias os indicadores da beleza da mulher, da

santa e da heroína.

Resolvemos não fatigar o leitor com tão poéticos sinais, porque provavelmente ficaria tão indeciso como qualquer empregado da policia, quando lê o passaporte de um cidadão, que o rei lhe recomenda, pelo importe do selo. Daremos apenas mais alguns traços neste esboço, para que se percebam certas frases mais especiais do carater de Maurício. Apesar de ser jovem e estar enamorado, não era egoísta. Tinha mais a peito os destinos da humanidade do que se podia esperar da sua idade e condição. Desgostoso por ter contemplado tantos sofrimentos sem alívio, tantas desgraças sem esperança, meditava na felicidade humana, como se fosse coisa que em verdade valesse a pena, e chegava a pensar porque meios ela se poderia obter, apesar de não ter sido mandado pelo governo, com boa paga, estudar nem sequer beneficência aos países estrangeiros.

Neste intento comentou as obras dos que se condecoram com o título de pensadores, e que não descem dos grandes princípios, ou do que não melhora nem piora a humanidade. — Estudou os publicistas, historiadores e jurisconsultos, os quais lhe provaram que no regime de todas as constituições, o maior número de indivíduos morria de fome e o menor de indigestão, trazida quase sempre da mesa lauta do orçamento: acrescendo que os códigos eram semelhantes a mares enganadores, que tragavam nas ondas fiscais os barcos do

contrabandista peão, enquanto o navio do honrado e abastado especulador, navegava a pano largo até ao ponto da costa mais conveniente para o desembarque ilegal. Recorreu aos economistas e estatísticos, que o passearam seis meses por entre as suas aprumadas colunas de algarismos, para lhe provarem a final que neste mundo tudo estava como devia estar, e que o mais comodo era deixar ir as coisas como iam, sem as sujeitar a regras, nem conveniências.

Não tendo dado um passo no seu estudo por estes meios, recorreu aos livros dos socialistas, e viu que a caixa de Pandora está multiplicada pelo número deles; cada um possuía o seu elixir para felicidade do género humano. O bom que existia nessas obras era como trigo afogado em joio.

Os estudos de Maurício, unicamente serviram para o fortalecer na fé que tinha no futuro, terra de promissão para os que não compreendem o presente.

A influência fascinadora da lua de mel, não lhe arredou o espirito desses graves pensamentos, pois que Marta tomou parte nelas, e o que poderia ser como uma separação, foi mais um laço da aliança legal que os prendia um ao outro.

As suas duas almas, reunidas na mesma esperança, irradiavam como de um mesmo foco, a luz dos pensamentos, que abrangia todas as idades e situações; eram esposos que se amavam na humanidade.

O leitor fará o obséquio de notar, que estas explicações indispensáveis são o que os gramáticos chamam uma proposição incidente, devendo nós portanto fechar o parêntesis (que não foi pequeno) para tomarmos o fio da narrativa.

Maurício voltou o rosto para Marta ao ouvir-lhe a pergunta, e ambos olharam algum tempo um para o outro sem falar, com a expressão própria de quem se ama, à luz das estrelas, e tem vinte anos, mas vive numa trapeira.

Ao cabo de demorado silêncio Marta repetiu a pergunta:

— Em que pensas?

Maurício cingiu-a com um dos braços.

— Primeiramente, pensei em ti, respondeu ele; depois comovido por esse pensamento, o meu coração se dilatou nos seus afetos, percebi que me interessava por esse mundo no meio do qual nos estamos amando; e perguntei a mini mesmo o que ele seria no futuro.

— Lembra-te à casa em que fizemos conhecimento um do outro? observou Marta. A família que aí morava era composta de crianças renascidas; de donzelas que entravam radiantes de esperança, na primavera da vida, e de pessoas que tocavam no limite da existência... Diz-me: não será assim também o futuro do mundo como foi o seu passado, e como está sendo o seu presente?

— Assim será para os indivíduos, mas não para as sociedades, respondeu

Maurício. Com a vida que se transmite de geração a geração, e que é sempre semelhante, anda o espirito, que é essencialmente variável. Os homens são como pedras animadas, cada século construi com eles um edifício diferente, conforme os seus conhecimentos e as suas intenções. Até ao presente esses edifícios têm sido a choupana do selvagem, a barraca de campanha, ou uma casa de negócio; mas o grande arquiteto que há de edificar o templo, virá, tarde ou cedo, no espirito de qualquer século: e virá seguramente, porque alguns indícios precursores anunciaram a sua vinda.

— Indicai-me esses indícios, disse Marta, aproximando o rosto de Maurício, como se ela estivesse pensando que um beijo seria algum dos sinais percursores de que o jovem falava.

— Olha, continuou ele, debruçando-se na janela: que vês diante de ti?

— Vejo frocos de nuvens brancas, que se deslizam sobre o azul do céu, e que na minha imaginação fazem o efeito de anjos da guarda que vão voando.

— E mais em baixo que vês?...

— Vejo no cimo daquele monte uma casa cora luz — é a casa em que te encontrei pela primeira vez.

— E mais em baixo ainda, no fundo daquela espécie de abismo?

— Aí não distingo coisa alguma: contemplo a noite nessas massas escuras e

indecisas.

— A noite que estás contemplando, envolve no horizonte que avistamos, um milhão de almas que estão velando, disse Maurício entusiasmado. — Gomo seria belo perceber o que se prepara no escuro daquelas trevas; compreender os rumores longínquos que parecem gemidos; os lampejos que se desvanecem assim que brilham; os vapores que se elevam ao firmamento!... tudo isso é um mundo prestes a ser formado. Todos os seus elementos estão no caos, à semelhança dos primeiros dias da criação; mas quando o sol do tempo se erguer para eles, o futuro sairá das trevas, como a terra saiu das águas depois do diluvio.

Marta, não respondeu, mas fascinada pela voz de Maurício, inclinou-se na direção do abismo tenebroso, como se esperasse ver alguma transformação magica.

— Desejo como tu conhecer esse futuro tão belo, disse ela a final, com a curiosidade impaciente de uma criança. Se fora possível dormir durante muitos séculos para acordar num mundo mais perfeito! Quem me dera ter tido alguma fada por madrinha!

— As fadas há muito que partiram deste mundo, quebrando as varinhas dos encantamentos: cumpre ao génio do homem achar-lhes os fragmentos para as reunir novamente.

— Nesse caso o que devemos invocar? Os anjos deixaram de vir à terra, como no tempo de Jacob e de Tobias; Jesus, a Virgem e os Santos, não deixam o paraíso como na idade media, para socorro dos aflitos, ou provação das almas; terão por tanto abandonado o mundo todos os poderes superiores? Não haverá na terra um espirito que possa servir de intermediário entre o mundo real e o mundo invisível? Todas as nações, todas as eras tiveram o seu génio protetor; onde estará o génio da era em que vivemos? Quem será ele?

— Ei-lo! bradou uma voz intensa, vinda de longe.

Os dois amantes admirados levantaram a vista que tinham dirigida para o abismo, e viram avançar aceleradamente sobre os telhados, uma sombra que parou de súbito em frente da janela, dando uma estrepitosa gargalhada com som estranho e metálico.

Marta tomada pelo susto tinha recuado da posição em que estava, e Maurício também ficou admirado.

Ei-lo aqui! disse a voz agreste e sacudida, chamaram-me, vim.

Ao terminar a frase, o recém-chegado fez um movimento que o colocou na mesma linha da luz que a lua projetava sobre a casa em que estavam Maurício e Marta: e ficou portanto visível.

Era um homem baixo, vestindo um paletó impermeável, na cabeça tinha um

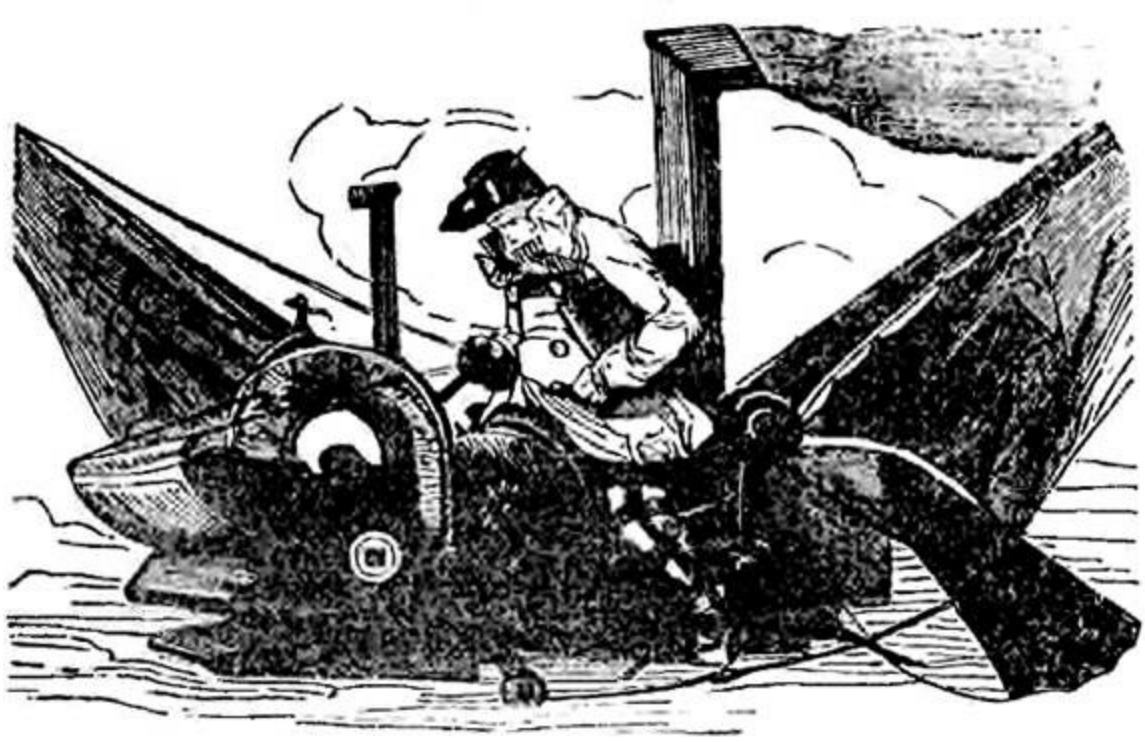
barrete mecânico à semelhança dos chapéus de molas; a gravata era do crinoline; as polainas de pano, no gosto inglês. Em volta do pescoço trazia uma enorme cadeia dourada pelo processo Buolz: na mão direita tinha uma bengala de ferro vazada; e debaixo do braço esquerdo, uma grande carteira, donde saíam alguns títulos de ações de companhias industriais. Em todas as peças de que se compunha o seu vestuário, estava uma estampilha, em que se lia:

PRIVILEGIO PELO GOVERNO

SEM GARANTIA NENHUMA

Pelo que dizia respeito à pessoa era um todo composto do banqueiro e do procurador de causas.

Estava comodamente montado na locomotiva inglesa, cujo fumo o cercava de nuvens fantásticas: na garupa trazia a máquina de daguerreotipo da fábrica de Chevalier.



Sir John Progresso

Maurício assustado a princípio com esta repentina aparição, ficou sossegado na presença do seu aspeto pacífico. Olhou de frente para o tal homenzinho, e perguntou-lhe quem era.

— Quem sou? — repetiu ele chacoteando, com mil bombas, Marta deve sabe-lo.

— Eu! exclamou ela, que tremia como varas verdes.

— Pois não chamastes há pouco por mim?

— Já vos reconheço! sois o génio das trapeiras, o antigo criado de D. Cléofas Zambulo, o diabo Asmodeu.

O desconhecido ouvindo isto bateu com o punho cerrado na locomotiva.

— Asmodeu! sempre o seu nome... já me admirava de o não ouvir. A fama desse ratão sobreviveu-lhe, não tenho que duvidar.

— Asmodeu morreu? — perguntou Maurício admirado.

— Ainda agora sabeis a nova? pois já o vosso poeta Beranger o anunciou há muito numa das suas canções.

Marta observou timidamente, que não podia saber em tal caso, como se tinham publicado em Paris as suas memórias, que também se representaram no teatro clássico do Rossio de Lisboa, e a sua viagem, que não passou de Paris.

— Essas obras são apócrifas! — respondeu-lhe o homem do paletó impermeável: o diabo com ser diabo nunca escreveu essas coisas. Conheci-o perfeitamente, era um insignificante muito maçador, que teve a mesma fortuna do seu primo, um certo fidalgo a quem atribuíam a graça de toda a gente! Felizmente o espirito das trevas já passou da moda e acabou portanto o seu reinado para começar o meu!

— O vosso reinado! disseram ao mesmo tempo os dois amantes, sois por acaso?... e parecia que procuravam na mente o nome que lhes deviam dar, ao

passo que o homenzinho metia graciosamente dois dedos na algibeira do colete de cachemira francesa, e tirava um bilhete de visita litografado, que apresentou a Maurício. Este leu:

SIR JOHN PROGRESSO

Membro de todas as Sociedades de aperfeiçoamento da Europa, Asia, África, América e Oceânia

Rua de Rivoli — Paris / Casebres do Loreto — Lisboa

Maurício e Marta cumprimentaram-no atenciosamente.

— Vinha de Lisboa, onde fui para examinar as obras de uma companhia de águas e de um matadouro, que demonstram grande atividade em muitos anúncios: preparava-me para examinar os vossos mais recentes caminhos de ferro, quando ouvi a expressão da vontade desta senhora, e depois o seu chamamento: desviei-me do meu caminho para satisfazer a um, e responder a outro.

— Acaso podereis satisfazer o desejo de estar dormindo muitos séculos, para depois acordar no mundo aperfeiçoado que foi prometido à humanidade?

— E porque não? disse o novo demónio, se o era, afagando vaidoso com o castão da bengala uma das nédias bochechas. Bastará o vosso desejo, para que eu vos faça adormecer já, a fim de acordarem ambos ano 3000.

Marta e Maurício olharam atónitos um para o outro.

— No ano 3000, repetiu Maurício acrescentando e nesse ano a semente da civilização lançada à terra no presente século dará os seus frutos?

— E nesse ano, notou Marta, estaremos juntos como agora, eu e Maurício?

No ano 3000 acordareis tão jovens e enamorados como estais, disse o génio do paletó, com o sorrir indiferente de um agiota, que empresta a três por cento ao mês.

— Se assim é, interrompeu Maurício com exaltação, mostrai-nos esse futuro que nos anunciam tão esplendido! Ao presente, em que tudo é luta e incerteza, não nos prende nenhuma consideração! Dormiremos enquanto o género humano caminha trabalhosamente por estradas apenas traçadas; dormiremos para só acordar ao cabo dessa longa viagem.

Falando assim tinha abraçado Marta, que apertava ao coração, como para se assegurar que não a perderia através do sono de muitos séculos.

Sir John Progresso inclinou-se para eles, estendendo as mãos como se fora um magnetizador. Marta fez um movimento para o lado, exclamando:

— O vosso sono é a morte; o vosso mundo é uma coisa desconhecida! Maurício, fiquemos onde estamos, continuemos a ser o que somos!

— Não, bradou ele, ébrio de entusiasmo, quero ver o termo da viagem que tão distante se apresenta.

— E deixas para isso o caminho que é tão encantador! Olha além tantas flores para colhermos; vê o céu azul que nos cobre; ouve o suave correr das fontes, e sente o ligeiro sopro das brisas!

— Quero saber. Marta! quero saber!

— E eu Maurício, quero viver!

— Também eu, mas num mundo melhor, e no império de leis mais justas. Encosta a cabeça ao meu ombro, chega-te ao meu coração, Marta; não temas, porque estou ao teu lado, e amo-te!

Em quanto falava tinha abraçado Marta estreitamente; e as mãos do génio do vapor permaneciam na mesma posição.

Marta e Maurício sentiram de súbito, e ambos no mesmo instante, como um peso sobre as pálpebras; procuraram instintivamente uma poltrona, de que sabiam o lugar, e caíram nela, enfraquecidos pelo sono profundo semelhante à morte.

No dia seguinte todos os jornais de Paris inseriam a seguinte noticia:

«Um acontecimento tão fatal, como inesperado entristeceu os alegres moradores do bairro das Batignoiles. Um homem ainda jovem, bem como uma mulher igualmente na primavera da vida, e que viviam no último andar de uma das principais ruas do bairro foram encontrados mortos esta manhã. São muitas as conjeturas que e fazem acerca deste lamentável sucesso que parece não ser causado pelo crime nem pelo desespero.»

O jornal oficial (de França) também dedicou um artigo aos dois amantes, esclarecendo, ou elucidando a questão, como mais propriamente se diz: e asseverou que se tinham asfixiado por inspiração poética, e para fugir aos enganos e ilusões da vida.

O Jornal do Comercio de Lisboa publicou ao seu tempo os pormenores deste drama íntimo; e o Jornal do Porto, como estando mais em correspondência direta com Paris, anunciou publicação da correspondência inédita dos dois amantes.

Os poetas de província dedicaram-lhes a lira (pois que a lira e a guitarra ainda não abandonaram as províncias de muitas nações). Pedimos perdão ao leitor pelo parêntesis, que ia parecendo de Abade.

A gravura explicou também o triste acontecimento. A ilustração, sem ser a Luso-Brasileira da travessa da Vitoria, e o Ártico Pitoresco da Boavista, publicaram o desenho não muito correto da trapeira, com uma goteira no primeiro plano, como quadro da atualidade. E para não faltar nenhum (los recursos industriais da época, Gannal, o mais célebre embalsamador conhecido, escreveu ao Jornal dos Debates uma carta em que se oferecia para os embalsamar gratuitamente, publicando neste mesmo oferecimento a indicação do local em que estava estabelecida a sua acreditada fabrica de conservas humanas.

Poucas linhas bastaram para dissipar tanta glória.

Um tio de Marta, desgostoso pelo que publicaram os jornais. veio retificar os factos com os seguintes documentos:

1.° Atestado do delegado de sande do bairro, jurando pelo seu grau, que Marta e Maurício tinham morrido de morte repentina:

2.° Certidão do seu casamento em devida forma.

Todos se arrependeram do muito que tinham lastimado o suicídio dos dois amantes, para a final se averiguar que tinham morrido contra sua vontade, e que

eram casados, o que punha em prosa rasa, e muito rasa, a poesia de toda a história. Só consta que o Jornal do Comércio de Lisboa ficou satisfeito, porque teve matéria para outra notícia, e como os seus numerosos leitores não lhe pedem outra coisa, bateu as palmas de contente. O que veio acabar de lodo com as últimas recordações da notícia que tinha feito a voltado mundo, nas locais de milhares de periódicos, foi a prisão de um envenenador de gravata lavada, que se tinha desembaraçado de toda a família, em consequência da fóssil organização da sociedade, a qual unicamente permite que se herde dos mortos.

Ás honras de dar tão curiosa notícia pertenceram à Gazeta dos Tribunais, que tem uma prima moradora em Lisboa na rua dos Fanqueiros n.º 82, que dá amplo sustento à eloquência e erudição dos advogados do reino luso.

No entanto ambos tinham sido enterrados no mesmo caixão, e o modesto enterro passou desapercebido pelas ruas de Paris, pois que ninguém tem direito a esperar que a vida queira ver ou compreender a morte.

O enterro absorveu o espólio, e era dos que parecem ricos, e custam apenas 5 500 réis!

Passaram dias, e séculos, e só o homenzinho do paletó impermeável se lembrava dos heróis da nossa história.

Os dois amantes na morte, que para eles era sono, seguiam do fundo da

sepultura as transformações sucessivas das sociedades como imagens de um sonho confuso.

A civilização passara na sua mente como um facho de mão em mão, deixando pouco a pouco nas trevas o ponto donde partira. Interesses novos tinham levado para outras paragens a atividade humana. A Europa abandonada ia lentamente caindo na inércia e na solidão, enquanto a América, e outra parte do mundo ainda mais nova, absorviam todos os elementos do viver social. O mundo antigo era apenas terra selvagem, cujas ruinas exploravam as sociedades modernas. Riquezas enterradas, monumentos caídos, túmulos esquecidos, tudo era propriedade da nova geração de mercadores ou traficantes. Houve um período em que Marta e Maurício julgaram que o sepulcro que os encerrava tinha sido arrancado do campo do repouso com milhares de outros; e que os embarcaram todos, sendo assim transportados para uma região desconhecida, que ficava no centro da civilização moderna.

Deste ponto em diante, a intuição misteriosa que parecia revelar-lhes tudo, acabou. Houve no seu sonho uma interrupção súbita até que uma voz inteligível lhes bradou dizendo estas palavras:

ANO TRÊS MIL!

No mesmo instante, a lousa que tapava o túmulo foi levantada, e os dois amantes, despertados em sobressalto, ergueram-se e unicamente se viram a si.

Ao cabo do sono de tantos séculos ambos soltaram do peito um grito de alegria, estenderam os braços um para-o outro, e trocaram os nomes em estreito e demorado abraço.

Uma gargalhada estridente foi o primeiro som que ouvi-mos; voltaram-se assustados para o lugar donde vinha, e viram o seu amigo génio, que eslava a distância de poucos passos em pé sobre a locomotiva fantástica.

Marta deu um grito, e cobriu as espaduas com amortalha.,

— Cumpri ou não o que prometi? disse o génio. Já passaram quatorze séculos desde o nosso primeiro encontro.

— Será possível? exclamou Marta.

— Fostes transportados para o centro da civilização que desejáveis conhecer; estamos na ilha que em outro tempo se chamava Taiti.

— A Nova Citera do capitão Cook? perguntou Maurício.

— A qual hoje se chama Ilha do Negro Animal, continuou o génio, pois que os principais homens da terra foram escavar e minar o antigo mundo para

obterem-na matéria primeira do seu comercio; é a esta circunstância que também deveis atribuir o estar no sítio em que vos encontro.

Marta olhou em torno de si, viu que estava num vasto edifício cheio de túmulos e de cadáveres, e com gesto de terror abraçou Maurício.

— Não receeis coisa alguma? replicou o génio, rindo com a sua voz aguda; não vos confundirão com os mortos. Estais no estabelecimento de um dos mais abastados fabricantes da ilha, o Sr. Manuel Fogaça, que terá a maior satisfação em ver esta amostra viva dos tempos bárbaros. Já sabe do vosso aparecimento, e não tarda que venha ver-vos.

Marta ainda mais cuidadosamente se envolveu na mortalha.

— Não vos inquieteis por causa da ligeireza do traje; não estamos nos climas ridículos da Europa, em que o sol é semelhante a uma vela acesa, que ilumina, mas não aquece. Na Ilha do Negro Animal O ar substitui o paletó, e a economia bem intendida reduziu o facto à mais simples expressão.

Os dois «imantes repararam na mudança que tinha havido no traje do Sr. Progresso, que apenas se compunha de ceroulas de algodão, chapéu de cortiça com abas muito largas, e botas de verga adornadas com algumas campainhas. Maurício soube dele que este era o costume ou traje geralmente adotado, atenta a sua comodidade e economia, A civilização do ano 3000, tendo renunciado a

tudo que não fosse de utilidade imediata, deixou os enfeites exclusivamente para as mulheres, não passando o luxo dos homens sérios e respeitáveis, do uniforme par de ceroulas.

No fim das explicações que ficam referidas ouviram passos à porta do edifício, e o Sr. Progresso, dando uma esporada de tacão no seu cavalo a vapor, desapareceu como um relâmpago.

CAPÍTULO II

O Sr. Manuel Fogaça entrou seguido de meia dúzia de criados que manifestavam nos gestos o maior espanto.

Falavam todos a um tempo como os deputados dos nossos dias, quando querem elucidar uma questão importante.

Maurício percebeu palavras que eram um misto de francês, inglês, alemão, português e luso-brasileiro, língua de que o mundo antigo apenas tinha suspeitado a existência.

Pelo conhecimento que possuía de algumas destas línguas pôde entender que eles diziam em coro:

— Grande maravilha! caso estupendo! ressuscitaram dois mortos das primeiras eras; até um dos fogueiros da máquina os viu sair do túmulo.

Na presença dos dois esposos ficaram mudos, e pararam, na distância de alguns passos, com certa admiração e medo.

Marta envergonhada estava escondida por Maurício, mas este querendo

sustentar os créditos do século XIX, que o Sr. Progresso tinha qualificado como bárbaro, empertigou-se todo, saudou três vezes os visitantes, e dirigiu-lhes o seguinte discurso:

«Senhores e honrados desconhecidos:

«Não foi o acaso, mas a nossa própria vontade, que nos fez atravessar perlo de dois mil anos para renascermos no meio desta geração poderosa e esclarecida, que à força ade conquistas no domínio da perfetibilidade humana, fez descer o reino do céu à terra. Julgamo-nos felizes podendo ter a ventura de conhecer pessoalmente esta raça de semideuses, tão nobremente representada por aqueles que neste momento tem a bondade de me ouvir: (Rumores de aprovação interrompem o orador, que em voz mais alta continua) venho à vossa pátria, senhores, para me aquecer ao sol da civilização, que em nenhuma terra resplandece com tanto brilho: (Muitos apoiados) para admirar os milagres operados por uma nação inteligente e generosa... (Apoiados e bravos prolongados) para respeitosamente prestar homenagem a uma nação que bem a propriamente se poderá chamar a pátria de todas as glórias: (Larga interrupção de aplausos, o orador pede e bebe varias vezes água) finalmente para gozar desta nobre aliança da ordem e da liberdade, realizada, pelo maior povo do mundo.»

(Explosão de vozes apoios — muito bem, muito bem — o orador não foi cumprimentado pelos seus numerosos amigos, porque ainda nem se quer tinha

conhecidos. — Um miliciano da Ilha do Negro Animal gritou entusiasmado: — Vivam os mortos de Paris.)

Foram precisos alguns instantes para sossegar a emoção causada pelo eloquente improviso de Maurício: os circunstantes não podiam disfarçar a surpresa de apreciarem num bárbaro, enterrado há tantos séculos, aquela elevação de pensamento e perfeito critério dos factos.

Algumas pessoas mais eruditas que tinham chegado a tempo de ouvir metade do discurso, julgaram descobrir na linguagem do homem que lhes foliara, algum antigo deputado, administrador de concelho, regedor, ou oráculo de botequim, que tivesse sido conservado vivo pelo processo Ganal.

Restabelecido o silêncio, o Sr. Fogaça, que desejava responder dignamente ao discurso do seu hóspede, deu alguns passos com gravidade, tossiu três vezes para concentrar as ideias, e disse em linguagem franco-anglo-portuguesa:

«Senhor:

«Em resposta ao vosso do presente dia, apresso-me de vos fazer ciente que a casa Fogaça e C.ª estimará estabelecer relações cora a vossa, e que sereis acolhido tão favoravelmente como se fosseis uma letra à vista: a dita casa terá muita honra em vos manter na boa opinião que fizestes do povo a que ela tem a fortuna de pertencer.»

Os ouvintes olharam satisfeitos uns para os outros. Todos louvaram a clareza e exatidão comercial da resposta do Sr. Manuel Fogaça, o qual percebendo o efeito do discurso-carta, a que só faltava o aperto do copiador, sorveu uma pitada de tabaco para se fingir modesto.

Maurício contou o que tinha acontecido, e o Sr. Fogaça entregou-lhe algum vestuário achado nas escavações do antigo mundo, depois do que se retirou, dizendo que brevemente voltaria.

Quando veio, um quarto de hora depois, não pôde suster uma gargalhada, vendo como estavam vestidos os dois esposos. Estudou todas as partes do traje, como faria o homem do século XIX examinando os restos de algum selvagem. Foi preciso explicar-lhe para que servia o vestido comprido da mulher, que na sua opinião embaraça o andar, e especialmente a saia-balão, que desperdiça a fazenda tomando espaço; ensinaram-lhe para que serve o chapéu das nossas elegantes, em que a cabeça parece sair de um cartucho; e perguntou o Sr. Fogaça para que serviam as abas da casaca que se parecem com duas azas de um inseto doente: não compreendia de que servia a calça puxada em cima pelos suspensórios, e em baixo pelas presilhas, como se fosse esquartejada por quatro cavalos.

Marta e Maurício justificaram o melhor que puderam os costumes do seu

tempo; mas o Sr. Fogaça, comparando tantas complicações com a simplicidade e perfeição do seu traje sorria vaidoso. O facto do negociante do ano três mil tinha com efeito resolvido uma questão importante de utilidade pratica: não servia só para o vestir semi-decentemente, mas também servia de anúncio, de folha de preços correntes, e de canhenho dos vencimentos das letras. No cinto das ceroulas estavam impressas em egípcio as palavras Fogaça & Companhia, seguidas em tipo de menos corpo, dos esclarecimentos comerciais mais minuciosos acerca da natureza e excelente qualidade dos produtos da sua fábrica. A perna direita continha tabelas para simplificação dos mais complicados cálculos, e a esquerda um novo Almanaque de Lembranças com as horas da partida e chegada dos vapores, correios, comboios dos caminhos de ferro, etc. Dos lados do cinto pendiam como laços, nós, formados pelas letras pagas, provando a extensão dos negócios da casa Fogaça, e a exatidão dos seus pagamentos. Finalmente, uma pena descansando na orelha, demonstrava que o digno fabricante tinha sido momentaneamente distraído do prazer da contabilidade em partidas dobradas. O Sr. Fogaça levou os dois esposos a muitos armazéns de retém, em que estavam empilhados restos arrancados pelos seus comissionarias ás ruinas do antigo mundo. Era a esta especialidade que devia a fortuna e a fama do seu nome. Explorava as gerações extintas, como nós ao presente exploramos a vegetação carbonizada nas minas de combustível. Sepulturas antigas, restos de monumentos, obras em bronze, armas, medalhas,

estátuas, tudo reunia nos seus depósitos.

O armazém de Fogaça e C.ª, era o bazar das curiosidades do mundo, onde afluíam os colecionadores e académicos, raça indestrutível que a nova civilização não pôde acabar.

Marta e Maurício encontraram um destes últimos quando terminavam o passeio. Era o célebre Dr. Universal que tinha como especialidade ser enciclopédico. Ele só representava vinte e oito cidadãos, porque recebia os ordenados de vinte e oito lugares: a lista dos seus títulos cobria uma página em quarto, e tinha tantos hábitos como campainhas arreiam um macho espanhol.

O Sr. Fogaça apresentou-o unicamente como secretário perpétuo da sociedade histórica, professor de literatura, presidente do conselho universitário, diretor de todas as escolas normais, e vogal de quatorze mil setecentas e trinta e quatro comissões, das quais dois terços, como a maioria das comissões de Portugal, nunca se tinham reunido.

O Dr. Universal, que acabava de saber o espantoso acontecimento, saudou os heróis do dia, com a dignidade do homem que pertence a muitas academias, não tendo portanto o miserável direito de se admirar de coisa alguma, como o resto dos mortais.

Trocados os comprimentos do costume, o doutor dirigiu a Maurício muitas

perguntas com o fim de ostentar os seus aturados estudos literários e históricos.

Perguntou-lhe se tinha conhecido Carlos Magno, o Marquês de Pombal, Paulo de Kock, um tal Napoleão Bonaparte, de quem Rui de Pina parece quo escreveu a história, e finalmente manifestou-lhe o desejo de possuir alguns apontamentos para a biografia do redator de um jornal intitulado o Ramalhete, pois que nas escavações das margens do Tejo do lado em que foi Lisboa, se acharam provas de que era o livro mais pedido e lido dos muitos e preciosos que possuía a biblioteca pública da pátria de Camões.

Maurício atordoado com tantas perguntas, diligenciava ás vezes responder, mas o Dr. Universal não lhe dava tempo. Saltava sem a mais leve transição do passado ao presente para acabar numa preleção acerca do estado da terra no ano 3000.

Os dois esposos ouviam-no com atenção, porque o doutor era tão original na ciência como na ignorância. Informou-os de que estavam mesmo no centro do mundo civilizado, pois que os diferentes povos formavam um só estado com o nome de Republica dos Interesses Unidos. O centro ou capital desta república, era a antiga Ilha de Bornéu, chamada agora Ilha do Orçamento. Cada povo mandava-lhe um certo número de deputados, e estes regularizavam em comum, e sempre conforme a vontade do governo, os negócios gerais. As listas das eleições eram estampadas em cobre, vindo o deputado logo ineditamente com o

nome gravado na matéria própria para os monumentos, e ficando muito mais uniforme o processo eleitoral. Quanto ao mundo antigo deixavam vegetar nele algumas colonias, que eram governadas pela metrópole, e que principalmente se conservavam para não inutilizar a chapa dos discursos com que se abriam e fechavam as câmaras, pois que havia nele um parágrafo obrigado e constante em todas as legislaturas. A ótima lei da divisão da mão dobra tinha sido aplicada à república. Cada nação formava uma só fábrica. Uma fabricava alfinetes, outra graxa para o calçado, e outra para anzóis. O prodígio do princípio da divisão do trabalho está saltando destes três importantes factos. Cada povo não pensava, não falava, nem estudava senão com referência ao produto da sua fabricação. A Ilha do Orçamento era a única porção de território da república que reunia as variedades da arte e da indústria: por toda a parte se viam espécimes da civilização, metodicamente classificados, como podem estar em qualquer caixa de amostras os géneros que ela contiver.

Maurício e Marta declararam logo que desejavam ir á Ilha do Orçamento, porque o académico lhes assegurou que era o ponto para onde se dirigiam Iodas as vistas e desejos da república. O Sr. Fogaça fez oposição a esta viagem, porquanto sustentava com bom direito, que os dois esposos estando compreendidos numa das remessas que tinham sido expedidas à sua casa, conforme provava a respetiva fatura, pertenciam-lhe tão legitimamente como as outras antiguidades que estavam nos seus armazéns.

O académico sustentava que os estudos históricos, amplamente subsidiados pela república, tinham grande vantagem na descoberta das duas amostras da infância da humanidade. Os dois esposos deviam portanto ir para o museu arqueológico, e nas preleções do respetivo professor seriam exibidos como comprovação plena dos eruditos e intrincados trabalhos do distinto académico.

O doutor chegou a ameaçar o negociante com uma interpelação nas câmaras, feita pelo mais rabugento e buliçoso orador de antes da ordem do dia.

Fogaça agarrado ora a um, ora a outro artigo do Código Comercial, sustentava o seu direito de propriedade, enfurecendo o académico cada vez mais, até que se foi refugiar no desmantelado reduto da Carta Constitucional, apresentando ao seu adversário o escudo ferrugento dos direitos do cidadão.

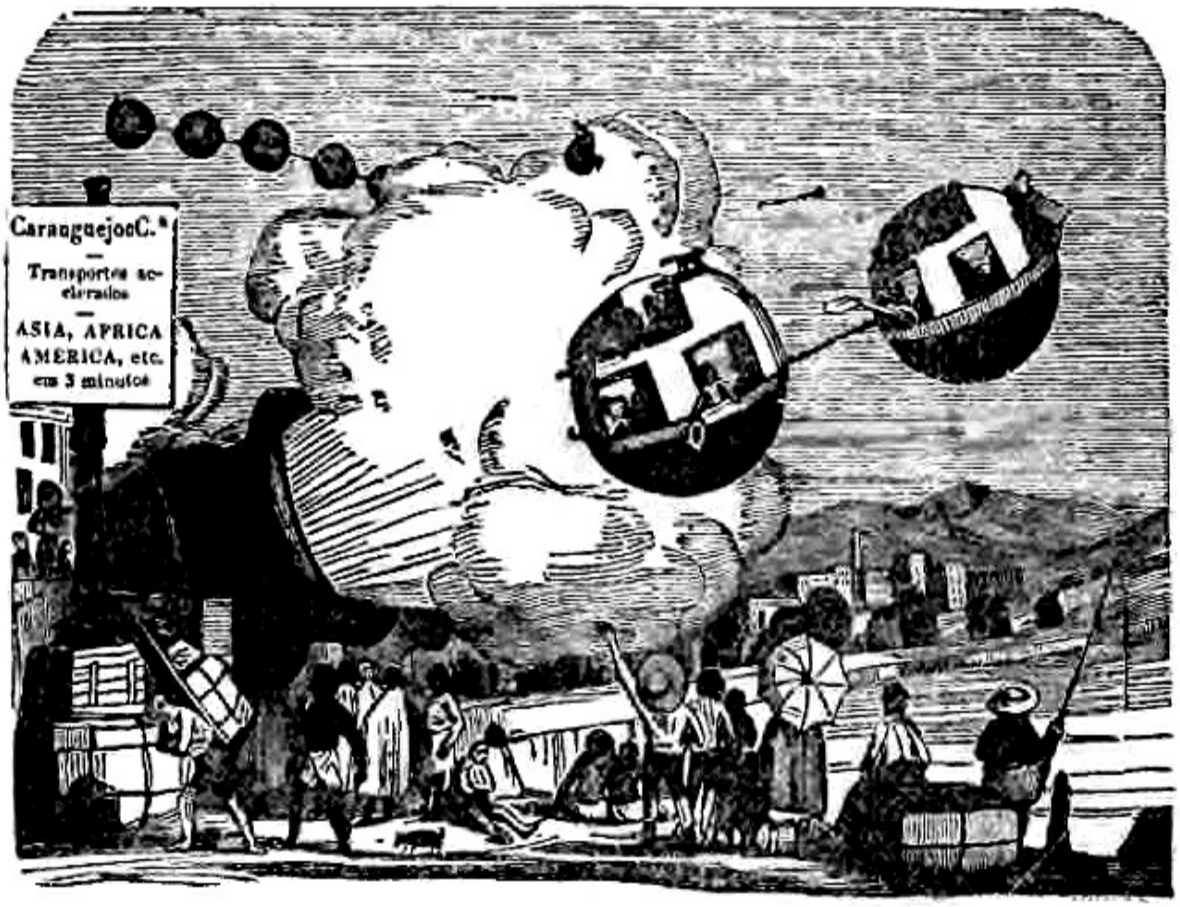
O doutor desalojou vitoriosamente o inimigo, não com uma carga de baioneta, mas com uma boa soma de dinheiro, que a pretexto de expropriação por utilidade histórica, saiu dos fundos do cofre sem fundo do orçamento da república, pela verba elástica dos auxílios à literatura nacional.

O doutor podia portanto realizar o seu intento de apresentar os dois ressuscitados na capital, inculcando-se como autor de tão curiosa descoberta.

Marta e Maurício acompanharam-no portanto até à margem da baía que era preciso atravessar. A passagem era feita por meio de baterias estabelecidas nas

duas margens. Um condutor abriu a maior das peças pela culatra, e fez entrar nela cortesmente os nossos três viajantes que se assentaram no interior de uma bomba cuidadosamente estofada.

Marta não pôde vencer de todo o receio ao ver-se colocada como um cartuxo de pólvora no fundo de uma peça; mas o académico tentou explicar-lhe as vantagens deste método de atravessar os rios! Quando estava no meio da demonstração, Marta ouviu gritar: Fogo!



Novo meio de passar os rios

No mesmo instante sentiu-se levada pelo ar, com a rapidez do raio, e tornou a si na outra margem, cercada por umas vinte bombas ainda fumegantes, que também acabavam de chegar.

O Dr. Universal disse-lhes que iam continuar a viagem por um dos caminhos subterrâneos que atravessavam a ilha.

— Anteriormente ao progresso da civilização, construíam os homens caminhos sobre a terra, os quase se multiplicaram a ponto, que invadiram quase toda a superfície do globo. Quando o solo estava cruzado em todo o sentido pelas linhas de ferro fundido, convenceram-se de que estava perto a época, continuando assim, de não terem que transportar, à força de aumentar os meios de comunicação. Adotaram portanto a ideia de levar os caminhos, não por baixo do céu, mas pelo interior da terra.

A experiencia provou a superioridade do novo sistema pelo qual o homem viaja tão sossegado e rápido como se fora um fardo de fazenda. Mostrou aos seus dois companheiros os sítios por onde corriam diferentes caminhos subterrâneos, cujas aberturas no declive da montanha pareciam outras tantas fornalhas. Engenhos gigantescos, postos em movimento por meio de máquinas,

introduziam ou tiravam dos caminhos as locomotivas fumegantes. No seio da montanha rodavam os trens, imitando no ruido os rumores subterrâneos que precedem um terremoto: o estridente ruido do ferro, e os assobios agudos do vapor cortavam por vezes a monotonia daquele estrondo.

Ao entrar num desses tubos subterrâneos, Marta não pôde deixar de dar um grito assustado, e apertou convulscimente a mão de Maurício. O académico estranhando muito estes infundados receios, começou uma prolixa demonstração, de que os caminhos por baixo do solo eram não somente os mais cómodos; mas também os mais seguros. Enumerou as pessoas mortas anualmente pelos diferentes modos de locomoção, juntou a este número os estropeados, depois os feridos, especializou as diferentes espécies de feridas com a sua gravidade: somando tudo, estabeleceu uma regra de proporção, provando que os caminhos subterrâneos, em cada ano apenas eram causa de mil e trezentas vítimas, e mais uma fração de vítima. Esta demonstração mudou em susto a inquietação de Marta. O doutor para a sossegar passou a demonstrar-lhe que não estava exposta aos perigos e incómodos dos outros sistemas de viação, pois que a ciência tinha evitado todos esses inconvenientes, deixando o viajante nos caminhos subterrâneos, única e exclusivamente exposto a um perigo, o de ser morto.

O susto de Marta aumentou. Felizmente Maurício cingindo-a com um braço

chegou-a para junto de si, e ela partilhando do sossego do seu esposo fechou os olhos alguns instantes para tranquilizar o espirito.

O doutor persuadido que Marta meditava nos seus raciocínios, admirando os belos resultados da estatística, continuou o discurso., demonstrando que na Republica dos Interesses-Unidos, em consequência da rapidez dos meios de locomoção, ia qualquer pessoa em duas horas comprar açucar ao Brasil, em três o chá a Cantão, e em quatro o café a Moka. A mulher do sábio académico, tinha a modista em Macau, o cabeleireiro no Indostão, e comprava as luvas no polo do norte, três portas mais abaixo de que o círculo ártico, que talvez alguns dos leitores não tenham a honra de conhecer, nem de nome.

O doutor provou com muitos algarismos, que juntando à vida dos homens do ano 3000, as horas ganhas pela rapidez das comunicações, a duração média da existência era de cento e vinte anos, e mais uma fração. Viajar consistia em partir e chegar.

Marta dormitava: as lembranças confusas do passado, flutuaram vagamente no seu espirito por algum tempo, até que uma delas afugentou as outras, e foi saindo lentamente desse caos, como uma estrela sai dentre as nuvens.

Marta sonhava com uma viagem que tinha feito em companhia de Maurício, na véspera do seu sono secular. Parecia-lhe estar ainda vendo a claridade suave do cair da tarde iluminar as colinas de Virofloi, e os aceiros das matas: distinguia

o espinho florido que bordava o verde-pálido das sebes: sentia o perfume dos lilases, que de espaço a espaço coroavam os muros dos jardins: ouvia ainda soar pela estrada, que o crepúsculo já escondia á vista, o tocar das campainhas cadenciado pelo trote dos cavalos. Ao pé dela estava Maurício, tendo uma das mãos nas suas; perto de Maurício um cocheiro velho e pensativo: atrás deles o resto dos viajantes, que eram: um aldeão, bom falador; uma mulher nova, mas já mãe, sempre inquieta ao mais leve movimento dos filhos; e um soldado idoso, e que não dava palavra.

A carroça de viagem rodava vagarosamente pelo terreno molhado, e a cada instante o rodar se tornava mais demorado: os viajantes começavam a manifestar sinais de impaciência.

— Dê no cavalo! exclamavam todos. O cocheiro apenas agitou as rédeas.

— De que serve o chicote? perguntaram alguns.

— É um sendeiro! observou o aldeão.

— Um preguiçoso! acrescentou a mãe das crianças.

— Um covarde! disse o soldado.

O cocheiro meneou a cabeça.

— Estão enganados, disse ele a final, o russo não é sendeiro, pois que tem

passado por mais privações do que poderiam sofrer os mais robustos da sua raça, e há vinte anos que as sofre!

— Vinte anos! repetiu o aldeão admirado.

— Talvez mais, redarguiu o cocheiro: e também não é preguiçoso, pois que há muito tempo que alimenta como seu trabalho um homem, uma mulher e dois filhos.

— Com efeito tem sido um animal bem útil! respondeu a mulher que o tinha qualificado de preguiçoso.

— E também já deu provas de coragem, continuou o cocheiro todo ufano! olhem para aquelas cicatrizes que se lhe conhecem ainda.

— Ah! já serviu no exército? disse o velho soldado, com certa doçura de expressão.

Todos olhavam para o russo, que ia puxando pela carroça conforme podia: ninguém pensava já no chicote!

O aldeão calculava o que poderia valer o trabalho de vinte anos; a mãe das crianças, que entrava no número dos viajantes, pensava nos dois filhos do cocheiro que aquele cavalo tinha ajudado a sustentar; e o soldado olhava para as cicatrizes que o velho havia indicado: quando chegaram ao caminho plano todos queriam apear-se, mas o cocheiro não os deixou, e bradou ao cavalo:

— Eia, meu russo, vá mais esta estafa por conta de Emília; amanhã descansaremos. Depois voltando-se para Marta e Maurício, disse-lhes:

— Emília é minha filha, que há de casar sábado com o filho de um dos meus vizinhos: a sua mãe e eu já lhe comprámos a mobília, que não é grande, mas custa dinheiro; para que esteja completa faltam ainda alguns cobres, e o russo não deve descansar sem que eu os tenha ganho; e há de ganha-los amanhã...

— Já os ganhou, interrompeu Maurício, dando-lhe algum dinheiro; podeis portanto antecipar um dia a ventura de Emília, e o descanso do vosso bom cavalo: Deus faça os noivos felizes. E dizendo isto saltou trazendo Marta consigo, e a carroça aliviada deste peso desapareceu no escuro do caminho.

Paris ficava ainda distante, mas o caminho pareceu curto pela conversa alegre e afetuosa que Maurício e Marta fizeram, até chegar a casa. Esta viagem não a podiam esquecer ambos, porque ela era um desses traços luminosos que a vida dos amantes deixa no passado, e para os quais o pensamento se volta sempre. As imagens que as reproduziam tinham todas sido vistas no sonho de Marta, quando ao julgar que entrava na alegre trapeira de outros tempos ouviu um grande ruido que a despertou sobressaltada.

CAPÍTULO III

O comboio em que iam o académico e os nossos consortes, tinha parado no fundo de um precipício, e sobre as cabeças dos viajantes luzia o céu por uma nesga, cortada pelo braço de uma grande máquina. O Dr. Universal disse-lhes que eram chegados ao seu destino, e que em cada uma das cidades havia um poço para a extração dos viajantes, semelhante a este que estavam vendo. A carruagem foi a este tempo agarrada pelos grandes braços da máquina, e Começou a subir rapidamente como um cesto de mineiros. Logo que chegaram ao cimo do poço ouviram muitos grilos, e um cento de homens e de rapazes veio apertar em estreito circulo os viajantes recém-chegados.

Marta pensou que a esmagavam, e recuou assustada; mas o Dr. Universal explicou-lhe que eram os donos das hospedarias e os guias da terra, que lhes vinham oferecer o seu préstimo. Uns deitavam sobre os viajantes centenares de anúncios, outros ofereciam-lhes bandejas de refrescos, alguns traziam grandes garfos com aves assadas nos dentes, costeletas e tiras de presunto, que apresentavam como prospeto-espécimen dos seus estabelecimentos. Havia também nessa multidão escovadores, engraxadores e jovens, todos desesperados

por venderem os seus serviços.

Maurício não tinha dado seis passos, e já havia sido obrigado a tomar dois copos de limonada, e a entregar a três corretores de hospedarias a bengala, o lenço e o chapéu.

O doutor recomendou-lhes que observassem este furor de hospitalidade, esta multiplicidade de atenções, e finalmente a abundancia de tudo quanto podiam precisar.

— Vejam, exclamou ele, os benefícios da civilização: Uma povoação inteira está ás ordens de cada um de nós: todas as produções do mundo vêm ao nosso encontro; apenas chegamos e logo achamos antecipadamente prevenidos os nossos desejos, e conhecemos que não nos falta coisa alguma.

Assim era: tudo.se oferecia a Marta e a Maurício; mas faltava-lhes o poderem respirar. Fugiram portanto para a primeira hospedaria que viram, como se fosse um lugar em que estivessem ao abrigo da perseguição que os cercava.

Á entrada estava um guarda portão com a sua alabarda, que os saudou três vezes, indicando-lhes um criado grave com uma cadeia de ouro ao pescoço, semelhante à que traziam de prata os contínuos da câmara dos pares em Portugal, quando havia pares em Portugal. Este criado levou-os a um outro, especialmente encarregado de abrir a porta da sala, que era uma extensa galeria,

deslumbrando os viajantes ao primeiro aspeto. O criado percebendo o efeito produzido, sorriu e disse:

— Estão vendo na sua presença os triunfos da indústria: coisa alguma do que veem é o que parece. As colunas, que imitam mármore, são de barro; a riquíssima fazenda de brocado, é de vidro fiado; o sobrado de madeira cor de rosa, é de betume pintado; o veludo que forra os sofás, é caoutchouc aperfeiçoado; tudo poderá durar dois anos, quando muito, ou o tempo necessário para o dono da hospedaria vender o estabelecimento ficando milionário.

Quando acabava esta breve explicação chegaram outros criados. Todos traziam impressos no vestuário os símbolos das suas atribuições: um, pratos, garfos e facas; outro, copos e garrafas; um terceiro, peças de carne assada, peixes, e frutas: traziam também ao pescoço pendentes de um colar as iniciais do proprietário da hospedaria, abertas sobre uma chapa..

O doutor teve a delicadeza de convidar para o almoço os seus companheiros de viagem.

Maurício e Marta como havia muitos séculos que não comiam, já tinham perdido o costume. O académico portanto apenas pediu um copo de água.

O criado encarregado de receber a nota do que pediam os hóspedes, foi a

uma pequena livraria donde tirou um volume encadernado que trouxe, e na lombada do qual se via em letras douradas.

LISTA DAS ÁGUAS

QUE SE VENDEM NA HOSPEDARIA DOS DOIS MUNDOS

A primeira página começava:

1.ª Água da fonte;

2.ª Água de poços;

3.ª Água de regato;

4.ª Água de ribeiro;

5ª Água de rio;

6ª Água filtrada pelo carvão;

7ª Água filtrada pela pedra;

8ª Água...

Maurício parou a leitura, voltou cerca de trinta paginas, e viu que a lista chegava ao número de ordem de trezentos sessenta e seis!

A hospedaria dos Dois Mundos tinha tantas qualidades de água quantos são os dias de um ano bissexto. O doutor percorrendo este mesmo catálogo fez muitas sábias reflexões a propósito de cada uma das qualidades das águas mencionadas: leu, releu, tornou a hesitar na escolha, e ao cabo de longa meditação pediu água da fonte. O pedido foi transmitido pelo criado das requisições, e passados cinco minutos um criado trouxe a bandeja. Cinco minutos depois outro criado trouxe a garrafa, e quando passavam ainda outros cinco minutos, veio um terceiro criado trazer o copo.

Um quarto de hora tinha bastado para obter um copo de água! Graças à divisão do trabalho! enquanto o doutor bebia a escolhida água da fonte, quiseram Marta e Maurício chegar a uma das janelas, mas um criado advertiu-os que para isso era preciso comprar um bilhete ao encarregado dos pontos de vista. Iam para uma das portas, quando outro criado os advertiu, que saindo sem senha não podiam tornar a entrar. Foram para se assentar num dos sofás, e eis que outro criado acode, e lhes observa atenciosamente que esses lugares são muito mais caros. Não tiveram portanto outro remedio senão voltarem para ao pé do académico, que acabava de beber o seu copo de água, e tinha pedido a conta.

Apareceu logo um criado especial, trazendo uma folha de papel velino ornada de vinhetas douradas e impressas a cores.

Maurício pôde ler por cima do ombro do Dr. Universal o seguinte:

DEVE O SR. …

Por três comprimentos do guarda-portão com alabarda.... 240

Pelo criado com cadeia de ouro… 400

Pelo criado que abriu a porta da sala… 80

Aluguer da lista das águas… 40

Bandeja… 30

Garrafa… 35

Copo… 45

Água da fonte… 1000

Mesa e bancos… 800

Serviço… 400

Total… 3 070

O doutor observou a Maurício que em consequência desta contabilidade aperfeiçoada não era preciso gratificar os criados.

Marta involuntariamente se lembrou do Evangelho, e pareceu-lhe que as hospedarias da Ilha do Negro Animal tinham procurado realizar de um modo célebre aquela promessa de Jesu-Cristo: — O copo de água lhe será pago pelo cêntuplo.

Levantaram-se e caminharam em direção ao porto, pois que deviam embarcar, como é sabido, para a Ilha do Orçamento. Quando chegaram, o cais estava apinhado de viajantes, uns que desembarcavam, outros que se preparavam para partir.

De todos os lados se ouvia:

— O vapor do Japão;

— O estafeta do Mar-Vermelho;

— O autocarro do Brasil com correspondência para a Terra-nova.

O doutor, entre diferentes coisas, fez notar aos dois esposos um homem que tinha na mão um pincel, e que traçava no peito ou nas costas de cada passageiro

o mesmo número impresso nas malas e sacos de viagem, meio engenhoso e útil para estabelecer uma perfeita ligação entre o viajante e a sua bagagem.

Chegaram a um embarcadouro onde se lia:

DOURADAS ACELERADAS

DA ILHA DO NEGRO ANIMAL PARA A ILHA DO ORÇAMENTO

EM CINQUENTA E TRÊS MINUTOS

— É aqui, disse o Dr. Universal.

Maurício e Marta olharam, e não viram sinal algum de embarcação.

— Procurais o navio, disse o doutor sorrindo, está no seu lugar, no lugar de uma Dourada.

— Debaixo de água? observou Maurício.

— Justamente, respondeu o doutor. Antigamente julgavam que era próprio do navio flutuar; mas o progresso da ciência condenou tal princípio. Todas as nossas linhas de vapores são submarinas, e as estradas subterrâneas. Facilmente compreendereis que as vantagens são idênticas nos dois casos. _

As Douradas aceleradas navegando debaixo de água não são estorvadas pelo vento, pelos raios, nem pelos piratas. A sua construção é engenhosa, julgareis vendo: e levou-os à extremidade do embarcadouro, onde estava um sino mergulhador, no qual desceram para o navio submarino. A forma do barco era a do peixe de que tomara o nome. Figurava-se portanto uma imensa Dourada, tendo o rabo e os nadadouros movidos pelo vapor. No lugar das escamas havia janelinhas postas em fieira, por onde entrava o ar que vinha de tubos, cujas extremidades flutuavam no cimo da água. Como já estavam todos os passageiros a bordo, não tardou que a Dourada partisse. O doutor preparava-se com uma grande massada aos seus ouvintes acerca da capital da Republica dos Interesses-Unidos; mas foi interrompido por um outro viajante, que o reconheceu como antigo conhecimento, correndo para ele com os braços abertos.

— Ah! é o Sr. Palafox, disse o académico, como resposta aos repetidos abraços do seu conhecido, dando à voz um certo tom de proteção, e juntando-lhe estas palavras: É um dos nossos mais conhecidos empreendedores. E indicando-lhe com a mão Marta e Maurício, acrescentou: -Apresento-vos um casal humano dos antigos tempos. — Os parisienses de Manuel Fogaça? interrompeu Palafox, que já os tinha examinado: por três minutos que me escaparam. Mal que soube da sua descoberta fui ter com Fogaça para propor o dividi-los em ações de uma companhia anonima. Tencionava explorar esta empresa juntamente com os telégrafos lunares, mas como tínheis vindo primeiro

perdi o negócio que era excelente. Pela minha conta deveis ganhar seis mil por cento.

O doutor com visível atrapalhação pretendeu provar que não estava na sua mente nenhuma especulação com referência aos dois esposos, pois que o seu acordar de um sono de tantos séculos unicamente devia aproveitar à ciência, e que era com efeito este o fim que os levava à Ilha do Orçamento.

Palafox piscou um olho, e disse: compreendo; o vosso projeto é outro, ganhareis mais do que numa especulação... estais no vosso direito. Não vos farei concorrência, e tanto mais que tenho dado ultimamente grande desenvolvimento aos meus negócios. Desde o nosso encontro no Cabo da Boa Esperança, formei uma sociedade anonima para exploração do privilégio exclusivo do Dr. Penco. Sabeis de quem falo, é daquele italiano célebre que inventou um aparelho ortopédico para os desvios do nariz. Peço perdão de vos deixar; vejo aqui perto um viajante a quem dei o prospeto.

Efetivamente um novo interlocutor se juntou ao grupo em que estava o académico.

Era um homem baixo, rotundo, cujos braços lembravam duas barbatanas, e as pernas eram tão curtas, que parecia um destes bonecos de cartão que rolam sobre a barriga. Tinha olhos pequenos enterrados na carne parecendo dois buracos feitos ao torno. O nariz estava como estrangulado entre as faces

hemisféricas, fazendo o efeito das excrescências que se notam na casca das laranjas de Malta, ou laranja de umbigo.

Saudou com o pé, não lhe permitindo o atarracado do pescoço saudar com a cabeça.

— Bela descoberta! disse ele com voz apoplética, mostrando o prospeto que agitava numa das mãos.

Se quisesse experimentar? perguntou contente e apressado o Sr. Palafox.

— E porque não? replicou o gordalhudo com uma risada que parecia um ataque de tosse. E porque não? Eli sempre animei o progresso das artes...

— Gomo nós, meu senhor, o progresso dos narizes, atalhou o especulador.

— Com que em verdade podeis obter o seu aumento ou diminuição por meio do aparelho?

— Sim, senhor, conforme o tamanho do nariz. Assim o podeis ver na litografia junta ao prospeto. Em virtude do novo aparelho ortopédico cada individuo poderá escolher o seu nariz, da mesma forma que no mundo antigo escolhia o seu chapéu. Na tabela vereis o preço segundo a forma de cada espécie.

O homem baixo voltou a folha que tinha na mão, e começou o exame de uma

serie de narizes, desenhados em frente da pala dos preços. Esteve indeciso algum tempo entre o nariz grego e o nariz arrebitado, mas na presença de uma judiciosa observação de Palafox, sustentando que estes últimos não estavam em voga, escolheu um dos outros.

O especulador tirou logo da mala um compasso, tomou a medida da verruga, que o seu acreditado aparelho devia transformar em nariz grego, e tomou nota num livro, como fazia um certo Keil, alfaiate com muita voga na antiga Lisboa, ao tomar medida do facto dos membros da academia do Marrare, uma das mais célebres dos primeiros séculos, e da qual, como provam trabalhos históricos de grande valia, foram membros diversos homens de estado, e outros sem estado. Parece que na decadência da civilização antiga, um Grémio do qual não resta outra memória, além deste nome, suplantou a dita academia. Da obscuridade que cerca as memórias desse tempo, o menor inconveniente que pode resultar, é não ter nunca existido tal alfaiate, o que até já foi provado por um dos eruditos do ano 3000; como complemento do estudo demonstrativo de não ter existido Homero, nem casacas com gola de veludo.

Os dois esposos ouviram que o freguês do nariz chegava de África, onde tinha ido por causa da tisica que padecia; e souberam mais, que a gordura do homem era o resultado de uns caldos inventados pelos árabes. O doente curado

trazia consigo a receita que vendera à Sociedade de Higiene Publica, a qual o incorporou na empresa na qualidade de prospeto vivo.

Ao findar estas explicações, Palafox viu perlo de si um viajante que pelo aspeto parecia eclesiástico; e logo procurou na mala amostras de relíquias, contas e verónicas. Aproximando-se dele com muita modéstia, disse-lhe:

— Não me engano, tomando a liberdade de julgar que o senhor tomou ordens?

— Sim, senhor, respondeu o viajante.

— Estava bem seguro disso, redarguiu Palafox com humildade; quando nos aproximamos dos santos existe sempre uma voz interior que nos adverte... Mas já que a Providencia me permitiu este encontro, espero que me facilite oportunidade para oferecer à sua atenção alguns objetos destinados à satisfação dos fieis: *Ad majorem Dei glóriam*. Imitando a voz de um pregoeiro, apresentava ora uma, ora outra amostra dos objetos que pretendia vender.

— Esta é uma relíquia de santo Onofre, que a civilização moderna considera advogado dos literatos. Atendendo ás muitas pessoas a quem pode convir, vendemos tais relíquias a 80 réis a dúzia de quatorze, a que chamaremos dúzia de freira, em virtude de uma reminiscência da antiguidade. — Esta é uma medalha que pode ser destinada a qualquer santo da devoção especial do

indivíduo que a comprar, tem a virtude de livrar o cidadão de ser jurado, de servir nos batalhões nacionais, de ser preso como refratário, de ser eleitor, juiz de paz, e de outras semelhantes enfermidades terrestres: o seu preço é de 160 réis as sele. — Isto é um rosário...

— Peço-lhe perdão, meu senhor, interrompeu o viajante a quem ele estava falando, está enganado, eu não sou padre católico.

— Ah! Exclamou Palafox, nesse caso estou na presença de um digno ministro da religião reformada. — E correndo à mala, tirou uma Bíblia, e com ela na mão, imitando o gesto majestoso de um rabugento pedagogo disse:

— Aqui tenho o que vos convém: esta é a lei universal — o grande Verbo, o Deus vivo. Nas suas páginas só vereis preceitos indestrutíveis, apesar de que lhe juntámos alguns livros apócrifos. Aí achareis a receita para a satisfação temporal e espiritual, com o formulário para a sua aplicação. Custa tudo dez tostões, compreendendo caixa e fechos de metal.

— Em verdade é bem pouco dinheiro por tanta coisa, disse a pessoa com quem sé tinha começado a travar o diálogo; e rindo acrescentou: teria aproveitado seguramente a barateza quando era ministro da religião reformada; mas ao presente não posso, porque as convicções do protestante estão refugiadas na filosofia.

— Sois filosofo, pelo que vejo! atalhou Palafox, batendo uma palmada na perna... assim me tinha já parecido: essa cara tão espaçosa, esse olhar pensativo, eram sinais da vossa missão. Estou satisfeitíssimo de o saber, porque eu também sou filósofo pratico, e a prova é que viajo por conta da Sociedade para a extinção das crenças. Tenho ali o regulamento no meu baliu; estou autorizado para receber as subscrições. Depois de uma pausa de alguns instantes ofereceu ao seu interlocutor um folheto, tendo na primeira pagina uma vinheta, que representava o génio da verdade pisando aos pés a hidra da superstição: o génio era o retrato do presidente da sociedade, e as cabeças das hidras retratos de alguns padres conhecidos.

Palafox deixou o ex-pastor protestante a examinar o folheto, e voltou para onde estava o académico.

Maurício não pôde deixar de lhe fazer os maiores elogios, em consequência dá perícia comercial que lhe tinha visto desenvolver com tanto talento.

Quereis lisonjear-me! exclamou Palafox, muito risonho; conheço bem os meus defeitos, e um principalmente, o que mais me prejudica; sou muito fraco em todos os negócios. Não sei reputar bem os géneros que vendo, nem promover convenientemente os meus interesses! Mas que há de ser í Sou fanático pela boa fé antiga, quero que todos possam desafrontadamente negociar comigo, também todos me conhecem, e recebem com os olhos

fechados quanto lhes expeço, seja açúcar, chocolate, mel, vinho da Madeira, etc. Este é o meu único desejo: a confiança do público honra-me e constitui o meu lucro liquido e seguro.

Em quanto estava foliando, o corretor aproveitava o tempo, que é dinheiro, despejando uma das suas malas para mais convenientemente arranjar as amostras. Maurício viu por acaso um papel que estava fora da mala, e no qual involuntariamente foi lendo:

Receita para o verdadeiro chocolate. — Tomai um terço de feijão encarnado, um terço de açucar avariado, um terço de sebo, aromatizai o todo com essência de cacau, e obtereis o melhor chocolate do mundo.

Receita para o mel. — Tomai melaço, farinha de centeio, aromatizai o todo com flor de laranja, composta de sais de zinco, de cobre e de chumbo; e obtereis o mel do monte Himeto.

Receita para açucar. — Tomai pó de alabastro...

Maurício não pôde continuar a leitura, porque Palafox pegando no papel o juntou a outros que estavam dentro da mala, entre os quais lhe pareceu ver uma carta que despertava no seu espirito uma recordação esquecida.

— É verdade, disse o corretor, voltando-se para o académico, parece-me que ainda vos não dei a notícia de que a sociedade para os telégrafos trans-aereos foi

há pouco formada. Para o ano estaremos em comunicação direta e pronta com a lua.

— Com a lua! exclamaram ao mesmo tempo Marta e Maurício admirados.

— As últimas observações feitas no observatório da capital dão o facto como possível, acrescentou com ademanes académicos o Dr. Universal. Graças ao instrumento oiço inventado pelo meu sábio colega o Dr. Telescópio, a lua teve a bondade de se deixar ver.

— E brevemente se fará ouvir! acrescentou Palafox, graças aos novos telégrafos elétricos que nos proporcionaram os meios de conversarmos com os lunáticos, tão facilmente como estou conversando convosco. Tenho no meu poder o prospeto, da empresa, examinai-o: e abrindo logo uma carta tirou dele uma folha esplendidamente impressa contendo o seguinte:

TELÉGRAFOS TRANS-AÉREOS

ÁS PESSOAS QUE TEM DINHEIRO DISPONÍVEL

Capital Social: CEM EUROS

Lucro seguro: DEZ MIL EUROS

«Está realizada uma descoberta que excede em importância os mais transcendentes acontecimentos, que até ao presente tem renovado a face da terra.

«Um dos nossos sábios, ao qual se deve o invento de uma célebre passarola que nunca ninguém viu, acaba de descobrir um mundo desconhecido; este mundo é a lua!

«Uma sociedade se formou imediatamente para a exploração desta nova conquista, da qual apenas falta apoderarmo-nos.

«Já estão tomadas todas as disposições para a construção dos telégrafos trans-aereos, que nos devem pôr em contato com a população lunar, facilitando assim pouco a pouco o estabelecimento de uma grande linha de comunicações construída em comum.

«Das observações feitas pelo Sr. Telescópio resulta que a lua possui valores incalculáveis em pedreiras, tijolos, granitos e areias.

«A imaginação mais audaz recua espavorida perante os lucros portentosos que

deve produzir a exploração de tantas riquezas. Não faremos, portanto, nenhuma promessa aos acionistas; as mais modestas pareceriam exageradas. Um dever de consciência nos obriga a preveni-los unicamente, de que os cálculos mais exatos e seguros provam que o dinheiro empregado na nossa empresa terá um juro que regulará, termo medio, por uns cinquenta mil por cento.

«Estando antecipadamente pedidas quase todas as ações, não admitiremos as subscrições senão até 30 do presente mês.»

Seguem-se as assinaturas.

Quase todos os passageiros tinham-se reunido ao pé de Palafox, durante a leitura.

Os mais entusiasmados pediam com fervor para tomar parte desde já em tão vantajosa empresa.

Palafox imediatamente se ofereceu como intermediário entre os fundadores da sociedade e as pessoas presentes; e neste suposto começou a distribuir promessas de promessas de ações, com um direito de comissão. Os viajantes que as compraram foram para outros pontos do navio, propagando a notícia e negociando os seus fabulosos títulos com duzentos por cento de lucro.

Maurício estava admirado de quanto se passava na sua presença, e o Dr. Universal aproveitou a circunstância para impingir aos seus companheiros um

longo discurso acerca das vantagens da associação e do crédito. Ia o doutor no duodécimo aforismo de economia política, e na vigésima quinta pitada, quando um choque terrível abalou a Dourada acelerada, fazendo-lhe perder o equilíbrio. Os passageiros correram assustados à janela, e viram um imenso cetáceo adormecido no fundo do Oceano, que tinha acordado com o choque da Dourada. No momento em que os dois esposos chegaram a uma das janelas, o cetáceo tinha-se voltado. Marta teve apenas tempo para dar um grito.

As ondas que levavam o navio-peixe, atraídas pela aspiração do monstro foram engolidas por ele, como se caíssem num abismo, e o navio só parou no estomago do monstro marinho.

O desastre tinha sido muito rápido para poder ser prevenido, e no primeiro instante depois da catástrofe ninguém se intendia com os gritos, choros e lamentações: até a equipagem se mostrava desanimada, e tinha razão, porque era a primeira vez que deviam manobrar navegando, no estomago de uma baleia. O capitão, não obstante ser um marítimo bem experimentado nas rudezas do mar, confessou que não conhecia as saídas da paragem em que estavam.

Começou portanto cada um dos viajantes a dar o seu conselho; mas a final todos os meios propostos pareceram perigosos ou impraticáveis. Nesta situação desesperada, todos os olhos se dirigiram para o professor de zoologia do museu, que por acaso vinha também a bordo; e a maioria começou a dizer:

— Deixem falar o Sr. Vertebrado, que seguramente nos dará um ótimo conselho, porque deve ter estudado as baleias, em consequência da sua profissão. O Sr. Vertebrado empertigou-se todo repleto de vaidade.

— Confesso, meus senhores, disse ele tossindo, e dando um tom grave e inspirado ás palavras, confesso que este interessante mamífero foi objeto de muitas das minhas observações especiais, únicas na ciência que professo; e apesar de tudo quanto contra mim tem dito e escrito os meus adversários, julgo ter sido o primeiro que descobriu a verdadeira natureza do leite com que a baleia amamenta seus filhos! — A baleia, senhoras e senhores, é um cetáceo, nome que se deriva da palavra grega Ketos, e pertence à família do chacal, do golfinho, etc. etc. É um grande mamífero platiúro, vivíparo, e pisciforme, com dois pés chamados nadadouros, e respirando pelos pulmões...

O discurso foi neste ponto interrompido por um sobressalto inesperado. Os propulsores do navio-peixe, que tinham continuado a estar em movimento, tinham tocado nas paredes do estomago da baleia, causando uma tal contração, que a Dourada foi levada para o canal intestinal do monstro.

O maquinista aproveitando este movimento largou toda a força ao vapor, o que deu causa a uma nova náusea da gigantesca baleia, e depois a um vomito, em que o navio foi expulso.

O esforço era tão violento, que a Dourada bateu num rochedo onde se

espedaçou. Todos os viajantes que estavam na proa foram esmagados pelo choque, afogados no mar, ou queimados pela explosão da máquina.

Felizmente a popa do navio, onde estavam Marta e Maurício, sofreu muito menos avaria; a maior parte dos passageiros que se salvaram foram abrigados pela povoação inteira, que acudiu ao ruido do sinistro.

Quando os espíritos sossegaram, os náufragos não puderam deixar de reconhecer que o cetáceo havia tido a delicada atenção de não os desviar do seu caminho, porque estavam nos subúrbios da Cidade Sem Igual, ou unicamente a quinze léguas de distância da cidade.

Entre os passageiros, os dois esposos, pela prolixa inutilidade do seu vestuário eram assunto das mais disparatadas observações. Não faltou quem muito atenciosamente os qualificasse de emissários do carnaval, e os gaiatos do ano 3000 rodeavam-nos espantados; e alguns apregoavam-lhes aos ouvidos fósforos de cera, alecrim e cautelas de 25 réis.

O funcionário encarregado do Registo civil das máquinas, foi logo prevenido do que se tinha passado. Assim que chegou verificou o desastre, e passou o documento que segue, no qual apenas encheu as designações em frente de outras gerais e já antecipadamente impressas:

CIDADE SEM IGUAL — REGISTO CIVIL DAS MÁQUINAS

CERTIDÃO DE ÓBITO

Eu abaixo assignado, atesto que:

A máquina Dourada nº 7, nascida na ilha do Negro Animal, com a idade de dezoito meses e de valor de quatrocentos réis, naufragou por acidente de baleia.

Fica junto o auto de notícia.

A 17 de maio do ano 3000.

Manuel Tainha da Silva Goraz

Pelo que dizia respeito aos viajantes que tinham morrido, como para documentar o seu falecimento era preciso saber os nomes, as profissões e as

idades, o empregado absteve-se de escrever coisa alguma, em virtude do princípio constitucional, que proclama *o respeito e a inviolabilidade que se deve à vida privada dos cidadãos.*

CAPÍTULO IV

Todos os viajantes que se tinham podido salvar do naufrágio e as suas consequências, seguiram viagem para a Cidade Sem Igual. Maurício ao chegar perto desta cidade viu que cila era cercada por duas linhas de circunvalação, destinadas a garantir a receção dos direitos municipais e o exame dos passaportes. Estes últimos não eram, como nos tempos antigos, diplomas em que se mencionavam os sinais dos indivíduos a que se referiam, mas consistiam em retratos ao daguerreotipo, ornados com o selo da causa pública, representando portanto fielmente o viajante.

O Dr. Universal estava explicando as muitas vantagens do novo sistema, quando se ouviram vozes que provinham de uma porfiada altercação. Era o viajante gordo e do nariz invisível questionando com a policia, que não queria reconhecer a sua identidade, comparando o vulto enorme do sujeito, com o individuo magro e cadavérico representado no passaporte.

O pobre homem ponderava inutilmente, que o aumento de volume e de formas que lhe notavam, era devido ao novo remedio de que se apresentava

como prospeto vivo e ambulante. O agente da força pública, impassível como a estupidez, declarou que não podia deixar passar senão o original do retrato que vinha no passaporte.

A dúvida foi exposta a um guarda superior, que a transmitiu com o seu informe a um verificador, o qual com outro informe a levou à presença do diretor. Este empregado meditou muito tempo sobre o caso, folheou muitas vezes o volume das trinta e três mil portarias que regulavam a matéria, e decidiu a final que a questão só podia ser resolvida por dois modos: 1.° ser enviada à comissão das pautas, a qual antes de um ano não a poderia examinar, e o 2º, mais fácil e pronto, era confiar o gordalhudo a emagrecedores-jurados, os quais o fariam chegar a ponto de provar a sua identidade, a ser verídica a alegação do suplicante. Foram estas as textuais palavras do despacho, que por certidão custou 800 réis.

O prospeto vivo gritava, que emagrecendo comprometia a sua posição social; e observava que ambas as pontas do dilema lhe matavam o futuro, pela demora: que ele vivia honestamente da sua obesidade, como muitos outros da sua reputação. O diretor fiscal respondeu-lhe, que a lei nada tinha com essas misérias, e que o seu principal objeto era proteger a sociedade em geral, sem fazer caso de cada um dos seus membros em particular.

Os dois viajantes deixaram o pobre gordo naquela embaraçosa situação, e vieram ter com o Dr. Universal a uma segunda barreira onde os esperava um oficial da alfândega. Os empregados desta estação pública tinham seguido os progressos da civilização geral na Republica dos Interesses-Unidos. Os meios de exame e de averiguação tinham chegado a tão elevado ponto de apuro que em virtude da sua engenhosa inteligência, só eles poderiam fazer o contrabando.

Acabado todo o cerimonial alfandegueiro, Maurício e Marta acompanharam o doutor a casa.

A morada do académico era um vasto paralelogramo, todo branco, no qual se abriam janelas estreitas que recordavam as frestas de uma trapeira. O doutor conhecendo a admiração dos seus companheiros de viagem, disse-lhes:

— No vosso tempo as casas não se edificavam assim? O tom das palavras trazia involuntariamente a vaidade que as ditava.

— Não me lembra de ver nenhuma desta forma, replicou Maurício.

O doutor logo o interrompeu, como académico que não pode estar calado, e salpicou de perdigotos o seguinte improviso, habilmente gaguejado para disfarçar a intermitência do estro:

— «A arte segue ao presente outra direção, que não seguia na antiguidade, e os nossos artistas chegaram ao belo ideal do sistema retangular. A casa em que moro foi edificada por um dos mais babeis arquitetos; é portanto considerada como um primor de arte no seu género. Em tudo quanto estais vendo não existe uma só pedra como ornamento, ou inútil, para falar com mais propriedade. Pelo que diz respeito ás disposições interiores, vós mesmos as apreciareis...» Neste ponto o discurso acabou, porque chegaram ao patamar da escada. Assim que Maurício pôs um pé no primeiro degrau, este ligeiramente se premiu, e fez mover um lampião, que por si avançou para iluminar no segundo degrau a campainha tocou, e no terceiro a porta se abria por si. Maurício leu sobre ela esta inscrição:

CADA UM POR SI

CADA UM PARA SI

— Deveis conhecer esse preceito de um dos sete sábios da vossa terra, disse o académico sorrindo: é o resumo das leis da humanidade: cada um por si, é o direito; cada um para si, é o dever. Entrai, que muito mais admirareis.

Os dois esposos passaram por uma antecâmara em que estavam aparelhos de que ignoravam o uso.

O doutor mostrou-lhes uma caixa à qual chegavam as cartas que lhe eram dirigidas, explicando-lhes como uma canalização vasta e ramificada facultava pelo meio do vácuo esta distribuição pelas casas particulares. Abriu depois as torneiras que levavam por toda a parte a água, a luz e o fogo. Indicou-lhes a canalização especial para receber os jornais; os fios elétricos que estabeleciam correspondência tão rápida como o pensamento com as diferentes lojas com que o doutor estava afreguesado; e finalmente os aparelhos paróticos por meio dos quais a vista vencia todos os obstáculos e alcançava qualquer distancia.

Durante esta curiosa preleção o doutor notou a falta da sua esposa, e tocou nalgumas molas. O toque de uma campainha o advertiu de que fora obedecido;

levou os hóspedes para a casa de jantar, onde a mesa estava posta, e convidou-os para o banquete.

Marta e Maurício depois de sentados olharam em volta de si esperando a cada instante a entrada dos criados. O académico adivinhando-lhes o pensamento sorriu, inclinou-se um pouco para o lado, e carregou num botão de metal que ficava perto da mesa. Imediatamente tudo quanto estava sobre ela pareceu animar-se. As garrafas inclinaram os gargalos sobre os copos; a colher da sopa encheu o prato de cada uma das pessoas presentes; a faca de trinchar, fixa na grande peça do assado, começou a separar as tiras que iam ser mergulhadas nas molheiras por meio de tenazes mecânicas; o talher próprio da selada dançou sobre ela uma espécie de polka que a mexia perfeitamente; as frangas bem cevadas, como se tivessem querido voar depois de assadas, estendiam à borda das travessas os membros que mecanicamente eram logo cortados; o peixe foi muito sossegadamente colocar-se debaixo da colher de prata que o devia dividir; as azeitonas e conservas começaram a girar em volta da mesa, como cavalos no picadeiro, não deixando de parar diante de cada uma das pessoas que estavam jantando. Finalmente até a mostardeira se descobriu do seu casquete prateado, e apresentou aos convivas a colherinha de marfim com que se podiam servir.

Os dois ressuscitados não acreditavam o que estavam vendo.

O Dr. Universal explicou-lhes a serie de engenhosas invenções que tinham

substituído as máquinas humanas chamadas criados.

— Bem vedes, acrescentou ele, numa casa bem maquinizada como esta minha, qualquer pessoa não carece de outra... o que presta um encanto singular à intimidade. O progresso deve ter por objeto a simplicidade, e fazer com que cada um viva por si e para si: é este o ponto de perfetibilidade a que somos chegados. Os criados de carne e osso, sujeitos ás enfermidades e paixões, estão substituídos por servos de ferro e de cobre, todos igualmente vigorosos, exatos e seguros. Ao cabo de mais alguns esforços, a civilização terá obtido para o homem o completo isolamento, isto é, a liberdade, pois que será permitido a cada um não carecer dos serviços do seu semelhante.

— Assim será, disse Maurício, meditativo; mas nesse caso, que será feito da lei de Jesu-Cristo que nos manda socorrer e amar o próximo? Será por ventura o fim para que vivemos o egoísmo, ou não deveremos, pelo contrário, viver para o próximo e pelo próximo? A máquina humana, como lhe chamais, tinha um coração, que podia bater de acordo com o vosso, ao passo que a máquina de ferro criada por esta nova civilização, não tem nexo algum com a vossa individualidade. Preferindo esta, a preferência significa o sacrifício da vossa alma aos vossos hábitos: e quebrastes portanto o último elo que ligava as classes abastadas ás que foram deserdadas pela fortuna. Os ricos não podiam esquecer nunca absolutamente o povo, onde iam buscar os servos, que eram como

prisioneiros feitos à pobreza, que perpetuamente a estavam recomendando. A necessidade os convertia mais ou menos em membros da família que serviam. Tomavam-nos a princípio por necessidade, e depois amavam-nos por hábito. A associação resultante deste hábito seria talvez imperfeita; mas dava oportunidade a feitos que enobreciam a alma e elevavam o espirito. Parece-me que a civilização não devia suprimir o servo, mas deveria melhorar a sua sorte, inspirando-lhe o desejo do sacrifício, e o afeto do amigo, realizando deste modo a bela história da fiandeira de Evrecy.

O académico perguntou o que era essa história.

— É uma antiga tradição popular, que me contavam na infância, respondeu Maurício, e que no presente século vos parecerá bem extravagante.

— Desejava ouvi-la, disse o doutor, esgotando um cálix.

Maurício parecia não se atrever a contar a sua história; mas um olhar de Marta, que também a pediu, venceu a dificuldade.

* * *

A FIANDEIRA DE EVRECY

Num dos últimos anos do século XVIII vivia na Normandia, em Evrecy, um fidalgo tendo por família unicamente uma filha de dez anos e uma criada antiga. A filha havia recebido no batismo o nome de Isabel, e a criada o de Berta, mais conhecida no lugar pela denominação da fiandeira de Evrecy, porque não desamparava nunca a roca nem o fuso.

Berta fiava muitas vezes desde pela manhã até à noite, e outras desde a noite até pela manhã; e apesar de tanto trabalhar a pobre Berta, nem por isso diminuíam os credores do fidalgo. Pede a verdade o dizer-se que esta classe de gente não dava muito atenção ao amo da incansável fiandeira. O fidalgo era daqueles que consideram o seu epitáfio como devendo ser o epitáfio do género humano. Depois de ter comido a melhor parte da fortuna tomou a resolução de beber o resto. Era ele, não obstante, um excelente homem que teria dado à sua filha a lua e sol, e que chamava sempre Berta para beber o último copo de cidra à hora da refeição.

Quando tinha esgotado a fortuna e o crédito, foi tão feliz que morreu repentinamente, sem ter o trabalho de ajustar as contas com os credores. Assim que o caixão saiu de casa com o corpo, logo entraram oficiais de justiça, que penhoraram tudo; e depois a venda em praça ou almoeda veio acabar o desbarate. O palácio arruinado, foi arrematado por um negociante que tinha

comprado a nobreza, e que deitou abaixo os antigos escudos para lhes substituir o seu elegante brasão bipartido, tendo a um lado um preto livre, com algemas nos pulsos, e de outro uma cédula de papel-moeda do Brasil, perfeitamente aberta e com esta inscrição:

A tanto me ajudou o engenho e a arte

Berta compreendeu que lhe cumpria sair do solar do seu falecido amo, e pegando na roca e no fuso, veio apresentar-se ao novo proprietário para lhe fazer as suas despedidas. Ele vendo que a velha trazia a criança pela mão perguntou, se a ia levar a algum dos parentes do pai.

— Desculpai-me, balbuciou Berta, enxugando os olhos com a ponta do avental... a pobre inocente não tem nenhum parente que a possa socorrer.

— Deveis leva-la a um desses asilos, que tantas vezes eu tenho beneficiado nos jornais com importantes donativos disse o peão-fidalgo.

— Para um asilo! repetiu Berta estupefata.

— Não recebem só os enjeitados, também os temos para as crianças abandonadas: não reparo na vossa admiração, porque são instituições modernas,

que ainda não havia no vosso tempo, e de que ao presente se vê o nome e o destino em qualquer cartaz de teatro, ou de fogo de artificio, porque a nossa caridade sendo verdadeira, e não hipócrita, anda no cartaz, enão foge do estrepito que atrai a multidão.

— Mas, pelo amor de Deus, meu senhor, não penseis que esta menina se deva julgar abandonada (e a velha acariciava a criança que chegava a si). enquanto eu não estiver no cemitério ela terá um amparo.

— Sois-lhe alguma coisa? perguntou o burguês ironicamente.

— É a filha do meu amo, replicou Berta com energia. Comi vinte anos o pão da sua família, tive-a nos meus braços assim que nasceu, e neles recebeu a água do batismo, sustive-lhe as andadeiras, ensinei-lhe a balbuciar as primeiras palavras que proferiu. Se não é a filha do meu sangue, é a filha dos meus cuidados. Santo nome de Jesus! Para um asilo a minha rica menina! Não, senhor, não, o seu hospício será junto a mim, enquanto um só dos meus dez dedos poder fazer girar o fuso.

Ao tempo em que falava havia levantado nos braços a pobre criança, e tomando-a ao colo, com a força do co ração e não da idade, se afastou do traficante feliz, tomando o caminho de Falaise.

Berta tinha imaginado um plano de que ela era unicamente sabedora. Gomo

conhecia nas Urselinas uma freira, que tinha sido ornamento do mundo antes de ser perfeita serva de Deus, levou-lhe a linda Isabel, e juntamente uma bolsa contendo o fruto das economias de muitos dos seus anos de serviço: e disse à Urselina!

— Educai-a como filha que é de um fidalgo, não a priveis de quanto seja digno da sua linhagem, pois que antes dessa bolsa estar vazia vos trarei com que a encher.

Abraçou ternamente Isabel, chorou muito, e depois partiu.

Eram passados três meses quando voltou com mais dinheiro do que tinha deixado da primeira vez. Continuou a vir ao convento regularmente quatro vezes por ano, e de cada vez recomendava, que Isabel tivesse os mestres mais hábeis e acreditados, e que lhe não faltassem os vestidos que mais fossem do seu agrado.

Em Berta não havia outra mudança, além das que os anos marcavam na inclinação do corpo e na alvura do cabelo. Era a mesma criada do prodigo castelão da Bretanha, com a saia grosseira de borel, a roca à cinta, e fazendo girar o fuso entre os dedos, ao passo que andava. Tinham sido inúteis as diligências feitas por algumas pessoas, a fim de descobrirem donde provinha o dinheiro de que dispunha a boa Berta. Ás perguntas que lhe faziam a este respeito ela unicamente respondia sorrindo:

— Deus poupa para os órfãos.

No entretanto a criança fez-se mulher, tão bela e bem educada, que a sua fama se foi espalhando pelos lugares vizinhos. As senhoras mais distintas queriam conhece-la, e vinham visita-la à portaria do convento. Os poetas normandos dirigiam-lhe muitos versos, e os fidalgos jovens estavam enamorados dela, e traziam as suas cores como distintivo honroso. No palácio de uma das nobres senhoras de Bessin encontrou o senhor de Boutevile, um dos mais ilustres cavalheiros do reino, que tanto se enamorou da formosa Isabel, que a pediu em casamento. A donzela que se julgava feliz com a escolha, estava desejosa de a fazer conhecer à sua protetora, quando esta se lhe apresentou acompanhada por diferentes lojistas. Não querendo que a sua antiga ama fosse noiva como uma enjeitada, trazia-lhe um enxoval completo.

O senhor de Boutevile, que chegou quando a noiva estava vendo o presente inesperado que acabava de receber, não pareceu tomar parte na alegre surpresa de Isabel. Como já lhe tinham falado nas diferentes somas de dinheiro entregues ao convento pela antiga criada do pai da sua noiva, receava que tal generosidade servisse para esconder algum segredo vergonhoso, que desejava poder descobrir.

Berta retirou-se sem deixar perceber que tivesse intendido coisa alguma do que se passava na alma do honronso jovem. Esta ausência parecia confirmar as suposições dos ânimos menos generosos. Chegou o dia do casamento, e a linda

donzela, ornada com primor e tremula de emoção, foi levada à capela na carruagem da sua mais ilustre amiga. Ao apear-se cercaram-na muitos mendigos que, segundo o uso do tempo, lhe davam os parabéns e lhe pediam esmola. Subitamente viu afastada dos que a rodeavam uma velha ajoelhada. A roca e o fuso bastavam para a dar a conhecer; era Berta, a antiga criada do fidalgo bretão.

Isabel correu para ela, pegou-lhe nas mãos, e com voz balbuciante lhe perguntou o que estava fazendo naquele lugar?

— O que faço haverá nove anos, respondeu a velha, deixando rebentar dos olhos as lágrimas que os anuviavam: e vendo o senhor de Boutevile, que se chegava ao sítio desta afetuosa cena, disse: É este o segredo com que pretenderam atormentar a minha querida senhora e ama. Logo que vos depositei no convento comecei a percorrer a Normandia, fiando pelas estradas, e pedindo em nome de Deus. O meu trabalho rendia pouco, esse pouco era para mim; a esmola rendia mais, ela era para vós! É preciso que o vosso marido se não envergonhe do que eu fiz: a esmola dada em nome de Deus não pode envergonhar ninguém. O bom coração de muitos sustentou-vos enquanto ereis criança; agora que sois mulher, basta o honroso coração de um homem para vos fazer feliz. Acabei de mendigar hoje, porque desde o dia que não careceis de coisa alguma, não tenho que pedir.

Isabel a princípio maravilhada, depois comovida pela ternura, abraçou

convulsamente a velho, que se admirava de tais transportes: tão natural era na sua alma o sentimento cristão que lhes dera causa!

O Sr. de Boutevile com os olhos cheios de lágrimas pôs uma das mãos de Isabel sobre uma das de Berta, e assim falou à pobre mendiga:

— Fostes sua mãe, pertence-vos conduzi-la até ao altar para eu aí a receber da vossa mão.

O que logo se realizou com grande pasmo dos espetadores.

Isabel vestida de seda e renda de ouro, foi levada pela mão de Berta com a sua saia de borel, a roca e o fuso, até ao sacerdote que devia abençoar a sua união com Boutevile.

Acabada a cerimonia, Isabel veio ajoelhar perante a mendiga, o pedir-lhe a bênção, como se fosse sua mãe.

As pessoas presentes choravam, e não se ouvia de um lado e outro senão dizer:

— Que Deus seja com eles! que Deus os ajude!

O voto instintivo da multidão foi cumprido, porque a lembrança deste casamento ficou perpetuada na tradição popular; e em Bessim por muito tempo se disse como em provérbio: Felizes como os flouteviles!

Os desposados não enfraqueceram nunca a sua veneração por Berta. E quando os mais ilustres fidalgos e fidalgas estavam reunidos nas esplendidas salas do castelo de Boutevile, a fiandeira de Evrecy, tinha entre eles o lugar de honra. Anualmente os senhores do castelo, mandavam celebrar na igreja paroquial uma missa solene, na qual comparecia a antiga criada com o seu traje de outros tempos, quando mendigava, não esquecendo a roca e o fuso. Assim entrava a caridade triunfante no templo de Deus, apoiando um dos braços em Isabel, e o outro no seu ditoso marido! Esta cerimónia, que recorda a dedicação e o reconhecimento, serve igualmente de exemplo para amos e servos.

* * *

Maurício vendo o pouco efeito que a sua história produzira no académico, voltou-se para ele e disse-lhe:

— A vossa filantropia pode arregimentar homens num quartel, mulheres em outro, matando ás portas dos asilos a família, que nasceu aos pés da cruz do Gólgota: pode fazer do mendigo a caricatura do soldado, agaloando e matizando o facto com que o veste, cristo, a mais perfeita imagem do pobre, também teve sobre os ombros um manto de escarnio; podeis portanto com o uniforme que

dais por libré à pobreza, insultar as cãs do velho levado entre as catanas da polícia aos vossos refeitórios, fartos para os que os dirigem, minguados para os que pretendem alimentar: mas o que não podeis é fazer de um asilo um monumento em que arda a chama da fé, alimentada pelo sopro da caridade, sobre o altar em que a esperança põe a cruz apontando para o céu. O vosso asilo profanaria um templo se aí pudesse caber: a chapa dos vossos mendigos petrificou o coração sobre que a pregastes; pedir é um modo de vida pelas vossas leis; e as esmolas estão reguladas nas constituições, nos códigos da administração, e nos livros do deve e há de haver. Sois uns grandes homens, uns filantropos, que provais nas comendas e nos títulos a graduação da vossa nobreza e dos vossos donativos; mas não sois cristãos, o que não admira, porque os dias da infância esquecem depressa, e foi nos primeiros que vos deram esse título, que vos não lembra, porque não serve para os editais, nem para os bilhetes de visita.

O doutor esteve pacificamente roendo uma aza de faisão durante esta pretensiosa apostrofe. Depois, limpando os beiços rubicundos, olhou compadecido para o entusiasta Maurício.

— Esqueceis, meu amigo, disse ele, querendo fingir-se inspirado pelos perfumes dos guisados, que o provérbio de cada terra com o seu uso está pela história mudado para cada século? Anteriormente à era exótica em que nascestes

as pestes, por exemplo, faziam aparecer santos, que Roma canonizava; e no vosso tempo as epidemias auxiliavam as artes e fábricas de fitas, ou de estreito, como lhes chamavam os vossos clássicos, porque se cunhavam medalhas com a regalia de se pendurarem ao pescoço dos que tinham sabido fazer valer e documentar a sua caridade.

CAPÍTULO V

O doutor Universal — é bom não lhe esquecermos o nome — acompanhando os hóspedes aos aposentos que lhes destinava, não deixou de chamar a sua atenção sobre muitos dos novos aperfeiçoamentos: os leitos recolhiam-se dentro das paredes para as câmaras ficarem mais espaçosas: as cadeiras andavam por si mesmo: as janelas abriam-se sem se lhes tocar: os sobrados subiam e desciam à vontade. Por este motivo as roldanas e cordões abundavam a todos os cantos.

A multiplicidade das excursões do dia, e a fadiga da viagem, tinham exausto as forças de Marta, e portanto deferiu para o dia seguinte o estudo do mecanismo doméstico, e adormeceu.

Maurício sentindo igualmente a necessidade de sossego, foi para a câmara vizinha de Marta, e pensava em deitar-se; mas ao passo que se despia passava pela memória as célebres aventuras do dia que tinha acabado, seguindo na mente um desses monólogos muito em voga entre os embriagados, os dorminhocos, e heróis de tragédia.

— Ressuscitar! murmurava ele, ressuscitar ao cabo de doze séculos! Estarei verdadeiramente acordado?

Neste ponto apalpava o próprio vulto para adquirir a certeza do que dizia, e continuava:

— Em verdade estou acordado, e estou no mundo do ano 3000!... uma sociedade nova cerca-me por toda a parte!...

Interrupção do monólogo para despir a casaca.

— Desta forma os meus desejos foram satisfeitos... Maurício, vais conhecer a geração preparada pelos teus contemporâneos! Para impassivelmente a julgares, despoja-te das superstições e crenças da infância, das prevenções que iludem...

O espirito de Maurício, vencido pelo sono, não pôde ir mais longe no monologo, e em lugar de progredir nas exclamações, julgou mais conveniente despir as calças, e já com os olhos meio-fechados foi andando na direção do leito que lhe tinham preparado. Estava quase ao pé dele quando reparou que tinha ficado uma janela aberta. Para fugir aos mosquitos e ás constipações, puxou por um cordão que lhe pareceu destinado a fechar as portas envidraçadas da janela. O candelabro de três bicos que iluminava apagou-se logo, e Maurício ficou absolutamente ás escuras. Tinha, sem o saber, puxado pelo cordão que dava movimento ao apagador! Resignado a sofrer a frescura da brisa, tantas

vezes rimada com camisa pelos poetas do seu tempo, começou a procurar o leito ás apalpadelas, e já ia entrar muito satisfeito no vale de lençóis, sem lhe lembrarem os lírios do vale, quando por acaso uma das mãos deu numa mola, que logo cedeu. Imediatamente se ouviu o rodar de um maquinismo, e o leito metendo-se pela parede dentro desapareceu.

Maurício ficou ainda por alguns instantes na posição do gladiador vitorioso, com uma perna e um braço estendidos para diante! Como a posição não era comoda para dormir, tomou outra em que parecia um recruta de Mafra ouvindo a voz de sentido, com as palmas dos pés nos frescos ladrilhos, as correias sobre a camisa, e ao ombro a arma ante-diluviana. Maurício estava muito disposto a mandar de presente ao demo todas as invenções mecânicas, e começou a ver se encontrava mola que lhe pudesse trazer outra vez a cama ao lugar em que estava. A escuridão não lhe deixava distinguir os objetos. Apalpava as paredes sem achar coisa alguma, até que a final encontrou uma maçaneta de metal a que deu volta, e logo um jorro de água frigidíssima lhe bateu na cara: recuou, como era natural, e foi dar com o corpo na parede fronteira. O sobrado deu de si, e ao ouvir o ruido de algumas corrediças, conheceu que ia descendo, como se estivesse representando nalguma magia. Mal teve tempo de dar um grito de admiração, pois que a luz tinha substituído as trevas, e achava-se no toucador da esposa do doutor, tendo entrado perpendicularmente pelo teto, em lugar de entrar horizontalmente pela porta.

Os olhos de Maurício fitaram-se primeiramente numa fôrma elegante e meio-nua, perante a qual se inclinou respeitoso, balbuciando algumas desculpas. Um grito dado em outro ponto da casa o obrigou a voltar-se, e viu a verdadeira proprietária do toucador num traje resumido, que não passava da camisa.

A Sra. Universal deu um segundo grito tomando a posição da Vénus pudica, que não carecemos de explicar ao leitor, porque a pode ver à Boavista em gesso a mais de uma janela. Maurício desviou a vista da esposa do académico tão discretamente quanto pôde. A perspetiva osteológica presente aos seus olhos despertou no jovem o mais casto espanto de que há memória, e julgando estender modestamente, quanto podia, o seu traje indispensável, que substituía todo o facto que tinha despido, ia começar um discurso justificativo. Qualquer leve circunstância influí na eloquência dos oradores: como era a primeira vez que Maurício falava ao seu auditório com as costas voltadas para os ouvintes, esta desusada circunstância tolheu de súbito a liberdade habitual da sua imaginação. Inutilmente procurou no caso em que estava matéria de um exordio por insinuação, a sua inteligência apenas lhe oferecia neste sentido reminiscências clássicas do discurso de Telémaco a Calipso.

— «Ó vós quem quer que sejais, mortal ou deusa, apesar de que ao ver-vos todos vos considerarão como uma divindade...»

A bulha de uma porta fechada à pressa o interrompeu, e viu quando se voltou

que a deusa tinha desaparecido. Maurício temendo algum novo transtorno proveniente dos mecanismos, e vendo um leito de repouso no fundo do gabinete em que estava, resolveu ir aí descansar das suas fadigas.

O sofá-leito, ou como melhor lhe pretendam chamar, ficava cercado por espelhos movediços, que permitiam o estudo de todos os gestos e atitudes. Em consequência da combinação das diferentes inclinações era possível à pessoa que repousava ver-se de costas, de frente, em posição a que os pintores chamam de três quartos, "e de perfil. Quem se sentava naquele sofá tinha em volta de si, como Deus quando criou o género humano, uma sociedade formada à sua imagem, o que nem sempre seria agradável companhia. Ao pé deste móvel ficava um armário, desmentido solene destes versos de Gonzaga:

Só no céu achar-se podem

Tais belezas como aquelas

Que Marília tem nos olhos,

E que tem nas faces belas.

Era bem notável para Maurício a diferença entre o ano 3000 e os séculos-das

Marilias e das Dirceus, em que a humanidade só podia amar em verso, vestida pastorilmente, encostada a um cajado, com as ovelhinhas a saltar pelas campinas, que estavam sempre cobertas de boninas.

Para se esquecer das reminiscências pastoris foi examinar o armário dos encantos.

Nas divisões mais visíveis estavam alguns dísticos, de que daremos uma pequena amostra:

ÓLEO DE HIPOPÓTAMO

PARA FAZER NASCER OS DENTES

ESSÊNCIA DE VESPA

PARA ADELGAÇAR A CINTURA

POMADA DE CISNE

PARA BRANQUEAR A PELE

TUTANO DE ROLA

PARA ENTERNECER O OLHAR

ELIXIR DE VÉNUS

Outras divisões do armário continham dentaduras artificiais, que, além da mastigação mecânica, davam horas e meias horas; brincos para as orelhas, que tocavam diversos hinos nacionais; olhos de vidro que serviam de óculos de teatro etc.; escovas, frasquinhos e sabonetes não tinham conto.

Maurício tendo rapidamente examinado todo este arsenal de sedução feminina, pousou a vista na forma que a princípio havia tomado pela mulher do doutor. Não podia acabar de admirar a perfeição daquela aparência que traduzia os ângulos reentrantes em ângulos salientes e os planos retilíneos em esferas harmoniosas: como Pigmalião, o fabricante de espartilhos havia animado a sua obra, perante a qual se poderia repetir com Sousa Caldas:

Eis do génio o prodígio soberano

Nem poderá jamais o espírito humano,

Depois de rematar esta obra prima,

Conter força sobeja

Que poderosa seja

Para novos inventos sem que o oprima

Tão grande esforço de arte

E esmorecido desfaleça e caia

O caoutchouc palpitava, e o ponto de meia parecia respirar.

Maurício por mais que tirava a vista da fôrma, e fechava os olhos, não conseguia enxotar da lembrança, entre outros que lhe ficam vizinhos, estes quatro versos do poeta, que para ser conhecido não carece de ser citado:

De uma os cabelos de ouro o vento leva

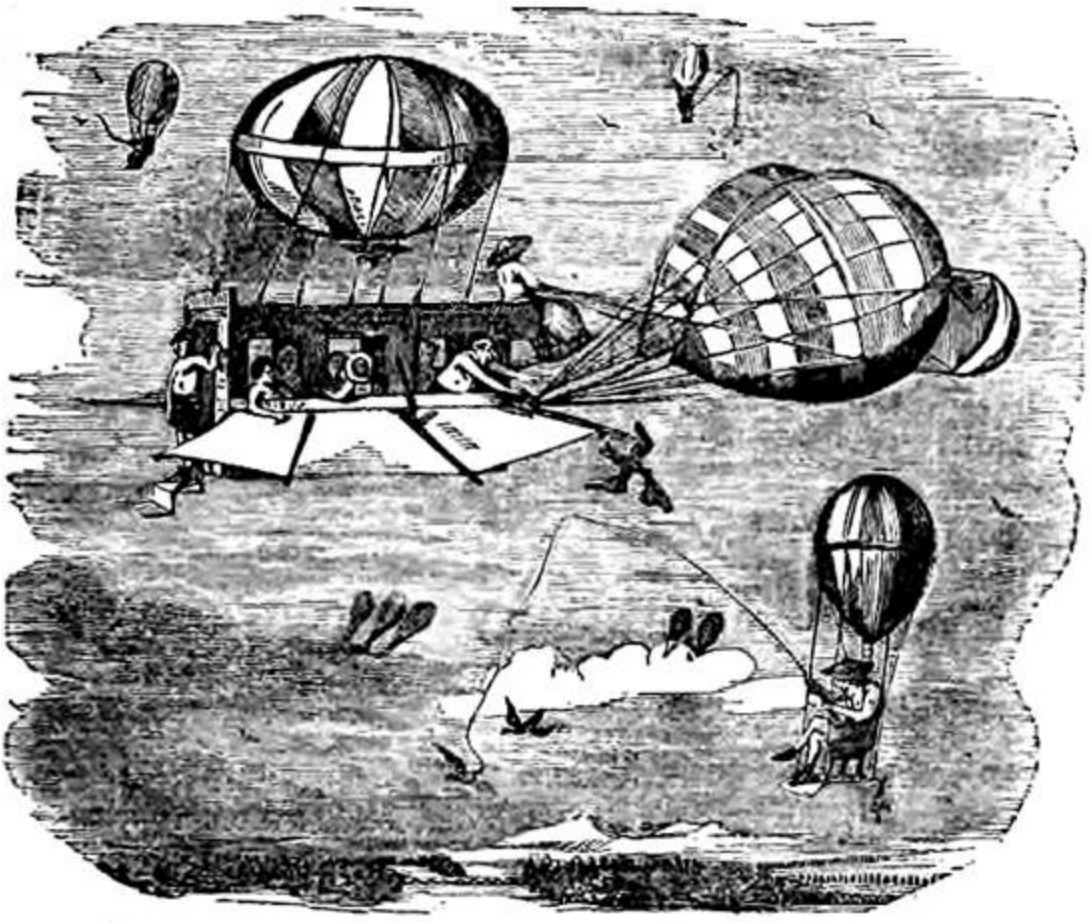
Correndo, e da outra as fraldas delicadas:

Acende-se o desejo que se ceva

Nas alvas carnes súbito mostradas.

Maurício adormeceu, e para o não acordarmos, acabemos o prólogo.

A PRIMEIRA DIGRESSÃO



CAPÍTULO I

No dia seguinte o Dr. Universal entrou no toucador da esposa, onde ficara Maurício quando ele acabara de acordar. O doutor já sabia das aventuras noturnas do seu hóspede, e ria ás gargalhadas. Levou-o ao quarto de Marta, que começava a ficar preocupada com a sua demora, e por esta ocasião novamente lhe explicou o mecanismo do quarto. Estava no melhor das explicações quando o som das campainhas retiniu em todo o aposento.

— É minha mulher! disse ele, com certo respeito eivado de algum susto: para outra ocasião acabarei o que estava dizendo. Deseja ver-vos, não a façamos esperar.

Saíram apressando o passo, atravessaram diferentes casas, até que o doutor os fez entrar numa grande sala que ainda não tinham visto. Era uma verdadeira galeria, ornada com muitas e variadas curiosidades. Um quadro imenso reunia todos os diplomas académicos do doutor, que formavam uma espécie de auréola em volta do seu retrato.

Este retrato girava no comércio, bem como o de todos os homens mais notáveis do ano 3000, e andava reproduzido por vinte maneiras. Era como uma

careta nos amoldurados dos estuques, sustentando à semelhança de cariátides, parte das cimalhas; e aparecendo em relevo nos braços entalhados das cadeiras. A necessidade de apropriar a imagem a estes diversos usos, tinha unicamente alterado algumas vezes a dignidade académica do modelo. a um lugar representavam-no ornando o pé de um candelabro; noutro ponto inclinado para diante com a boca aberta em forma de bica, mais adiante vergando debaixo de qualquer ferragem a que servia de sustentáculo. Mas fosse qual fosse o destino ou atitude do doutor, sempre o conheciam como se reconhece a fisionomia dos filósofos da antiguidade reproduzida em açucar ou em mármore.

A esposa do académico esperava com impaciência os dois hóspedes; e Maurício apesar de a ter visto na véspera, não a pôde reconhecer, porque a realidade e a aparência não formavam senão um único ser. A mulher tinha entrado tão perfeitamente no espartilho fôrma, que havia desaparecido. Só o espartilho ficara visível, só ele vivia. A esposa do sábio era apenas o órgão motor.

Maurício saudou-a respeitosamente, admirando consigo o merecimento do fabricante do espartilho.

Marta como não estava iniciada no segredo, acreditava no que via e admirava.

A esposa do Dr. Universal não tinha desprezado nenhuma das circunstâncias que puderam realçar a obra do mais hábil fabricante da Cidade Sem Igual. O

vestido cor de amaranto chegava até ao joelho, e a calça de gaze branca deixava ver o rosado da perna, torneada como se fora de uma estátua. O rosto magro e comprido contrastava muito com a perfeição de todas as formas; mas a pele era tão alva, os lábios tão frescos e rosados, os cabelos tão negros e ondeados, que a magreza esquecia.

A riqueza dos ornatos que a vestiam também desvairava a atenção. A esposa do académico trazia na cabeça a imitação, em pequenas dimensões, de uma máquina de fabricar os pés dos botões, inventada pelo seu pai, e nos dois braços os modelos de uma roda de um espeto mecânico, inventado pelo seu tio, e um arco de caldeira aperfeiçoado pelo seu irmão mais velho. Maurício soube depois que todos estes enfeites eram outros tantos brasões falantes, que recordavam os títulos de nobreza da família. Trazia pendente ao pescoço uma rica medalha contendo a designação da soma que tinha como dote; e dizia assim em letras de ouro:

OITENTA MIL EUROS DE DOTE

SEPARAÇÃO DE BENS

Maurício compreendeu logo a deferência e atenções do académico para a mulher-espartilho.

A apresentação a Milady Enjoada foi feita em devida forma. Ela atestando a luneta para os dois ressuscitados dirigiu-lhes umas vinte perguntas sem esperar pelas respostas, e declarou que desejava almoçar imediatamente para depois ir com eles dar um passeio ao parque das chaminés.

Assim que se levantaram da mesa, o doutor conduziu os hóspedes e a sua esposa ao terraço do palácio, onde os esperava um caleche aerostático, no qual subiram, porque na Cidade Sem Igual os principais meios de comunicação, para maior comodidade, tinham sido estabelecidos através do espaço, outrora abandonado ao vento e ás andorinhas. As ruas tinham sido exclusivamente reservadas para as pessoas que andavam a pé. E no ar viam-se em todas as direções carruagens-volantes, ónibus, balões e tiburys-alados. O éter conquistado pelo homem era um novo campo em que dominava a sua atividade. Em certos pontos da atmosfera trabalhadores aeronautas despedaçavam as nuvens para extraírem delas a chuva e a eletricidade; noutros pontos os trapeiros aéreos andavam à respiga de algumas coisas que se tivessem perdido no espaço: mais perto da terra pairavam os pobres químicos volantes recolhendo os gazes vagabundos, ao passo que ao seu lado o honrado burguês, ao abrigo de uma ou de duas nuvens, via se lhe era possível pescar à linha as aves que passavam.

O caleche em que iam os nossos viajantes, depois de ter atravessado várias camadas de ar, abaixou o vôo na direção a uma espécie de rua formada pelas chaminés dos mais elevados edifícios da cidade. Era aquele o Chiado dos elegantes da capital dos Interesses-Unidos.

O académico mostrou sucessivamente aos seus dois hóspedes as celebridades contemporâneas; literatos em coeiros, outros improvisando madrigais, e dando suspiros apaixonados, com as rugas da velhice na cara, e os cabelos brancos mascarados em preto ou louro; homens de estado que estudavam atentamente gramatica recostados nos caleches; deputados procurando um emprego nos projetos que os ministros deixavam arteiramente sair das algibeiras, como os peraltas da antiguidade deixavam a ponta do lenço enamorante exposta aos caprichos do vento: autores dramáticos procurando público para adormecerem com as suas composições; e janotas de luneta no olho ou a cavalo no nariz a procurarem nos balões da moda o gaz de uma paixão, ou o preço mais ou menos alto de um casamento de conveniência. Os mais elegantes faziam trotar à Marialva os seus aeróstatos puro vapor. O verdadeiro homem de letras, e o raro deputado independente passavam, sem ninguém os saudar, pela multidão maldizente e avida de escândalos e de prazeres. O que mais surpreendeu Maurício foi a variedade das fisionomias desta sociedade a que chamavam escolhida. A mistura de todos os tipos era a consequência natural do progresso da civilização, e abrangia o sangue de todas as raças; mas à semelhança de um

terreno abandonado em que as plantas mais agrestes invadem a parte em que vegetam as mais mimosas, assim neste caso as raças mais deserdadas da perfeição prevaleciam nas gerações sucessivas, sendo portanto a fraternidade universal causa da fealdade universal.

Uma única exceção viu Maurício. Era uma mulher que ia quase deitada num carro aéreo incrustado de madrepérola. Vendo-a deslisar tão ligeira pelo ar dir-se-ia que era aquela divindade de que fala Homero, que os pombos levam pelo espaço, e da qual um simples sorriso cativa os instintos da paixão.

A beldade vestia um vestido de cassa raiada de ouro, e deixava ver fora do carro um dos pés breves e arqueados, que parecia banhado no azul do éter. Uma manta de gaze flutuava-lhe nas costas, como se fora uma nuvem: os cabelos louros sustidos em anéis por um círculo de prata, saltavam meio-desatados sobre as polidas espaduas. Os jovens mais em voga na capital cercavam o carro como as abelhas um cortiço. Maurício indicando-a ao académico perguntou-lhe como se chamava.

— O seu nome, interrompeu despeitada a esposa do doutor, toda a gente o sabe, é Milady Fácil... que tem o marido sempre despachado em continuadas embaixadas... Vede aquele que a segue — é o presidente da câmara dos deputados.

— É verdade, parece-me que é ele, respondeu o académico.

A esposa arrepiou a fisionomia com um gesto de indignação.

— Que vergonha! exclamou ela; um homem serio e respeitável com semelhante fraqueza...

— Dizeis bem... uma fraqueza, observou o doutor, que não se mostrava muito forte contra a tentação.

— Ousar aparecer com ela em público, continuou a académica, para exibir mais uma vez a sua beleza que já está tão vulgarizada...

O doutor projetou uma olhadela a furto para o carro de madrepérola, como quem desejava conhecer melhor a tal beleza muito conhecida.

Não temer a indignação e o desprezo público! disse acabando o seu discurso, sufocada em ira, a mulher do espartilho.

Neste momento Milady Fácil passara perto da carruagem em que iam os nossos viajantes. O ar agitado pelo voar do carro da formosura, trouxe ao alcance do olfato do doutor o perfume do cabelo, e o belo pé nu quase que tocou o ombro do sábio.

— É um escândalo! bradou a esposa do frágil académico.

— Um verdadeiro escândalo! disse maquinalmente o doutor, que ainda tremia como varas verdes, e seguia com os olhos esgazeados, e uma pitada suspensa

entre o nariz e a barba, a visão que acabara de passar.

O caleche mudou de direção. A mulher do doutor lembrando-se do filho que tinha a criar disse que o queria ir ver.

Marta sustentou a ideia, porque o instinto de mãe havia precedido nela a maternidade. Já que esta palavra nos caiu da pena, convirá pararmos um pouco considerando a sua significação, antes que os progressos da matéria triunfantes no 3000 nos façam esquecer a infância e os encantos que ainda a estão cercando. Contemplai a criança já fora do berço, brincando nos jardins ou saltando nos campos: vede-a depois no colégio ou na aula da aldeia desguarnecida das graças dos primeiros anos, sem ainda possuir as galas da primavera florida da existência: logo em seguida a vereis já mulher parando melancólica nas margens da vida como diante de um mar sem limites!

Se és mulher que estás lendo esta página, pensa nos segredos contidos no sonhar acordado da juventude, nos vestígios das lágrimas que te revela um beijo, na troca de emoções queridas entre a mãe e a filha.

Que importa que a nossa vida decline, se renasce nos nossos filhos?

Os herdeiros do nosso sangue e da nossa alma devem também herdar a felicidade.

Deixai o sol a quem vem tomar o seu lugar na vida.

Mulher e mãe, a filha do teu sangue e dos teus cuidados será feliz sem ti, e feliz para outrem! Na sucessão dos seres a ingratidão é uma divida hereditária: nossos pais são vingados pelos nossos filhos! Aceita portanto, mãe carinhosa, o novo lugar que te oferecem: fostes rainha do destino da tua filha, serás depois a sua escrava. Segue-a com a vista do pensamento, sem que te vejam; continua a dar sem compensação os extremos do teu afeto; persiste em ser mãe daquela que já não é tua filha. Serás ainda feliz se ela também o poder ser, pois que a felicidade das pessoas que presamos ô como o incenso que se eleva ao pé do altar; não se queima por nós, mas gozamos do perfume.

Tempo virá em que as alegrias da maternidade renascerão por ti nos filhos da tua filha.

Abre os braços, aproxima as cabeças louras dos teus netos dos cabelos brancos que te coroam de respeito, e ouvirás outra vez a voz da criança chegar até ao coração da mulher; sentirás ainda nas faces rugosas as mãos da infância que te pede beijos; verás os seus olhos vagos e meigos onde a vida se lé como num livro. Tem ânimo; a tua missão não está acabada: bem vês que essas crianças exigem também o teu amor e os teus cuidados: dessas não sofrerás o abandono, porque já não viverás quando os netos forem homens e as netas forem mulheres.

O que seria a raça humana sem esta generosa paixão pelas crianças?

O amor é passageiro, e a amizade cansa. Ao passo que o homem caminha, levando sobre si o peso da vida, o coração se altera e corrompe como as águas expostas ao ardor do sol dos climas ardentes. Dos homens só resiste a decomposição; o seu afeto para as crianças, e esse sentimento conserva ainda corrente a fonte quase exausta da dedicação.

Na época da existência em que o cálculo dirige todos os sentimentos esse fica desinteressado.

As crianças não asseguram portanto unicamente a perpetuidade da raça humana, elas são também os conservadores dos seus instintos mais nobres e respeitáveis.

CAPÍTULO II

Voltemos ao 3000 no qual as considerações que ficam esboçadas passavam pela mente de Marta, ao passo que o veículo aéreo descia para o ponto a que se dirigiam.

O doutor deu o sinal da chegada. Ao apear viram diante de si um edifício, cujo aspeto participava ao mesmo tempo de quartel, colégio e hospital.

O académico indicou-lhes que estavam em frente da CASA DA MAMA.

— E todas as amas residem aqui? perguntou Marta.

O doutor sorriu.

— Amas! repetiu o académico; isso era um costume dos séculos bárbaros.

— Pelo que vejo os filhos são criados pelas mães, observou Marta.

— Ora essa! resmungou o sábio, era pior a emenda que o soneto! À civilização fez-nos compreender a loucura de semelhante perda de tempo e de cuidados. Neste ponto, como em muitos outros, substituímos a máquina à humanidade. No vosso século havia apenas uma universidade com professores;

nós engrandecemos e nobilitámos a instituição, não só multiplicando os capelos, mas criando uma universidade de amas. O renascido entra para o colégio no dia da sua entrada no mundo, e volta dezoito anos depois, completamente educado, e até bacharel em letras. Seria impossível simplificar mais os chamados laços do sangue. A criança é tão livre como se fora um enjeitado, e a família vive sossegada como se não tivesse filhos.

A amizade dos membros de qualquer família é a que basta para se não detestarem, e para uns morrerem sem os outros chorarem. As gerações sucedem-se na mesma casa, como os viajantes numa hospedaria. Desta forma resolvemos o importante problema da perpetuação da espécie, evitando a reunião apaixonada dos indivíduos.

Na frente do edifício estava gravado em letras colossais este dístico:

UNIVERSIDADE DAS VOCAÇÕES UNIDAS

Instituição para as crianças não desmamadas

MAMA A VAPOR

Uma máquina esculpida no frontão estava cercada de crianças para as quais

estendia os braços de aço e os peitos de cortiça envernizada. Por cima da máquina tinham posto o santo preceito de outras eras em letras de bronze:

Sinite párvulos, et nolite eos probibere ad me venire

Deixai os meninos, e não embaraceis que eles venham a mim

O académico quando se apresentou ao porteiro disse o número de ordem com que o seu filho estava inscrito no estabelecimento.

O porteiro folheou o volumoso catálogo dos rapazes, e disse imediatamente:

— Sala Rousseau — quarta divisão — prateleira D.

O doutor deu o braço a sua mulher, e assim caminharam por compridos corredores. De espaço a espaço alguns guardas vestidos com a libré da casa, avental de baetilha amarela ou vermelha, e barrete com a forma de uma mamadeira indicavam aos visitantes a direção que deviam tomar. Marta e Maurício observaram tudo cuidadosamente. Ao findar os corredores entraram numa espaçosa galeria, onde estavam colocados muitos teares tecendo coeiros de variadas cores: na casa imediata máquinas especiais fabricavam caixõezinhos, já com palmito e capela. Depois de passarem por esta casa atravessaram um

pátio cheio de cestos com rodas, nos quais as crianças aprendiam a andar, e chegaram a uma vasta oficina iluminada pela chama de grandes fornos.

— Estamos nas cozinhas do estabelecimento, disse o doutor; é aqui que se fabrica a bebida que alimenta as crianças. Por muitos séculos se julgou erradamente, que o alimento mais conveniente para os recém nascidos era o leite da sua mãe, mas a química demonstrou que tal alimento não era sadio e nutria pouco. A nossa academia das ciências nomeou por consequência uma comissão subsidiada para estudar a questão. Ao cabo de alguns meses de investigações apresentaram uma receita muito mais racional do que o leite natural, que declararam fóssil. O novo elemento nutriente é composto de quinze partes de gelatina, vinte e cinco partes de glúten, vinte partes de açucar, compondo o lodo um misto, conhecido com o nome de supra-lato-gune, ou leite de mulher aperfeiçoado pela academia das ciências. Uma experiencia sem réplica prova a superioridade do novo invento: todos os recém nascidos que o não bebem, e são muitos, caim numa espécie de torpor, e morrem infalivelmente ao cabo de oito dias. Julgareis vendo a perfeição dos processos usados para distribuir o supra-lato-gune.

O académico abriu uma porta, e os visitantes acharam-se na casa da mama. Era uma imensa galeria guarnecida dos dois lados com prateleiras, nas quais as crianças estavam assentadas em linha, umas ao lado das outras. Cada uma delas

tinha diante de si o seu número de ordem, e a mamadeira privilegiada que substituía a mãe ou a ama. Uma bomba movida a vapor e colocada no fundo da sala, fazia subir o supra lato-gune à canalização que o distribuía pelas mamadeiras.

Casa da Mama

A mama começava e acabava a hora fixa, o que dava ás crianças logo desde a infância o habito da regularidade.

Todas deviam ter o mesmo apetite e a mesma força digestiva, ou corriam o risco de jejuarem ou morrerem de indigestão.

Á entrada desta sala se podia inscrever como nas portas dos republicanos de 1793: — *A igualdade ou a morte*!

O doutor fez admirar aos seus companheiros todos os pormenores deste estabelecimento modelo, ao qual se devia, segundo uma das suas mais gabadas expressões, a destruição das superstições maternais. O doutor provou que o emprego da máquina tinha realizado uma economia de 15 réis por dia sobre cada criança, ou 5 475 réis por ano, o que dava para os dez milhões de crianças que mamavam, no orçamento da instituição uma economia anual de 54.750:000000 réis! Maurício ouvindo estes cálculos mentais, não pôde deixar de se recordar dos relatórios das comissões de fazenda das câmaras do seu tempo, compostas de aspirantes a ministros, que por terem manejado as quatro operações em discursos gaguejados, e mais ou menos ensossos, eram chamados à pressa para salvar a situação, largando ás vezes um bife para pegarem na pasta, que aceitavam resignados para salvar a pátria e os amigos.

No entanto o doutor explicava como o estabelecimento estava dividido em nove salas correspondentes ás nove classes da sociedade. A bebida alimentícia, os cuidados, o ar e o sol, eram distribuídos por essas salas, conforme o princípio da justiça romana: *Habita ratione personarum et dignitatum*.

Aos filhos dos ricos cabiam nove partes, e aos filhos dos mendigos a nona de uma dessas nove partes, o que servia para ensinar a uns e a outros as desigualdades sociais. Uns costumavam-se desde a infância a exigir tudo quanto desejavam, e os outros a não esperar coisa alguma. O que significava uma maravilhosa combinação que assegurava para sempre o equilíbrio da república. Durante as explicações, a esposa do doutor procurava o número que tinha na mão, isto é, seu filho, de quem tinha gabado muito a Marta a graça infantil. Finalmente achou-o no respetivo cacifo: mas a supra-lato-gune estava produzindo o efeito ordinário, e o herdeiro dos Universais torcia-se todo, como se fora uma cobra partida em quatro.

O médico de dia compareceu logo, e declarou que as contorções do n.º 763 provinham de dores agudas do colon, donde tinham tomado o nome vulgar de cólicas: mas o académico, pai da criança, protestou contra tal etimologia, e observou muito sabiamente que a cólica tinha o mesmo radical que cólera, e portanto só podia vir do grego bílis. Desta dissidência resultou uma larga discussão esmaltada de citações siríacas e chinesas, durante a qual o número dorido continuou a padecer a doença de que estavam discutindo o nome. O médico e o Dr. Universal, não podendo ficar de acordo, despediram-se um do outro na resolução de cada um deles escrever uma memória sobre a questão.

A esposa do académico, escandalizada com as caretas do seu herdeiro, tinha

ido com os hóspedes para as outras casas, a fim de admirar a opulência do edifício. A industria havia esgotado os recursos do luxo e da previdência em tudo que dizia respeito aos recém-nascidos, aos quais unicamente faltavam mães ou amas, e nada mais. No fim das salas que acabavam de percorrer ficava o estabelecimento de desmamar, onde as crianças entravam aos quinze meses, e eram desde logo submetidas a uma combinação de exercícios destinada ao aperfeiçoamento dos órgãos. Havia um aparelho para os ensinar a ver, um para os ensinar a ouvir, e outro para os habituar a sentir e a respirar.

— No vosso século, disse o doutor a Maurício, a criança era entregue a si mesmo, servia-se dos pulmões sem saber como; crescia sem aprendizagem; exercitava-se a viver vivendo — método bárbaro que só pode ser justificado pela ignorância dos vossos tempos. Os sérios estudos que temos feito da antiga literatura, e dos primeiros poetas da vossa era, conservam os vestígios dos resultados selváticos daquela educação. Os filhos de um povo guerreiro e descobridor de novos mundos passavam a infância à pedrada, como cantou o seu Camões, sem ser o da Beira, em nada inferior, ao célebre António Duarte Ferrão, oficial de estudante da universidade de Coimbra, e autor dos Lusíadas e do Pretinho do Japão. Lembram-me perfeitamente os versos do tal poeta, são primorosos:

Bela Cotoviee quondam infestantia campos,

Jusque datum cleri canto, populumque miudum

In sua roliço assanhatum viscera seixo,

Imberbe que acics, modo decertantia murrô

Castra: modo adversa piolhorum torre carolos

Rabicho fundse et braci cascantia jatu,

Rachatum unde domum multi trouxere cabeçam;

Lambadas etiam, tombos topidosques boléos,

Quos Bairraltenses, Alfamiadceque rapazi,

Utraque gens praestans moquete, potensque calháo

Pro bairri decore, atque honree despique mamarunt.

O salitrado da declamação obrigando o académico a esganiçar a voz até à altura a que ela não chegava, fez que ao tocar no primeiro ponto final as garras de um pigarro o não deixassem dar nem pio, durante alguns instantes.

A este incidente deveu Maurício o ter ficado em muito menos de meio a prova de erudição antiga, que o profundo doutor desejava sempre apresentar, como sendo o poço da sua ciência.

Bebeu um copo de água, tossiu, tomou a sua pitada, e voltou depois assim à prosa do seu discurso:

— Ao presente melhoramos tudo o que diz respeito à educação da infância. A espécie humana é para nós matéria viva, a que damos forma e destino. A Providencia não vem abelhuda onde não a chamam, e ficou dispensada do governo do mundo, que ela dirigia sem discernimento. Fabricámos o homem, como o algodão, pelos processos aperfeiçoados. Estes estudos são apenas um perante prólogo da existência, e só quando saem da desmama é que as crianças tomam o caminho que devem seguir toda a vida.

— E quem lhes indica esse caminho? perguntou Maurício.

— Os doutores da repartição competente, que estamos vendo nesta casa a que chegamos.

Tinham efetivamente chegado a um terceiro edifício mais pequeno do que os precedentes. Era o museu frenológico, onde viram uma dezena de médicos a reconhecerem as diferentes aptidões.

Os rapazes do estabelecimento traziam-lhes sucessivamente cestos com crianças, às quais os médicos apalpavam o crânio, dando-lhes o nome e o destino, segundo as protuberâncias observadas. Um escrito deitado ao pescoço dos examinados indicava o resultado do exame.

Era nesta casa que as crianças recebiam os seus diplomas de matemáticos, artistas, ou poetas, dependendo depois unicamente deles ser qualquer dessas coisas.

Deste estabelecimento, a que chamavam Repartição da Lotação das Capacidades, o doutor levou os seus hóspedes às escolas, e como juntava a

muitos dos seus outros títulos o de inspetor geral dos estudos, explicou-lhes tudo com perfeito conhecimento de causa.,

A língua do Tibete servia de base à educação da universidade de Sem Igual: e o estudo desta língua era muito interessante pela circunstância especial de não ser falada haveria mil anos. Os discípulos dedicavam-lhe quatro dias todos os cinco. O resto do tempo era empregado no exame dos jeroglíficos das antigas pirâmides do Egito, representados apenas numa gravura apócrifa e a investigar a diferença que existe entre o absoluto completo e o absoluto universal. Estas noções rudimentais serviam para dispor o aluno a entrar na vida pratica, e eram o ponto de partida para ser engenheiro, medico, ou negociante.

O académico desejando que Maurício pudesse apreciar a vastidão de conhecimentos adquiridos pelos alunos do estabelecimento, lhe apresentou o programa do exame porque deviam passar, a fim de saírem doutores em letras.

UNIVERSIDADE DAS VOCAÇÕES UNIDAS

GRANDE COLÉGIO DA CIDADE SEU IGUAL

PROGRAMA PARA O CURSO SUPERIOR DE LETRAS

LÍNGUA DO TIBETE:

1.° Os trinta livros da História da Partanaga verde de Rapu, por Shah-Rah-Shah;

2. ° Os doze livros da História do Elefante negro de Ruf-Tapuf;

3. ° Os seis cantos das Cisternas do Deserto, por Felraadi;

4. ° O tratado sobre a Felicidade dos Vesgos pelo sábio Cocles;

5. ° Os Discursos de Bal-Pul-Childe contra Childe-Pul-Bal.

HISTÓRIA:

1.° Indicar a sucessão dos reis do Gongo e da Patagónia desde Noé;

2.° Explicar a inscrição da grande pirâmide do Egito, que não existe;

3.° Averiguar um dos pontos da literatura portuguesa, como por exemplo, se José Daniel foi autor da História do Futuro, e um certo padre Vieira autor do raríssimo livro intitulado Barco da Carreira dos Tolos;

4.° Calcular o número de ignorantes célebres que se julgaram sábios.

GEOGRAFIA:

1. ° Descrever os diferentes Estados das quatro partes do mundo antes do diluvio, indicando as suas capitães;

2.° Mencionar todos os rios, lagos, mares, regalos e montanhas, com os nomes porque atualmente não são conhecidos;

3.° Indicar com exatidão os limites da célebre cidade da Lourinhã, e do notável principado de Pico dos Regalados;

4.° Saber qual é a população das regiões ainda desconhecidas que se estendem desde o 40.° ao 60.° grau de latitude.

LITERATURA:

O candidato deverá provar que sabe usar os diferentes ingredientes que entram no estilo do folhetim, do noticiário, e do cartaz dos touros. — Deve saber a história de todos os homens grandes no talento e pequenos na estatura, desde os tempos primitivos até ao presente.

FILOSOFIA TRANSCENDENTE:

Demonstrar a identidade do todo com o universal pela relação que existe entre não saber e ensinar. — Investigar em que difere o eu do não eu, e se o eu

eficiente pode ser confundido com o eu corretivo, auxiliando-se do axioma que alhos se não confundem com bugalhos. — Estabelecer a liberdade do casual plástico na dependência do fenomenal concreto, fundado na razão de que o Rossio não cabia na Betesga.

MATEMÁTICA:

Conhecer todos os teoremas sem aplicação, contidos na álgebra, geometria e trigonometria, e resolver prontamente todos os problemas inúteis que se lhe apresentem.

FÍSICA:

Explicar a teoria das grandes leis da natureza cuja descoberta se procura continuadamente.

QUÍMICA:

Explicar pelas fórmulas de um livro de Cozinha, publicado por uma das mais sabias instituições antigas, a Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, todos os ingredientes que compõem cada um dos guisados científicos,

conhecidos pelo nome de corpos.

Maurício ficou admirado da vastidão de conhecimentos do curso superior de letras; mas logo se lembrou que já no seu tempo os programas nem sempre eram verdade, e portanto ficou menos maravilhado do que estava antes de tal lembrança.

O doutor explicou-lhe também os métodos engenhosos que facultavam o ensino de tão transcendentes matérias.

Mostrou-lhe primeiramente a sala destinada ao curso de história, da qual cada parede representava uma raça, cada banco uma sucessão de reis, e cada viga uma teogonia. Ninguém podia pendurar o chapéu em qualquer cabide sem se lembrar de um homem ilustre, nem limpar os pés sem se recordar de uma revolução. Em virtude deste sistema mnemotécnico, tão expeditivo como erudito, a história universal era uma questão de mobília, mais ou menos complicada. O discípulo aprendia sem dar por isso, e unicamente olhando para os objetos que o cercavam.

Depois entraram na aula de geografia onde a terra estava representada em relevo, para que os discípulos pudessem fazer ideia exata do globo que habitavam, bem como da sua formosura e grandeza. As montanhas estavam

representadas por buracos de toupeiras, os rios por tubos de barómetro, e as florestas virgens por agriões. As cidades eram de papelão, e os vulcões de folha de Flandres, tendo dentro lamparinas meio-apagadas para só fumegarem.

Em uma sala próxima estava o sistema planetário de tafetá engomado, posto em movimento por meio de uma máquina de vapor da força de dois burros. havia sido impossível conservar aos vários corpos celestes as suas dimensões proporcionais, respetivas distancias, e os movimentos reais; mas os discípulos advertidos destas insignificantes imperfeições, facilmente compreendiam o que era tal sistema pela representação do que não era.

Um museu geral completava os meios de instrução da interessante faculdade. O museu reunia todas as produções naturais e da indústria humana. O que a criança unicamente aprendia em outros séculos vivendo ou praticando, era por este meio ensinado artificialmente; e tinha a mão a criação inteira posta em cacifos com os respetivos números de ordem. Mostravam-lhe uma amostra do Oceano numa garrafa: o Niágara num fragmento de rochedo: as minas de ouro da América do Sul numa porção de areia amarela. Estudava a agricultura num armário envidraçado, as diferentes industrias num estojo de amostras, e as máquinas em modelos pequeninos guardados em vidros próprios para se apresentar o queijo na mesa.

Tais eram os princípios de instrução adotados na universidade da Cidade Sem

Igual. A educação assentava numa ideia muito mais engenhosa.

O único fim da educação era formar cidadãos que soubessem enriquecer-se; e deram-lhe portanto como única base a dedicação por si mesmo. Cada criança era habituada a fazer diariamente a conta corrente dos lucros e perdas provenientes de cada uma das suas ações. Calculava todas as noites o que lhe tinha rendido o seu procedimento durante o dia: chamavam a esta operação exame de consciência. Havia uma tabela tanto para o ganho como para a perda, em que estava graduado o valor da paciência, da bondade, da probidade etc. A universidade dos Interesses Unidos mostrava muita prudência acerca da educação dos alunos, e só animava as qualidades que um dia pudessem ser proveitosas ao individuo que as possuísse. As virtudes difíceis eram consideradas como vícios.

As crianças ficavam logo habituadas ao luxo e ao conforto: e o colégio era um palácio em que a indústria ostentava as suas maravilhas. Havia picadeiros, bilhares, casas de café e um teatro ao pé da capela. A cada discípulo davam um quarto independente, um tílburi e um groom para o acompanhar nos passeios. O agradável não fazia esquecer o útil, e havia uma praça de comércio onde todos os discípulos se reuniam pela manhã, especulando na fruta da sobremesa, nos coelhos, nas penas metálicas, nos lápis e no papel.

Também se exercitavam na imprensa periódica, redigindo quatro jornais de

opiniões contrárias, nos quais se caluniavam e desacreditavam tão perfeitamente como se fossem já homens feitos e tivessem nascido em Portugal.

Havia ainda outro estabelecimento de instrução pública, frequentado por alunos de qualquer sexo ou idade — era o Ateneu Nacional.

O doutor teve a delicadeza de levar os seus hóspedes a este estabelecimento: quando aí chegaram, o professor de numismática estava dando uma lição sobre a cozinha do século dezanove, e especialmente sobre a diferença que havia entre o emprego nos molhos, do tomate fresco ou reduzido a calda. O professor de economia política estava falando das antiguidades dos canos da rua dos Retroseiros da ex-cidade de Lisboa, e de um célebre espeto com copos de espada, achado nas ruinas de um monumento romano daquela cidade, que os sábios do ano 3000 julgavam ser o que os jornais contemporâneos chamavam Casebres do Loreto. O professor de filosofia restrito rigorosamente ás matérias do seu curso, não fazia senão injuriar os seus adversários.

Ao saírem do Ateneu, o doutor mostrou aos seus companheiros os edifícios das escolas de direito, de medicina, de indústria e de belas-artes. A sua organização pouco se diferençava do que já tinham visto; pararam portanto unicamente perante o edifício destinado aos exames.

A cada faculdade pertencia uma sala disposta de modo que o candidato se examinava sem intervenção de examinadores. Era uma espécie de labirinto

fechado por cem portas pequenas: na padieira de cada uma delas estava escrita uma pergunta do exame, com umas vinte respostas tortas e falsas, misturadas com a resposta verdadeira. Se o candidato punha a mão sobre esta, a porta abria-se por si, e ele passava adiante: se não acertava ficava fechado como um rato apanhado na ratoeira. Este método excluía o erro e a injustiça. O examinador ficava sendo o símbolo da indiferença e da impassibilidade que havia tantos séculos se procurava. Não era como antes um homem com as suas simpatias e antipatias; mas uma máquina imóvel como a verdade. Os professores a respeito de exames tratavam somente em receber a gratificação do trabalho que não faziam, como em outras eras alguns recebiam os vencimentos de lições que não davam.

Quando iam a sair do bairro universitário o doutor mostrou-lhes um outro estabelecimento quase igual ao primeiro que tinham visitado, destinado à instrução do sexo feminino.

A organização era a mesma, pouco mais ou menos do que a outra; mas as disciplinas que se professavam eram essencialmente diferentes. O principal estudo versava sobre o órgão expressivo aplicado ás damas de carater. As discípulas dedicavam-lhes sete horas por dia. O resto do tempo servia para aprender mineralogia, anatomia e escultura. Havia uma lição de ortografia em cada semana, e repetições ou conversas ao seu respeito uma vez por mês.

A moral estava formulada num catecismo que devia servir de norma à vida das donzelas, e que lhes ensinavam a decorar. Havia um capítulo para a moda, outro para bailes e visitas, e também um especial para o casamento.

Recomendamos aos editores de catecismos o seguinte espécimen:

Pergunta. A mulher deve desejar o casamento?

Resposta. Sim, se pode fazer um bom.

Pergunta. O que é uma mulher bem casada?

Resposta. É a que tendo casado com um homem honrado, goza e aproveita a sua posição.

Pergunta. O que entende a menina por homem honrado?

Resposta. Intendo um homem elegível para deputado.

Pergunta. Gomo deve a mulher, minha menina, amar seu marido?

Resposta. Em proporção da mesada que ele lhe dá para os seus alfinetes.

Pergunta. Podeis recitar o vosso ato de esperança matrimonial?

Resposta. O meu Deus, e Senhor meu, confio na vossa infinita bondade para obter um esposo conforme os desejos do meu coração; que seja bastante rico

para me dar carruagem, um bom palácio, camarote efetivo na ópera; e possa ele, oh meu Deus, mostrar tanta coragem no engrandecimento da sua fortuna, quanta será a minha satisfação em gastar.

Maurício não quis ler mais, e perguntou ao académico se não havia mais alguns estabelecimentos de instrução pública do que aqueles que tinham visto.

— Há outros, respondeu o doutor, explorados pela industria particular, sendo o mais célebre o que pertence ao Sr. Infusa, que achou meio de aplicar as estufas à instrução das crianças, e que obtém sábios, como os jardineiros da antiga Europa obtinham ananases. Basta-lhe pôr os seus discípulos sobre uma camada própria que apresse o movimento da ceiva intelectual, e de estar atento para o termómetro que indica o grau de calor para a maturação do cérebro.

O Sr. Infusa tem sempre debaixo das campânulas muitas centenas de alunos, que são grandes homens aos dez anos, e crianças aos vinte. A fábrica de prodígios próspera. É da sua aula que saem esses célebres matemáticos que calculam a circunferência da terra antes de saberem falar, e os poetas prematuros que fazem as suas primeiras elegias antes de terem formada a primeira dentição.

CAPÍTULO III

O doutor já se dispunha para subir ao célebre balão, quando a esposa disse que desejava conduzir Marta aos novos armazéns de modas do Dom Pastor. Esta loja imensa, ou mais propriamente falando, esta serie de armazéns, ocupava uma superfície de duzentos hectares, e tinha doze mil caixeiros. Além da linha de ónibus interiores, havia carros volantes ao pé dos balcões. As fazendas enroladas por meio de grossos cilindros passavam perante os olhos da multidão, como as vistas móveis de ura panorama. Mostradores gigantescos giravam sobre si mesmo carregados de joias e de ornatos: aparadores cobertos de cristais, esculturas de marfim, e muitos outros objetos variados e preciosos, iam e vinham sem cessar rodando em calhas de cobre, e parecendo chamar pelos compradores. Muitos criados com riquíssimas librés andavam cuidadosamente oferecendo refrescos aos fregueses.

— Vê? disse o doutor, o comércio engrandeceu com o tempo, como tudo quanto o cerca. Ao presente é um banco aperfeiçoado. Os lucros que no vosso tempo davam alimento a cem famílias, podem criar agora dez existências de príncipes para as quais tudo é possível. Na vossa era ao acabar a aprendizagem o

homem casava e abria uma loja, tendo como capital o amor, a esposa e a coragem do trabalho. Ao presente, a condição indispensável para exercer o comércio, não é conhecer o ramo especial a que o homem se dedica; mas a única e essencial condição é possuir um milhão.

Em seguida o académico começou a traçar um dos seus confusos e emaranhados quadros estatísticos que o tinham elevado à categoria de especialidade, titulo que recordava os tempos bárbaros da Europa do século dezanove, em que os homens que se crismavam de especiais eram procurados para tudo; e a sua mulher mostrava a Marta a prodigiosa variedade dos vastos armazéns que iam percorrendo.

Maurício e Marta não lhe davam muita atenção, porque tendo reparado no título do estabelecimento — O Bom Pastor — ambos se lembravam que era assim chamada no seu tempo uma loja, pequena e parcamente fornecida, em que uma mulher virtuosa e trabalhadeira chamada Romana sustentava e amparava seu pai, já velho e paralítico, e um pobre idiota que adotara por ter ficado órfão e sem arrimo.

O que valiam moralmente todas essas riquezas dos colossais armazéns da Cidade Sem Igual comparadas à humilde lojinha cuja vista era um ensino pratico da mais bela das virtudes?

Que significação tinham esses milhares de caixeiros, ao pé da pobre mulher,

que, auxiliada unicamente pela sua coragem, tinha sustentado duas existências, e ajudado a salvar duas almas!

Se Deus a tivesse feito nascer mais tarde na sociedade esclarecida do ano 3000, teria trabalhado esperado em vão, porque a boa vontade já não podia substituir a riqueza, segundo um dos aforismos do Dr. Universal.

Antes de os conduzir a casa, o doutor quis dar-lhes ideia da magnificência da capital.

Para este efeito foram a uma praça em que desembocavam todas as ruas à noite era iluminada por duzentos bicos de gaz apurado. O museu, a biblioteca, o teatro nacional e a câmara dos representantes, guarneciam a praça com as grandes fachadas ornadas com anúncios pintados a óleo. As ruas eram todas direitas e do comprimento de muitas léguas, compostas de casas quadrangulares, tão semelhantes que unicamente os números as faziam distinguir. Uma floresta de tubos de chaminé, toda fumegando, coroava esta encantadora perspetiva, que se gozava com um só olhar.

Os vinte e cinco bairros em que se dividia a cidade eram designados pelas vinte e cinco letras do alfabeto, porque o "h", morto outrora pela Leitura Repentina, havia ressuscitado no ano 3000. Cada cidadão devia morar no bairro correspondente à primeira letra da sua profissão. Esta sabia providência adotada em diferentes editais do governador civil, tinha apenas o inconveniente de

residir o vosso sapateiro a duas ou três léguas do vosso alfaiate; mas a cidade ganhava em simetria o que os seus habitantes perdiam em comodidade.

Esta organização tinha sido calorosamente combatida pelo sábio astrólogo o Sr. Telescópio, o qual propunha para a substituir, no interesse da unidade matemática, a demolição da capital para se edificar novamente em dez bairros, correspondentes aos dez algarismos conhecidos, devendo cada um residir na nova cidade, segundo o seu mérito, isto é, conforme a soma de impostos que pagasse. Tão portentoso projeto era geralmente discutido, a ponto de ficarem esquecidas as importantes descobertas lunares, feitas pelo referido astrónomo.

Maurício observou que as casas eram de ferro, e que se podiam desmanchar como se fossem um movei. Se o proprietário a queria mudar, os galegos do ano 3000 levavam a pau e corda o seu domicílio para o novo lugar que este tivesse escolhido-.

Havia casas para habitação de um individuo, muito comodas; consistiam numa mala, ou baú mecânico, de que se podia trazer consigo a chave facilmente à noite a mala aberta formava um quarto para dormir, e mais duas casas pequenas. A cozinha não era precisa, porque estava vantajosamente substituída pelas chamadas fornalhas brejeiras, porque bastava um cigarro, que se podia fumar ao mesmo tempo, para que as tais fornalhas preparassem três pratos de comida também existia outro invento não menos curioso — eram tijolos

autoclaros, aquecendo a sopa e preparando dois bifes com o fogo de um fosforo.

Ao passarem pelo porto da cidade; viram uma ilha toda abundante em jardins e casas elegantes. O doutor explicou-lhes que era a importante povoação flutuante chamada Cosmopolita, que chegava do seu passeio em roda do mundo.

A extensão deste barco fenomenal era de muitas léguas. Cada passageiro tinha casa com jardim, horta e pátio para a criação. No centro ficava a igreja, e numa das extremidades o teatro. Cento e cinquenta máquinas, da força de quatrocentos cavalos cada uma, davam movimento ao Cosmopolita, que fendia as ondas com rapidez nunca vista.

A sua viagem em volta do mundo costumava durar oito dias. Tocava na Nova Guiné, passava o canal aberto no Istmo de Panamá, atravessava o Oceano Atlântico, ia até ao Mediterrâneo, entrava no Mar Vermelho pelo Estreito de Suez, e voltava ao ponto de partida através dos mares da índia.

Perto do Cosmopolita flutuavam muitos outros barcos que tinham a sua destinação explicada em grandes cartazes. Uns eram teatros, que atravessando os mares e navegando pelos rios, levavam ás mais longínquas povoações os benefícios da comedia e o proveitoso ensino da ópera-cómica: outros estavam dispostos em salas de baile, e iam ensinar ás cinco partes do mundo as polcas e

mazurcas: os mais pequenos levavam dioramas, câmara-óticas e até gabinetes de leitura, popularizando deste modo os animais sábios, e as obras literárias do Sr. Gesar Torneira.

Viram também a grande doca onde chegavam continuadamente os produtos de todas as minas conhecidas. Um sistema de cais subterrâneos alimentados pelas águas das minas as ligavam umas ás outras. Era um espetáculo surpreendedor ver chegar à capital por debaixo de mil abobadas subterrâneas os barcos carregados com os diferentes minerais arrancados à terra, e trazidos por homens de todas as raças, vestidos com diferentes e variadíssimos trajos. A facilidade e frequência das comunicações havia misturado os povos, sem que nenhuma associação fraternal os confundisse numa só; cada povo tinha perdido o seu carater, mas não tinha adotado nenhum outro. Estas fisionomias apagadas em tal fusão pareciam moedas gastas pelo uso em que já se não conhece a efigie., mas que diferem pelo metal.

Os filósofos tanto tinham trabalhado para considerar o mundo como uma grande estrada com destino de chegar a um ponto qualquer, que todos os homens tinham perdido a ideia da sua nacionalidade. As diferentes terras ou nações eram apenas pontos de apoio em que a vista repousava alguns instantes, como um chapéu num cabide.

Maurício começava a fazer esta observação ao doutor, quando a esposa deste

começando a sentir-se incomodada, entrou no caleche aéreo onde todos a seguiram, partindo imediatamente para a morada do académico. Apesar da rapidez da viagem aumentou com ela a indisposição de Milady Enjoada. Apenas chegou a casa disse que desejava um medico. A dificuldade das pessoas presentes era saber que médico seria chamado, porque o progresso das luzes tinha levado a divisão do trabalho até aos domínios das ciências. Os médicos tinham dividido o corpo humano entre eles como uma herança conservada indivisa até ao ano 3000. Cada um tinha o seu domínio na parte que lhe cabia, e não passava adiante por nenhuma circunstância. Um tratava do estomago, outro da cabeça, outro do fígado, outro do coração, etc.

Se muitos órgãos do corpo adoeciam ao mesmo tempo, chamavam-se tantos médicos quantos eram esses órgãos: cada um deles tratava à parte o seu pedaço de doença, e o doente ou ia melhorando por fragmentos, ou morria de uma vez.

Como a mulher do doutor sofria principalmente espasmos, julgaram dever chamar o Dr. Pasmado. Quando ele chegou, o seu primeiro cuidado foi explicar que a vida era animada pelo sangue, e o sangue posto em movimento pelo coração; qualquer doença tinha unicamente como causa a falta de equilíbrio nas funções daquele músculo cavernoso e carnudo. Declarou portanto depois de ter examinado a doente, que o incómodo cederia a um xarope antiflogístico de que ele era inventor.

Tinha o Dr. Pasmado partido, e eis que as dores mudam de lugar. O académico mandou logo chamar o Dr. Bexiga, conhecido pelos seus importantes estudos acerca das vísceras. Este examinando a doente, foi de opinião que a sede da doença estava incontestavelmente no fígado, víscera glandulosa destinada a separar a bílis do sangue, o qual sendo o elemento essencial da vida, decidia portanto da saúde ou da doença. Os efeitos do seu receituário não foram mais satisfatórios do que tinham sido os da receita do seu colega, e a indisposição da Sra. Universal aumentou.

O académico mandou chamar o Dr. Nevrítico, especialidade conhecida para as doenças sem causa. Logo que o afamado médico viu a doente exclamou: São nervos... ora os nervos são o órgão da vontade e da sensação; tudo depende deles. Receitou bailes, teatros, e uma infusão de folhas de laranja. Assim que ele partiu, as aflições da doente aumentaram, e o pobre do marido continuou inutilmente a recorrer à ciência dos especialistas. Maurício lembrou-se da armadura estofada que servia de estojo à mulher do académico, e timidamente deu o conselho de a despir. Logo que ele se pôs em pratica, a doente restituída à livre ação dos seus movimentos, achou-se subitamente curada.

O académico mandara chamar no entanto o juiz eleito da sua freguesia para com as testemunhas da lei fazer, não um corpo de delito, mas o que chamaremos auto de doença. Logo que a esposa se restabeleceu, o doutor

munido com tal documento, e acompanhado de Maurício, foi ao escritório da Companhia dos Centenários.

No ano 3000 havia seguros não só de vida, como nos tempos antigos, mas também seguros de saúde; e nas companhias desta especialidade recebia-se uma indemnização por qualquer incómodo de saúde, como se receberia de uma companhia de incêndios o prejuízo causado por qualquer sinistro parcial. Desta forma a doença dos nossos parentes, se estavam no seguro, dava-nos meios honestos de ir vivendo enquanto a sua morte nos não enriquecia.

O interesse contemporizava a aflição, e quem via sofrer os seus parentes podia ter ao menos a consolação, calculando o que lhe poderia render cada um dos seus sofrimentos: a morte dos pais, vista através da soma do seguro, parecia menos horrível, e assim a aritmética aplicava os algarismos benfazejos sobre as feridas do coração. A aritmética quebrara portanto as setas da morte... ao menos para os que sobreviviam. Ao saírem do escritório da companhia, encontraram o Sr. Gaudêncio Enternecido, um dos seguradores da mesma companhia, homem célebre nos anais da filantropia, presidente da Sociedade Humana, e membro de todas as comissões de beneficência inventadas, e por inventar. Estava coberto de laços de fumo, que atestavam o número de feridas sensíveis para o seu coração, que tinha sofrido: vinha acompanhado de um jovem, que, nos sacos de dinheiro que trazia, atestava a quota das consolações pagas pela companhia ao

benemérito filantropo.

Quando o Dr. Universal o encontrou, ele tinha nos lábios um sorriso alegremente modesto, que caracteriza o sábio na prosperidade; mas apenas reparou que era visto pelo académico, mudou de fisionomia, e uma expressão dolorosa se lhe desenhou no rosto.

O doutor aproximando-se do Sr. Gaudêncio, perguntou o que lhe tinha acontecido.

— Bem o vê - disse o filantropo, olhando melancólico para os fumos que trazia, e não lhe escapando dar uma olhadela aos sacos de dinheiro que vinham ás costas do jovem. A Providencia tem descarregado sobre mim golpes repetidos... O meu tio... O meu irmão... O meu primo...

E parou deixando sair do peito um gemido, e contemplando ao mesmo tempo os maços de notas do banco, que tinha na mão.

— Lembro-me perfeitamente de todos três...

O académico recordou-se de que todos três tinham embarcado numa frota de balões que se havia incendiado.

— Dizei quatro! redarguiu o Sr. Enternecido, porque meu sobrinho também os acompanhava. É a sua morte que eu mais lamento. Contava só vinte anos, e os diretores da companhia recusaram pagar-me o seguro da sua preciosa

existência... Querem que eu lhes apresente provas autênticas da morte... Provas da sua morte... aqueles malvados não tem alma. Como se me fosse possível estar abrindo ainda mais a ferida que a sua perda abriu no meu coração; e tanto mais que já fiz quantas diligencias se podem imaginar para obter essas provas. Hei de obrigai-os a cumprir os seus contratos, no interesse da moral pública.

O académico num discurso digno das honras de necrológio do século dezanove, confundido nos anúncios do jornal, exaltou as virtudes dos mortos para dar os pêsames ao seu amigo, e não se esqueceu da sua paixão estatística, calculando a quantos sofrimentos escapavam os defuntos por meio da morte, chegando à conclusão, que neste quadro de tristezas o único para lamentar era o herdeiro sobrevivente.

O Sr. Gaudêncio, agradecendo, disse que esperava minorar os desgostos causados com a morte dos seus mais queridos parentes, com o nobre exercício da beneficência. O género humano seria daí em diante a sua família, e contava dedicar o resto da sua vida à propagação da sociedade Ajuda-te — o céu não te ajudará. Recordou ao académico que em outra ocasião lhe havia prometido subscrever para tão útil fim; e pediu-lhe que não faltasse no dia seguinte à exibição dos pupilos da mesma associação

CAPÍTULO IV

Iam ainda entregues a esta interessante conversa, quando chegaram à porta do passeio público, que estava cheio de gente.

Maurício entrou com os seus dois companheiros. As couves colossais formavam a rua principal: plantações de alface substituíam os bosques de acácias e de dálias dos tempos bárbaros. As flores, inutilmente cultivadas nesse tempo, estavam vantajosamente substituídas pela cultura do tabaco, do arroz e do anil.

O Sr. Gaudêncio chamou a particular atenção de Maurício sobre esta inovação.

— Estais vendo como em virtude dos esforços combinados dos filantropos e dos economistas o mundo mudou por tal forma de aparência, que nem Deus o conheceria. Os ornatos inúteis da terra desapareceram, e legumes aperfeiçoados e gigantescos formam ao presente a base do novo sistema florestal. Os carvalhos ridículos das eras bárbaras estão substituídos pela beterraba monstro: as roseiras não se cultivam, e temos no seu lugar alcaçuz e rabanetes. A vegetação está por tanto sujeita ás necessidades do homem, que reduziu a criação ás proporções do

seu estomago.

Maurício reparou em certas mulheres que se dirigiam para uma rua de alcachofas gigantescas, no princípio da qual se lia esta inscrição:

RUA DO CASAMENTO

Cada uma das passeantes andava elegantemente envolvida numa manta em que se lia a morada e a soma do dote.

A rua ia ter a um largo ajardinado, com muros em roda, sendo para este sítio que mais afluía a multidão. Era aqui a grande agência matrimonial da cidade Sem-Igual. Havia sempre neste lugar sortimento completo de corações com os esclarecimentos que se pudessem exigir: anos de idade, carater, fortuna e cor do cabelo das noivas. As paredes estavam forradas de cartazes que serviam de outros tantos anúncios do estabelecimento, na máxima parte ornados com gravuras explicativas. Um deles representava uma imensa carteira recheada de notas do banco, que indicavam chegar à soma de três milhões: na parle inferior estava escrito

UM HOMEM PARA CASAR

Em outro cartaz aparecia uma senhora vista pelas costas, seguida deste anúncio:

UMA VIÚVA

Que já fez a felicidade de cinco maridos

DESEJA FAZER AINDA A FELICIDADE DO SEXTO

Dou-lho em dote um corpo bem feito e um coração terno

O NEGÓCIO PODE SER TRATADO POR CORRESPONDÊNCIA

FRANCA DE PORTE

Ao pé deste ficava outro assim composto: No cimo quatro mulheres vistas de perfil, reunidas pelo cordão de uma bolça, tendo junto a si esta inscrição:

UM PAI DE FAMÍLIA

Tendo ao seu cargo muitas filhas

Desejo por motivo de mudança e subida da renda das casas ficar com menos algumas

UMA É TRIGUEIRA, OUTRA TEM CABELOS LOUROS, TEM UMA RUIVA, E AINDA EXISTE NO COLÉGIO UMA MESTIÇA

CADA UMA DELAS RECEBERÁ QUANDO SE CASAR

A soma de 9 035 réis

Muita atenção! — Unicamente serão recebidas as propostas dos concorrentes que provarem ter feito um depósito no banco, em dinheiro ou títulos de divida fundada, juntando documento de que foram vacinados três vezes.

Em quanto Maurício lia estes curiosos anúncios chegou um parente do Sr. Gaudêncio, que acabava de ajustar o casamento do seu filho com a filha de um rico advogado da capital. Os dois noivos estavam conversando num dos quiosques mais retirados, ao passo que as respetivas famílias fechavam a discussão sobre os preparativos e a época do casamento.

Maurício, sem o pensar, e distraído pelo sonho de acordado em que andava, achou-se ao pé dos dois noivos, que, sem o verem, continuaram o que no ano

3000 se chamava amoroso dialogo.

O jovem estava dizendo à sua noiva:

— Eras o desejo da minha adolescência, e da minha juventude, ou, para falar mais exatamente, as minhas esperanças estavam todas resumidas em ti.

— Muito amor te devo, porque podias ter escolhido outra entre a sociedade da nossa capital.

— Como poderia encontrar outra mulher com mais mérito do que tu?... Mil contos de dote... apesar de serem em moeda fraca, e ganha com moeda falsa; tudo cambialmente reduzido a sonante num dos mais acreditados bancos!

— E ainda outras esperanças!

— Bem sei, tens um tio gotoso... que foi negreiro... e é comendador... talvez por se ter batido valentemente com os cruzadores.

— E também tenho uma prima hidrópica! disse a menina batendo as palmas.

— Sem filhos?

— Nem herdeiros colaterais. A fortuna desta minha parenta é honesta, e está liquidado que proveio da colonização, a que alguns parvos costumavam chamar escravatura branca.

— E o mais velho dos teus tios... o contrabandista?...

— Negociante! se faz favor... e visconde: esse já vai na quinta apoplexia; não falei dele, porque é como se estivesse morto, e a herança junta ao dote.

— E brevemente herdaremos de todos três?

— Sem duvida, pois que já estão condenados pelos médicos.

— És um anjo! exclamou o noivo, tomando a mão da herdeira em perspetiva, e beijando-a com entusiasmo.

O cantar dos rouxinóis, o perfume das flores, os reflexos do sol dourando as árvores, eram a moldura do quadro em que estavam os dois amantes, que, ébrios de amor e de contentamento, começaram a cantar com acompanhamento de risadas uma antigualha, que por aquele tempo reinava com império absoluto e exclusivo da moda em todas as salas da Cidade Sem Igual, a polka das peças de ouro.

Maurício indignado com os progressos da civilização aplicados à felicidade conjugal, tratou em ir ter com os seus dois companheiros de passeio. Já estavam na última rua chamada da couve-flor quando o doutor parou de repente para lhes mostrar um par que vinha na direção oposta, e se compunha de uma linda rapariga, e de um homem baixo e tão feio, que a vista fugia involuntariamente daquele horror. O desengraçado e disforme do todo desaparecia, por assim dizer, perante uma dessas monstruosidades citadas nos anais das ciências como

exemplos raríssimos. Um chavelho de touro lhe nascia de cima da testa, na raiz do cabelo, dando à fisionomia um carater grutesco e terrível ao mesmo tempo.

O primeiro sentimento de Maurício foi horror, e o imediato compaixão.

— Não o lamenteis, disse o doutor, que tinha cumprimentado o monstro. Deve ao chavelho o sossego, a fortuna, a glória, finalmente até aquela formosa

mulher a que pode chamar sua.

— Maurício não podia compreender o que estava ouvindo.

— O rei Extra foi por muito tempo semelhante aos outros homens, replicou o académico, e não se lembra desse tempo senão com horror. Posso dar-vos a ler a sua biografia, que ele publicou na edição das obras completas.

— E eu ainda muito mais facilmente vos presto esse serviço, porque as tenho comigo; haverá horas que as comprei, observou o filantropo, apresentando a Maurício um volume nitidamente impresso adornado com muitas estampas.

O livro do rei Extra continha, entre muitas novidades, uma coleção de poesias elegíacas dirigidas por ele ás mulheres mais formosas das diferentes partes do mundo.

Maurício começou imediatamente a leitura do prefácio biografia.

* * *

AO LEITOR

A 15 de agosto do ano de 2971 ouviram-se gemidos de mulher numa das miseráveis casas do bairro mais pobre da capital. Estes gemidos a princípio quase confusos, depois mais distintos, e a final extremamente dolorosos, foram subitamente interrompidos por um grito de criança!

Essa criança era eu — a mulher que gemia era a minha mãe.

Eu tinha nascido, restava-me viver.

Viver! É uma palavra que resume todas as ideias. Viver é desejar eternamente o que se ignora; é ter esperança no impossível; é seguir o infinito... e tudo isto começa pelo nascimento dos dentes. Ossos no berço, ossos na sepultura!...

Na idade própria fui à escola, e com o abc começou a minha desgraça.

Nos exames ficava superior à maior parte dos meus condiscípulos, e era premiado; mas um rival, que frequentava comigo a mesma escola, ofuscava completamente a minha glória. Este rival era Espiridião Espirro. Não tinha mais do que três pés de altura, mas assim que aparecia todos olhavam para ele, admirando a graça do seu talhe diminuto, e a perspicácia da sua inteligência. Um prémio ganho por ele era como dois ou mais. Quanto a mira, como era do tamanho de toda a gente, ninguém reparava no resultado dos meus exames, por mais brilhante que fosse, e apenas diziam: o rapaz promete.

Ao sair da aula, segundo o costume geral, fui pedir um emprego: não alcancei

nem uma promessa, ao passo que Espiridião que também adotou a vida de pretendente, alcançou num dia o emprego que me tinha já custado três resmas de papel em memoriais, e duas moedas de solas.

Desprezado pelo poder, voltei-me para as letras. Escrevi um livro sobre a batata, com o titulo simpático de: "O pão do pobre só comido pelo rico". O meu livro devia de um pulo levar-me ao pantcon: desgraçadamente nenhum livreiro se dignou ler o manuscrito, dizendo que lhe não convinha por ser a minha primeira obra: na opinião destes senhores, parece que o dever do autor é começar pela segunda!

— Faria algum negócio com a vossa obra, disse-me um dos mais delicados, se fosseis já conhecido por qualquer outro motivo, como o Sr. Espiridião Espirro, a quem comprei o manuscrito do seu volume de poesias com o titulo de: Alma ao luar, — corpo ao sol, — orvalhos e raios da juventude.

Todos hão de querer saber que versos compôs o anão... mas não pode despertar nenhuma ansiedade um livro escrito por um homem de estatura regular.

Fiquei desesperado com o que ouvi.

A única consolação que me restava era o amor que tinha a uma prima com quem tencionava casar. Comecei a temer que o meu rival em outros pontos da

vida o viesse também a ser neste, e tanto mais que ele era visita da minha prima Anica, a quem divertia com muitas sortes de magia branca, com tal destreza que recordava um certo Herman, que na antiguidade tinha feito desaparecer numa das representações todos os espetadores do teatro principal de Lisboa, para uma colonia de saloios, que viviam na ilha de Rilhafoles, ao sul do Tejo, sabiamente governados por um rei cujo nome, segundo os estudos arqueológicos e antigos dicionários, era Bornido ou Civil. Comecei por desaprovar a puerilidade do divertimento. Um dia fui convidado pelo meu tio para uma função em que o Sr. Espiridião, deitando a livraria abaixo, faria coisas do arco da velha. No bilhete de convite vinha o seguinte programa composto em corpo 600, sendo cada letra formada por diabinhos em diferentes posições:

PARTE I

1.° Arroz endiabrado

2.° A porta infernal

3.° A cozinha do diabo

4.° A luva do diabo

5.° O criado a criar

6.° A desaparição dos circunstantes.

PARTE II

1.° A garrafa rio

2.° O dinheiro voando para a algibeira do cujo

3.° O chapéu de chuva de Adão, e a sombrinha de Eva

4.° Tão rápido como a rapidez

5.° O anel em talas

6.° A suspensão suspensa sem suspensórios.

N. B. O espetáculo começa antes de acabar.

Desempenhado o programa, por mais impossível que pareça, a minha prima Anica era toda Espiridião. Zangado, declarei-lhe que devia escolher entre o anão e eu. Respondeu-me imediatamente, que a sua escolha estava feita. Saí irado como uma fúria.

Esta derrota levou-me ao suicídio, bebi veneno, e sentei-me sobre um baliu,

esperando como Sócrates a aparição naquele dia que não tem véspera nem amanhã.

O droguista foi a causa de falhar o plano. O veneno era falsificado, e só me podia matar ametade. Estive um mês inteiro entre a vida e a morte.

A minha tentativa poética produziu logo algum resultado.

Certos amigos que me desprezavam durante a vida normal, quiseram ver-me assim que souberam que me tinha envenenado, e trouxeram-me médicos alopatas, homeopatas, hidropatas, raspalhistas, etc. O tratamento durou um ano, e eu ia já morrendo da cura ao escapar da doença,

O efeito do veneno ou da variedade dos remédios e diferença dos sistemas, atuando juntos sobre o mesmo corpo, foi terrível, e uma transformação completa se operou em mim... achei-me o que sou, no dia em que todos os doutores em coro disseram: está curado.

Quando me vi ao espelho fiquei petrificado. O meu primeiro pensamento foi de desespero, o seguinte de vergonha. Não sabia em que lugar recôndito da terra iria esconder o que eu chamava o fruto da ação terapêutica de todos os sistemas médicos fundidos numa só cura.

O Sr. Palafox, incontestavelmente uma das mais elevadas inteligências práticas deste século, veio ter comigo quando eu estava em tão aflitiva situação. Depois

de me examinar atentamente propôs-me dez contos de réis pela exploração artística e industrial do chavelho que me tinha nascido. Pensei que estava mangando comigo e mandei-o sair de casa. Voltou à noite oferecendo-me o dobro. Novamente mandei-o sair. Escreveu-me oferecendo-me trinta contos, e a final contratámos o negócio por cinquenta.

O meu pesar começava a mudar-se em admiração, e quase que em contentamento. Ao espelho o ornato natural que me tinha alterado a cara, onde ainda eram visíveis as linhas do talento, parecia-me menos exótico. Indubitavelmente o prejuízo tinha influído muito na minha primeira emoção.

As armas do bisão eram o mais gracioso ornato dos guerreiros nos povos primitivos da América.

Os cavaleiros da idade média coroavam os capacetes com crescentes de aço.

Os cornos bíblicos e luminosos de Moisés são o símbolo do poder supremo sobre-humano.

Na Grécia houve o corno da abundancia, cornucópia em linguagem poética.

Nos próprios séculos bárbaros, especialmente no século dezanove, em que uma lembrança de mau gosto ridicularizou esta arma enobrecida pela antiguidade e pelo valor, a medicina recorria à raspa de veado, que também servia para beleza desse ornamento humano, cantado assim num artigo de

anúncio de um jornal do tempo, por um poeta-dentista:

Les perles que rangea dans une bouclie aimable

Ce petit dieu malin qui comande en vainquer

Trouveront dans mon art un secours favorable

Si jamais quelque tacbe ternit la blancbeur.

Um dos encantos da juventude, nesse mesmo tempo era estar a criançada sobre a relva olhando para o caracol, e dizendo-lhe: Caracol, caracol põe os... ao sol. Expressão tão meiga, que já serviu de epígrafe a uma das mais notáveis e clássicas obras do ano 3000, a nova Carta de Guia de Casados, por Manuel Francisco. Convenci-me que a hora da reabilitação do chavelho tinha soado ao meu nascimento, e havia tornado a soar à minha doença, devendo ainda ouvir-se, como iodas as horas se ouvem, sobre uma campa, que será a minha.

Feitos todos estes raciocínios, e muitos outros não menos concludentes, as minhas ideias passaram por tal modificação, que não só me não lamentava de ter um chavelho, mas até sentia muito não ter dois, pois que sem dúvida ficaria assim mais completo, mais harmónico, e mais estético: podendo nesse caso estar no meu direito, pedindo cem réis pelo meu contrato, que era apenas de

cinquenta.

A exposição pública da minha pessoa teve um êxito fabuloso. De toda a parte corriam a ver o fiei Extra (era assim que me tinha batizado Palafox no princípio da minha vida fenomenal). As mais elevadas pessoas da república abriram-me as salas, tornei-me o divertimento da moda; todos me queriam ver, falar, admirar... O monstro tinha feito admirar o homem de mérito.

Algumas mulheres sábias escreveram-me por curiosidade, respondi com versos galantes, que tiveram fortuna.

Todas as manhãs ao levantar-me achava uma mesa coberta de álbuns — esta praga veio da antiguidade até nós — e juntamente de cartas. Escrevia nuns, respondia ás outras, e bem depressa a minha reputação foi universal. Os livreiros que não tinham querido comprar a minha primeira obra, pagavam-me a peso douro os meus versos. O Sultão da Critica num artigo monumental, depois de ter feito uma extensa analise das minhas obras, sem falar delas numa só linha, terminou assim o artigo, que os leitores acharão em seguida a esta biografia:

«Finalmente um estilo novo despontou no horizonte literário: e que estilo! saudemos nós, os homens novos desta geração, que prosamos o ataque vigoroso, este estilo, que avança sobre a sociedade como um toiro saído do curro das maravilhosas corridas hispânicas, que só pertencem à história. O estilo *achavelhado* tomará um lugar distinto entre o estilo plangente, e o estilo nervoso.

Ser estilista será profundar-lhe os recursos, saber-lhe aparar as marradas saudemos ainda uma vez, e com saudade, o feliz e encantador monstro de génio, cujo génio é também uma monstruosidade.»

Os louvores da imprensa obrigaram o governo para mostrar que sabe curvar-se respeitoso perante a opinião pública, a vir aproveitar as minhas elevadas faculdades. Como o meu forte era a literatura e as belas artes, colocaram-me nas caudelarias, e fui nomeado provedor das caudelarias nacionais com dois adjuntos.

O meu emprego deu-me, além do ordenado e do uniforme, uma posição social que me autorizava a apresentar-me em todas as solenidades e reuniões públicas.

Nestas alturas ia minha fortuna quando chegou a época das eleições.

O bairro dos herbolários era notável em todas as eleições pela escolha dos seus deputados ao corpo legislativo. Tinham sucessivamente eleito as seguintes notabilidades:

O gigante minhoto, que um dia no fogo de uma calorosa discussão saiu da câmara levando a tribuna ás costas.

O mimico Serrate que fingia todas as vozes conhecidas, e imitava todas as fisionomias. O mágico Hume que fabricava maiorias escamotando da urna as

esferas do escrutínio.

O sucessor de tais homens devia ser candidato pelo menos tão célebre como eles: a honra da comissão eleitoral do bairro estava empenhada nessa escolha. Assim que o meu nome foi proferido, todos unanimemente o aprovaram: a recomendação do governo, o zelo dos regedores, e o corrupio em que andaram os cabos de polícia, eis-aqui os meios honestos e constitucionais que me abriram as portas do parlamento. Adormeci fenómeno, e acordei representante dos herbolários à assembleia nacional dos Interesses-Unidos. A minha vida continuou a ser a mesma, com a única diferença de me ir hospedar no sumptuoso hotel dos Irmãos-Unidos a 480 réis por dia.

Os meus triunfos oratórios, e a eloquência que eu tinha na opinião de muitas damas, não me fizeram esquecer a minha prima Anica. O amor é sempre contraditório, e como ela me tinha desprezado eu não a podia esquecer.

O casamento com o Sr. Espiridião ainda se não tinha realizado: a minha posição elevava-me muito acima dessa amostra de homem. Novamente me apresentei em casa do meu tio, e passados poucos dias Aninhas, porque eu suavizei-lhe assim o nome, começou a habituar-se à minha presença, e à proporção que lhe fazia o cálculo do meu rendimento, as minhas pernas pareciam-lhe mais iguais, e o meu chavelho chegava a parecer-lhe imperceptível. Aos primeiros cem contos achou-me sofrível, aos segundos julgou-me

encantador!

O nosso casamento foi celebrado com a maior pompa, com programa publicado nos jornais, e fiambres e gelados vindos de além mar.

A minha fortuna desde esse período ditoso não sofreu alteração, e o meu nome de Rei Extra, foi mudado em Monstro feliz.

Aos leitores que me perguntarem porque razão contei tão extensamente a história da minha vida, na frente deste volume responderei: que procedi assim para dar a todos eles uma lição; e esta lição é — que o homem significa mais pelo que vai do que pelo que mostra, e que a primeira condição inerente ao sucesso de qualquer empresa ou ideia, não consiste na ação ou em obrar, mas em pregar um cartaz sobre o que se tenha feito. O génio pode ser útil para este efeito, um ridículo serve algumas vezes, um vício basta em muitas ocasiões, mas coisa alguma substituo uma monstruosidade para a realização do triunfo completo de qualquer sucesso.

* * *

CAPÍTULO V

Maurício havia acabado a leitura do prólogo quando os seus dois companheiros voltaram de casa de um banqueiro onde tinham ido.

O filantropo disse-lhes que era obrigado a deixar a sua estimável companhia para ir ao tribunal da Má Hora, espécie de palácio de justiça da capital dos Interesses-Unidos.

— Temos algum processo célebre? perguntou o académico.

— Não sabeis que é depois de amanhã que será julgado aquele famoso envenenador?...

— O Dr. Recino?

— Justamente. O acusado mandou cartas de convite a toda a gente, e não se lembrou de mim... que fui seu colega na Sociedade Humana. Vou dirigir-lhe a competente reclamação, tanto mais que mais de vinte senhoras do meu conhecimento desejam assistir à discussão, que será interessantíssima: seiscentas testemunhas e sessenta advogados. O juiz já deu licença para que durante os

debates se venda limonada e pastelinhos. As pausas darão tempo para se almoçar de garfo.

— E esse tal Dr. Recino é acusado de ter envenenado alguém? perguntou Maurício.

— Uma família inteira, redarguiu o Sr. Gaudêncio, sete pessoas cujos restos mortais perfeitamente bem conservados pelo novo processo, hão de ser expostos. Os venenos serão experimentados nas testemunhas; serão lidas cartas que comprometem uma senhora de alta sociedade; finalmente para coroa do interesse palpitante do processo, o filho do doutor, que tem seis anos, virá depor contra seu pai!

O académico disse que desejava muito ser do número dos espetadores, e acompanhou o filantropo ao tribunal à porta estava a estátua colossal da justiça; representavam-na com os olhos cobertos com uma facha, para que ninguém duvidasse da sua vista maravilhosa. Na mão esquerda tinha uma balança, e na direita uma espada, como para explicar que ela estava mais disposta a bem ferir do que a bem pesar. No frontão do edifício tinham gravado estas palavras:

A JUSTIÇA É GRATUITA

E logo abaixo estavam afixadas as tabelas dos diferentes termos e diplomas que entravam em qualquer processo: assinaturas do juiz, selo, rasa, contador, louvados, etc. O total perfazia sempre uma soma que só permitia aos ricos a defesa jurídica dos seus direitos. Os pobres para se consolarem de não terem tal direito, podiam ler por cima de todas as portas esta máxima gravada em letras bem visíveis:

TODOS OS CIDADÃOS SÃO IGUAIS PERANTE A LEI

Maurício chegou a uma sala onde os advogados iam sujeitar as contas à verificação legal de um juiz, encarregado de medir os processos, porque o limite de cada género estava antecipadamente fixado numa tabela.

Trinta metros correntes para os negócios sumários;

Cem metros correntes para os negócios graves;

Mil metros para os casos complicados.

Quanto ao meio de encher as paginas compreendidas nessa extensão, os homens do foro tinham achado um facílimo: era seguir cada palavra de todas as que podiam ter com ela qualquer analogia de significação, o que lhes permitia o

agradável trabalho de passarem em revista uma parte do dicionário a propósito de uma frase.

A citação de qualquer testemunha para comparecer no prazo de oito dias era assim redigida no ano 3000:

«Em virtude dos motivos que acima ficam citados, e de todos que possam ser citados em qualquer outro lugar, ou que nos convenha citar mais tarde:

«Fazendo todas as reservas uteis, tanto implicitamente como explicitamente:

«Designamos, chamamos, requisitamos, citamos, pela presente, tanto pelo uso ou costume, como pelas leis, decretos portarias, alvarás, o senhor...

«Para que se apresente e compareça, sem que possa opor nenhuma objeção, nenhuma reserva, nem pretexto de não ter recebido a presente:

«E responda sinceramente, livremente, categoricamente, e claramente sobre o que haja podido saber por si próprio acerca da matéria do processo; o que tenha ouvido dizer a esse mesmo respeito, e também sobre o que tenha sido induzido a pensar sobre a matéria já mencionada, tanto por meio do raciocínio, como da comparação.

«Esta citação, ou como mais convenha chamar-lhe, surtirá efeito no prazo de

oito dias, a partir do de hoje, ou como mais convenientemente se diga, a fim de não deixar pretexto a nenhuma duvida, nem falsa interpretação; a saber: para o... de fevereiro do ano...

«O qual dia fica assim bem e devidamente fixado, salvo erro na data ou engano na conta dos dias.»

Tão engenhosa amplificação era escrita em papel selado, com letras de meia polegada com entrelinhas, com o fim de melhor esclarecer a justiça e de mais subirem as custas. A data do diploma ficava, por uma dúvida sabiamente estabelecida, como salutar previsão, para se ressalvar a gravíssima dificuldade de saber contar os dias.

Maurício passou depois a uma galeria onde os advogados, vestidos, ou antes embrulhados em togas desbotadas, rotas e sebentas, se entregavam a diferentes ocupações.

Os advogados vindos da universidade para praticarem na capital, cercavam os de mais voga, que tinham ao seu cargo ensinar-lhes os limites rigorosos da lei. A demonstração era facilitada por grandes quadros sinópticos pendurados nas paredes, e que reuniam a legislação completa de república dos Interesses Unidos. Linhas coloridas semelhantes ás que marcavam nas cartas do antigo mundo as

conquistas de Alexandre, ou a invasão dos bárbaros, indicavam o caminho da probidade, também se viam marcados os caminhos tortos que iludiam os artigos mais temíveis das leis: as portas mal guardadas, que permitiam a fuga, os lugares ermos e menos frequentados onde se podia esperar um adversário para o assassinar legalmente.

Outras desenhadas no mesmo sentido regulavam a honra do advogado por números de ordem. Nessas cartas aprendia como poderia injuriar, e a quem; quando podia faltar à verdade, e quando se devia animar ou enternecer.

Maurício andou por algum tempo, no meio desta turba, alegre e sinistra ao mesmo tempo, que vivia de desordens, de crimes, e de ruinas, como os médicos vivem das febres e das ulceras; tristes doutores da alma, sempre com a mão em qualquer ferida moral, e alimentados pelos desgraçados ou pelos criminosos.

Insensivelmente se aproximou de uma sala de audiência e entrou. As paredes estavam cheias de letreiros relativos aos artigos do código, e destinados a popularizar o conhecimento dos castigos respetivos aos diferentes crimes. Era possível estudar perante aqueles epitáfios da honra e do pudor, a tabela do custo dos maus instintos sociais: os sete pecados mortais tinham o seu preço marcado em algarismos como as fazendas em qualquer armazém de modas.

A imagem de Jesu-Cristo, conservada pela tradição, aparecia no meio dessas sentenças legais, com o rosto martirizado e tristemente pendido sobre o peito.

Ao pé do lado do Senhor donde tinha corrido o sangue pela igualdade dos homens tinham escrito:

OS PRONUNCIADOS QUE SEJAM POBRES, E NÃO POSSAM PRESTAR FIANÇA, SERÃO ENCARCERADOS

Na direção dessa boca sagrada que tinha proclamado a fraternidade humana estavam gravadas estas palavras:

SÓ DEVEMOS ALIMENTOS AOS NOSSOS ASCENDENTES E DESCENDENTES DIRETOS ATÉ À SEGUNDA GERAÇÃO

Os juízes estavam assentados em sofás com almofadas bem fofas. Os acusados ajeitavam os sofás da forma mais comoda aos juízes, pois que quanto mais eles estivessem à sua vontade mais benignos seriam com os réus.

O representante do ministério público ficava sentado numa cadeira, cujos ângulos agudos lhe causavam tanta irritação e desassossego, que o mantinham na posição constante de agravar irado.

Quando Maurício entrou viu um velho no banco dos réus. Era um aldeão que a idade tinha curvado: os cabelos brancos caíam-lhe sobre a manta feita em farrapos. Com a barba encostada ás duas mãos que sustinham um bordão; com os lábios entreabertos pelo sorriso vago, particular à velhice, olhava para um cão deitado aos pés, o qual com a cabeça meio-levantada o contemplava, agitando brandamente a cauda.

Esta intimidade entre o homem e o cão era a base dos debates.

O velho, muito avançado em idade, e já bastante enfraquecido pelo trabalho, havia recorrido à caridade legal.

Ao cabo de meio século de fadigas, de probidade e paciência a sociedade podia tê-lo deixado morrer em qualquer campo como um animal lançado à margem: mas para que tal não acontecesse veio a filantropia no seu socorro, abrindo-lhe um dos seus asilos, onde ela concede aos inválidos do trabalho o que eles carecem — pão negro e caldo de cebola — para esperarem pela morte! Desgraçadamente o velho tinha pretendido dividir com o pobre animal a minguada ração da filantropia. A administração, armada com o regulamento, não consentiu em semelhante atentado! Quiseram tirar o cão ao asilado, este resistiu, e a resistência o trouxe perante a justiça.

O representante do ministério público falou em primeiro lugar. Começou pela menção dos serviços prestados pela Sociedade Humana, de que tinha a honra de

ser membro.

Depois de ter considerado o número sempre progressivo dos seus asilos, como indício incontestável da prosperidade nacional, declarou repleto de satisfação, que a despesa dos asilos tinha recentemente sido reduzida a metade, em virtude de um meio simples e engenhoso. E para tão vantajoso resultado bastou diminuir um pouco o sustento a cada um deles, substituir as enxergas por tarimbas, e o algodão cru pela serapilheira. Mas tais melhoramentos seriam inúteis, observou ele enfatuado, se fossem combatidos por qualquer desperdício. E aproveitando habilmente a transição, para aludir ao companheiro do mendigo., exclamou: que aquele cão que os jurados ali estavam vendo era um escândalo humanitário! Depois de se assoar, e beber um copo de água para dar tempo a produzir efeito o seu rasgo oratório, calculou o que o animal podia consumir em ossos, nervos, migalhas e lambugens, e concluiu deste calculo inçado de frações, que tudo isso desperdiçado por um cão podia alimentar à farta três quartos de asilados!

Notando que este argumento havia sido justamente apreciado, sustentou calorosamente, que tendo a sociedade tomado ao seu cargo o sustento do velho, tinha o direito de lhe vender o cão; o que era compensação bem fraca de tantos sacrifícios, e que ele considerava o exercício de tal direito como um exemplo indispensável para a moralidade e dignidade humana. Terminou representando

ao tribunal, que era preciso não animar nos pobres este luxo de um companheiro inútil, devendo o asilado habituar-se a comer só a sopa económica do asilo, temperada pela simpatia dos filantropos, seus benfeitores.

Finda esta alegação, que os juízes tinham ouvido com simpatia geral, o presidente convidou o velho para produzir qualquer argumento ou facto na sua defesa.

O réu pareceu não o ouvir, e não respondeu coisa alguma.

Com a vista dirigida para o antigo amigo que tinha aos pés não dava atenção ao que se estava passando.

O cão percebeu sem dúvida a emoção desse silêncio, pois que se levantou vagarosamente, olhou para o dono de mais perto, e deu um desses latidos queixosos que parecem interrogar.

O velho pôs a mão rugosa sobre a cabeça do animal.

— Ouvistes? disse ele tristemente, e sem olhar para os juízes, ouvistes? é preciso separarmo-nos. A república se arruinaria sustentando-te! Que razões posso eu dar para te conservar na minha companhia? Será por ventura porque há quinze anos te reparto o meu pão, a água, e até o sol com que Deus me aquece? Será porque estou costumado a ouvir aos meus pés o roncar da tua respiração?

Será, finalmente, por te considerar o único ente vivo que me estima e carece de mim? Mas de que serve a estima? ela é inútil, assim o acabam de dizer. Se vivêssemos em terra de bárbaros iria contigo de aldeia em aldeia; parávamos ás portas das cabanas, e perante os meus cabelos brancos, os homens se descobririam, as crianças afagar-te-iam, as mulheres dar-nos-iam de comer. Beberíamos nas fontes das estradas; dormiríamos entre campos perfumados, ouvindo trinar as aves... mas estamos numa nação civilizada, e não podemos andar livres pelas estradas! É proibido ao pobre enternecer os opulentos; dormir debaixo do céu é ura crime! Tiraram-nos as vantagens da compaixão com os embaraços da liberdade, e a bondade dos homens abriu-nos uma prisão onde se mede a cada um de nós o pão, o ar e a luz? Para ti, meu amigo, é que não há lugar naquele cárcere, onde se pode comer e dormir, mas não estimar e amar! O regulamento do estabelecimento opõe-se a que entre a boca e o estomago exista isso a que chamam coração! Deixa-me... queria conservar-te comigo para saber que ainda tinha um amigo... a lei não o permite. Procura um dono que te possa fazer esquecer de mim! O velho a estas palavras pegou na cabeça do cão, com as mãos tremulas, chegou-a ao peito, e abaixando a cara sobre ele ficou assim imóvel por alguns instantes.

Maurício não pôde deixar de dizer involuntariamente: Deixem-lhe o pobre animal: mas os juízes que se tinham mutuamente consultado durante a cena que descrevemos, pronunciaram a sentença da triste separação.

CAPÍTULO VI

Ao sair do tribunal Maurício encontrou o Sr. Gaudêncio Enternecido. Era a hora do filantropo fazer a sua visita ás prisões, e convidou Maurício para o acompanhar. A cadeia da capital, construída em continuação do tribunal, era composta de dois estabelecimentos distintos, regulados por sistemas opostos um ao outro: o primeiro em que entraram era chamado — As celas dos trapistas — : a tristeza do aspeto justificava perfeitamente o título.

Não tinha nenhuma janela exterior, e recebia a luz por diferentes pátios. O terreno em volta calçado com madeira, não deixava ouvir dentro nem o mais leve rumor. O silêncio era sinistro e geral. A porta de entrada abria sem bulha por meio de gonzos polidos; tapetes espessos forrando os corredores, abafavam o som dos passos. As paredes tinham sido por tal forma estofadas que intercetavam qualquer som: as portas eram todas construídas de modo que abriam sem se ouvir nenhum ruido.

De espaço a espaço se lia nas paredes a recomendação aos visitantes de que falassem em voz baixa. A luz era quase tão rara como a bulha: e o seu efeito o

do crepúsculo que engrandece as formas e apaga os contornos. Finalmente até o ar entrava impercetivelmente, para o efeito do vento não quebrar o silêncio mortal de todo o edifício.

Maurício observou ao companheiro, que aquele sossego causava susto, e que parecia estarem num sepulcro.

— E neste sepulcro cercam-vos dez mil presos, respondeu o Sr. Gaudêncio.

— Ide que ainda compreendereis melhor, e neste ponto correu uma cortina, e Maurício conheceu que estava numa grande guarita envidraçada, formando o centro do imenso círculo de celas onde estavam os presos. Ao ver aquelas linhas de celas postas umas sobre as outras, e correndo como uma gigantesca espiral que se perdia no cimo do edifício, dir-se-ia estar diante do inferno de Dante colocado ás avessas, com a diferença de não se ouvirem gritos, nem gemidos, nem sequer o balbuciar de qualquer palavra. Cada preso andava no respetivo cortiço, fechado por grades de ferro, como se fosse um morto que o galvanismo fizesse mexer na sepultura. Todos tinham o rosto pálido, os movimentos do corpo inquietos, e o olhar vago ou estúpido. Mudos e tristes faziam mover os braços das máquinas de que eles próprios não conheciam a ação.

A disposição das celas era tal que um preso não podia ver os outros.

Os guardas lambem não eram vistos por eles. Cercados pela vigilância

misteriosa, sabiam que eram sempre vistos, apesar de não poderem ver os espias.

O Sr. Gaudêncio explicou a Maurício a vantagem deste sistema de isolamento aperfeiçoado.

— Por este método, disse ele, vencemos os carateres mais enérgicos. Na obscuridade e no silencio o cativo resiste ao principio, mas reage sem efeito contra a sua situação: o aborrecimento, semelhante à água subterrânea estagnada, mina-lhe insensivelmente a vontade. Sentia frouxidão dos músculos, o esfriamento do sangue. A imobilidade que o cerca comunica-se à existência, amedrontado com o vácuo que o sistema fez em volta dele, olha e não vê senão as paredes do cárcere; chama, e apenas ouve a própria voz.

Alguns não podendo resistir a esta provação endoudecem; mas é o menor número: na maioria os presos ficam num torpor continuado. O regulamento da casa é a sua consciência, o habito o desejo, e até esquecem que sabem falar: são apenas animais domésticos, e nada mais. E assim levados ao idiotismo pelo nosso maravilhoso sistema, só nos resta depois a missão de os moralizar e instruir.

— Compreendo o que vejo! respondeu Maurício; conseguistes para os presos o que a castelã de Valença havia desejado para o filho. É esta uma história que era já velha no tempo do mundo antigo, e que vós homens do ano 3000 não

ouvireis sem interesse.

"A castelã de Valença era uma santa e boa mulher, que tinha ficado viúva, tendo unicamente um filho pelo qual daria de bom grado o seu lugar no paraíso; mas o filho que sentia o sangue a queimar-lhe as veias, fugia algumas vezes do castelo para ir gozar os prazeres desregrados-da vida. Insensivelmente se habituou ao mal. e a sua única tristeza era não pecar tanto como desejava. Conhecia perfeitamente os três grandes veículos. que arremessam o género humano ao abismo: o primeiro levado pelo orgulho,

o segundo pela impureza, e o terceiro pela preguiça: mas não olhou nunca para o do arrependimento, que, tirado por animais mancos, andava sempre muito atrás dos outros.

A santa mulher vendo infalível a perda do filho, dirigiu-se com as lágrimas nos olhos, e a oração nos lábios, ao arcanjo S. Miguel, padroeiro especial da sua família, e pediu-lhe para que tivesse por bem assegurar-lhe a salvação da alma, ainda que fosse à custa da vida.

O arcanjo que se compadecia das lágrimas da mãe desde que tinha visto Nossa Senhora aos pés da cruz, ouviu a oração da triste castelã, e disse-lhe:

— Tem ânimo! O teu filho ainda se pode salvar. Jesus Cristo contou-lhe os

dias, pode dispor ainda de trezentos para estar sobre a terra: faz com que eles sejam isentos do pecado, e será perdoado. à hora em que findarem os trezentos dias, eu próprio virei buscar a sua alma.

Esta revelação alegrou muito a castelã. O seu filho podia ainda ter esperança de gozar a felicidade dos eleitos. Semelhante pensamento deu-lhe animo para aceitar quase sem pesar a ideia da morte próxima do herdeiro do seu nome.

As esperanças da cristã enxugaram as lágrimas da mãe.

O pecador para merecer tão elevado destino devia deixar de ofender a lei de Deus. Não sabia a pobre mãe como pudesse obter o cumprimento desta justíssima condição posta à eternidade da glória. Recorreu para este efeito a um célebre doutor árabe, cujos feitiços ou encantamentos exerciam influência onipotente sobre todas as vontades; e mandou-o chamar para o fim que tinha em vista.

O doutor depois de a ouvir foi para o quarto do filho, à hora que ele estava dormindo profundamente, e começou os exorcismos que o deviam livrar das paixões.

Primeiramente tocou os lados do dormente, e a castelã viu sair uma nuvem de génios com aspeto irado e sagaz

— eram a força, a cólera, a audácia — e com eles a coragem e o talento. O

árabe tocou depois na cara do jovem, e logo daí voaram a imaginação revestida com as cores do arco iris; o entendimento volta armado com uma espada de dois gumes; a memória tendo na mão a cadeia de ouro que liga o presente ao futuro.

Finalmente tocou-lhe o coração, que se abriu logo para deixar sair uma nuvem de desejos inflamados, de ilusões aladas: reunião louca e encantadora, que fugiu dando um gemido queixoso.

Quando o jovem acordou, estava completamente transformado! Tinham desaparecido todas as ideias que a sua mãe havia combatido, todos os desejos de que ela não gostava. A vontade do filho era a vontade da mãe. O espirito do cavaleiro parecia o balão que vai na direção para onde o vento o leva, ou a mão o conduz. A sua mãe dizia-lhe anda, e ele andava: dizia-lhe reza, e ele rezava! As tentações passavam sem efeito diante dele, e se as via era como se não as tivesse conhecido.

Os trezentos dias passaram nesta sonolência acordada, e findaram no dia em que a castelã viu outra vez o arcanjo S. Miguel.

A condição imposta está satisfeita, bradou ela: meu filho ganhou o seu lugar no céu, vinde e sem mais demora levar-lhe a alma para a mansão dos justos.

O arcanjo meneou tristemente a cabeça e disse:

Pobre mãe! O teu filho não tem alma. Não se tiram as pedras que compõem um edifício sem que ele desabe: o que o doutor árabe tirou ao teu filho formava-lhe a alma, que ele deu a Satanás, e apenas deixou o corpo.»

Esta legenda é a história dos que inventaram o vosso sistema. Com o pretexto de remir o criminoso, fraudulentamente lhe subtraiam a alma. Não sabeis que a perfeição do homem não pode provir da destruição dos seus instintos? Se os desgraçados foram vencidos pelo crime é porque o espirito da sociabilidade não era bem compreendido por eles; e para remediar este desequilíbrio social ides condena-los à inação! Nos primeiros séculos do mundo destruía-se o poder de um inimigo cortando-lhe com ferro os másculos dos membros: e ao presente cortais com o aborrecimento os músculos da alma; e como os idiotas se não mexem dizeis que estão curados! Para que vos podem servir homens que perderam o sentimento da própria individualidade; que esqueceram a vontade, e que estão reduzidos a ser animais domésticos obedecendo maquinalmente ao dono? Eram ignorantes, criminosos talvez, e agora são idiotas, doidos ou hipócritas. Não duvido que a solidão pudesse ter sido utilmente empregada para vencer o primeiro fervor de um coração violento; poderia ser nesse caso como um banho frio que tivesse sossegado a fúria da paixão: mas fizestes um regímen do que devia ser apenas um remedio, imitando certas mães inglesas, que para não ouvirem os gritos infantis dos filhos os embriagam com opio. Não me observeis que procedeis no interesse dos criminosos para a sua reabilitação. A

obra é toda no vosso próprio interesse.

Se tivésseis respeitado no homem o poder externo, que é a vida, o vosso trabalho seria difícil e arriscado — era preciso disciplinar espíritos desregrados, dominar corações endurecidos, finalmente estabelecera ordem onde só dominava a desordem. Preferistes transformar tudo num túmulo.

No meu tempo prendiam-se os corpos, e ficavam livres as almas: o meio pareceu-vos brutal, e dissestes: De que servem estas cadeias que nos retinem aos ouvidos? Livremos o corpo de tal martírio, e matemos vagarosamente a alma: este processo não é visível, e morta a alma não se moverá o corpo. Sois homens sem fé, filantropos do ano 3000, e de todos os anos, porque ignorais o que o amor e a paciência podem obter dos criminosos! Procurai o coração do mais depravado, tocai no lugar próprio, e vereis rebentar uma fonte pura. enquanto o homem vive, enquanto ama, Deus não o abandonou, e a sua alma não está perdida sem remissão.

O Sr. Gaudêncio Enternecido tinha aproveitado esta longa improvisação de Maurício para entregar ao Dr. Universal, que também estava presente, um exemplar do seu relatório anual constatando os excelentes resultados do sistema de isolamento absoluto; bem como para tomar a lápis certas notas acerca da necessidade de suprimir a numeração das celas, que podia servir ainda de

distração aos criminosos.

Feito isto olhou para Maurício com o sorriso parvo de quem escuta sem ouvir:

— Muito bem!... vejo que estudastes a questão... Ainda ao presente dois sistemas disputam preferência. Vimos as celas dos trapistas, queremos agora ver os pantagruelistas.

Tende a bondado de caminhar adiante de mim, o parar na porta à esquerda; chegaremos a tempo de assistir-lhes ao jantar.

Maurício seguindo estas indicações foi ter a um pátio, que atravessou; depois entrou numa galeria formada por colunas de mármore, cercada de fontes, e com passeios por todos os lados — era a segunda cadeia da capital, fundada havia pouco tempo para os criminosos incorrigíveis.

Por toda a parte se ouvia o canto, a música e o riso.

A primeira casa era uma sala onde os presos recebiam as visitas. Estavam aí senhoras da primeira sociedade, levadas àquele lugar pela curiosidade de verem os criminosos mais célebres, de conversarem com eles, ou de lhes pedirem para escreverem nos seus álbuns. Também Maurício encontrou nessa sala os primeiros artistas retratando assassinos famosos, literatos redigindo, para instrução do público, memórias íntimas de criminosos notáveis. Os presos

faziam as honras da Casa, com a polidez altiva dos homens que sabem compreender a sua importância. Ao lado desta casa ficava a sala dos concertos, na qual se ouviam canções na linguagem da gíria ou dialeto dos ladrões, com acompanhamento de clarinete e de outros instrumentos. Seguia-se a casa do fumo, onde os presos fumavam em riquíssimos cachimbos, recostados em sofás de veludo. Não faltava um bilhar, nem um sumptuoso café em que podiam tomar sorvetes, vinho quente, ponche ou o que mais fosse do seu agrado.

Á noite havia teatro, e acabado o espetáculo baile de mascaras sem intervenção de polícia.

Os visitantes acharam os pantagruelistas à mesa. O jantar era de três serviços com sobre mesa, café e licores.

— Como estais vendo, disse o filantropo, membro do conselho geral de beneficência, o sistema é o inverso do que há pouco vos mostrei. Na outra prisão moralizamos o criminoso com a privação do necessário, e aqui obtemos o mesmo resultado prodigalizando-lhe o supérfluo. Cada método tem as suas vantagens, e os resultados são em ambos igualmente satisfatórios. Pelo método trapista obtemos a submissão extenuando o homem, e no método pantagruelista, satisfazendo todos os seus desejos.

Num sistema o preso perde a energia precisa para fugir ao cativeiro, e no outro o prazer da vida liga-o ao cárcere. Não há exemplo de um pantagruelista

fugir da prisão; a maior parte saem dela chorando, e por essa razão temos o cuidado quando algum sai solto, de lhe darmos certa soma para mitigar as saudades, a qual é proporcional» ao tempo que esteve preso. Desta maneira os criminosos saem daqui eleitores, e muitas vezes elegíveis, o que é de grande vantagem política para combater a indiferença em matéria de eleições, inconveniente grave desde que os nossos partidos se fundiram, não rio bem geral, mas na conveniência particular de cada indivíduo. Não falta quem estranhe esta nossa generosidade com os criminosos, mas a verdade ê, como eu já disse no meu último relatório, que estes malvados não deixam de ser nossos semelhantes como os outros homens. *Homo sum et nihil humani a me alienam puto.* Máxima filantrópica que a Sociedade Humana grava no coração de todos os seus membros, e no cimo de todas as suas circulares. Porque não será esta máxima compreendida por todos? Homo sum quer dizer: posso ser um ladrão, um assassino, um incendiário: *nihil humani a me alienum puto*: logo devo considerar como irmãos todos os outros homens, quer roubem, quer assassinem, quer incendeiem.

— Concedo por hipótese, observou Maurício, mas desejo saber como considerais os homens que edificam, que trabalham e que sustentam muitos outros. Sois tão indulgentes para os pobres criminosos, que espero não sejais indiferentes para os pobres diabos que são honrados. A filantropia que tanto cuida e assiste aos que sucumbiram moralmente pelo crime, abrindo-lhes asilos, prestando-lhes socorros, não devia abandonar os que resistem ao crime e o combatem. Para obter a vossa proteção é preciso o atestado de um crime, como outrora se carecia de uma certidão de serviços ou de préstimo. Sêde compassivos para os criminosos, pois que Jesu-Cristo também perdoou à

mulher adultera e à Magdalena; mas não vos esqueçais tanto dos inocentes. Não lhes dificulteis assim o cumprimento dos deveres. Para lhe estender a mão benéfica não espereis que eles caiam no precipício do crime: não mateis todos os bezerros gordos de que fala a Bíblia para proveito dos filhos pródigos; guardai alguns para seus irmãos, que não vos roubaram nem ofenderam.

— Os vossos votos não foram esquecidos pelo nosso sistema, e a nossa tutela benfazeja também chega aos que trabalham. Já que estamos conversando acerca destas matérias, que são da minha predileção, quero mostrar-vos a colonia industrial do nosso vice-presidente Isac Ferro, que não é somente um abastado capitalista, e um homem politico muito influente, mas também um dos homens mais zelosos pelo aperfeiçoamento das máquinas e das classes laboriosas. Tomando o caminho de ferro do bairro estamos em três segundos à porta do seu estabelecimento.

CAPÍTULO IV

A fábrica do Sr. Isac Ferro era situada ao abrigo de um monte furado em todos os sentidos tendo caminhos subterrâneos, por onde sem cessar rodavam as locomotivas e as carruagens que elas tiravam. Cem chaminés vomitavam turbilhões de fumo que se reuniam sobre a fábrica, e condensados formavam uma espécie de abobada negra flutuante.

O ruido do trabalho era forte e continuado.

Todo este movimento se empregava na confeção das marcas para os botões, especialidade a que o Sr. Isac Ferro devia a sua fortuna, e a importância política. Em verdade o hábil fabricante havia por tal arte aperfeiçoado aquela fabricação, que não podia deixar de ser muito importante. Primeiramente arruinou os fabricantes menos ricos do que ele, e que ousaram fazer-lhe concorrência: depois quando se viu só em campo aumentou cinquenta por cento o preço da venda dos produtos, e finalmente em virtude da sua influencia política obteve do governo um decreto que obrigava todos os empregados públicos a trazerem nas ceroulas mais três botões do que era costume. Havia obtido este favor por

se ter oferecido para dar gratuitamente aos hospitais todas as marcas de botões de que tivessem precisão os doentes, os mortos, e as crianças ainda em cueiros; e finalmente por se haver prestado a fundar no seu estabelecimento a colonia a que o Sr. Gaudêncio já se tinha referido.

Chegando à fábrica com Gaudêncio, mandou o seu bilhete ao Sr. Isac Ferro, que estava fechado no gabinete a olhar para uns peixes vermelhos que nadavam dentro de um vidro. O fabricante continuou neste entretenimento todo o tempo que um homem importante deve fazer esperar quem o procura, para fingir que trabalha em coisas serias e uteis. Só desceu à sala em que estavam Gaudêncio, Maurício, Marta e o doutor quando teria já decorrido meia hora. Desculpou a demora com muitos negócios que lhe absorviam o tempo; disse que o governo recorria a ele para todas as questões difíceis, e que era vítima da sua reputação de homem pratico. O governo tinha compreendido o perigo de consultar os teóricos e pensadores, e já não ouvia senão as opiniões dos que tinham estudado como ele os grandes princípios de economia política a fabricar qualquer coisa.

Eram estes os motivos porque não tinha um momento de descanso, porque todo o seu tempo pertencia ao estado e à humanidade.

Gaudêncio a esta palavra o interrompeu fazendo-lhe conhecer qual era o objeto da sua visita, que era mostrar aos seus amigos a colonia modelo, cuja organização generalizada devia um dia realizar a idade doiro para todas as

classes.

O Sr. Isac tomou a direção da revista fabril, e os visitantes atravessaram diferentes oficinas explicando-lhes o seu guia os diferentes trabalhos executados pelas máquinas de todos os tamanhos, e de todas as formas.

Maurício e Marta viram lentamente avançar os braços imensos das máquinas para levantar pesados fardos; as engrenagens pegar nos objetos com dedos gigantescos, e as mil rodas que as compunham rodarem, ou cruzarem-se.

Ao contemplar a exatidão de todos os movimentos, ao ouvir os murmúrios apressados do vapor e da chama, dir-se-ia que a alma infernal de um magico sopraria uma alma a esses esqueletos de ferro chamados máquinas.

Não se assimilavam a uma reunião de corpos inertes, mas não sei a que monstros cegos trabalhando e rugindo sucessivamente. De espaço a espaço alguns homens enegrecidos pelo carvão apareciam entre os turbilhões de fumo, trazendo para esses monstros a nutrição da água e do fogo, enxugando-lhes o suor do corpo gigantesco, ou esfregando-lhes com azeite os membros metálicos, como outrora se fazia aos atletas: outros acudiam para dirigir as forças brutais que mais tarde ou mais cedo os deviam matar esmagados com algum esforço irregular, ou devorados pela chama da sua fogosa respiração.

Maurício e Marta olharam tristemente para aquelas vítimas das máquinas

aperfeiçoadas. Compreenderam logo as máquinas maravilhosas de que estavam vendo os membros polidos e luzidios, e os homens macilentos e com aspeto esfomeado que as serviam. Ouvindo o concerto horrível do vapor assobiando, do ferro esfregado contra o ferro, o cintilar das chamas, o barulho do vento ateando as fornalhas, sentiram-se aterrados. Procuraram em vão a vida no meio da tempestade da matéria e do trabalho. Ouviram o ruido da matéria, viram o movimento do trabalho, mas o que presenciavam parecia-lhes uma imitação; aquela atividade não tinha ímpetos contagiosos, e em lugar de os excitar comunicava o torpor aos membros de quem a

via. O movimento uniforme das máquinas não falava a nenhum sentimento, não havia relação alguma entre elas e quem as via — eram monstros cegos e surdos que aterravam por meio da força.

Ambos se lembraram quase ao mesmo tempo da oficina que havia no seu tempo perto da casa de um tio de Maurício. O ruído dos teares guiados pelas mãos dos rapazes ou das raparigas, o riso franco e satisfeito que saudava o cruzamento das lançadeiras, as cantigas que se repetiam de um banco ao outro, as confidencias e chistes que se diziam em voz baixa! Maurício lembrava-se em especial de Matias, soldado velho, e sentia reviver lembranças queridas da adolescência.

Matias, como soldado, tinha andado quinze anos pela Europa sofrendo fome, vivendo entre a metralha, conquistando pela manhã com a baioneta a pousada em que passaria a noite; e tudo isto tinha ele feito unicamente por esta palavra — pátria. Acabadas as campanhas e o serviço lembrou-lhe uma irmã, único parente que lhe restava, e tomou o caminho da aldeia onde ela devia residir. Chegado ali disseram-lhe que a irmã tinha morrido, deixando um filho e uma filha que o fazendeiro vizinho recolhera por caridade. A caridade em que não entra o coração é um empréstimo com usura: só enriquece o que dá. Quando Matias chegou ao casal do vizinho da sua irmã encontrou à porta os dois órfãos que disputavam entre si um bocado de pão: o fazendeiro indignado com a briga gritava:

— Estas crianças não se podem sofrer!

— Dizei antes que não podem sofrer a fome! respondeu Matias.

E pegando nas mãos dos órfãos levou-os consigo.

O fardo era pesado para o soldado; mas não esmoreceu.

Lembrou-se da máxima do seu capitão, que para andar a mais extensa das estradas bastava ir pondo sem cessar um pé adiante do outro, máxima que aplicava a todas as coisas da vida.

Assim que chegou à capital com as crianças sustentou-as com o seu trabalho

até que elas puderam também auxilia-lo fazendo andar a roda que mói o pão nosso de cada dia. Matias colocou ambos na mesma fabrica. À hora em que os terais paravam não deixavam de o ver chegar trazendo na mão um cesto coberto, em que vinha o jantar.

Mal que o avistavam os rapazes fingiam apresentar-lhe as armas, e as raparigas cumprimentavam-no. A juventude ama sempre estes homens guerreiros que unicamente sabem ser leões contra os fortes. Depois de ter agradecido a todos, o bom do velho ia sentar-se a um canto com Jorge e Júlia: descobria-lhes então o cesto, mas não de uma vez, pois que era preciso adivinhar primeiro o que trazia o tio, e ás vezes não adivinhavam de propósito para ele gozar da alegria da surpresa. Quando as crianças provavam que estava finda a lista das suposições o soldado destapava o cabaz, e tirava vagarosamente o jantar, que ia apresentando aos convivas, dizendo ás vezes:

— Ah! não esperáveis tanta novidade, hoje é dia de festa: e assim ia pondo sobre o cesto, transformado em aparador, o pobre jantar, que a boa vontade mudava em banquete festivo.

Comendo e conversando as crianças contavam novidades da oficina, e Matias aproveitava a oportunidade para lhes dar algum bom conselho, pois que durante as compridas noites dos acampamentos, quando a fome ou o frio o conservavam acordado, tinha refletido para se distrair, e assim foi fabricando

uma filosofia peculiar, reunindo uns certos axiomas a que chamava a carga da vida em doze tempos. Entre estes axiomas havia quatro, que repetia amiudadamente, como se compreendessem os outros, e vinham a ser:

1. ° Serás fiel à tua bandeira até à morte.

2. ° Terás menos cuidado na pele do que na vitória do teu regimento.

3. ° Não combaterás com os que não tenham cartuchame.

4. ° Em tempo de chuva não pedirás sol.

E para que os órfãos pudessem entender estas máximas, explicava-lhes que a bandeira para eles era a honra, o regimento eram todos os homens, e que os cartuchos faltavam aos pobres e aos fracos: acerca do sol e da chuva dizia-lhes que significavam a sorte laboriosa ou feliz que Deus nos havia destinado. A semana, dizia o soldado, é uma caixa de viveres, levada por sete cavalos: se tirais um, a caixa ainda andará: dois avançará com dificuldade; três ficará no atoleiro, e deixará o exército sem pão.

Os órfãos ouviam e aprendiam religiosamente estas lições. três anos decorreram assim. Matias era a sua experiencia, e eles eram o futuro do

veterano. Ao passo que a idade lhe curvava o corpo, e despovoava a cara, os dois sobrinhos iam crescendo ao seu lado, como dois rebentos vigorosos que saem de um tronco já meio seco. Muitas vezes as outras crianças da oficina vinham também sentar-se ao pé do velho, e pedir-lhe a narrativa de uma das suas batalhas: e assistiam ás lições do veterano que antes de deixar a terra depositava na infância as sementes do fruto que tinha dado a sua boa alma.

Fatos semelhantes são uma escola perpetua aberta para o povo ao pé do lar da família, ou no limiar das portas da morada do pobre. Nessas escolas os que vão partir do mundo iniciam meigamente os que veem chegando à vida honrada, que é composta de coragem, de paciência, e de privações.

Maurício em vão procurava no edifício grandioso em que estava alguma coisa que lhe recordasse a oficina da sua aldeia. Na fábrica que visitava não via teares imperfeitos, nem trabalho irregular, mas também não ouvia rir, nem cantar... Procurava um tio Matias com os sobrinhos, e não via senão máquinas perfeitas, e operários embrutecidos.

O Sr. Isac Ferro chegou com os seus visitantes ao lugar em que tinha os pupilos da Sociedade Humana.

Era uma serie de casinholas, contendo cada uma um casal, sem os filhos, porque estes desde a nascença ficavam separados do pai e da mãe para se darem a educar por empreitada. A mulher não só estava dispensada, como se vê, dos

cuidados de mãe, mas também dos trabalhos de esposa. O sustento e vestuário, o arranjo domestico, tudo se fazia igualmente por empreitada. Não tinha ao seu cargo nem poupar o ganho do marido, pois que havia um gerente que regulava as despesas e os salários. Pelo que diz respeito à saúde, havia um médico que todas as manhãs fazia uma visita geral. O marido estava pelo regímen dispensado da perseverança, da coragem, e da proteção que poderia querer dar à família.

— Deste modo, disse o Sr. Isac, o operário vive sob a nossa tutela, bem alojado, bem sustentado, e bem vestido; é obrigado a ser virtuoso, e recebe da nossa mão a felicidade já de todo pronta e acabada. Não somente regulamos as suas ações, mas arranjamos o seu futuro, habituando-o desde a infância ao trabalho em que se há de empregar. Os ingleses tinham outrora aperfeiçoado os animais domésticos, segundo o destino que lhes queriam dar, nós aplicámos o sistema à raça humana, e conseguimos aperfeiçoa-la. Cruzamentos bem escolhidos produziram-nos uma raça de ferreiros, com a força toda concentrada nos braços: uma raça de homens de carga com amplo desenvolvimento nos rins: uma raça de andarilhos, a que só crescem as pernas: e uma raça de pregoeiros, utilmente aproveitada na venda dos bens nacionais, e formada somente de boca e de pulmões. Podeis ver nessas diferentes casinholas amostras das diversas espécies de proletários que vos citei, e aos quais posemos o nome de mestiços industriais.

— E não houve descuido acerca da sua educação, observou Gaudêncio, já enfastiado de ouvir explicações sem as dar. Tirámos ao ensino popular tudo quanto não tivesse aplicação prática e imediata. Nos séculos passados em certas nações o operário perdia muito tempo precioso a ler a história de grandes feitos, a aprender rezas que afligiam o coração, e a repetir máximas cediças de religião: com a honrosa exceção de Portugal, os outros povos da Europa despendiam muito dinheiro para ensinarem ao público essas inutilidades; nós substituímos tudo isso pelo estudo da aritmética, e de um resumo do Código Comercial; e os pupilos todos aprendem a ler e a escrever, mas quanto baste para lerem os preços correntes, e escreverem as contas da despesa.

— E sujeitam-se gostosamente a esse regímen? perguntou Maurício.

— Algumas naturezas depravadas são as que resistem à nossa paternal direção; aí tendes um exemplo diante de vós.

— Quem? aquela rapariga com um olhar tão altivo e meigo?

— Não a podemos domar, redarguiu o fabricante. Diz que lhe tirámos o descanso livrando-a dos cuidados assíduos que precisava seu filho, e que a despojámos da sua maior satisfação tirando-lhe todo o trabalho do arranjo domestico!

Maurício olhou para a rapariga de quem falavam, e disse consigo: A voz de

Deus ainda não foi sufocada em todos estes corações; alguns conservam o instinto das grandes leis da natureza. Continua a resistir, corajosa mulher, contra o sossego e fortuna que te dão em troca das mais santas alegrias. Não poderá compreender esta gente que as vigílias e cuidados maternais, o labutação e economias da esposa, são os mais preciosos anéis de que se forma a cadeia domestica? Não poderão considerar a união do homem e da mulher senão como uma associação comercial cujo fim é unicamente o lucro? No mundo como ele deve ser, ou como ele era, o fundo social não se compunha unicamente de dinheiro, mas também de paciência, de boa vontade, e de afeições: são estes os capitães que se devem aumentar para que a sociedade prospere. Deixai à mulher a sua utilidade de todos os instantes para que o homem possa avaliar a todos os instantes o mérito da companheira da vida e de trabalhos que Deus lhe deu.

Deixa-a fazer o trabalho que um estranho faria melhor, a fim de que obtenha o salario sem o qual não pode viver — a gratidão daqueles que ama. — Para que se há de regenerar o pobre tirando-lhe os deveres da família? Esses deveres são a única fonte do bem. Em vez de os diminuir, santificai-os aos seus olhos, facilitando-lhe o seu cumprimento: não vos substituais à sua consciência; mas esclarecei-a; não comprimais essas almas, dai-lhes pelo contrário mais vida e mais vontade. O povo não é um prodigo que se deve dar por interdito, mas um jovem que se deve dirigir e ajudar a desenvolver.

Isac e Gaudêncio continuaram as explicações mostrando aos visitantes o asilo dos operários velhos, onde aproveitavam o resto da sua força até ao momento da agonia, não deixando de observar o Sr. Enternecido, que isto era muito mais nobre para os artistas inválidos do que a pratica seguida em Lisboa na antiguidade, onde os asilados alugavam cadeiras e vendiam copos de água, e isto podendo ter pertencido a todas as classes da sociedade.

Não esqueceu mostrar de longe o anfiteatro, em que os corpos dos operários eram entregues ao escalpelo dos estudantes de cirurgia por um preço modico, pois assim como o berço dos filhos não dava cuidado aos pais, também a sepultura dos pais não importava aos filhos.

Maurício e Marta olharam sem ver, escutaram sem ouvir. A tristeza estava no coração de ambos. Quando chegaram a casa do Dr. Universal, e se viram sós, abraçaram-se chorando.

— Vede o que fizeram, Maurício! exclamou ela. Na era em que vivíamos ainda nem todos tinham abandonado o Deus das almas pelo bezerro doiro: os laços da família não estavam desatados por toda a parte: as inspirações do coração não estavam extintas. A sociedade vivia do mal, é verdade; mas ainda conhecia o bem: neste século em que estamos — para onde desejámos vir — tudo está perdido sem remissão.

— Porque dizes isso, Marta? balbuciou Maurício, desejando achar a duvida na

triste realidade que os cercava.

— Porquê, Maurício? Porque tudo quanto temos visto prova que no ano 3000 já não há quem se saiba amar.

A SEGUNDA DIGRESSÃO

CAPÍTULO VIII

No dia seguinte quando os dois esposos entraram na sala do seu amigo académico, encontraram-no com o Dr. Barrado, um dos parentes que tendo notícia do incómodo de Milady Enjoada, vinha oficiosamente saber da sua saúde.

O doutor era um homem engomado e escovado, e como tal bem querido das senhoras. Estava convidando seu primo para ver os melhoramentos adotados no hospital de que era médico. O Dr. Universal agradecia, mas observava que lhe não era possível aproveitar o favor naquela ocasião. Maurício aceitou no seu lugar, e depois de ter combinado com o Dr. Universal que se encontrariam em casa do Sr. Telescópio, entrou com Marta na carruagem do Dr. Barrado.

A carruagem parou à porta do hospital da república, situado num dos extremos da cidade.

Á entrada viram casas elegantes, cercadas por jardins, cuidadosamente dispostas, e destinadas para os médicos. A parte principal do edifício era um palácio sumptuoso com jardins, lagos e quiosques. Era ali que morava o

administrador geral e os empregados de maior categoria.

— A capital despendeu muitos centos de contos de réis, disse o Dr. Barrado, para transformar o seu hospital em estabelecimento modelo. Os administradores, contadores, adjuntos, médicos, cirurgiões, irmãos-maiores, menores, etc. eram sustentados à custa da república. Estavam sempre carruagens postas ás suas ordens, e as mulheres e filhas destes funcionários tinham direito a uma pensão tirada das despesas do estabelecimento.

— Mas onde estão os doentes?

— Ah! ê verdade, tinham-me esquecido: estão além, disse o doutor, indicando um edifício sombrio; que ficava como escondido em seguida a muitos pátios. A vista das enfermarias entristece, e teria prejudicado o belo efeito do edifício geral: estão escondidas para que se possa bem ver o que só constitui o hospital propriamente dito: — a morada dos seus beneméritos e zelosos empregados. Desgraçadamente faltou o terreno para a obra ser completa. E depois de se ter arranjado o jardim do administrador, a horta do contador, e uma alameda para passearem as suas famílias apenas ficou um pátio estreito para os convalescentes: mas como na máxima parte os doentes morrem, podemos dispensar esse luxo.

— Mas pelo que oiço recebeis os doentes no momento da agonia? observou Marta.

— Acontece ás vezes que se recebem depois, respondeu o doutor. Para ser recebido no hospital é preciso primeiro ir a uma repartição chamada do Exame, situada no lado oposto da cidade; aí espera a sua vez, obtém uma certidão, e depois anda oito léguas para se meter na cama. Em virtude destas acertadas providências temos a certeza de não receber nunca no estabelecimento pessoas com saúde: É verdade que os doentes podem chegar-nos mortos, mas como tudo tem inconvenientes, este é bem insignificante na presença da boa ordem que as sabias medidas da administração estabeleceram em todos os ramos de serviço que estão à vista. A administração não tem poupado esforços para que em tudo o nosso hospital sirva ao progresso das ciências. Na contadoria as raspadeiras trabalham por si: os documentos do cartório estão todos munidos com umas perninhas mecânicas, e dando-se-lhes corda vão para onde mais convém: os cofres são tão engenhosos, e com segredos tão especiais, que já muitas vezes o dinheiro se tem sumido, havendo para o achar graves questões, e até processos entre a administração e os seus responsáveis, sobre se entraram ou não em caixa dezenas de contos de réis. Com uma escrituração regular como a nossa só estas artes magicas dos fabricantes de cofres explicam o enigma. Tenho aqui à mão uma coleção de comunicados publicados em diferentes jornais, que fazem justiça ao zelo e inteligência da administração de tão pio estabelecimento. à elevação das suas vistas e altura do seu entendimento devemos a posse de uma sala de ensaios onde sé experimentam as novas doutrinas. Se os doentes que

servem à experiencia são curados, o tratamento é adotado: se morre tanto pior para o sistema. Temos um laboratório e um estabelecimento especial para educarmos os cães destinados a ser envenenados e devorados no interesse da humanidade. Anfiteatros bem sortidos com cadáveres de boa qualidade, e uma soberba coleção de esqueletos debaixo de redomas de vidro. Assim mesmo falta-nos muita coisa: a coleção dos monstros não está completa: carecemos há muito de uma coleção de amostras das diferentes raças humanas, empalhada com perfeição, e a administração espera alcançar tudo isto, e muito mais por meio dos bónus.

Maurício perguntou o que significava esse vantajoso meio económico.

— Chamamos bónus ás economias feitas à custa dos doentes. Se o caldo é menos substancial, temos bónus; o pão menos alvo, bónus no caso; se o vinho se disfarça com água, mais bónus. É assim que o estabelecimento enriquece, e que os seus administradores, tendo o cuidado de mandar arear a porta em dia de visita, adquirem direitos ás honras, e também aos proveitos. Em princípio pode-se dizer que um hospital bem administrado é aquele em que os doentes passam tão mal quanto é preciso para haver avultado saldo na caixa. Conversando chegaram a uma enfermaria: o sobrado estava pintado, as paredes forradas de bonito papel, e as janelas com cortinas de seda: este luxo contrastava com o aspeto dos aparelhos operatórios, de todas as dimensões que erguiam de vez em

quando os braços de aço.

O doente era tratado pelo enfermeiro do ano 3000, do mesmo modo que o fazia o seu colega do século dezanove.

Os médicos continuavam a examinar publicamente os doentes, descobrindo-lhes as feridas para serem vistas pelos discípulos: descreviam indiferentemente os padecimentos, e explicavam em voz bem alta as probabilidades felizes ou fatais da doença. A agonia do moribundo continuava, como na antiguidade, a levar o terror ao coração do doente que estava na crise que havia de decidir da sua vida.

O aspeto do morto coberto com o lençol fúnebre, desfazia o sorriso que assomava aos lábios do convalescente, que se estava sentindo reviver.

Marta olhou para Maurício com os olhos arrasados de lágrimas, e disse-lhe a meia voz:

— Não era isto que esperava ver. A enfermaria do pobre está abandonada como no século dezanove. O sobrado é mais perfeito, as paredes mais enfeitadas, as janelas estão ricamente ornadas; mas que fizeram, diretamente a favor dos que sofrem, ao cabo de tantos séculos? Ficaram como estavam misturados como se fossem um rebanho de gado entregue ás tentativas e curiosidades da ciência, com os instrumentos da tortura sempre diante dos

olhos... Maurício, eu esperava que a civilização no seu caminhar tivesse feito perder ao hospital o carater de severidade que ele tinha, e que o doente tivesse deixado de ser uma coisa, que se cura gratuitamente, para se transformar num ente a quem fossem poupadas as sensações, respeitados os receios, e confortado o coração, e que achasse nesta pousada comum do infortúnio alguns dos cuidados da família. De que servirá o luxo que temos visto? Era melhor no seu lugar conceder aos desgraçados um canto que seja de cada um deles, e onde não os perturbem os gritos dos que morrem; convinha não considerar o corpo doente do pobre como uma propriedade de que foi expropriado ao entrar a porta do hospital; não se lhe devia mostrar assim que o leito em que vem procurar o remedio é uma esmola, e que fica à vossa discrição não somente para o mal, mas também para a miséria. Se o pobre é que sofre é ele o rei num hospital, e os mais sejam quem for, são unicamente servos.

Como o médico começara a prestar atenção ás inspiradas palavras de Marta, ela se lhe dirigiu mais particularmente.

— Dizei-me se não tenho razão? Já deveis ter conhecido que o afeto parece redobrar em nós para qualquer pessoa da família que adoece: a sua vontade é como se fosse santa, tudo se lhe desculpa: pois os pobres não serão membros da grande família a que todos pertencemos?

— Concordo com o que tenho a honra de vos ouvir, respondeu o doutor.

Tenho constantemente sustentado que não se deve economizar no serviço dos hospitais, e que nos deviam aumentar os ordenados. Mas as verdadeiras necessidades públicas são sempre desconhecidas, e os recursos da república são devorados em geral pelo exército que morre de fome em particular, e pelas sinecuras que ainda não puderam satisfazer quantos as condenam.

Tendo visitado mais algumas enfermarias foram ter a outra extremidade do edifício, que ficava em frente do hospital dos alienados.

A rogo dos seus companheiros o Dr. Barrado foi pedir licença ao seu colega, o Dr. Maluco, para lhes mostrar o estabelecimento confiado pelo governo aos seus padrastais cuidados! Era este um modo de falar do ano 3000.

O leitor permitirá uma divagação. Deve ter reparado na abundancia de doutores do século a que o transportamos. São mais, seguramente, do que os conselheiros do seu tempo.

Diremos o que nos consta acerca do que há de vir.

Um dos capítulos da lei fundamental da Republica dos Interesses-Unidos — lei a que voltaremos mais tarde — tinha por titulo — das habilitações — ; e num artigo dizia: Habilita mais o grau de bacharel para andar calçado.

Todos os pais que não queriam ver os filhos palmilhando descalços o enlameado caminho da vida mandavam-nos para as universidades. Como o

título de bacharel se vulgarizou, começaram todos a chamar-lhes doutores, pela mesma razão, provavelmente, porque os areeiros de Coimbra chamam estudantes a todo e qualquer cidadão que em tempo de ferias anda na estrada, em cima de um macho.

O Dr. Maluco apareceu. A pessoa correspondia ao nome, e a escolha havia sido feita expressamente pelo governo para os doentes confiarem nele como num irmão, apesar de que nesta irmandade de capa de pele e cabelo, chamada humanidade, já houve um Caim, sendo a este facto que os sábios do ano 3000 atribuíam as desordens de algumas irmandades de capa mais garrida, de que davam notícia os jornais do século dezanove e do ano sem graça de 1860.

O doutor começou a examinar Marta e Maurício, findo o exame exclamou em tom convicto:

— Já percebo, já percebo!... olhar atento... contração nos sobrolhos... fisionomia admirada... Deve haver absorção das faculdades gerais em proveito de uma preocupação parcial. A espécie é há muito conhecida, e facilmente se cura.

— Deus lhe perdoei interrompeu o colega Barrado, julga que sois doidos; tende a bondade de lhe dizer que não vindes ao estabelecimento como doentes, mas por curiosidade.

— Ah! é por curiosidade, resmungou o Dr. Maluco, examinando os dois ressuscitados com olhar desconfiado... curiosidade eim?... mais um sintoma, e dos que não falham: e chegando-se ao ouvido do colega disse em voz baixa. Desconfiai deles... esta aparência sossegada... aquele sorriso... conheço perfeitamente a espécie — é a loucura do juízo, a mais prejudicial de todas.

E como o Dr. Barrado ria ás gargalhadas, o Dr. Maluco olhou para o seu próprio colega com a atenção que dedicava aos dois esposos.

— Incapacidade de seguir um raciocínio... credulidade cega... terceira espécie, observada pelo Dr. Insensato, e declarada incurável.

Findo o arrazoado encolheu os ombros, e disse secamente aos três, que o seguissem.

O contato perpetuo com os doentes fora para o doutor como um contagio. Na sua opinião a sociedade tinha encarcerado certos doidos para fazer acreditar no juízo dos que deixava em liberdade; mas em verdade o mundo era um composto de doidos em diferentes graus de loucura. Desenvolvia este princípio mencionando todos os sintomas que lhe revelavam as variadíssimas observações da inteligência, e dizia: Se pensais mais numa coisa do que em outra, loucura; se preferis alguém à vossa individualidade... loucura maior ainda do que a antecedente... alegrais-vos com qualquer esperança incerta... loucura rematada... Desta forma cantava o Dr. Maluco em forma de ladainha, seiscentas e trinta e

três espécies de manias, não entrando a sua. Foi mostrando aos seus companheiros exemplos das diversas observações classificadas por ordem, como as famílias das plantas num herbário.

Nesta exposição universal da loucura, Maurício parou vendo um homem sossegado e risonho.

— Este, disse o doutor, foi um dos nossos mais ricos negociantes. Todos o julgavam no gozo pleno do seu juízo, quando um antigo socio da casa, arruinado pelo seu pai, lhe intentou um processo de restituição. Os juízes decidiram a favor do nosso milionário, mas ele dizendo-se esclarecido pela discussão da causa, quis despojar-se da fortuna para entrega-la à parte contraria. Para o impedir de praticar esta ação foi preciso que os herdeiros o dessem como demente, e depois de assim ser julgado por sentença, foi confiado aos meus cuidados.

O que está escrevendo assentado naquela pedra, e conhecido na casa pelo nome de pai dos homens, é um dos malucos mais curiosos que possuímos. Haverá meio século que trabalha em compor um sistema social para cada pessoa poder ser recompensada na terra, segundo as suas obras! Julga que Deus deu a todas as criaturas humanas um direito igual à felicidade, e que numa sociedade cristã a miséria não deve ser o resultado do acaso, mas o castigo do vicio! À noite e pela manhã ajoelha, e com as mãos postas repete sempre estas mesmas

palavras:

«Padre Nosso, que estais no céu, venha a nós o vosso reino, e que a vossa vontade seja feita, tanto na terra como no céu.»

A autoridade julgou esta loucura perigosa para o sossego público, e acertadamente o mandou para o hospital! Tinham chegado ao pé de um jovem com fisionomia pensativa e nobre, quando o doutor acabou o esboço da loucura do pai dos homens.

— Este é um viajante, continuou ele, referindo-se ao que despertava a atenção de Maurício; mas um viajante que não viaja para coisa alguma. Ao passo que outros percorrem as nações civilizadas no interesse do comércio ou da indústria, ele só vai ás regiões desconhecidas.

Por três vezes já foi ao antigo continente, sem outro motivo que não fosse visitar esses povos decadentes, atravessando rios esquecidos, e dormindo sobre ruinas sem nome. É inútil interroga-lo sobre a estatística natural, ou a base geológica das nações por onde tem andado: o infeliz não trouxe das suas viagens nem o mais insignificante fragmento de rochedo: trouxe, como ele diz, impressões e nada mais. Logo que recolheu da terceira, viagem a família mandou-o para aqui, e há três anos que lhe aplicamos sangrias e banhos de Duche. Se vos quereis divertir com ele um quarto de hora, podeis faze-lo sem receio, porque no entanto vou terminar a minha visita, e volto logo ao vosso

encontro.

CAPÍTULO IX

Maurício aproveitou a oportunidade para se aproximar do louco indicado pelo doutor, ao qual chamavam Peregrinus, e começou a interroga-lo acerca do que ele deveria ter visto.

O viajante que tinha andado pelo antigo continente fez-lhe um esboço rápido da situação dessa parte do mundo no ano 3000. Disse-lhe que a Africa, iniciada finalmente nos mistérios do progresso tinha adotado costumes civilizados: o governo constitucional havia sido estabelecido na Guiné, e o rei de Gongo estava preparando uma constituição para os seus povos: os hotentotes tinham formado a república do Capricórnio, e a Africa central era governada por um presidente eletivo. Peregrinus gabou especialmente a Maurício a escola politécnica de Tamutu, e o conservatório dramático do deserto. A Senegâmbia só era célebre pelo comércio de medicamentos, e abastecia os boticários do mundo inteiro. A Ásia havia caído num torpor que diariamente aumentava. Peregrinus atravessou-a em diferentes direções sem poder descobrir nenhum resto da sua antiga opulência. O Indostão era habitado por um povo de malabares que não conheciam outra industria senão engolir espadas, e fazer

dançar serpentes sobre a cauda? A Pérsia estava dividida entre duas seitas que reciprocamente se enforcavam para saber o que seria mais do agrado de Deus, se introduzir um grão de tamarindo na venta esquerda ou na venta direita: o império chinês adormecido pelo opio era uma nação de sonâmbulos. Restava a Europa cuja transformação interessava mais peculiarmente a Maurício e a sua esposa. Peregrinus tendo permanecido muito tempo nesta parte do mundo estava no caso de satisfazer a sua curiosidade.

As transformações da Europa eram mais notáveis ainda do que no resto do mundo, pois que a vitalidade ardente dos povos precipitou o ímpeto de cada um no abismo que lhe parecia destinado. Fora da Europa as raças humanas tinham-se deixado decair sem resistência: mas na Europa cada povo tinha montado na sua loucura, como num cavalo infernal, que excitavam com a voz e com a espora. Vendo essas povoações apaixonadas pela própria ruina, voando para a perdição com os seus maus instintos, dir-se-ia que elas recordavam os bárbaros de outras eras, que cegos pela vertigem na ocasião da derrota, lançavam os carros sobre os vencedores, e voavam à morte com toda a velocidade da sua quadriga.

Peregrinus tinha visto a Rússia abortar na civilização prematura; e contemplara de perto as ruinas desse gigante, que imperadores de génio elevado tinham inutilmente querido constituir em nação. Despojada da sua

individualidade, sem vontade nem energia para criar outra; sem ser, nem civilizada nem barbara, havia esgotado os esforços de cinquenta czares, refletindo sempre a civilização dos povos vizinhos, e voltando à obscuridade ao passo que o seu sol descia no horizonte.

A Alemanha não tinha sido mais feliz. Filosofando entre o cachimbo e o copo, tinha discutido um século acerca da etimologia da palavra liberdade, um século sobre o seu sentido, um século sobre a extensão que este poderia ter, e um século sobre o seu resultado. Chegada a este ponto, os reis deram-lhe uma constituição que permitia pensar sem dizer o pensamento, sentir sem manifestar os sentimentos, desejar sem obter coisa alguma. A Alemanha satisfeita acendeu o cachimbo, encheu o copo, e cantou hinos patrióticos, fazendo figas à França.

A França ao cabo de muitos governos baratos, de eleitores probos, e de festejos públicos, chegou à bancarrota nacional, seguida da bancarrota individual; e tendo voltado à feudalidade pela onipotência dos banqueiros, sem outro auxílio à agricultura senão os relatórios das sociedades científicas, e os ordenados pagos aos diretores das caudelarias, havia tomado a resolução de se consolar da sua decadência com o teatro e os bailes de mascaras. O resto do povo francês dançava uma polka, nos campos incultos, nas praias desertas, e nas antigas ruinas, proibida outrora pela polícia. A Bélgica tendo voltado à indústria das contrafações, porque o direito de propriedade tinha caído em desuso, era

unicamente habitada por fábricas de papel, tipografias, brochadores e encadernadores. Um raio incendiou um dia aquelas montanhas de papel, e o seu pouco numeroso povo foi devorado pelas chamas.

Por esse mesmo tempo a Suíça tinha sido comprada por uma companhia, que a cercou com uma muralha, formada dos restos das fortificações de Paris. A companhia explorava os sítios pitorescos da Suíça, que sem bilhete comprado com antecedência não se podiam admirar.

A Itália era também uma propriedade particular, mas interdita ao público.

Os Estados Pontifícios tinham sido comprados por um banqueiro judeu, que arredondou as suas propriedades, expropriando o rei de Nápoles, o imperador da Áustria e o duque da Toscana. O judeu tinha mandado levantar das ruinas alguns monumentos, envernizar alguns quadros, e restaurar certas estátuas; mas o povo andava quase nu, e esfomeado.

A Turquia atormentada havia muito por todas as potências da Europa, como se fosse um manto de purpura cujos pedaços elas quisessem repartir, tomou a resolução de cruzar as pernas, e de as deixar puxar. A cada província que lhe levavam dizia: Só Deus é grandes e tomava um sorvete. Esta situação continuou até que os corvos que a comiam aos pedaços começaram a brigar para ver qual ficaria com a melhor parte. Ao cabo de uma guerra, em que morreram dois ou três milhões de homens, todos aceitaram as condições que a princípio

recusavam. Convieram em repartir amigavelmente a preza; mas quando vinham buscar a parte respetiva a cada nação, a Turquia tinha-se deixado morrer sossegadamente, e nos lugares onde os invasores esperavam encontrar algum pedaço de povoação, só viam planícies abandonadas, nas quais pastorava algum velho camelo. A Inglaterra pensava em aproveitar estes animais, ainda que não fosse senão matando-os, e vendendo-lhes as peles; mas uma resolução inesperada suspendeu o curso das suas usurpações triunfantes. Até esta época a aristocracia confortavelmente vestida com lã finíssima, sustentada de rosbife, Xerez e Porto, e tão instruída na ciência do governo, como na ginástica, tinha tido debaixo dos pés o povo em farrapos, embrutecido pela atmosfera das fábricas, pelas batatas, e bebidas espirituosas. As luzes do céu estavam quase apagadas na alma deste povo. Quando lhe disseram que também era composto de filhos de Deus, e que era preciso tomar o seu lugar perto dos outros homens, e não ao pé dos brutos, o povo respondeu:

— Para que? O bruto trabalha mais pacientemente do que os homens: uma era veio em que a paciência cansou, porque a dor substituiu a coragem, e o bruto, mudado em animal feroz, matou os senhores e dominadores contra quem se rebelou.

Passada a violência do primeiro ímpeto, a ira dos revoltosos passou sobre a Inglaterra, como se fora uma tempestade devastadora. O que tinham de

conservar homens que não tinham nunca possuído? A propriedade era o seu inimigo. Obedeceram-lhe por vinte séculos: como homens tinham sido escravos das coisas; quebrada a cadeia moral da escravidão, destruíram tudo quanto se lhes apresentara.

Palácios tendo nos alicerces a violência do seu trabalho de dias e noites: fabricas em que tinham vivido prisioneiros: máquinas cujas mãos de aço lhes tinham tirado bocado à bocado o pão da família: navios para onde os embarcavam à força, e conservavam pelo susto: portos, cidades, arsenais, monumentos de uma glória adquirida sempre à custa do seu sangue e das suas lágrimas, tudo era ruinas, porque essas riquezas, essa glória, e esse poder eram outros tantos anéis de uma cadeia de escravos, que a vingança tinha partido. Em lugar dos edifícios, arrasadas as mãos inábeis do povo, não sabiam elevar outras construções.

Os reis de Inglaterra ao cair tinham deixado quebrar a coroa, e o vencedor nem pensava em lhe reunir os restos.

Deixaram crescer erva nas estradas abandonadas, plantas aquáticas nos canais inavegáveis, e o mato nos regos estéreis do arado. A revolução não tinha sido uma reforma, mas um ato de desespero. Quando Peregrinus havia estado nos três reinos, a transformação de que falava já se tinha operado, e viu com admiração essas ruinas habitadas por selvagens, que viviam da pirataria,

guerreando uns contra os outros, e comendo os prisioneiros em lugar dos rosbife da antiga Inglaterra. Alguns restos da aristocracia proscrita escondiam-se nas montanhas, porque eram continuadamente perseguidos por John Bull que na falta de camelos caçava lords. A Espanha passara também por um período de guerra devastadora: mas em razão do aperfeiçoamento a que tinha levado esse género de exercício, os partidos rapidamente se dizimavam e destruíam. Os fuzilamentos, com intervalos de forca, acabaram a obra começada. À medida que diminuía o número dos espanhóis, aumentava o número dos animais lanígeros, e grandes rebanhos cobriam os prados, as vinhas, e os campos, acabando por transformar o reino num vastíssimo espaço tosquiado onde a nação estava unicamente representada por cordeiros.

CAPÍTULO X

Peregrinus tinha ido de um salto a Portugal, e eis o modo como essa nação acompanhava a decadência dos outros povos do continente decrepito.

O egoísmo e a inveja foram encolhendo o corpo, à proporção que amesquinhavam a alma; e a raça portuguesa ao cabo de quatorze séculos fizera uma realidade da ficção de Guliver.

Os trabalhos de uma repartição de estatística composta de homens especiais, provaram que onde habitavam os clássicos três milhões de habitantes do continente português estavam no ano 3000 31.425:869 anões, desprezando por insignificante uma fração de anão. Destes, excluindo as anoas os anõezinhos e os proletários, ficavam 2.596:431 cidadãos no gozo pleno dos seus direitos civis e políticos.

Peregrinos permaneceu muito tempo naquela colonia, uma das mais curiosas para o viajante ultracivilizado. Em Lisboa tinha residido mais de um ano. As ruinas abundavam, mas os anões mostravam-se muito satisfeitos, qualquer coisa os distraía. Passavam os dias ao sol, estendidos pelas praias, olhando ora para o

Tejo ora para o ar. O seu alimento mais habitual era laranja e sardinha, e bebiam uma composição química chamada vinho, fabricada em vários laboratórios.

Peregrinus fez conhecimento com um anão muito sabido nas coisas antigas de Portugal, e que tinha cultivado nos dicionários e manuais todas as províncias dos conhecimentos humanos. Ele explicou fisiologicamente o encolhimento da raça portuguesa, com os exemplos históricos. Nos vestígios que existiam dos portugueses do século dezanove estava a prova que não podiam ás vezes dois, nem mais homens, Com as armaduras de alguns dos seus reis, ou antigos heróis; do que concluiu o sábio: se os homens do século dezanove em Portugal eram tão apoucados de corpo que não podiam com as armas usadas havia pouco mais de meia dúzia de séculos, não deve admirar que nós, mais de uma dúzia de séculos depois deles, andemos a pau e corda com os espadins e chapéus armados dos seus homens de estado! A caixa das condecorações de um ministro dos negócios estrangeiros desse tempo, achada no sítio onde foi o banco, só dividida em três fretes se pôde levar para o museu.

Aos domingos havia corridas de gatos no campo de Sant'Ana, e fogo de vista à noite em todos os passeios, em beneficio dos asilos.

Quanto ao sistema de governo era anárquico, e a liberdade era livre. Cada um fazia o que queria, e sobrava-lhe tempo para se divertir.

Uma grande urna talhada em mármore se levantava no centro do deserto

Alentejo, como monumento levantado pela ilustração dos antigos partidos ao ceticismo politico.

Em todos os dicionários se tinha raspado por ordem superior a palavra crença.

O exército estava armado convenientemente e munido de cartuchos de pós contra toda a espécie de insetos.

As estátuas dos portugueses eram francesas.

De dia todos os cidadãos traziam charuto na boca e à noite apitos. Um edital do governador civil de Lisboa aconselhava também ás cidades o uso daquela arma preventiva; o que fizera encarecer a matéria prima mais usada para o assobio artificial.

A instrução pública tinha grande desenvolvimento. Em cada rua havia duas aulas criadas pela lei. Como a mendicidade era punida com a pena de morte, a república achou nesta proibição o meio de estabelecer mais um monopólio, e este não a favor de contratadores, como o do tabaco, mas em benefício dos professores de instrução primária. O seu regulamento ordenava que ensinassem a juventude até ao meio dia a ler pelo método A, árvore; B, besta; C, cesta; sendo a tabuada defendida por gregos e troianos e os riscos das escritas o menos tortos que fosse possível. Do meio dia em diante eram os professores

autorizados a mendigar, o que lhes produzia um sofrível ordenado, permitindo ao mesmo tempo a criação de novos empregos com a economia dos seus vencimentos.

A instrução chovera assim sobre o povo, e cada anãozinho ainda no berço, excedia o seu antepassado de Évora, de quem o poeta dizia.

Em Évora vi um menino,

Que a dois anos não chegava,

E intendia e falava,

E era já bem ladino

Respondia e perguntava:

Era de maravilhar

Ver seu saber, seu falar,

Sendo de vinte e dois meses;

Monstro entre portugueses,

Para ver, para notar.

Como estes versos provocaram o riso de Maurício, o louco observou-lhe que metade da sua vida enquanto habitara Portugal foi em verso, porque aquele povo era um povo de poetas. O sábio a quem já se tinha referido enviou-lhe umas trovas que faziam parte do curso de história para explicar a decadência do antigo reino, e que troncados como se ensinavam diziam assim:

Outro mundo novo vimos

Por nossa gente e achar,

E o nosso navegar

Tão grande, que descobrimos

Cinco mil léguas por mar;

E vimos minas reais

De ouro, e de outros metais

No reino se descobrir;

Mais que nunca vi saber

Engenho de oficiais.

E depois vimos cuidados

Paixões, descontentamentos,

Muitos malenconizados,

Muitos sem causa agravados,

Sobejos requerimentos:

Vimos desagradecidos,

Vimos outros esquecidos,

Que deviam de lembrar,

Vimos muito pouco dar

Pelos desfavorecidos.

E vimos monstros na terra,

E no céu grandes sinais,

Coisas sobrenaturais,

Grandes prodígios de guerra,

Fomes, pestes, coisas tais;

Vimos os bons descabidos,

E os maus muito levantados,

Virtuosos desvalidos,

Os sem virtude cabidos

Por meios falsificados;

A pendencia escondida,

A vergonha submetida,

O mentir muito disfarçado,

O saber desestimado,

A falsidade crescida.

Vimos honrar lisonjeiros,

E folgar com murmurar,

E caber mexeriqueiros,

Os mentirosos medrar,

Desmedrar os verdadeiros.

Vimos esterilidades,

Pestes, e ares não sãos,

Usuras e crueldades;

Vimos comprar novidades,

E revende-las cristãos:

Há aí de Deus pouca lembrança,

Pouca fé, muita esperança,

E uma vã presunção,

Rons costumes mortos são,

Justiça posta em balança.

O clero anão subia ao púlpito em ocasiões solenes, e era ouvido com louvor quando pregava como seu o que saíra de cabeças em todo o sentido maiores do que as suas. Era isto ainda um resto dos usos do século dezanove, em que alguns pregadores se agarravam a sermões de fama, que corriam impressos,

como a Minerva da fábula, e os deixavam sair dos lábios tão inteiros e adornados de pontos e virgulas como os tinham decorado.

Peregrinus repetiu grande parte de um que tinha ouvido nas exéquias de um conselheiro anão, que foi o modelo dos esposos, dos pais, dos padrinhos, dos primos, cantado assim sete dias pelas tubas necrológicas. O sermão era a apoteose do conselho, ou, como mais verdadeiramente se diz, a fisiologia do conselheiro.

Peregrinus de cócoras para dar ideia do anão, e com voz esganiçada, batendo punhadas no assento de uma cadeira a que se encostava, recitou esta amostra do tal sermão:

Colegerunt pontífices, et farisaeis concilium.

A melhor e pior coisa que há no mundo, qual será? A melhor e pior coisa que há no mundo é o conselho. Se é bom, é o maior bem; se é mau, é o pior mal. Suposta esta primeira verdade, de ser o conselho o maior bem e o maior mal do mundo, ou, quando menos, a fonte dos maiores bens, e dos maiores males, quisera eu hoje que fosse matéria do nosso discurso a consideração dos bens e males que concorreram neste conselho.

A causa de se governar tão mal o mundo, e de andar tão mal aconselhado, havendo tantos conselhos, é porque de ordinário os príncipes baralham os metais, e trazem desencontrados os conselhos e os conselheiros.

Viu o profeta Micheas a Deus em conselho. Assistiam de uma e outra parte do conselho todas as grandes personagens das três hierarquias. E diz o profeta, que também veio o diabo a achar-se no conselho: se num conselho do céu onde o presidente é Deus, e os conselheiros anjos, entra um diabo, nos conselhos da terra, onde os que presidem e aconselham são homens, e talvez homens de muita carne e sangue, quantos diabos entrarão?

Qual é mais antigo no mundo o conselho ou o papel? Pois assim como antigamente se faziam os conselhos sem papel, porque se não poderão fazer agora? Dir-me-eis que estava ainda o mundo pouco polido, e pouco politico. Mais politico que agora. A primeira nação, ou a primeira língua que soube ler e escrever foi a dos hebreus; e em todos os seus estados não achareis tinta, nem papel nos seus conselhos. Chamava o príncipe diante de si os do seu conselho; propunha a matéria; ouvia os pareceres, resolvia o que se havia de fazer, nomeava a quem o havia de executar; e acabava-se o conselho. Não era bom estilo este, senhor mundo? Agora estareis mais empapelado, mas nem por isso mais bem aconselhado. Se os conselheiros foram mudos, e os reis surdos, então era necessário o papel; mas se os conselheiros falam, e os reis ouvem, para que

são tantos papeis? Não é melhor ouvir um conselheiro, que fala e responde, que ler um papel mudo, que não sabe responder? E quantos conselheiros tiveram de dizer de palavra o que se não atrevem a dizer e firmar por escrito? Entre a boca do consultado e o ouvido do rei, passa a verdade com segurança: e nem todos tem liberdade e constância para fiar o seu voto das riscas e dos riscos de um papel. Não falo em que a tinta com ser preta pode tingir o papel de muitas cores, e a pena, de qualquer ave que seja, toda nasce de carne e sangue. Introduzir papel e tinta (ao menos tanto papel e tanta tinta) nos conselhos e nos tribunais, foi traça de fazer o tempo curto, e os requerimentos largos, e de se acabar primeiro a paciência e a vida, que os negócios.

Peregrinus saindo da posição em que se tinha posto, asseverou que o resto da oração era fúnebre, no fundo e na forma, e por tanto toda da lavra do pregador que ouvira. Os anões tinham conservado a religião como ornato; adoravam-na unicamente nas cruzes da moeda, empregavam-na em exéquias, batizados, enterros, e ás vezes nos casamentos. A única oração de que os seus antepassados lhe tinham deixado lembrança era simples e curta: parecia um fragmento da que pela manhã e à tarde repetia o doido a que chamavam pai de todos. Na memória e nos escritos ela só constava de duas palavras — VENHA A NÓS — o que significava para cada cidadão — VENHA A MIM — , porque em Portugal desde a popularização das Gazetas, todos falavam na primeira pessoa do plural.

O comércio prosperava pela usura, e Peregrinus viu anões assentados em banquinhos nas esquinas das ruas emprestando a quem passava uma moeda ao juro de um cruzado novo por dia, com meia moeda de comissão, e só com penhor de moeda e meia de peso, em prata ou ouro. O governo autorizava e até protegia este e outros meios engenhosos de roubar, no interesse da sociedade, porque achando os ladrões aquele modo decente e outros iguais de exercerem a sua vocação, os cidadãos dormiam com as portas abertas, andavam desarmados de dia e de noite por todo o reino, porque o roubo era uma desnecessidade sabiamente extinta com a agiotagem, as loterias, e os prémios conferidos ás fábricas de moeda falsa que exportavam anualmente maiores somas de valores.

A revolução dos usos e costumes havia sido geral e completa, porque a diferença do tamanho inutilizara todas as coisas da antiguidade; o seu uso era impossível. Só dois monumentos da civilização antiga foram reduzidos ás proporções mínimas em que podiam ser usados nos campos o arado, e nas cidades a sege — , da qual Peregrinus sabia aquela festiva alusão:

Que sege, senhor conde? eu fiz um voto

De andar antes por mar, e mar com moiros,

É triste habitação de maus agoiros:

E um resto infeliz do terramoto!

De astuta palmatória o bico ignoto,

Em vão puxa do macho os surdos coiros:

Em vão fulmina rígidos estoiros

Do bêbado arrieiro o braço roto;

A parda caixa é documento antigo;

É prova de que os anos gastadores

De cada ponto fazem um postigo;

É sege tal que em nada poupo dores;

Por mais que a feche, lá vão ter comigo

As injúrias do tempo e dos credores.

O comércio interior dos portugueses sofreu muito com a diminuição da

forma humana, e o Brasil para onde se exportavam por meio do humanitário ráfico da escravatura branca, deixou de substituir os pretos pelos galegos, como lhes chamavam no império, pois acerca deles se verificava

Duzentos galegos não fazem um homem

Porque quando comem

Meu dinheiro, teu dinheiro.

O sistema financeiro era admirável e engenhoso.

Não havia alfândegas, porque nenhum navio de gigantes (como os anões chamavam aos outros povos) podia entrar a foz dos seus rios. Gomo outrora se fixava o número dos grã-cruzes de certas ordens, estava fixado por lei o número de indivíduos de cada nação do novo mundo, que podia residir no continente português. Esta prudente disposição legislativa, e a execução de um vasto e perfeito plano de fortificação que tinham achado nas ruinas da secretaria da guerra dos antepassados, tais eram os meios com que defendiam os seus lares dos horrores de uma invasão. De inverno andavam todos vestidos de lã com a antiga marca de Larcher & Cunhados, ou Larcher à Sobrinho: no verão vestiam túnicas de pano de linho e mudavam os sapatos de ourelo por sapatos de

mouro. Ao domingo mantos de zuarte, ou de ganga azul variavam o traje nacional. O exército no inverno era todo fardado à mistura, e no verão de riscado com quadrados pretos e brancos. As graduações dos diferentes oficiais eram divisas da mesma fazenda: este belo sistema excedendo a simplicidade dos sistemas alemães de outros séculos, realizava uma grande ideia, dando a verdadeira uniformidade ao uniforme.

Não havendo portanto motivo para existirem muitas contribuições indiretas, a receita pública provinha toda de uma única contribuição direta — a do contrato do tabaco.

Eis o sistema da contribuição direta.

Em todas as ruas, aldeias e lugares havia ao lado da caixa do correio uma outra, que dizia em cima em letras de ferro — Imposto — , e depois tinha todos os sinais convencionais que figuravam na contabilidade pública.

A lei dizia assim:

Art. l.° Todo e qualquer cidadão, de qualquer sexo, idade, ou condição, macho ou fêmea, maior ou menor, rico ou pobre, é obrigado a contribuir forçadamente dez vezes por mês com dez réis para a caixa do imposto nacional.

Art. 2.° Ficam abolidos e proibidos os seguintes impostos:

I. Esmola ao Santíssimo;

II. Missa das almas;

III. Esmola, com exceção da autorizada por lei especial a favor dos professores (d' instrução primaria;

IV. Cautelas das loterias nacionais e estrangeiras;

V. Tremoços, alcomonia, e semelhantes;

Art. 3.° Os ditos cidadãos (são os mencionando no art. 1.°) receberão no dia 31 de dezembro de cada ano, por mão de um cabo de policia, cento e vinte bilhetes conforme o modelo Z, contendo todos os nomes dos preditos (cidadãos), e a numeração seguida de um a cento e vinte, mudando o mês na ordem do calendário de dez cujos (bilhetes) de janeiro em diante.

Art. 4.° Os contribuintes tendo os bilhetes de que trata o artigo antecedente espetados num arame pela ordem aí determinada, irão embrulhando neles cada uma das moedas de dez réis a que são obrigados; e só assim as poderão deitar na

caixa do imposto, pena de o perderem apesar de pago.

Art. 5.° O escrivão de fazenda dos círculos constantes do mapa Y no último dia de cada mês, à vista do registo civil, feito na paróquia competente, descarregará os contribuintes pagantes, relaxando aqueles a quem faltam bilhetes e a competente de X.

Art. 6.° Por cada (é oficial) dez réis que deixar de pagar qualquer dos supracitados contribuintes se instaurará um processo conforme o modelo F.

Art. 7.° Para não dar causa a abusos, as custas e mais encargos para cada processo não devem exceder nunca jamais em caso algum, pensado ou por pensar, o seguinte:

Contribuição principal …… 10

5% …… 5

Selo do conhecimento …… 30

Guia …… 5

Aviso …… 10

Solas (Antigas Caminhos) …… 40

Custas …… 100

Soma = 200

ARTIGO TRANSITÓRIO PERMANENTE

As explicações dos parenteses são destinadas a explicar a confusão e desordem da gramatica, que deve por sistema caracterizar o estilo oficial, seja qual for o número de oficiais encartados no ofício de oficial de secretaria.

A receita mensal do imposto era de 3,142,280,900 ou por ano 37,707,442,800.

O contrato do tabaco rendia o que na sua consciência os contratadores tinham por bem remeter ao erário.

Como quatro quintos da população eram empregados públicos, mais para matar o tempo do que para trabalharem, e o exército era numeroso em oficiais, havia deficit que se satisfazia pela fabrica da divida nacional movida a vapor. O

aumento progressivo da divida não dava preocupação ás inteligências que giravam na esfera da cabeça dos anões, tidos e havidos por entendedores das nigromancias dos algarismos. Como a nação era essencialmente jogadora, o juro da divida fundada era de 20 por cento ao ano, cabendo anualmente a sorte a cem de mil números que teriam direito a recebe-lo, esse ano, entre os milhões de números da numeração antiga e moderna destas portas da fortuna pública chamadas inscrições: o preço dos títulos ficava sustentado pela incerteza que havia sobre o pagamento do juro. A este ponto de perfetibilidade não tinham podido chegar nenhuns dos ministros da fazenda dos antigos tempos, apesar do empenho com que se dignaram trabalhar para tão vantajoso resultado.

É verdade que no ano 3000 as idades andavam muito antecipadas, e não só na fazenda, mas em todos os ramos da administração pública os jovens faziam prodígios sem ainda terem largado a pueril pretexta. Se o rabugento Tácito se admirou que os filhos de Agripa fossem ilustrados com o título de imperador, no ano 3000 ninguém se admirava de ver coeiros entre fardas, porque as crianças tinham acabado desde a declaração dos direitos do homem.

A economia política era desconhecida dos portugueses anões, e a economia doméstica era ensinada por casas particulares em nome e com paga do governo.

Estes professores ambulantes tinham produzido efeito maravilhoso.

O sábio amigo de Peregrinus mostrava nas meias a prova plena da

incontestável vantagem do sistema, e com uma recordação de estudante as definia dizendo:

Unir ás pontas dos pés

Os calcanhares das meias,

De pontos traze-las cheias,

Alguns tomados do invés;

Ser preciso mais de um mês

Para tomar os abertos;

Em fim meias que em concertos,

Julgo que gasto me tem,

Dez tostões e um vintém,

Que por lá me andam desertos.

Peregrinus assistiu a uma das muitas revoluções que regularmente havia naquela parte do mundo, a qual tendo sido insignificante na origem, e até ridícula, foi espantosa nos resultados.

Um navio acossado pelas tempestades tinha forçado as correntes com que estava fechada a barra do Tejo ao comércio que não fosse anão. Abordo vinha uma companhia de célebres trágicos italianos que andavam percorrendo as cidades do antigo e novo mundo, dando representações gratuitas em beneficio da arte.

Depois de vencidas gravíssimas dificuldades para o desembarque, e dos requerimentos e respetiva informação para a licença terem crescido duas varas em altura, os italianos desembarcaram, porque o informe do procurador geral da coroa, na última folha de uma resma de papel, aplicava com tal acerto ao caso toda a legislação citada nas mais folhas, que demonstrava por absurdo, que de facto e não de direito os italianos, logo que pusessem os pés no Terreiro do Paço, tinham desembarcado.

Para garantir a inviolabilidade do território e defender a capital de qualquer empalmação de direitos que fosse feita pelos gigantes, a tropa ficou em quartéis. A boca das ruas estavam pistolas engatilhadas; as patrulhas andavam centuplicadas; e havia esquadrões de cavaleria no pátio de D. Fradique, na carreirinha do Socorro, na rua da Paz, e no beco dos Cativos.

Os italianos anunciaram uma representação, e no cartaz não se esqueceram de falar muito na gratidão que deviam ao respeitável público.

Os jornais da oposição, furiosos contra o governo por ter autorizado a

representação, consideravam-na como um perigo para a estabilidade da república, e referiam boatos de que os gigantes começariam nesse ato a conquista do reino. Os jornais do governo no dia seguinte, que era o do espetáculo, publicaram que estavam devidamente autorizados para declararem sem fundamento o que tinham avançado os seus colegas, e que o governo estando à altura da sua missão, tinha a consciência tão tranquila, que à última hora a redação fora informada que todos os ministros estavam dormindo nos respetivos gabinetes, a fim de melhor velarem pela segurança pública.

Os homens prudentes já práticos na tradicional significação de tais artigos, que começavam: — Estamos autorizados — mandaram comprar mantimentos para oito dias, e trancaram as portas.

As elegantes e os janotas encheram o grande teatro nacional, chamado da Caveira, onde os italianos representavam Maria Stuart, desempenhando a nova Ristori o papel de protagonista.

Contava a tradição que nas representações de uma célebre trágica da antiguidade de quem a atriz do ano 3000 usava o nome, os espetadores dos teatros de Londres, Paris e outras cidades, prestavam tal atenção aos encantos do seu talento, que se ouvia o voltar das páginas dos folhetos que todos tinham na mão. A nova Ristori não foi menos apreciada ou temida no ano 3000.

Os anões o anoas tremiam como varas verdes; era tal a convulsão geral que

ela se ouvia como acompanhamento ás arias e duetos que os atores iam declamando. Como não havia orquestra, em alguns intervalos os espetadores para disfarçarem o medo dos gigantes que não intendiam, cantavam em coro:

Lá vem a nau Catrineta

Que tem muito que contar!

Ouvi agora, senhores,

Uma história de pasmar.

Ao começar do terceiro ato havia grande agitação no camarote dos ministros e do governador civil. Os amigos mais conhecidos do governo entravam e saíam ora, de um, ora de outro.

Na plateia correu logo o boato de que a polícia tinha descoberto o fio da conspiração gigante: os cómicos eram príncipes e generais disfarçados, trazendo consigo um rei vestido de mulher para melhor êxito do plano. Eram parte das sobras das realezas italianas, que um congresso europeu havia mandado conquistar Portugal para sossego da unidade da Itália.

A notícia aumentada de muitos pontos estava no maior auge de circulação

quando a bela tragédia de chiler, italianizada por Andre Mufei, refere a cena violenta das duas rainhas.

A trágica Ristori, tomando o rumor que ouvia como efeito da sua inspirada declamação, entra tanto no papel, como se diz em frase de bastidor, que toda entusiasmo chega a um desses supremos momentos em que Talma e Rachel se elevavam sobre o pedestal da arte, desaparecendo quanto os cercava para só ficar o génio iluminado pela glória, em frente do entusiasmo que une numa só as almas de milhares de espetadores.

A nova Ristori voltada para o público, ardendo-lhe os olhos em ira, com a cara altiva, e despedindo raios nas palavras proferidas pelos lábios trémulos e pálidos, com a mão esquerda a suster o peito, como se encadeasse assim a tempestade; aponta a direita com gesto ameaçador para o meio da sala, que para ela é um ponto vago, que unicamente liga ainda à terra o sentimento da arte que plenamente a domina. É assim que ela declama:

…. Ove il buon dritlo

Regnasse, tu saresti ora nela polve

Slesa a miei piedi, chè tuo ré sou io

O ponto final não cai mais rápido da pena ao fechar uma oração, do que os anões caíram sobre o palco assim que ouviram *tuo ré son io*. A rainha Isabel, Talbat e Leicester esqueceram a deixa, que os mandava retirar, e atiraram para a plateia com os primeiros anões que arremeteram a grande trágica. Com isto aumentou a ira do povo, e a luta foi geral entre espetadores e atores. O exército acudiu, e a desordem tomou depois um aspeto horrível. A noite era de janeiro, portuguesa de lei — chovia a cântaros, e como o conselho de saúde para salubridade da capital tinha suprimido a canalização, cada rua era um regato; e muitos cidadãos pacíficos e as suas famílias que fugiam para o lar doméstico, tiveram a desgraça de morrer afogados, porque o seu diminuto tamanho não lhes permitia atravessar a corrente.

O ministério tinha não só caído do poder, mas também numa das obras do entupimento dos antigos canos.

O novo governo cuidava da salvação da república em tão confusas e escuras circunstâncias. A sua pronta formação não deve admirar. O gabinete que escorregara e depois caíra, era combatido por uma colisão dos diferentes partidos: fora ela que preparara e espalhou o boato que tinha produzido uma revolução, que não sabiam como vencer. Felizmente naquele tempo as listas de conspiradores, que era coisa sem a qual não se passava nem no menor distúrbio, como tinham levado muita gente à desgraça em Portugal quando não podia

haver casa de pasto nem revolução sem lista, furam substituídas por listas de empregados a demitir, empregos a criar, e empregados a nomear.

A formação do novo gabinete foi rápida como o acender de um fosforo. As câmaras estavam abertas. Peregrinus demorou um dia a sua partida para assistir ao efeito cénico cia entrada no parlamento dos predestinados anões, obrigados pela etiqueta a andar sempre em carruagem aturada, com um correio atrás a cavalo numa cana! Na câmara dos deputados, onde na véspera o ministério anterior havia tido a maioria de dez votos contra sete, teve o novo gabinete, composto destes sete indivíduos, a maioria de noventa e um votos contra seis numa votação de confiança! Na câmara alta a sessão foi toda mimica; fizeram-se muitas cortesias, e ao toque de uma campainha todos se dispersaram. Quando Peregrinus embarcou, o novo ministério ia saindo do poder a toque de caixa.

CAPÍTULO XI

Marta reparou nalgumas doidas, e o doutor explicou-lhe a mania de duas, por certo ponto de contato que as ligava. Uma chorava pela sua filha que havia morrido no vigor da vida como a flor mimosa e perfumada que o vento da tempestade arranca e desfolha de um só ímpeto; a outra chorava pela sua mãe, falecida quando apenas a primavera da vida sorria aos afagos maternos. Ambas choravam, e as autoridades prestando culto ao sentimento do belo, não permitiam pelas posturas municipais o choro, porque estava classificado de careta.

Como o dia se adiantava saíram do estabelecimento em que os doidos prendiam as pessoas com juízo, e foram andando na direção do observatório.

No caminho visitaram o museu, onde viram entre as amostras das raças já extintas, os animais domésticos unicamente recomendáveis pela sua dedicação ao homem, e os animais ferozes, que não tinham ao seu favor senão a beleza. A utilidade havia banido do reino animal todas as espécies que não produzissem um lucro apreciável e imediato. As espécies que permaneciam e se propagavam

tinham sido aperfeiçoadas pelo método de cruzamentos para lhes alterar as formas. Não eram já seres criados obedecendo no seu desenvolvimento a uma lei harmónica, eram coisas vivas modificadas em proveito do açougue. Os bois para engordar tinham deixado de ter ossos: as vacas eram apenas alambiques animados, que transformavam os pastos em leite: os porcos massas de carne que aumentavam de momento a momento de volume, como se fossem balões. Tudo era perfeito, mas horrível. A criação correta e emendada tinha deixado de ser um espetáculo, para se transformar em aparador de casa de jantar. Deus não a teria reconhecido descendo à terra. A maior parte dós seres criados pela sua onipotência, unicamente existiam no estado cientifico.

A obra dos sete dias tinha sido posta num frasco de espirito de vinho, e fora confiada aos cuidados dos empalhadores e conservadores de museus.

O jardim botânico ficava ao pé do museu, e possuía a coleção completa de todas as ervas classificadas por famílias, com bonitos letreiros vermelhos, contendo nomes latinos com medo que fossem reconhecidas. Tinha estufas em que se cultivavam as plantas das cinco partes do mundo para instrução e satisfação do público, a quem se proibiu a entrada para não serem instruídos.

Os visitantes encontraram por fortuna sua o Dr. Vertebrado, seu antigo conhecimento da Dourada, e este lhe fez abrir as portas que habitualmente estavam fechadas.

Mostrou-lhes a semente dos pinheiros do Norte debaixo de redomas de vidro: cedros em vasinhos, e um alegrete com choupos de duas polegadas de altura. Viram cerejas do tamanho de melões, e ananases que cerravam como se fossem as árvores gigantescas de outros séculos.

Ao saírem das estufas, o Dr. Vertebrado conduziu-os à casa dos bichos, e mostrou-lhes embriões de baleia, que sustentava como nós sustentamos os peixes vermelhos num vidro; focas criadas por ele com mamadeiras artificiais, e ursos brancos apenas saídos da adolescência; esperando o sábio naturalizar todos estes animais na ilha do Negro Animal. Despediram-se do honrado professor de zoologia muito agradecidos ás suas boas maneiras.

Os nossos viajantes encontraram um enterro ao saírem do jardim botânico. O Sr. Palafox, que ia no préstito, reconheceu-os, e veio falar-lhes. Maurício perguntou de quem era o enterro. Palafox respondeu:

— É um morto do nosso conhecimento, o homem gordo de bordo da Dourada. Os emagrecedores conseguiram verificar a identidade da pessoa com o passaporte daguerreotipado; mas não puderam evitar esta morte tão chorada por uma família numerosa, e especialmente pela companhia de quem o falecido era prospeto-vivo. A minha perda também entra na saudade que sinto, porque não me foi possível realizar a venda do aparelho nasal que ele me tinha recomendado.

— Dessa forma as duvidas de um guarda barreira causaram a morte de um homem, arruinaram uma família, e comprometeram os importantes interesses de uma companhia comercial. Conversando acerca do triste acompanhamento foram inapercebidamente caminhando, até que se acharam quase sem o saber à porta do cemitério.

— Este é o cemitério da moda, observou Palafox. Todos os que sabem viver regaladamente devem enterrar-se neste campo, sem o que não ficarão sendo considerados como gente de boa sociedade. Os diretores do estabelecimento

mortuário não se esqueceram de circunstância alguma que o possa tornar digno da preferência com que é escolhido. Homens da sua época compreenderam que era preciso poder chorar confortavelmente os mortos, e que a saudade podia ser gosto amargo de infelizes, e delicioso pungir de acerbo espinho, sem que os pés andem sobre as pedras, ou o corpo exposto ao frio e ao sol. O cemitério tem dentro estações de carruagens comodas denominadas

— Choradeiras — : e a viúva e órfão entrando dentro manda andar, e quando passa à porta de um defunto puxa o cordão que prende ao cocheiro, e este pára logo os fogosos cavai los. Também há quartos reservados para as pessoas que desejam chorar a sós; e em todas as ruas se encontram vendedores ambulantes de pomada especial para tirar o vermelho dos olhos chorosos.

O basar construído ao lado do cemitério contém tudo quanto pode ser útil aos mortos, e aos que lhes sobrevivem: nem faltam redatores de necrológios, anúncios de convite para enterro, e de agradecimento, com as necessárias desculpas por qualquer falta involuntária, que se deve atribuir à dor causada por tão inesperado como doloroso acontecimento. Alguns destes redatores são pagos pelos médicos, para os não esquecerem, recomendando indiretamente o zelo, amizade e saber com que D. Fuão, morador na rua de tal, esteve a ponto de salvar o doente se ele não morre. Os necrológios não eram caros, e por preço modico era possível ter um sofrível elogio de qualquer defunto, com as suas citações latinas, acabando com a tolice habitual de que a terra lhe seja leve!

As primeiras visitas que recebia o herdeiro ou sucessor de um morto eram o canteiro apresentando-lhe a coleção de modelos de túmulos para todos os preços; o coveiro, que lhe pedia uma lembrança da pessoa de quem fora ele o último a despedir-se; o guarda do cemitério perguntando-lhe qual seria a plantação mais do seu gosto junto à campa onde descansam os restos mortais que lhe são queridos.

Na cidade Sem-Igual era possível viver dois anos com o dinheiro que custava a morte. A tutela benéfica do governo não desamparava, mediante os respetivos salários e direitos, os que sentiam o pesar da sua perda. Em todas as escadas donde saía um caixão entravam os empregados de fazenda ou de justiça com o

fim único de tirarem dos vivos uma parte do que herdavam, ficando depois o resto ao abrigo das leis. Deste modo cada formal de partilhas era uma letra de câmbio à ordem do fisco. Assim aumentava o ativo do orçamento por fortuna de milhares de empregados ocupados oito horas por dia a riscar papel, conversar e fumar. A morte do cidadão é portanto mais um dos ramos dessa robusta árvore sempre em flor, e com os frutos pendentes, a que chamamos — sistema de impostos.

— E esse sistema assenta porventura nalgum princípio? perguntou Maurício.

— num princípio maravilhoso, replicou Palafox. Sendo incontestável que os homens de menos meios são os que na prática da vida manifestam menos necessidades; os legisladores, pagos pelo orçamento que votam, concluíram daquele princípio que o proletário, vivendo sem renda devia ter mais supérfluo do que outro qualquer indivíduo da sociedade. Por consequência a lei carregou sobre ele o imposto do serviço e do dinheiro com ação mais enérgica e produtiva do que sobre outras classes. Tudo quanto consome o proletário passa duas ou três vezes pelo crivo do fisco, deixando sempre lá alguma coisa. Tão belo resultado não se obteve sem custo, e por muito tempo a obstinação desse pobre diabo chamado proletário se revoltou contra a equidade distributiva da lei. Lançaram-lhe contribuições sobre o alimento, e o proletário jejuava; sobre a luz, emparedava as janelas. Finalmente, já se consideravam inúteis todas as tentativas

para se descobrir um imposto a que o maldito não fugisse, eis se não quando o nosso ministro da fazenda, ao cabo de largas meditações e de muitos conselhos de ministros, descobre o que há tanto se procurava; e num rasgo de portentoso e verdadeiro talento estabelece o imposto dos narizes! Ao presente quem possui aquele anexo da humanidade, visto que se lhe não pode chamar feição, paga o imposto sem mais trabalho de informadores, repartidores, nem reclamações. O representante do fisco só tem a missão de constatar o nariz do contribuinte, sendo inúteis todos esses acessórios de idade, profissão, domicílio e rendimento, que consumiam tanto tempo e tanto papel. Quando a lei foi discutida nas câmaras alguns deputados sustentaram que o novo imposto devia ser proporcional à matéria coletável, para o que bastava que a inspeção dos pesos e medidas lhe aplicasse o metro retificado, publicando depois as tabelas da relação do nariz de cada cidadão com o diâmetro da terra. Os deputados da oposição com o fundamento de que todos os homens deviam ser iguais perante a lei, ao menos no que se escrevia, obrigavam a maioria a reverenciar a nasoestatistica proposta, com pesar bastante, porque ia dar lugar à criação de mais uma repartição para a qual estava indigitado um desnarigado, íntimo dos ministros, reputado como especialidade, apesar de não ter nenhuma das habilitações que a lei proposta exigia para os que deviam servir ás suas ordens.

— Não obstante essa estupenda teoria, objetou Maurício, parece-me que as pessoas sem meios alguns, como por exemplo os mendigos, não podem pagar

imposto...

— Não sabemos o que são mendigos.

— Foram os asilos que vos livraram dessa inimitável desgraça social?

— Não senhor. Foram os editais e a chapa de metal. O edital proíbe a mendicidade fora do local da naturalidade, e a chapa é como a marca de ferro quente das leis da velha Europa. O mendigo marcado e numerado é uma invenção digna do aperfeiçoamento da humanidade: e fugindo dos editais e da chapa há de infalivelmente chegar a algum fosso em que morra de cansado ou de fome. Não podeis imaginar a rapidez com que este processo fez desaparecer os mendigos. Alguns persistem em viver auxiliados pelos sentimentos dos maus cidadãos: mas o governo apresentou um projeto de lei, em virtude do qual a esmola será punida tanto em quem a der, como em quem a receber. Por esta forma esperamos extirpar das almas até ás últimas raízes do que outrora se chamava caridade. Quando os indivíduos não contarem com o próximo cuidarão melhor em si, e todos os homens gozarão tranquilamente da sua fortuna ou da sua miséria! Eis-nos chegados ao ponto mais pitoresco do cemitério. Se quereis olhemos alguns instantes para a cidade dos mortos.

Marta e Maurício olharam para quanto os cercava, e viram o cemitério dividido em três partes, cada uma separada das outras por gradeamentos especiais. Em cada divisão luzia um bom número de empregados.

A mais pequena das três continha os mortos famosos cujos túmulos unicamente se podiam visitar em companhia de muitos guardas. O empregado que mostrava o jazigo dos ilustres guerreiros, depois de receber a competente gorjeta, passava o viajante a outro colega que, depois de lhe ter mostrado os túmulos dos imortais, recebia outra gratificação para o levar a um terceiro guarda especialmente encarregado dos sábios empalhados. Cada um destes empregados, tinha indústrias especiais, tais como a venda dos cabelos da barba de D. João de Castro, os caracóis da cabeleira de Voltaire, louros ou pretos, conforme o gosto do comprador, versos autógrafos de Bernardim Ribeiro, fragmentos da caixa de rapé de lord Biron, e da luneta do marquês de Pombal, rosas brancas nascidas espontaneamente sobre a sepultura de Robespierre, e malmequeres da valia em que jaz Camões.

A segunda divisão era destinada aos banqueiros, burgueses, e empregados públicos. A enfiada dos títulos e das virtudes dos defuntos tomava a pedra tumular a ponto de não lhe deixar campo para a cruz. Os epitáfios eram monótonos, e mais ou menos eivados de erros de gramatica e de ortografia.

A terceira divisão abrigava os mortos que tinham vivido com poucos meios e que deixavam monumentos somente no coração dos que lhes sobreviviam, e quando muito, nalguma cruz de madeira enegrecida pelo tempo.

Daqui passaram para a grande valia comum onde se amontoavam as gerações

nascidas na miséria, que tinham vivido sem esperança e tinham morrido ao desamparo. Nessa parte do cemitério já se não viam túmulos, nem cruzes, mas de espaço a espaço, algumas crianças ajoelhadas, algumas mulheres chorando serviam de epitáfios vivos, que todos podiam ler, e que significavam muito mais de que os gravados no mármore o no bronze.

Maurício e Marta iam a sair com o seu companheiro, de digressão quando lhes veio ao encontro um corretor de enterros: era um gigante magro, vestido com umas ceroulas pretas, bordadas com lágrimas brancas, e com uma capa da mesma cor, figurando nos bordados caveiras e ossos humanos em diferentes combinações.

— Os senhores viram o cemitério? disse o corretor fúnebre, com a volubilidade mecânica que exclui não só as vírgulas, mas até os pontos... devem estar satisfeitos... contenta ver os vivos com tanto cuidado pelos mortos... é o mais belo edifício da capital, o único onde se devem mandar enterrar as pessoas de boa sociedade... os terrenos vão escasseando diariamente, e todos querem ser enterrados no lugar da moda... Talvez queiram prevenir a tempo... escolhendo antecipadamente o lugar em que venham um dia ou uma noite dormir o sono eterno... Posso ser-lhes muito útil nesse intento... Digam se querem três melros, seis melros, nove metros... falo assim porque já devem estar práticos no novo sistema de pesos e medidas. Tenho toda a influência na municipalidade,

disponho dos votos de todos os galos pingados, e sempre levamos à câmara um representante dos nossos tristes e lutuosos interesses... Queiram ter a bondade de indicar desde já o local... Quanto ás árvores podem escolher o cipreste mais do seu agrado... tenho viveiros de todas as variedades; mas pede a lealdade que lhes diga, que a árvore da moda é o chorão, não só no cemitério, mas nos passeios e até nos pátios das casas particulares. Encarrego-me de monumentos por empreitada, sejam túmulos simples, historiados ou de fantasia, com estátuas ou sem elas. Quanto aos embalsamentos sou proprietário do método *Putridus*, por meio do qual se conservam os corpos com toda a graça e frescura, não podendo nem a pessoa mais íntima achar diferença alguma entre o objeto preparado e o objeto vivo. Ponho à sua disposição epitáfios inéditos, imprimo artigos biográficos e necrológicos, e até faço entrar por favor qualquer defunto analfabeto na divisão dos sábios. Não acham outro que os possa servir como eu. há vinte anos que vivo com os mortos: conheço aqui tudo... estou como na minha casa. Se querem alguma dedução pelo pronto pagamento, facilmente nos podemos entender. A ocasião não pode ser mais favorável: a câmara carece de dinheiro para um aterro que deve diminuir os enterros, e portanto vende agora em conta a terra que os mortos devem pagar a bem dos vivos. Os meus senhores, podem ter um jazigo quase de graça, por dez réis de mel coado, e olhem que lhes não estou dando mel pelos beiços, apesar de que, como sabem, o mel é para bocas inteligentes como as que estou vendo, e não para néscios!

Com franqueza, digo-lhes que podem fazer um belo negócio; e se não quiserem servir-se do terreno para si podem vende-lo... um simples averbamento basta; esta propriedade tem sempre saída, e a casa não fica sem gente! Decidam, meus senhores, enquanto é tempo...

Maurício chegou felizmente à porta do cemitério. A voz do corretor seguiu por algum tempo os visitantes, que deixaram o cemitério para se dirigirem ao observatório.

CAPÍTULO XII

O observatório da cidade Sem-Igual estava edificado no centro de um espaçoso jardim, e ficava em altura própria, a fim de, sem obstáculo, descobrir o horizonte.

Era nesse recinto consagrado ás lentes e ás tabelas, que o maior astrónomo da capital mantinha em escrupulosa exatidão o registro civil dos corpos celestes, contendo com fabuloso escrúpulo, em muitas casinholas riscadas, as alianças e a época da sua morte. A lua era há muito tempo o particular objeto da atenção do sábio. De dia andava à procura dela, e à noite ficava horas inteiras em contemplação perante o pálido astro, como dizem os poetas.

Quando Palafox, o doutor, e os seus hóspedes entraram, o sábio tinha a mão esquerda sobre o joelho, e a direita no movimento do telescópio pelo qual olhava em êxtases com queixo caído e as farripas erguidas em volta da espaçosa calva.

— Ainda os estou vendo, dizia ele a Palafox sem se voltar; são os mesmos de ontem.

— Estais a ver a quem? perguntou o académico aproximando-se.

— Quem? replicou Palafox, que tinha estado ao pé do astrólogo, o mesmo par de amantes lunáticos, que o nosso ilustre amigo está observando há oito dias, tendo sido testemunha de todos os preliminares da paixão: sinais telegráficos pelas janelas, troca de cartas, e saltos pelos muros.

— Ei-los que se aproximam, interrompeu o astrónomo. Distingo tudo perfeitamente, menos o rosto da mulher, porque está coberto com um véu. A cena é num jardim... com um quiosque... Lá se assentam à sombra de uma figueira.

— Mau sinal, resmungou o doutor; é a árvore perto da qual nossa primeira mãe encontrou Satanás!

— A mulher parece assustada... disse o astrólogo, sem deixar de olhar pelos vidros do telescópio, nem um momento... Olha em roda de si como quem desconfia.

— Dar-se-á caso que na lua também haja maridos! observou o corretor de narizes e géneros coloniais; e voltando-se para o académico Universal, como quem se lembra de uma coisa a propósito de outra, disse-lhe: Meu doutor se me explicásseis a forma simbólica do crescente da lua muito vos agradeceria...

— Silencio pelo amor de Deus, bradou o astrónomo; a lua pode ter ouvidos... a mulher está resolvida a sentar-se.

Neste ponto começou o seguinte dialogo entre os dois académicos:

— Muito bem! e depois...

— Ele pede-lhe a mão com um gesto...

— E ela?

— Resiste.

— É para que peça as duas...

— Ele dá-lhe um abraço...

— Bom sinal.

— Ajoelha aos seus pés...

— Ora essa, exclamou Palafox, em tal caso a vida na lua não é muito diferente da que passamos por este mundo.

— Parece-me que deve haver alguma identidade, interrompeu sorrindo Maurício.

— Mas porque razão deve existir essa identidade? perguntou o Dr. Universal.

Maurício respondeu, porque o telescópio retomara a sua posição horizontal, e em vez de estar voltado para a lua, está na direção do jardim.

O astrónomo recuou dando um salto de cabrito.

— O jardim! repetiu ele... os coqueiros!. o quiosque... a figueira!...

— Tudo isto está diante da nossa vista.

O astrónomo correu novamente para o telescópio.

— É verdade! disse ele... nunca tinha reparado em semelhante coisa. E pondo-se em pé, espantado como um touro saído do curro ao estacar com a praça povoada de milhares de espetadores, eis que brada:

— Mas quem será a mulher que ia deixar cair o véu?.. Dá nova investida ao telescópio, e com um grito saem-lhe dos lábios estas palavras:

— É minha mulher!

O que o pobre homem julgava ver na lua é o que se estava passando na sua casa.

Houve um momento de perturbação geral. Palafox e o Dr. Universal olharam um para o. outro, Maurício afastou-se um pouco da cena, e o Dr. Telescópio foi cair sobre uma cadeira, pálido e estupefacto.

— Não era o nosso querido satélite, balbuciou ele a final com terror.

— Era o vosso jardim o campo das observações que me admiravam, redarguiu Palafox.

— Não era como eu pensava uma mulher lunática... foi dizendo o astrónomo, como quem segue entre dentes um monologo de grande efeito.

— Era vossa mulher, foi também dizendo Palafox em continuação do seu monólogo, que ia correndo mais ou menos emparelhado com o outro, como trotavam dois tísicos arenques de uma das seges embandeiradas da Lisboa do Lagoia, do Castro, do Silvestre, e de outros em quem poder não teve o coupé.

— Tudo se estava passando a poucos passos de distância, disse o astrónomo.

— E nós que fomos formar uma sociedade para os telégrafos trans-aereos, disse pelo seu turno o corretor ambulante. Telescópio segurava a cabeça com as mãos, como se ela estivesse a cair, até que bradou enraivecido:

— Em tais termos não descobri nada!

— Não é tanto assim, interrompeu Palafox, que era o primeiro a voltar à situação normal quando deixava saltar a ambição fora do eixo da prudência, em frase da Arcádia. O que observastes não é para desprezar, e pode dar algum interesse. Não vos proponho de representar o negócio em ações ao portador, nem mesmo nominais, pois que o progresso das luzes não esclareceu este ponto, que não é final; mas podeis intentar uma ação judicial exigindo perdas e danos.

— O que! por...

— Exatamente! acudiu Palafox, sem dar tempo a Telescópio para acabar a pergunta.

— Mas quem as pagará? observou timidamente o astrólogo.

— Quem? essa é galante!., o homem lunático, que reconheci perfeitamente, e que é nada menos do que o nosso ministro da moral e dos cultos, que por alguns instantes espaireceu fora do rígido exercício das suas funções. Vejam de que serve o tal ministério, última tribuneca saída de um voto de confiança das nossas câmaras.

— Traidor! grunhiu o astrólogo.

— Dizei antes desgraçado! Podeis dizer-lhe que a nova lei chama um prémio consolador a alguns centos de mil réis.

— Com os quais aperfeiçoarei o telescópio da minha invenção, respondeu o astrónomo já convencido. Vou aproveitar os meus direitos. Senhores! disse ele pondo-se em pé, e arranjando a fisionomia como ator que diz ao público, tomai sentido que deveis aplaudir.

— Sois testemunhas do insulto, segui-me ao tribunal para que o vosso depoimento, afiando a espada da justiça, a faça cortar os cordões da bolsa do ministro, que assim esquece a pasta que a harmonia dos poderes lhe meteu debaixo do braço, quando a loteria parlamentar levou o prémio grande ao que tinha jogado mais amigos; em mais número de votos.

E nesta inútil invetiva procurava a bengala como qualquer barítono a espada com que deve sair da cena a berrar, levando os coristas atrás de si e o pano de boca.

Maurício inutilmente o pretendia sossegar: a ideia de perdas e danos eletrizava o sábio, que na vertigem do delírio ouvia o tinir do ouro no rumor que intercetava a comunicação entre ele e os circunstantes. Tinha na mente os aperfeiçoamentos que podiam enriquecer o seu observatório, e estava certo que

por meio do dinheiro do ministro da moral saberia antes de três meses, se os moradores da lua estavam sujeitos aos percalços dos que trazem a cabeça à roda dentro da bola achatada a que chamam globo terráqueo.

Os visitantes teriam sido obrigados a ir acompanhar Telescópio ao tribunal se o Dr. Universal se não lembra da sessão solene da academia, de que ambos eram membros, e que se realizava nesse mesmo dia, havendo apenas tempo para chegarem ao sítio em que estava estabelecida.

O Sr. Telescópio cedeu em adiar a denúncia da sua afronta, e aceitou um lugar no veículo do colega.

Maurício e Marta seguiram-nos dentro do coupé voador de Palafox. Este observando a perturbação dos esposos na ocasião da descoberta feita pelo astrónomo, teve o cuidado de os sossegar dizendo:

— Não estamos já nesses tempos bárbaros em que o marido enganado exigia a condenação ou o sangue do sedutor; ao presente basta-lhe o dinheiro! A traição da mulher é um desgosto compensado por alguns presentes, e já não pesa sobre os maridos enganados do ano 3000 a vergonha com que no vosso século lhe entristeciam a vida: o dinheiro proveniente da infidelidade conjugal é como as heranças indiretas, que pelo fausto fazem esquecer a origem mais ou menos licita. Não é possível odiar por muito tempo a mulher que nos enriquece. Se os judeus tivessem conhecido o sistema da muleta paga pelo criminoso a

favor do marido vítima, por certo que não teriam apedrejado a esposa adultera, e ter-lhe-iam elevado uma estátua ao lado do bezerro doiro. As infidelidades conjugais não são questões de sentimento, mas de aritmética. Cada infidelidade dá para a compra de uma quinta e de alguns títulos da divida, que se chama fundada, por não ter fundo; e isto obtém-se sem bulha nem escândalo, simplesmente por um julgamento de polícia correcional! Disse: o Sr. Fulano recebeu uma muleta paga pelo Sr. Beltrão, como se diria que foi eleito juiz de paz, ou se declarou candidato a deputado. É esta uma probidade da vida que nos enriquece sem trabalho, realizando a fábula do homem que tendo corrido muito tempo para apanhar a fortuna, vem acha-la em casa quando volta para o lar doméstico. O mérito do invento é inglês; o nosso merecimento consiste no ter aperfeiçoado.

Á porta da academia estava de serviço a guarda nacional. Foi a primeira vez que Maurício viu esta milícia urbana, e ficou admirado do seu aspeto. Uma patente de oficial da guarda era o sonho dos mais abastados droguistas e serigueiros da capital dos Interesses Unidos.

A sala grande da academia era circular, com tribunais destinadas para o público. Cada académico vestia ceroulas azuis, bordadas de folhas de louro, e trazia uma espada com a forma de caixa de óculos pendente de um cinturão formado de perpétuas, e ao pescoço pendente de uma cadeia uma chapa com o

título das suas obras em relevo.

A sessão começou pela receção de um académico. Era um fidalgo de boa linhagem. O secretário perpétuo encarregado de explicar o mérito do candidato, recordou a celebridade de um dos seus antepassados, que tinha sido general de cavaleria.

Em seguida houve a distribuição solene dos prémios de virtude.

Do relatório especial, que foi lido, constavam os merecimentos dos premiados, a saber:

O primeiro era um homem que havia consumido a vida e a fortuna a socorrer os pobres da sua freguesia. Durante vinte anos os vestiu e sustentou, e foi por esse motivo que estava sem ter que comer, nem que vestir. A academia, que pelo órgão do seu relator o tinha denominado o S. Vicente de Paulo da Republica dos Interesses-Unidos, concedeu-lhe a título de recompensa três arráteis de chocolate e umas ceroulas de honra.

O segundo premiado era um operário, que ao salvar uma família das chamas, tinha partido a cabeça com risco de vida, e acabava de sofrer por tal motivo uma operação difícil. Compararam-no a Minucio Cévola, e deram-lhe como prémio um barrete de algodão adornado com uma coroa de louro.

O terceiro prémio foi conferido a uma mulher que tinha cegado por haver

trabalhado todas as noites a fim de sustentar seu antigo amo. Deram-lhe uns óculos com as armas da academia.

O quarto premiado teve uns sapatos de honra por haver salvado vinte e duas pessoas que estavam em perigo de morrerem nas ondas.

Finalmente, muitos outros indivíduos mais ou menos empobrecidos ou estropiados pelas virtudes de que tinham dado provas, receberam prémios, que variaram desde 50 réis até 1$000 réis.

Premiaram também um empregado público que durante trinta anos não tinha faltado um dia à hora elástica do ponto — um contínuo de uma secretaria com bom modo — um janota sem dívidas — um jogador honrado — um cortador magro — um advogado lacónico — um deputado sem afilhados — um rico sem excelência — um torto bacharel em direito.

Passava o programa depois aos prémios de história, de economia política, e de poesia.

Em história o ponto era averiguar em que parte do mundo se tinham escrito os Lusíadas, pelejado as batalhas de Ourique, de Aljubarrota e Vimieiro, edificado a Batalha, e preparado a descoberta de novos mundos, porquanto o povo a quem se atribuíam tais feitos parecia não ter existido por uma serie de factos bem sabidos que o provavam.

O secretário declara que nenhum dos concorrentes havia tratado a questão como ela pedia, e que em tal caso o prémio ficava de remissa para o ano seguinte.

Tinham proposto aos economistas a questão de saber porque meios se poderia melhorar a sorte das piasses mais ignorantes e pobres.

O relator declarou que todos os candidatos tinham provado zelo e inteligência procurando esses meios que não existiam, e que dos seus conscienciosos trabalhos resultava ser a questão retirada do programa académico, e economizar-se o premio.

O prémio de poesia era a descrição da primavera com um episódio elegíaco acerca da cultura das batatas.

A comissão nomeada para julgar as três mil peças de versos apresentadas ao concurso, ponderou que todos os poetas tinham descrito a primavera da sua pátria; em vez de descreverem a primavera absoluta; e que a máxima parte havia escrito erros incríveis acerca da tão conhecida história da batata — desse pão do pobre que só comem os ricos. Por tais motivos o prémio foi transformado em menção honrosa, conferida ao manuscrito que tinha o n.º 940, e o qual era anonimo.

A sessão foi suspensa por uma hora. Os académicos foram tomar ar, e os

espetadores conversaram em muitos assuntos, menos em coisa alguma com referencia ao que se tinha passado na sua presença.

O clássico toque de uma campainha deu sinal da sessão continuar.

Começou a leitura das Memórias: a primeira destinada a esclarecer o tão discutido ponto se os reis pastores eram pretos, ou trigueiro escuro: a segunda consistindo numa dissertação arqueológica relativa a uma espora do cavaleiro da memória do Terreiro do Paço. Ao cabo de outras sobre assuntos curiosos e originais, um académico gago, e com voz de tiple, recitou uma fabula desenvolvendo a verdade incontestada de que o fraco é mais vezes oprimido do que o forte.

O adormecimento da atenção geral foi interrompido quando se levantou um dos maiores sábios — tinha sete pés de altura — para ler o primeiro, único e último capítulo do seu Tratado sobre os costumes da França no século dezanove.

«Senhores: Muitas vezes se tem asseverado, e com razão, que enquanto existem vestígios da literatura e das artes na história de um povo, esse povo não morreu: o estudo pode reconstrui-lo e faze-lo reviver, como aquelas célebres criações ante-diluvianas adivinhadas pelas indicações da ciência.

«A literatura e as artes são com efeito a imagem fiel de qualquer época, e

representam com vigor e exatidão a pintura dos costumes, das crenças, dos carateres, e dos sentimentos de um povo inteiro. Se apenas possuímos noções falsas acerca das nações que nos precederam, é culpa unicamente do nosso desleixo. A assiduidade do estudo nos revelaria o que desejamos e carecemos saber.

«Foi esse estudo, senhores, que ousámos tentar em relação aos franceses do século dezanove.

«Empregámos quinze anos da nossa vida a examinar as ruinas dos seus monumentos, a estudar os seus quadros, estátuas, e muito especialmente os livros, galeria imensa onde se apinham e movem todas as individualidades do passado.

«O trabalho que temos a honra de vos apresentar é o resultado dessas conscienciosas e demoradas investigações.

(O leitor parou com o pretexto de beber um copo de água, o que preveniu os ouvintes de que deviam aplaudir.)

«Cumpre-nos protestar neste lugar contra o erro vulgar, que habitualmente considera os franceses como tendo sido um povo volúvel, superficial, e sequioso de festas. Não, senhores, mil vezes não. A história aqui está na minha mão a provar que pelo contrário os franceses foram um povo taciturno, dominado

pelas paixões violentas, sanguinário, e sempre com o punhal ou o veneno à mão.

«Os autores dramáticos, os poetas, os-romancistas, que pintaram os costumes do tempo, não nos deixam duvidar desta verdade.

«Para nos referir somente um facto, calculamos à vista de muitas das suas obras de mais incontestável merecimento, que as onze vigésimas partes das uniões legitimas davam como resultado a morte a um dos cônjuges! A consequência normal do casamento, pavorosa hipótese encarrapitada em fortes colunas de estatística, é o suicídio, ou o assassinato, as esposas só por exceção morrem de morte natural, sem ser para sempre.

«Era tal a força do hábito, meus senhores, que um marido enforcou a mulher na primeira noite das núpcias, unicamente porque a infeliz se não recordou do seu nome, apesar de ter aprendido mnemónica. A Confissão por J. Janim prova este facto, menos a circunstância agravante mnemónica, que eu descobri na capa de um almanaque de lembranças esquecido num dos armazéns de retêm das gerações extintas. Os amantes não eram mais ditosos do que os esposos, e quer a mulher matasse o marido para o tornar mais prudente, como nas Memórias do Diabo de F. Soulié ou o homem matasse a mulher para a livrar do justo castigo do esposo traído, como no Antoni de Dumas: e nem mesmo quando ambos se matassem de comum acordo e em seriedade, como se vê a cada pagina nos livros daquele tempo.

«A ferocidade da época é revelada em diferentes factos que não podiam escapar ao meu laborioso estudo.

Na Grade do Castelo por Soulié vemos que fica presa entre uma porta a mão que é preciso cortar: no General Guilherme de E. Souvestre, originariamente autor da obra "O que há de ser o mundo no ano 3000", deparámo-nos com um marido cego de um olho a tirar meia vista ao seu rival com um ferro em nome do princípio da igualdade; marca de ferro quente na Matilde de E. Sue; duelos periódicos repetindo-se todos os anos pelo tempo da ervilha, no Sonho de Amor por Soulié; pedras caindo com desígnio determinado do alto dos andaimes na História dos treze por Balzac.

Todas estas circunstâncias, e muitas outras, abrangiam indistintamente todas as classes e todas as idades. Basta ler os Mistérios de Paris, essa admirável pintura da sociedade do século dezanove, para compreender quanto devia ser difícil naquelas eras não morrer afogado, apunhalado, envenenado, ou estrangulado no centro da civilização francesa! É incontestável que as pessoas que não eram assassinadas constituíam uma classe particular, ou raridade social, que sem dúvida servia para renovar a câmara alta, composta, como é sabido, de anciãos, *pares aetate*, donde derivam o nome de pares.

Os médicos livravam-se dos doentes para herdarem mais depressa como nos Condenados e os Eleitos pelo mesmo autor do ano 3000. Os capitalistas

empregavam o seu rendimento para matar homens por espadachins e a envenenar as mulheres por meio de ramos de flores, o que acontece na já citada História dos treze de Balzac. As senhoras da alta sociedade vinham galhardamente ver esganar as suas rivais na casa em que estas residiam, como se lê nos Mistérios de Paris; e os tabeliães andavam em conta corrente com os ladrões e assassinos. O único auxílio que havia para os homens honrados, no meio de tantos crimes eram os príncipes alemães que saíam dos seus estados, disfarçados em operários, para defender, a virtude numa taberna, e assegurar a fortuna da gente moça e pobre, descobrindo num lupanar a mulher que os devia fazer felizes, como li num romance de Balzac.

É para notar que a influência de tão beneméritos defensores da virtude era muitas vezes anulada pela famosa companhia de Jesus, que associava aos seus intentos os domadores de feras da Alemanha, os assassinos índios, e os diretores das casas de saúde, com exclusão da que houve no largo do Monteiro à Boa-Morte. Podeis consultar a este respeito o Judeu Errante. É fácil adivinhar o que seriam os costumes em semelhante sociedade. As senhoras tinham convertido o galanteio em hábito. A arte expressa na pintura ou escultura, unicamente escolhia para modelos ou heroínas as mais conhecidas e menos arrependidas pecadoras. As autoridades superiores administrativas de França elevavam monumentos ás mais célebres cortesãs com epitáfios explicativos para educação da juventude.

Será concludente a prova que vos apresento. E para fortalecer a minha razão pedirei à arqueologia, que neste ponto preste valioso socorro à história na parte mais intrincada da sua filosofia transcendente.

É recente e bem conhecida a prova.

«O túmulo de Inês Sorel, ultimamente descoberto nas margens do rio Loire, apresenta-nos o seguinte modelo desses verdadeiros epitáfios da moralidade pública:

Os cónegos de Locbes, enriquecidos pelos seus legados

pediram a Luiz XI

de afastar o seu túmulo do côro da igreja.

"consinto, disse o rei, mas restitui o dote»

o túmulo ficou onde estava.

Um arcebispo de Tours mais rigorista do que os cónegos

o degradou para uma capela.

durante a revolução aí foi destruído.

homens de bom coração salvaram os restos de Inês

e o general Pomereul, perfeito de Indre e Loire

reedificou o mausóleo da única amante dos nossos reis

que bem mereceu da pátria,

deixando como preço do seu amor

a expulsão dos ingleses da França.

A restauração do monumento foi no ano MDCCCVI

«O meio de adquirir fortuna num tempo em que a moral se cursava desta forma em estilo lapidar era igualmente célebre. Uns enriqueciam com legados deixados pelo Judeu Errante, outros sabendo com um franco lucrar um milhão. As fortunas dessa época mais ou menos avultadas andavam sempre numa carteira, como se prova de quase todas as peças de scribe, e podiam portanto ser legadas facilmente sem testamento. Se dos hábitos usuais e íntimos do povo passarmos as formas externas dos seus trajes, o disparate é evidente e completo. Os deputados subiam à tribuna sem outro vestuário mais do que um capote, como atesta o túmulo do general Foi: os oficiais, mesmo a pé, vestiam calça de anta e bota de montar, como se pode ver na estátua de general Mortier. Se dermos credito ao louvor de Lamartine a Napoleão i apresentando nos seus versos a ideia de que não havia coisa alguma de frágil ou humana debaixo da sua

espessa armadura, devemos concluir que os militares passeavam muitas vezes adornados com uma couraça, sendo pura invenção de poeta o capote pardo de que fala Beranger.

«As estátuas colossais achadas nas ruinas da antiga Praça da Concordia indicam qual era o traje das mulheres, muito mais próprio a deixar realçar as belas formas, do que a evitar as constipações. É talvez este o motivo porque as afeições pulmonares eram as doenças mais vulgares nos franceses do século dezanove.

«O traje variava conforme as ocasiões. E se a pintura representava Luiz XIV em pé, vestindo calções de veludo, meias de seda e sapatos de talão alto, a escultura figurava o mesmo monarca sem outro vestuário mais do que a cabeleira — facto arqueológico de grande valor que nos prova como os reis de França quando montavam a cavalo não conservavam do seu traje senão a cabeleira.

«A ciência não progrediu um passo em França, e tanto que por terem achado um obelisco erguido havia dois mil anos pelos egípcios, gravaram no soco da pirâmide uma inscrição de grande elogio como se tivessem concluído qualquer obra maravilhosa.

«Os restos de um chafariz, descobertos há pouco tempo, apresentam ao nosso estudo um navio de forma muito particular; tem quatro mastros, sendo

um fora do eixo do navio; e o gurupés na parte posterior, o que, segundo a opinião de um dos nossos mais estimados críticos, é como se pusessem o freio no rabo do cavalo. O vento incha as velas na direção da popa, como se fora um moinho com uma roda que andasse para diante ao passo que o puxassem para traz.

«Ora como havemos de admitir que um navio tão oposto ás leis da estática tivesse sido gravado num monumento público da França, se essa nação tivesse conhecido as verdadeiras leis da ciência?

«Um povo não se calunia a si, e quando a ilustração o dirige não deixa gravar no ferro ou na pedra testemunhos mentidos da sua ignorância, mormente quando tinha uma secretaria das obras públicas, com a sua intendência. Não nos referiremos por este incidente ao ministro da marinha, porquanto não admira, que estando preocupado com os navios que andavam flutuando sobre a água salgada se tivesse esquecido dos que ornavam as fontes de água doce.

«É triste, mas devemos reconhecer que a França do século dezanove foi inepta.

«A sua glória militar anda a par da sua ignorância. Um nosso colega provou até à evidência que Napoleão Bonaparte nunca existiu, e que esse símbolo dos Césares foi puramente uma invenção do talento raro do povo francês. O guerreiro de alguma importância que houve no século dezanove, e de cuja

existência não podemos duvidar foi o general Tom Pouce, quase tão célebre como outro bravo militar contemporâneo, o general Mil Homens.

«É sabido que em todas as eras os franceses gostaram de fatos brilhantes e ruidosos. Foi a este gosto decidido pela bulha que deveram o seu primeiro nome de galos: e tanto se honraram com a denominação, que puseram como insígnia nos seus estandartes a imagem da ave que tinha sido padrinho do seu batismo nacional.

«Foram essas disposições primitivas que os converteram a final numa nação exclusivamente composta de jornalistas, advogados e literatos.

«Não terminarei, senhores, sem falar da curiosa linguagem usada pelos franceses do tempo a que me estou referindo — o estilo analítico e nebuloso. Se queriam dizer que uma mulher trigueira tinha alguns pelos no rosto, escreviam — que a penugem como que brincava ao longo das faces nas planas do pescoço, absorvendo a luz que parecia assim transformar-se em seda. Isto escreveu Balzac. O mesmo autor para elogiar a frescura de uns lábios dizia: — o zarcão vivo e pensativo. As orelhas pequenas e bem feitas de qualquer beleza, eram orelhas de escrava e de mãe. Assim fala Dumas. Quando em qualquer conversa se falava numa viagem era desta forma: Vi Madrid com as suas varandas de ferro; Barcelona estendendo os seus dois braços para o céu como um nadador que se lança à água: Cadix parecendo um navio prestes a largar, preso apenas

por uma fita: depois no meio da Espanha, Sevilha, a Andaluza a favorita do sol.

«Resumindo direi que o século dezanove em França foi uma época semibárbara em que talentos engenhosos, mas ignorantes, tenazes e sanguinários se entregaram aos excessos da superabundância da vida.»

CAPÍTULO XIII

Assim que o erudito académico se assentou, os aplausos dos circunstantes foram gerais. Era coisa de pasmar ver como um sábio sabia adivinhar o que se tinha passado havia tantos séculos.

Palafox não ouvira a leitura toda, contentando-se com ter observado o efeito que ela produziu.

Maurício e Marta não acreditavam o que viam, e riam ambos da pasmosa erudição da ignorância.

— De agora avante, observou Maurício, fico sabendo o valor da ciência histórica, e qual a crença que devemos ter nas verdades demonstradas. Percebi agora a razão porque as tais verdades mudam a cada século. A história é uma meada que cada autor divide e tece ao seu modo; o fio é sempre o mesmo, mas a fazenda e o desenho do lavor são modificados à vontade do operário.

— Dar-se-á o caso de quo notareis alguns erros na Memoria do nosso mais acreditado bibliófilo? perguntou o Dr. Universal.

— O vosso bibliófilo conhece tanto a França do ano 3000, como os do meu tempo conheciam a Grécia. A sua Memória parece um destes monstros artificiais cujos membros são cada um do seu animal verdadeiro. O todo é uma fantasia, mas tudo é verdadeiro menos o monstro.

— Ser-vos-ia possível apontar os principais erros da Memória?

— Se tivesse um sumário dela...

— Tê-lo-eis, interrompeu o académico, abaixando a voz. Podemos com certeza encontrar um bom resumo da Memória na redação de um jornal, indo depressa. Por mais que me custe descobrir os erros de um colega, devo sacrificar a minha estima ao interesse da verdade... Não há remedio, se ele errou é preciso redigir uma análise rigorosa, &mata-lo, em frase de literato; convirá até mesclar na verrina algumas alusões bem transparentes. Posso dar-vos os elementos precisos, porque o enfatuado do autor é meu amigo... conheço-lhe bem os fracos, e sei onde devemos bater para que se desconjunte aquele esqueleto de erudição empalhado pela vaidade.

No seguimento desta conversa foram caminhando para a agência literária, que tomava uma rua toda, e andava explorada por uma associação de capitalistas, que tinham na cidade o monopólio da publicidade. Tinham obtido este resultado reunindo todos os jornais de diferentes opiniões num só intitulado — A GRANDE PETA — que alternativamente substituía todos os que se tinham

fundido neste cadinho da moralidade, chamado princípio da conveniência política e comercial.

"A Grande Peta" não tinha dia nem hora de publicação, pois que impresso em papel contínuo era um jornal que se estava sempre a publicar. Um batalhão de jornalistas e adidos à Empresa mandava sucessivamente piquetes de publicistas para se encarregarem da redação. Ao sair da Tipografia Universal a folha imensa distribui-se por si mesmo pelas casas dos assinantes, em virtude de um aparelho geral de rolos e rodinhas. Era curioso ver como o canudo monumental do possante e maravilhoso órgão da opinião pública atravessava as ruas, subia aos terceiros andares, descia aos cafés e lojas, como se fosse o macaco do realejo do cão d'água a marinhar até onde o deixa ir a corda que o prende; caminhava regular e imutável nos seus movimentos, fazendo desaparecer pela janela ou pela parede o artigo meio lido ou meio intendido. Certos sinais particulares postos nos artigos indicavam as suas tendências ou cores políticas para cada assinante reconhecer o que mais especialmente se lhe dirigia. Se era monárquico lia unicamente o artigo indicado por um caranguejo: se era progressista histórico, deitava a luneta para as linhas enfeitadas com a balança que equilibra o rico e o mendigo: se era governamental progressista ou não progressista, apenas olhava para ele.

Os leitores de profissão, que não assignam nem pagam, esses perseguiam a

folha sem fim, e, ora a uma esquina v ora a outra, iam seguindo um artigo de mais interesse, como os devotos, vão correndo de rua em rua para ver a procissão para que não obtiveram janela.

"A Grande Peta", lida por alto pelos homens que passam o tempo a dizer que não podem dispor de um instante: estudada até aos anúncios pelos homens retirados ao encanto monótono de não trabalhar, para comer do seu rendimento tirado da bolça do orçamento — vivia — governava — influía — ganhava e mudava de cor como lhe convinha.

Tomaremos um número do jornal, ao acaso, para o leitor das nossas petas compreender a mentira literária que temos descrito.

Ei-lo:

A GRANDE PETA

JORNAL PERPÉTUO

Oferecendo aos seus leitores seis meses e trinta e cinco metros quadrados de redação

PARA

VINTE E QUATRO HORAS

Assinatura — Ano 500 réis — 6 meses 5 000 réis, 3 meses 10 000 réis, um mês 30 000 réis

Estando preenchido o número de assinaturas de ano unicamente se recebem de mês

A nova lei proposta à Camara da Republica tios Interesses-Unidos foi aprovada, não obstante os esforços da oposição. Este resultado que sem detido exame parece uma vitória do ministério, é em verdade a sua derrota.

Examinemos a filosofia do escrutínio. Contaram-se quinhentos e quarenta votantes, e o governo somente teve quinhentos votos. Se juntarmos aos quarenta votos da oposição, os deputados doentes e ausentes, que votam sempre contra o governo, como é sabido, teremos quatrocentos e noventa votos, e neste caso os onze votos pertencentes à opinião monárquica podiam ter feito rejeitar a lei.

É facto corrente para todas as pessoas de boa fé, que a maioria depende unicamente desses onze votos, e que portanto são eles os árbitros da aprovação ou rejeição de qualquer lei.

A nossa situação política e bem definida: e quando uma opinião chegou ao

ponto de decidir todos os negócios do Estado o seu triunfo necessariamente está próximo.

Mais uma vez foi salva a república. O bom senso da câmara foi justo para alguns estouvados e ambiciosos que nos queriam arrastar à época das bernardas.

O ministério não somente obteve maioria, mas também unanimidade!

O que são em verdade quarenta deputados míopes de inteligência, dominados por paixões abjetas, em comparação com quinhentos cidadãos tão notáveis pela ilustração como pelo desinteresse?

Pelo que diz respeito aos deputados monárquicos é inútil aventurar suposições, dizeis "vós; pois bem, é esse facto que vos mata. Vejamos o que significa semelhante maioria.

É composta de algumas centenas de empregados, de irmãos ou primos, de pensionistas do Estado, que andam em carruagem, de sevandijas de todos os governos e de homens cuja casaca se abotoa sobre uma pasta, e não sobre o coração. Não admira que tal gente vos sustente, devem faze-lo, recebem a paga das vossas mãos: mas nos dias de tormenta ou de angústia quem pode contar com os lacaios? Ouvi as advertências de inimigos leais. A minoria de que vos estais rindo, é o povo, e basta que ele queira para a vossa ruina ser infalível.

Não nos ouvireis porque estais enterrados no lodo da iniquidade, e como o

verme imundo destilais a vossa baba peçonhenta nas coisas mais santas e respeitáveis. Com o bom senso perdestes a ilustração e amenidade de linguagem esta ao presente é só nossa e de nenhum outro partido.

O Dr. Universal e Maurício encontraram logo na primeira sala muitas pessoas de diferentes idades e classes à espera da audiência do redator em chefe da "Grande Peta". O académico trocou algumas palavras com muitos deles, e todos afetavam desprezo idêntico pelo poder a quem vinham tributar homenagens: todos se queixavam da sua iniquidade e corrução, e declaravam ser-lhes indiferente a amizade ou o odio desse homem.

O Dr. Universal percebendo os sintomas de uma demorada espera, propôs ao seu companheiro acompanha-lo numa visita rápida ao que chamavam as repartições do jornal.

Ao cabo de terem andado por diferentes quartos, salas, e gabinetes em que muitos empregados trabalhavam nos diferentes ramos da frondosa árvore jornalística, chegaram ao que se chamava sala da redação. A casa estava dividida em trezentas divisões feitas com gradeamento de madeira, e destinadas aos duzentos jornalistas de serviço. Cada um tinha funções separadas, conforme indicavam os dísticos das gaiolas destes camarins da publicidade. O jornal tinha um redator para as noticias dos envenenamentos das mulheres pelos maridos, e dois para os que referiam os envenenamentos dos maridos pelas mulheres, e

nesta espécie, ainda um outro redator especial para os envenenamentos recíprocos, chamados em linguagem jornalística envenenamentos sortidos. Uma serie de gabinetes era reservada aos localistas de imaginação mais fértil, conhecidos pela designação de almocreves das petas. A um cabia a especialidade dos incêndios de cidades desconhecidas, os tremores de terra da parte do mundo ainda não descoberta, os naufrágios das notabilidades internacionais, tendo por nome uma inicial; a outros as histórias de ursos e feras desconhecidas, devorando veteranos, bem como tudo que dizia respeito à famosa serpente do mar: a um terceiro pertencia a especialidade do reino vegetal enriquecido com as maravilhas da mostarda branca, e das couves gigantes.

Cada um dos artigos que se ia acabando era deitado num tubo que o levava à máquina, onde era impresso., sem intermediário dos compositores, o que entre diversas vantagens tinha a de lançar à conta do jornalista, como deve ser, os erros de ortografia.

A segunda sala era destinada aos redatores de reclames, homens constantemente empregados em achar novas fórmulas para a ficção, verdadeiro Proteu dos tempos modernos.

A terceira servia para as correspondências mantidas por meio do telégrafo elétrico. A última podia chamar-se fábrica de noticiários e de folhetins.

Havia anos que o célebre Cezar Torneira explorava estes dois ramos de

comércio literário, havendo tomado por empreitada a confeção de todos os romances que devia publicar a "Grande Peta", e os outros jornais da república. Diversas máquinas da sua invenção fabricavam folhetins e noticiários de todas as qualidades a cem linhas por hora.

Na breve revista que vamos passar a esta secção das máquinas literárias, daremos o-primeiro lugar à máquina histórica. É nesta quase sempre que se deitam as crónicas, as biografias, memórias e manuscritos para saírem comentados em romances, arremedando o estilo de Walter Scott.

Na máquina das variedades deitavam-se tiras de papel cortadas à tesoura. e de artigos velhos se faziam artigos novos.

A máquina de noticiário recebia as partes de policia, as participações verbais dos botequins, as petas do redator especial; e de tudo isto resultava: — uma Rosa preta, embriagando com o perfume do vinho os sentidos das autoridades que a deixavam todos os anos cometer um certo número de escândalos: um homem célebre que ninguém conheceu: um assassino na Beira, uma apreensão de máquinas de moeda falsa, um morto vivo, que o noticiarista leva á cova de tocha na mão, sendo testemunha das lágrimas dos amigos: mas como tudo se passa unicamente nas colunas do jornal, no dia seguinte os mesmos tipos do necrológio servem para o morto contar a sua história, ou nos participar que está vivo.

A máquina dos resíduos é onde se deitam as correspondências das províncias, as cartas de um constante leitor, ou antigo assinante: é desta máquina que saem os duelos, os processos, e ás vezes os socos.

Sessenta secretários auxiliavam Cezar Torneira no trabalho improbo de invadir todos os jornais, para só ele alimentar a curiosidade pública, enchendo a bolsa com o produto da pena.

O Dr. Universal lembrando-se que a hora de ser recebido devia estar próxima, voltou ao gabinete do Diretor da GRANDE PETA.

O Sr. Pretório era na cidade Sem-Igual, o verdadeiro fundador da liberdade de imprensa, ou da liberdade de imprensar as pessoas. Coisa alguma lhe podia ser negada impunemente, ou, para falar com mais exatidão, não lhe negavam nada. A sua pena, estacionava perante o jornal, como a sentinela perante um acampamento. Só ele decidia quem devia ou não entrar no moderno Pártenon. Era um excelente homem para os amigos, e com eles repartia os lucros, o poder, e credito: era o melhor rei do mundo para todos quantos tinham a fortuna de não ser seus súbditos.

Quando os nossos visitantes entraram, o jornalista dava audiência ás pessoas que Maurício tinha visto à espera da honra de lhe falar. O desprezo que essa gente manifestava antecedentemente estava agora sendo substituído pelo respeito, disputavam entre si qual havia de ser mais modestamente submisso, ou

amigavelmente familiar.

Viu uma enfiada de autores mais ou menos imberbes que vinham oferecer ao rei da imprensa os seus livros enfeitados com o autógrafo do costume — oferece o autor. Em seguida entraram os pintores de quadros sem cor, os escultores em gesso, os músicos de valsas, os quais todos vem armados com o seu prodigioso talento e pacotes de cartas de recomendação. Não faltavam também as atrizes gesticulando como macacas e seduzindo como as sereias, quando havia sereias e se falava em verso. Fechavam o cortejo aos admiradores do pai da GRANDE PETA, uns certos homens graves, com os coleirinhos muito direitos, e o cabelo ao acaso, trazendo já feitos os seus elogios entremeados de diatribes aos adversários.

A visita que mais admiração causou a Maurício foi a Sra. Digna, fundadora da sociedade das mulheres sábias. composta de todas quantas não tinham podido viver com os maridos.

A Sr." Digna era uma exceção a tal respeito, pois que, segundo ela havia declarado no seu discurso inaugural da sociedade, servindo-se pudicamente de uma imagem da antiguidade: Nenhum homem tinha ainda desafivelado o seu cinto.

A sua hostilidade contra os homens não provinha de nenhuma recordação pessoal, era um odio metafisico, expressão de raiva virtuosa, nascida dos

princípios, e alimentada no interesse da humanidade.

A nossa heroína vinha pedir ao Sr. Pretório a publicação de muitos artigos da sua lavra, pois que a Sra. Digna juntava ao seu título de fundadora de uma associação, a qualificação de mulher de letras, ou literata, e se o seu lugar não era entre as primeiras celebridades, a culpa provinha dos homens coligados contra o sexo, frágil sempre, mas nem sempre belo: mas, conforme ela observava, essa tirania estava para acabar, e não distava muito o dia em que os senhores seriam obrigados a consentir que as escravas fossem "livres. Os direitos da mulher, segundo os tinha formulado a Sra. Digna, eram simples e claros, consistiam em não reconhecer aos homens nenhuns direitos.

O Sr. Pretório recebeu civilmente a rainha das insurgentes, mas não lhe aceitou os artigos, o que fez com quo ela saísse do gabinete do famoso redator exclamando, que era tempo de cuidar seriamente na salvação do género humano.

Quando todas as visitas se tinham retirado, o diretor da grande peta veio ter com o Dr. Universal e disse-lhe:

— É esta sempre a minha vida. Sou como as árvores plantadas à beira da estrada, de que todos os passeantes tiram um ramo com algumas folhas. Não posso guardar coisa alguma para mim. nem para os meus amigos.

— E não obstante, observou o académico, sorrindo laudatoriamente, não vos faltam recursos para ser agradável com todos.

— Acabo de juntai mais um encargo aos muitos que tenho, interrompeu Pretório com impavidez... é uma empresa absolutamente nova.

— Será possível?

— É gigantesca! Vou comunicar-vos o plano. Assentai-vos: peço-vos conselho ao seu respeito.

O Dr. Universal, que já conhecia o mundo: que estava no ano 3000, com as manhas todas do mundo antigo, logo traduziu consigo aquelas palavras, como querendo dizer: quero que aplaudam; e tomou resignado a mascara de admirar, bem resolvido a aproveitar a primeiro oportunidade para no seu proveito a pôr no rosto do jornalista.

Pretório depois de ter folheado muitos papéis, mostrou o plano da sua nova publicação. Era uma biografia geral que devia compreender a história pública e privada de todos os cidadãos da república Sem-Igual.

O prospeto tinha no cimo esta máxima filosófica:

OS SUBSCRITORES TEM DIREITO À INDULGÊNCIA

QUEM NÃO ASSINA SÓ TEM DIREITO À VERDADE

Expunha um sistema de prémios tão habilmente combinado, que o editor embolsava, pelo menos, cento e vinte vezes o preço de cada subscrição.

As vantagens das diferentes categorias de assinantes estavam perfeitamente estabelecidas.

Cada um dos primeiros trinta mil subscritores tinha direito a um caleche com a sua firma, e puxado a um balão.

Os quarenta mil assinantes, imediatos aos antecedentes, tinham direito a bilhetes perpétuos dos Ónibus da república, com correspondência para as cinco partes do mundo.

Os últimos subscritores receberiam todas as manhãs nas suas casas, uma chávena de café com leite, e um cálix de genebra ou de cognac.

O doutor depois de ter ouvido atento os pormenores de tão vasta empresa, que bombasticamente elogiava resolveu falar no assunto que o resolvera a procurar o Sr. Pretório.

O jornalista puxou logo por um dos cordões, que ornavam as paredes, na divisão em que estava escrito — ESTENÓGRAFOS — e no que se pendurava a palavra ACADEMIA.

Imediatamente se abriu uma das bocas mecha nicas da redação, que estavam

em fieira sobre a cabeça de Pretório, e caiu em cima da mesa um papel dobrado — era o resumo da memória do bibliófilo. O Dr. desdobrou o papel começando a examina-lo juntamente com Maurício, que suspendia a leitura de linha a linha para indicar os erros e absurdos que a memória continha.

Pretório extasiado declarou que era preciso escrever um artigo aquele respeito, e que produzisse escândalo, um dos recursos mais sólidos do seu periódico.

— Não poupeis o bibliófilo, acrescentou o jornalista, com firmeza de expressão — a verdade é sempre a verdade e deve ser dita francamente, quando pode aumentar o número dos assinantes. Recusa ser dos nossos, e quem não é por nós é contra nós. Devemos afogar no ridículo a memória sobre os Franceses no século XIX.

— Hein? que é isso? exclamou Palafox, entrando. peço a palavra sobre a ordem. Com os demónios não se afoga assim a mercadoria dos amigos, principalmente não estando segura.

— Que mercadoria? Terás por acaso feito algum contrato com o bibliófilo?

— Sim, senhor, e para as suas cinco memórias.

— Já o assinaste?

— Não só assignei, mas paguei dez contos de réis, em notas do Banco: e não

posso portanto dizer mal de um livro porque dei dinheiro, e com o qual já gastei cem mil réis em anúncios.

— Tens razão, observou Pretório com certo embaraço.

— Se me permitem observarei, como dizíamos ainda agora, que a verdade...

— O que ela pode, os próprios antigos o proclamaram disse Pretório, quando nos legaram a máxima:

Arnica, veritas, sed magis amicus Palafox

— Nesse caso não quereis a crítica do meu amigo, respondeu o Dr. mostrando-se ofendido.

— Não, senhor, porque atai critica custar-me-ia quatrocentos mil réis, e a amizade de Palafox que vale muito mais.,

— Dez vezes mais, disse o corretor de géneros coloniais, narizes e literatura, pago-lhe anualmente mais de quatro contos de réis de anúncios.

— O meu amigo Maurício procurará outro jornal, replicou o académico, pois que felizmente A GRANDE IETA, não é o único órgão da publicidade.

— Concedo, e podeis ir falar com o redator do Ocidente, que se pública no lado oriental da Republica, acrescentou chacoteando Pretório.

— Ou à Independência Dependente, indicou Palafox com indiferença.

— E porque não havemos de ir ao escritório do Beliscão? foi a única resposta do doutor.

O jornalista mordeu os beiços, e o seu companheiro parecia inquieto.

O Beliscão era um destes jornais pequenos que todos querem ler, pelo mal que ele diz do seu próximo; um destes arlequins da imprensa que vos diverte enquanto se não diverte convosco.

Por mais elevada que fosse no jornalismo a posição de Pretório, temia o seu colega de menores dimensões, como se teme o zumbido e mordedura do mosquito.

Palafox sabia perfeitamente que os artigos sarcásticos do Beliscão, podiam diminuir-lhe os fregueses dos seus negócios, e dando à fisionomia o aspeto artificialmente parvo e franco de um homem esperto que vai enganar um tolo, estendeu uma das mãos para o académico, que já ia em retirada.

— Não nos havemos de separar assim; não se dirá que os Franceses do século XIX, me roubaram a estima de um dos mais ilustres escritores do século atual...

O doutor ia responder.

Com o escritor que alargou os domínios da poesia... os lábios académicos deixaram sair um agradecimento gaguejado pela vaidade.

— Com esse génio fértil e enciclopédico que vos garante a posse de um lugar superior em todos os géneros de literatura...

O doutor ia abraça-lo.

— Como o maior homem da era em que vivemos...

O doutor apertando comovido a mão de Palafox, pediu-lhe de não envergonhar mais a sua reconhecida modéstia com tais louvores.

Palafox tendo exausto o seu formulário de elogios, fingiu ceder com dificuldade ao pedido do académico; mas confiando no exordio por insinuação, começou a levantar receios no animo do académico, apresentando-lhe os efeitos da polemica que ia encetar, porquanto haveria represálias que prejudicariam a fama da Academia de que ele era uma das glórias.

Estes argumentos eram convincentes, mas qualquer literato, não renuncia tão facilmente, como se pensa, a satisfação de ridiculizar um colega: fraternidade das artes e letras descendo em linha reta de Abel e Caim. O doutor resistia e achava sempre na sua vaidade e inveja, recursos para responder a Palafox. Alegava o interesse da ciência, o interesse da história, o interesse dos princípios, e

finalmente todos os interesses que é costume citar, quando se não quer dizer a verdade. Invocava especialmente os brados da consciência, desse ídolo que fala ou está silencioso, conforme a vontade do respetivo sacerdote.

Palafox falho já de eloquência fez um gesto, como iluminado por súbita inspiração.

— Intendo agora: não quereis perdera ocasião, quem a perde não a encontra outra vez: essa critica da obra do bibliófilo deve promover a curiosidade do público, e será possível vender tantos exemplares, como da própria obra criticada.

— Talvez mais. disse o doutor: mas alem dessa existem outras razões.

— Bem sei, bem sei, interrompeu Palafox. a ciência... os princípios... a consciência... compro tudo!

— O académico assoprou forte.

— Dei dez contos de réis pelo livro do bibliófilo, pago a mesma quantia pela refutação: e todos ficam bem. Vendo primeiro o livro como sendo um primor de arte, e depois a critica que há de provar a inépcia do mesmo livro. Desta forma o público estudará duas vezes, e eu ganharei o dobro do que esperava. Respondei, estamos de acordo, não é assim? Vou escrever as nossas condições porque no tempo em que estamos sempre é bom pôr o preto no branco.

Palafox redigiu o contrato escrevendo sobre a mesa de Pretório, o Dr. Universal assignou o recibo e recebeu um cheque sobre o Banco Nacional, e já se estava despedindo do ilustre redator da GRANDE: PETA, quando este tencionando ir ao museu convidou os dois ressuscitados para o acompanharem.

CAPÍTULO XIV

No caminho, Maurício e Marta viram um edifício sombrio com as paredes enegrecidas, e guardado por sentinelas, e teriam julgado que era uma prisão se não lessem sobre as portas:

BIBLIOTECA NACIONAL

Como mostrassem desejos de entrar naquele cárcere das ciências e das letras, o Sr. Pretório observou que a biblioteca estava fechada.

— Enganou-vos o letreiro, disse ele, sorrindo maliciosamente. Na capital da nossa república a biblioteca nacional é para ser sustentada, e não gozada pelo público. E quando vos abrissem as portas, em atenção à vossa qualidade de almas do outro mundo, que irieis ver? Montanhas de livros empilhados ao acaso. O zelo e a ciência dos conservadores não podem fazer surgir a luz daqueles cabos, As verbas do orçamento que os podiam auxiliar são absorvidas pelos

auxílios à literatura dos literatos janotas, interessantes, e que não fazem nada, porque a inspiração preocupa-os, o amor persegue-os, e as noites são breves para o prazer, e os dias mal chegam para o sono, que os credores insofridos ousam por vezes interromper. Haverá três séculos que os empregados trabalham no catálogo, classificam cem volumes por mês, e recebem mil dos depósitos para o mesmo efeito. O edifício já esteve para abater com o peso, e se não fossem os ratos e os alfarrabistas empresários dos caminhos de ferro, não estaria aliviado da parte do peso que ia causar a sua mina. A policia proíbe a entrada das bengalas e chapéus de chuva e autoriza a saída dos livros.

A biblioteca da Cidade Sem Igual, é cilada como verdadeiro modelo de certos métodos, pois que tudo, excetuando os livros, é regulado com a mais impertinente ordem e simetria.

Em frente da biblioteca fica o passeio público, sem árvores, para os passeantes gozarem os ardores do sol. Todos os passeantes se empregavam em qualquer trabalho tendente a auxiliar a locomoção.

Uns bordavam e andavam, outros faziam crochet, restos de junco, bolsas e mais bugigangas: não se arrepie o leitor com a palavra, que já a pode ter visto empregada em nome de navios. Os jogos públicos também eram meios de produção. O pião estava aperfeiçoado a ponto que movia um maquinismo que fabricava bolos; os cavalinhos de pau faziam trabalhar um moinho de café, e uma roda para amolar facas: os tiros de pistola substituíam os quebra-nozes.

Maurício ficou estupefacto, vendo um homem de idade madura que tinha resolvido o problema de fazer com que o passeio lhe fosse proveitoso por três modos, pois que lia, fazia meia, e levava atrás de si um aparelho económico em que se ia cozinhando o seu jantar.

Depois de saírem do passeio chegaram a um bairro desconhecido, em que não vivem senão homens com grandes barbas, mulheres desgrenhadas, vestindo todos os costumes das diferentes nações e séculos, desde a folha de figueira dos nossos primeiros pais, até ao chambre do ano 3000.

O Sr. Cezar Torneira disse-lhes que aquele era o bairro dos artistas.

Esta colonia fantástica e caprichosa, no interesse da arte, tinha um código porque se regulava, composto de seis artigos, a saber:

I. O escultor julga que a pintura deixou de existir.

II. O pintor julga que o escultor já não existe.

III. Os pintores e escultores só reconhecem talento nos artistas depois de mortos, e ainda assim unicamente bastantes anos depois do seu falecimento.

IV. A nação mais civilizada é aquela em que se compram mais quadros e estátuas.,

V. É dever socorrer os colegas, mas não é permitido admirar ou elogiar o seu talento.

VI. O artista deve considerar como inimigos permanentes, o droguista, o público e o senhorio.

Cezar Torneira levou os seus companheiros a casa de algumas das celebridades artísticas mais em voga, e começou pelo afamado pintor retratista Vasco Veloso Valente Valeriano.

O Sr. Vasco Valeriano tinha sobre a porta o dístico: Retratos de obra feita.

O seu maravilhoso processo consistia em ter descoberto cinco carateres que dominam em todas as fisionomias, e era:

Seriedade;

Alegria;

Brutalidade;

Inteligência;

Indiferença;

Tinha sempre à ordem com endosse em branco, uma coleção de retratos feitos com referência àqueles cinco tipos. Cada quadro tinha o preço calculado em polegadas quadradas, e deste modo cada um escolhia o gesto mais do seu gosto, como podia em casa de um algibebe escolher o vestuário. Não havia mais do que ajustar a fisionomia ao aspeto que se desejava, para que o retrato ficasse completo. A este respeito o Sr. Vasco era obediente à vontade do comprador: e nestes termos explicou a Maurício a sua teoria.

— A missão do retratista não é reproduzir o que vê, como julgavam antigamente, mas sim pintar o que devia ser. A natureza é geralmente feia, e pertence-nos alinda-la.

Qual é o desejo da mania das pessoas que encomendam o seu retrato? é terem uma prova de que são menos feias do que parecem. Se o retrato se limita a reproduzir a nossa fealdade, mal empregada foi a despesa que nos custou. Pensará alguém que um gago pague a quem o arremede?

De casa do Sr. Vasco foram a casa do Sr. Ilustradini, estatuário das cinco partes do mundo: centenares de operários trabalhavam pela sua conta para acudir ás encomendas de heróis que lhe faziam de todas as nações.

Quando chegaram ás suas vastas oficinas estava ele vigiando uma remessa de

duzentas imagens de Santos, que se iam expedir para a Irlanda, bem como o acondicionamento de uma estátua colossal da Incredulidade, encomendada pelo club dos ateus de Boston.

Assim que viu o jornalista, caminhou para ele com os braços abertos.

— Sejai bem vindo, já que sois a nossa providencia, a nossa estrela polar, a luz que ilumina os ministros, ou, em termos mais rasteiros, os esclarece quando eles fecham os olhos para não verem a justiça.

— Não vos intendo, observou Pretório como um homem que se não recorda do assunto em que lhe falam.

— É porque vos não lembrais daqueles trabalhos para certo monumento, que os ministros queriam dividir por muitos artistas, e de que me encarregaram só a mim.

— E o concurso? Pois os senhores não abrem concursos? perguntou Maurício.

O jornalista pediu desculpa ao artista do desproposito em que o seu companheiro estava falando, e, como não o queria deixar passar por doido, disse-lhe: Meu caro amigo, bem se conhece que sois um fóssil das gerações antigas, e assim lembram-vos coisas que já no vosso tempo eram apenas degraus para os arlequins políticos subirem à corda bamba do poder, donde sempre

desciam de salto, porque sem empurrão não largavam a maromba.

Maurício não pôde deixar de notar como a raça jornalística havia conservado os carateres virulentos da espécie, e ao ouvir Pretório pareceu-lhe que estava lendo alguns jornais da oposição do seu tempo.

— Mas se não houve concurso nomearam uma comissão com o fim de o propor, redarguiu o estatuário, e se não fosse a influência do meu amigo jornalista eu não teria sido servido com a concessão direta e exclusiva, que tanto me honra e me aproveita.

— Vejo com satisfação que afinal cederam... disse o jornalista impando de orgulho.

— Por vossa causa — bradou o Sr. Ilustradini — apertando as mãos de Pretório... quem ousaria resistir-vos? sois o rei da opinião... mas podeis estar certo que o vosso obséquio não foi só a mim, foi à arte... serei digno da vossa proteção... desde ontem sinto um incêndio na cabeça, não vejo senão estátuas que me abraçam, dançam e até gritam.

Ilustradini possuía, como vê o leitor, aquele entusiasmo mecânico cie charlatão, e a que não resiste nenhum governo: quando falava na arte cada palavra parecia ter número dobrado de silabas: as suas tiradas de eloquência pareciam os trovões do teatro que fazem o ruido de um objeto pesado rodando

sobre outro objeto oco. O peso era neste caso a palavra, o vazio era o espirito.

Enquanto o artista se entregava ao delírio do seu entusiasmo ridículo, Pretório procurava com a vista algum objeto para distrair a imaginação.

— Admirais a minha Minerva, não é assim?

— Uma Minerva! proferiu com admiração Pretório, que estava olhando para um mono informe de barro.

— É ela, sim é ela, a minha Minerva, interrompeu o charlatão, apontando para o monte de barro, e parecendo que os olhos estavam a saltar-lhe do rosto cadavérico; saiu armada da minha cabeça, que se incendiava com o fogo do génio. Modelei-a com tal entusiasmo que o barro fumegava-me nas mãos.

— Não obstante, observou Pretório com algum receio, parece-me que ainda falta muito para que esteja completa.

— Falta a parle material, a que reservo para os discípulos: os braços, as pernas, o corpo: mas tudo isto é zero depois de achada, de descoberta, de inventada a ideia. A deusa tendo numa das mãos a lança a que se encosta, apresenta na outra um ramo de oliveira: eis-aqui em que consiste a estátua, o mais são pormenores insignificantes, que não carecem do génio do artista. Voltai daqui a um mês e terá caído o véu que aos olhos dos profanos esconde naquela obra a faísca do génio que eu lhe comuniquei.

Pretório prometeu voltar, e foi com o seu companheiro a casa do Sr. Gato, pintor de fama.

O Sr. Gato havia obtido o privilégio de pintar o governo tanto a pé como a cavalo.

A missão do artista não parecerá estranha quando se conhece bem a situação dos ministros no ano 3000.

Os secretários de estado andavam oficialmente a cavalo, bem como os seus antecessores do mundo antigo andavam, em Lisboa, por exemplo, oficialmente de carruagem. A civilização imprimindo mais movimento ás ideias, havia tornado mais veloz a missão governamental, e não admira portanto que os seus representantes saíssem das bocetas chamadas carruagens, para o ar livre que se goza montado num cavalo, mais ou menos fogoso. também a civilização havia tornado indispensável um pintor ministerial. Eis o motivo:

Ser ministro era uma das primeiras necessidades da vida social.

A república dos Interesses-Unidos tinha no seu código fundamental, logo depois do artigo que servia de garantir o direito ao trabalho, o direito ás pastas..

Os ministros seguiam-se no poder como os relâmpagos numa tempestade. Alguns só tinham tempo de assinar os despachos dos amigos ou dos credores, porque logo vinham outros tomar-lhes o lugar e ás vezes à força.

Decretaram portanto que as secretarias seriam forradas com os retratos dos membros dos diferentes gabinetes, postos à doida nas paredes, como estampas de miscelânea. Na presidência do conselho havia um efeito admirável do acaso: um ministro da guerra ficara a um canto, um da justiça de pernas para o ar, um da marinha rente do chão, um do interior à porta, um dos estrangeiros no meio do teto, e havia um das obras públicas com a cara para concertar. Ás vezes o pintor não tinha tempo de acabar os retratos e as fisionomias ficavam como safadas e mal se percebiam.

O Sr. Gato desempenhava a sua missão com a mesma frieza com que o continuo do gabinete fecha a porta do ambicionado cubículo, quando sai o ministro demitido, e abre-a quando chega o que vem substitui-lo, seguido pela cauda rastejante dos chefes de repartição, que se apresentam com os seus respeitos ao novo ministro. Se era a primeira vez que o moral feliz subia àquelas alturas, ainda ele estava estudando urna fisionomia governamental, e já o Sr. Gato perfilado em frente dele com pincel e palheta o advertia delicadamente, que devia voltar o nariz mais para a esquerda para não prejudicar os três quartos de posição, escolhida para o retrato. S. exa só tinha um meio de se ver livre deste impertinente, e era puxar o cordão à campainha, e dar ao continuo aquela ordem sabida: — hoje não recebo ninguém, chamarei quando poder receber os chefes. Ouvidas estas palavras todos se retiravam saudando-o respeitosamente. Então o ministro levantava-se, ia ao espelho ver a sua nova cara, media com dois

passeios o fofo tapete, no qual escorregava ás vezes por falta de uso, o todo vaidoso voltava para a cadeira de braços, afagava o bojudo tinteiro de prata, abria uma pasta que estava arrebentando de papelada, e depois adormecia, até que algum do-; deputados amigos, abrindo a porta com um pontapé mostrando aos pretendentes da antecâmara a sua influencia, vinha interromper a meditação ministerial.

O Sr. Gato gozando portanto de uma reputação oficial, era procurado com empenho para retratar a alta sociedade da república: mas como tinha aprendido os hábitos ministeriais, que não são os mais civis, deu pouca atenção aos dois visitantes.

Maurício tinha visto os artistas, mas não formava ainda ideia sobre o estado da arte no ano 3000; comunicando a sua observação a Pretório, este lhe disse:

— Ah! querem discursos e não obras! vamos ao museu, onde um dos guardas, que é idiota, vos patenteará o que procurais.

No caminho encontraram um cidadão do conhecimento de Pretório, um destes homens que se encontram em toda a parte, que falam em tudo, mas que não tem casa nem profissão. Com fisionomia alegre saltou na conversa e travou um dialogo tão familiar com Maurício, que parecia ter andado com ele na escola, ou ter vindo no mesmo caixão (las valias do antigo mundo para as ruas populosas da civilização do ano 3000.

— Oh meu caro, quer saber a ideia que fazemos da pintura disse o novo interlocutor, dando uma grande palmada num dos ombros de Maurício, eu lho digo.

— A pintura é a arte de representar quanto indicam, mais ou menos parvamente, os programas oficiais, a contento do governo e da sua augusta família. Sois pintor, encomendam-vos uma batalha — deveis pintar homens de uniforme engalfinhados uns nos outros — querem um grupo de ninfas? em pintando Ires mulheres rechonchudas com pouca roupa, está feito o quadro. Se vos falam numa máquina engenhosa, em desenhando um tear com um par de meias, e as competentes ligas a saírem dele., sois um perfeito artista. Em qualquer pessoa conhecendo o que está num quadro, sem necessidade de lhe escreverem como nos milagres, o que se representa, o autor é pintor e pintor de nome. Ouvi dizer que na antiguidade falavam de melodia de tom, harmonia de linhas, e cores eloquentes, tudo isto é uma loucura rematada; toda a pintura cabe numa palavra, copiar o que se vê, de maneira que o diretor da Academia das Belas Artes possa conhecer que um feixe de lenha não é um ministro de estado.

Chegaram ao museu. O idiota que servia de porteiro, era assim considerado, porque tendo estudado vinte anos a arte, não pôde realizar o desejo ideal que tinha na mente.

Pretório apresentou Maurício ao idiota, como uma amostra viva dos antigos

séculos.

— Ah! disse o porteiro, o senhor ainda é do tempo em que se pintavam quadros que cantavam?

— Pretório riu a bom rir.

— O idiota continuou: Duvidais do que digo, pois sabei que nessas vastas salas onde estão degradados os quadros do antigo mundo, vou muitas vezes gozar as suas harmonias; e quantas vezes ao pôr do sol, quando os clarões inflamados da sua luz tingem de vermelho as paredes da galeria, vou onde estão esquecidas as obras dos pincéis italianos, e ouço que eles cantam em côro, sem que as vozes se confundam. Reconheço a voz de Rafael pela suavidade sublime, a de Corregio ampla e terna: a de Teniers que parece dominar-me: e também as vozes de Carrache, Leonardo de Lince, André del Sarto, ora fogosas, brandas, expressivas ou meigas. Aos italianos seguiam-se os flamengos com a melodia menos celeste, mas também muito forte. Rubens cuja voz portentosa se ouve em todos os tons: Vandick arrebatado e triste: Jordanes harmonioso; o prazenteiro Teniers; Van-Ostade e Berghen entremeando o canto agreste dos pastores; as cantigas de Mieris e Gerardo Dóv. Os espanhóis entram depois em cena: Murilo com o timbre variável, Ribera ousado, Valasques cavalheiresco, e Zuliaran, místico. Os antigos pintores franceses são os últimos do côro...

— Ainda bem, atalhou Pretório, que desse cabos saiu um novo mundo.

— É verdade, disse o idiota, mas um mundo que é mudo.

— E a arte nacional? replicou o ditoso proprietário da GRANDE PETA..

— Perdeu a voz, disse o guarda com tristeza. Correi essas salas, as estátuas e os quadros não vos dirão coisa alguma. Julgam ver a arte, e só estão vendo a aparência. A arte que vivia já não existe.

— O jornalista não pôde suster uma estrepitosa gargalhada, e deixou o idiota, convidando Maurício para entrar nas salas do museu. Maurício estava pensativo. Dos artistas que ouvira, só o idiota lhe parecia razoável. Os outros exploravam a arte, e o pobre artista desprezado, esse sentia no coração o fogo sagrado.

CAPÍTULO XV

Ao saírem do museu foram buscar Marta, porque Pretório lembrou-a Maurício que deviam assistir à representação de um drama que tinha posto em movimento toda a capital. Era uma peça intitulada Kleber no Egito, que na opinião dos verdadeiros críticos, provava aturadíssimos estudos. O autor tinha obtido traçar o seu drama conforme os modelos da simplicidade antiga do século XIX. No entanto só lhe foi possível obter a certeza de que o seu drama seria representado ao cabo de uma serie de dificuldades que Pretório explicou a Maurício e Marta da seguinte forma: — Antigamente a peça era a parte principal de qualquer representação cénica; era para ela que se dispunham os trajes e os atores; admitiam a supremacia do espirito sobre a matéria, a submissão do instrumento à música que devia expressar. Felizmente invertemos tudo isto. Ao presente a peça é o acessório; o diretor do teatro só pensa em adapta-la ao cenário e aos atores. Muitas vezes é obrigado a corta-la no princípio, e dar-lhe mais proporções para o fim. Os cómicos em vez de representarem um carater histórico, apresentam ao público a sua própria individualidade, O drama Kleber no Egito é uma prova da facilidade com que os nossos autores se acomodam ás

variadas exigências dos senhores da arte, que são os administradores dos teatros. A peça era intitulada a princípio Virgem Escrava, e tinha sido escrita para estreia de uma linda atriz, a qual inesperadamente se apresentou impedida, por justo motivo, de desempenhar o papel. Lembraram ao autor, que podia mudar o seu primeiro papel para um galã. Assim fez: o galã da companhia normal não esteve pelos autos; porque não lhe admitiram calçar botas de montar no seu traje de selvagem.

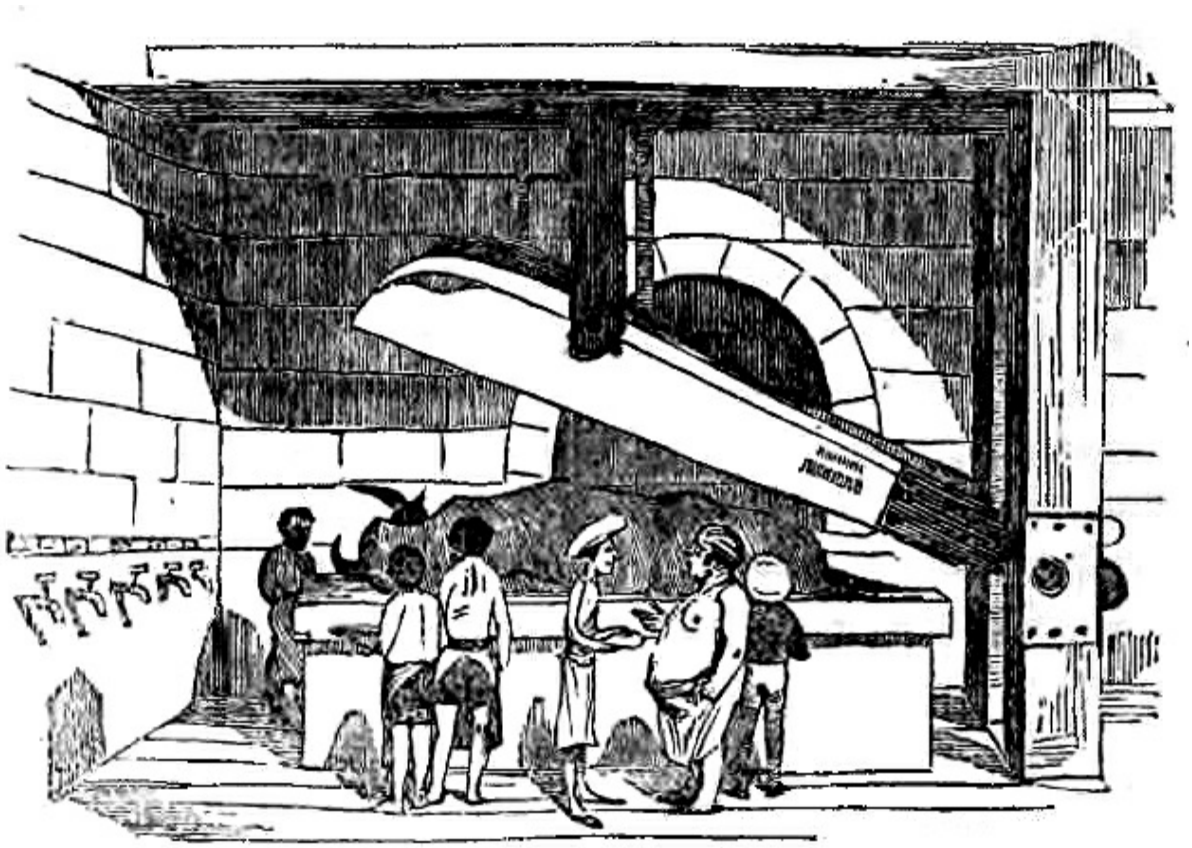
O autor não desistiu com tais dificuldades do intento de representar a sua composição, e sabendo da chegada de um célebre domador de feras, logo tratou de se aproveitar dos quadrupedes. Substituiu Kleber ao grande Sesóstris, uma aguia careca ao capitão das guardas, e um galã ao crocodilo. É esta a última transformação da peça; as vantagens cénicas, é o que esta noite vamos ver representar. Dizem que o papel de crocodilo está maravilhosamente apropriado ás faculdades dramáticas do bicho, e contém lances surpreendedores. Mas como a hora a que começa o espetáculo ainda está distante, podemos jantar. Entremos no Bosque dos Ilustres, que é a casa mais da moda: foi uma companhia que a fundou, cujas ações estão a 84 por cento, ora acima, ora abaixo do par, conforme as varias relações da bolsa para com o apetite dos janotas. Assenta as suas transações num princípio novo e curioso. Aceita qualquer objeto em troca dos seus primores culinários — chapéus rapados, casacas voltadas; qualquer pobre diabo em chegando diante do balcão pode trocar um par de bolas já

remontadas, e carecendo de meias-solas, por uma costeleta, ou os suspensórios por um prato de sopa. Reparai como o povo invade as salas do Bosque dos Ilustres. Os fregueses que pagam a dinheiro são acomodados em salas especiais, e servem-lhes os melhores pratos.

Entraram numa casa espaçosa, guarnecida com doze mesas de grandes dimensões: em cada um delas estavam animais inteiros, cozidos, fritos e assados. Viram sobre uma delas um boi deitado em pilhas de batatas; em outra vitelas mergulhadas em almudes de molho, porcos aos pares, e dúzias de patos enterrados em feijão verde ou em montanhas de salada.

Facas enormes movidas a vapor cortavam os guisados deste festim.

— Estais admirado, observou Pretório a Maurício. A exposição culinária que estamos vendo é um meio de assegurar aos fregueses que não são enganados pela casa de pasto. Cada um deles pode ter a certeza de que não come gato por lebre, e como S. Tomaz, pode ver e tocar. Assentemo-nos à mesa em que se vai servir aquele boi ainda intato, e ao qual conservaram os chavelhos e a pele, a fim de autenticar a identidade do animal. Apontai para o lugar de que mais gostais, e para logo cortarão um pedaço para vos servirem.



— Pelo que diz respeito à bebida, lede os rótulos dos toneis, e abri a torneira daquele que mais vos agradar.

Quando acabaram a suculenta refeição, foram para o teatro, na companhia de Pretório.

O peristilo estava ornado com estátuas de Shakespeare, chiler, Calderon e Gil Vicente, com advertência de que dentro da sala não havia lugar para nenhum destes génios.

Quando chegaram, o lustre já estava aceso e os camarotes guarnecidos de espetadores.

Pretório mandou abrir um dos camarotes perto da cena, onde estavam já Milady Fácil, com Isac Ferro, Palafox e o célebre Jorge Júpiter Tonante, o primeiro elegante da capital, ou o rei da moda.

O Sr. Tonante merecia este título: tinha as mais vistosas carruagens, as amantes mais faladas e exigentes, sustentava apostas avultadas, e aparecia em todos os lugares em que se não podia fazer coisa alguma útil. Não era possível achar em toda a sua vida um ato de dedicação, qualquer prova de simpatia, um rasgo de nobreza de alma. O seu fim não era viver, mas aparecer; regulava as suas ações pela conveniência, e não pelo bem geral. Era um pobre egoísta impando de vaidade, que representava o mesmo papel do tambor mór, que em dia de parada oficial marcha na frente dos regimentos, ricamente fardado, aplaudido pelos gaiatos, e admirado pelas velhas.

Quando Pretório entrou no camarote com os seus companheiros estava o Sr. Tonante servindo-se de uma trombeta acústica, que por meio de uma contração nervosa sustinha no ouvido, como os janotas antigos sustinham a luneta num dos olhos. A corneta acústica era na cidade Sem-Igual o sinal da suprema elegância. Antigamente era bom tom ser míope, no ano três mil o requinte da moda consistia em parecer surdo. Era mais uma feição para o carater excêntrico

do janota.

Jorge Júpiter tinha deixado crescer as unhas à moda chinesa para servirem de atestado da sua ociosidade. Todo o seu fato era de pele de melros, com enfeites de penas de arara. Como os brilhantes se tinham tornado ridículos, desde que os imitaram em vidro, usava botões de pederneira, de azeitona, e de pevide de marmelo.

O jornalista e o janota cumprimentaram-se como se fossem dois reis, um que tivesse conquistado a coroa como Napoleão m sobrinho da antiguidade, e outro que o tivesse herdado como Vítor Manuel.

Milady Fácil pareceu ficar muito satisfeita com o encontro de Maurício e de Marta: disse-lhes que sô assentassem ao pé dela; quis ouvir a sua história, e admirou-se mais do estranho desejo que tinham tido do que da sua realização.

— Conhecer o futuro do mundo, dizia ela, e atravessar tantos séculos para esse fim, é coisa que não compreendo! Não nos deve importar o futuro, porque não temos presente — os homens que nos hão de seguir não nos pertencem; portanto não pode haver interesse que vá além do que podemos ver e sentir. O futuro é o que se não conhece: e o que se ignora há de ser sempre uma coisa inútil.

— Não é assim para quem espera, disse Maurício. O futuro é o campo em

que estão semeados os nossos sonhos, onde os vemos germinar, crescer e florir. Não sei que haja quem queira viver sem essa vantagem da incerteza, que tanto conforta a nossa desgraça: o que seria a vida sem o horizonte do futuro? Pelo que oiço não conheceis a impaciência que nos faz desejar em cada um dos dias que vivemos o dia seguinte; mas permiti que vos pergunte em que pensais quando estais a sós com a vossa consciência?

— Quereis saber em que ela pensa Lady Fácil, quando está só pensa na chuva ou no bom tempo para dar o seu passeio.

— Eu penso nas sessões da câmara. disse com vaidade um deputado novato.

— Eu nas visitas que devo fazer, observou Jorge Júpiter, açucarando a voz.

— Eu nas letras a pagar, disse Isac Ferro.

— Pois. Os meus Srs., eu na minha qualidade de Jornalista, não penso em coisa nenhuma, porque sou obrigado a escrever sobre tudo.

Maurício olhou espantado para eles.

— Será crivei o que oiço? Se vos não dá preocupação o mundo invisível, para que viveis?

— Para que vivemos? é boa pergunta essa: para viver, respondeu o Sr. Isac, deputado independente, com o entono de quem fala como presidente de uma

deputação qualquer: e chegando-se mais perto de Pretório, disse-lhe ao ouvido: Verdade, verdade, o nosso ressuscitado parece-me doido.

Pretório respondeu também em voz baixa: Não o tenho por doido, mas parece-me um bom tolo, e nada mais.

A conversa foi interrompida com sinal de que in começar o espetáculo.

Neste ponto somos obrigados a imitar o estilo do folhetim, e invocando os mais de Júlio César, em dia de terça feira, desenterramos do pó dos séculos para nosso exemplar algumas folhas da Revolução de Setembro.

Saiba o leitor que estamos cobrindo letra seca, para lhe falar a cândida linguagem dos primeiros anos.

Eis-aqui o folhetim:

* * *

Não sei se a leitora prefere aos banhos de barca os banhos do Nilo, não do doutor, mas do tormentoso rio deste nome.

Imagino que prefere o rio — as águas são fertilizantes, e a leitora... oh! onde eu ia ter.

Volto ao Nilo, isto é, voltemos ao Cairo, eu e a leitora.

Não pense, minha amável senhora, que sou o homem da câmara-ótica. O folhetim calça luva cor de palha, fuma charuto havano, e bebe punch no Marrare.

Estamos por tanto no Cairo, eu e v. exa, por mais que pese a um marido ocioso, a um pai rigorista, ou a qualquer amante impertinente.

Tenha a leitora a bondade de olhar: à direita fica o palácio de Achemet, antigo ministro do sultão do Egito: o resto da paisagem é conhecido: estou seguro que v. exa a tem visto mil vezes num dos seus álbuns — o Cairo e as ladys de caracóis incríveis, são assunto eterno de todas as gravuras inglesas, e v. exa morre pelas gravuras inglesas... eu bem o sei.

Esta minha cabeça é tão distraída, que já me ia esquecendo que estávamos no Cairo.

Os ministros no Egito também caíam como os nossos; e o que morava naquela casa não só caiu, mas morreu e o seu cadáver que está exposto à porta do palácio.

A turba reza ou recita décimas contra uma décima que o ministro lhe deixou.

As figurantes estão agremiadas, e para ser completa a ilusão benzem-se, mas nem todas com a mão direita... falta de costume. No meio delas Astarbea chora

a sua orfandade com os braços erguidos para o céu.

O côro canta, como todos os coros, e quando a orquestra acaba o intervalo destinado a pintar, com o cadente movimento dos arcos das rebecas, a dor pública, todos saem da cena ficando só a filha inconsolável, como dizia a célebre Anua Radclife, que cercou de espetros a minha juventude, e talvez também a de v. exa.

O estrangeiro que estamos vendo entrar pelos bastidores da direita, é um hóspede que o pai de Atarbea tinha acolhido em casa alguns dias antes de morrer.

Não sei se a leitora terá reparado que os amantes no teatro entram, em regra, pela direita da cena — é o lado do coração!

O hóspede anuncia a sua partida; Astarbea não pode ouvir que a deixa sem chorar — nas lágrimas está o amor.

O estrangeiro exclama:

Sou amado!

Ela não responde, e como quem cala consente, o interlocutor propõe-lhe a fuga, e ela pede para que fique na sua companhia. Ouvindo os rogos da pobre donzela, o estrangeiro fazendo um semicírculo pela cena, a fim de se convencer que só poderá ser ouvido pelos dez mil espetadores, conduz Astarbea ao pé da

rampa, quase em cima das luzes — é o lugar das confidências — e diz:

— Enganei-te — não sou egípcio, sou francês, e chamo-me Kleber.

Astarbea, passados os primeiros instantes de surpresa, manifesta o seu contentamento por ter conquistado o coração do general em chefe do exército francês, que veio ao Cairo unicamente para conhecer, ajudado pelo disfarce, as forças inimigas, e que ao presente deve voltar ao exército.

Astarbea promete acompanha-lo, com a condição de que um marabuto abençoe a sua união.

Kleber consente a fim de provar os seus princípios de tolerância religiosa, e vai ele mesmo chamar o sacerdote mouro.

Convenho em que os acontecimentos galopam nesta cena... mas estamos no teatro... e no Cairo onde o termómetro anda mais alto do que no Chiado. V. exa dispensa-me de lhe explicar o termómetro, que ficou popular desde a febre amarela.

Temos monólogo de Astarbea, e confesso que distraído para um camarote, só ouvi o final em que a sensível moura se despede, em mente, de um anfíbio que tinha domesticado. Neste ponto a orquestra arrepia-nos os nervos com os instrumentos de latão, e eu peço à leitora que se não arrepie, porque a palavra é tão suave que pertence à diplomacia portuguesa.

Dentre as ondas de folha de Flandres surge a cabeça de um crocodilo.

Ah! horror, horror, dirá v. exa!

Mas, minha Sra., este animal é do nosso conhecimento.

O crocodilo é meu, fui eu que o inventei. Ele entrou noutra peça sem ninguém o aplaudir. Dei-lhe um bravo no meu folhetim.

Repare v. exa como à entrada é saudado por duas salvas de palmas. O bicho agradece, e eu também — se ele é meu.

O crocodilo pondo as patinhas sobre a taboa verde que serve de margem do Nilo, caminha solenemente para um pastel que lhe oferece Astarbea, e depois de o engolir de um trago, como se fosse qualquer cidadão caído ao rio, volta-se de costas, rebola sobre o palco, e vem coçar a cabeça escamosa num dos pés da nossa heroína.

É admirável, incrível, surpreendente! Novos aplausos acordaram os espetadores velhos, e chamam ao mundo os namorados perdidos com o pensamento desde as frisas até ás torrinhas.

Das diferentes habilidades que o animal executa à voz de Astarbea, estou persuadido que a do agrado da leitora foi aquela valsa, doida, fumegante

volutuosa inopinada e rescendente do perfumo de mil ilusões, apertadas e desfolhadas em mil abraços. Ah! minha Sra., a valsa e como a dançavam no club naquele baile monstruoso do carnaval... Mas voltemos ao Cairo.

A bulha que se ouve de fora da cena obriga o domesticado e feroz anfíbio a voltar para o seu Nilo; a donzela fica só, e eis que pelo fundo do teatro entra o sultão com os guardas e povo, coisas que sempre aparecem em havendo coros.

Acabado o côro, o príncipe manda todos embora, menos Astarbea.

Ah! minha Sra. não sei de pejo como o conte! mas no folhetim as roupas são quase sempre mais ligeiras, e as saias de luxuosa seda nem sempre arrastam... ás vezes é preciso ver um pé — um pé admiravelmente arqueado, tímido, buliçoso, incompreensível.

O estilo também abafa nos países calmosos, e deve-lhe ser permitido como a v. exa o a mim chegar à janela e tomar o fresco.

Ora a leitora sabe que moro na baixa, que escrevo quando o sol do meio dia derrete o macadam, e há de desculpar que o folhetim refresque o estilo, mormente agora que assim o exige a verdade histórica.

O sultão viu no banho Astarbea, ficou doido de amores por ela e destinou-a para arredondar o número das suas quinhentas mulheres.

Astarbea responde que é impossível: o rei não ouve, não vê senão paixão,

desejo e raiva.

Os guardas vão empregar a força para arrancar a pobre moura da cena.

Chega Kleber com o povo que se juntou para julgar os mortos, conforme a prática.

No Cairo como não há liberdade de imprensa para processar os ministros em vida, vem o povo fazer-lhe o processo depois de mortos.

O cadáver de Acmet é portanto posto sobre o banco dos réus em plena praça pública.

O sultão que não quer fazer um golpe de estado, finge obedecer à lei, mas quando já vão conceder um túmulo ao pai de Astarbea, apresenta um conhecimento de décima relaxado que o ministro não pagou, e na forma do costume, pede o corpo como penhor da soma em divida.

Se os agiotas fossem mouros de turbante, e aceitassem o cadáver para saldo de contas, era uma grande descoberta. As sepulturas ficavam desertas, e os agiotas fartos de gente morta.

A filha pede ajoelhada que a sombra do velho não fique exposta a andar errante estando o corpo insepulto.

O sultão é inflexível. Kleber no entanto apodera-se de um dos cavalos do rei,

toma Astarbea nos braços, monta a cavalo e desaparece como o relâmpago. O crocodilo corre em seguida do cavalo que parece voar, e leva ás costas — amável bicho — o cadáver do pai da sua benfeitora!

Que lição, minha Sra., para o tesouro de Meninas, ou para o Método Facílimo!

O ato acaba, e eu largo um instante a pena para acabar um delicioso charuto que me deu um russo; — não sei se v. exa sabe que estou em intimidade com um russo, que é uma joia. A história do russo fica para outra vez.

Passemos ao segundo ato. Estamos no deserto, e a pirâmide fica ao fundo;

Chegam Kleber, Astarbea e Acmet, que, na qualidade de morto embalsamado, é personagem minha.

O sol é abrasador, e Kleber tenta fugir para a sombra das pirâmides.

A área do deserto vem nas azas do vento escandecente, o cavalo cai morto. Kleber manifesta o seu desespero em gestos ferozes. O sultão e a cavaleira entram em cena. Intimidam Kleber, para que se entregue. O francês resiste, e vão ser mortos pelos alfanges — ele e a sua mulher, quando o Nilo transbordando a propósito afoga o tirano e os seus guardas.

Kleber toma nos braços Astarbea, que está desmaiada; sobe com ela ao cume da pirâmide, enquanto o crocodilo com o morto ás costas foge na direção do

grupo. Com o ponto final que venho de pôr no papel desceu o pano sobre a última cena do segundo ato. Se a leitora dá licença vou tomar chá neste intervalo.

Esta cabeçal Valha-nos Deus. O folhetim não toma chá no teatro. Se vissem o folhetinista no botequim com a clássica bandeja diante de si, tomavam-no por algum provinciano, ou tio André vindo do Brasil. O folhetinista só conhece a província de nome, e não vem senão do Grémio.

Eu estava agora muito agradavelmente conversando com v. exa, mas como começa o ato, oiço sio, sio na plateia, desço para a cadeira, e vejamos o terceiro ato.

A cena representa o interior da grande pirâmide. Acmet está nas suas sete quintas, em companhia das ilustres múmias que o cercam. Os vivos é que não estão á sua vontade, e cada um deles anda como se fora deputado provinciano a passear pelas salas da Filarmónica.

Astarbea não se descuida de alimentar muito bem o seu general em chefe, sendo auxiliada neste intento pelo hábil crocodilo, que todos os dias lhe entrega o produto da sua pesca e caça. Assim mesmo Kleber emagrece.

Na volta da caça o crocodilo apresenta um dia à sua protetora uma garrafa de vinho de Bordens.

Abriram a garrafa, e ficaram admirados de unicamente acharem dentro papéis deitados ao mar pela guarnição de um navio francês, na ocasião de naufragar.

O general sabe por esses papéis que o exército julga que ele morreu, e pensa desesperadamente em voltar à companhia dos seus bravos.

Ah! minha Sra., como o autor é insigne nas caretas de raiva, no esbracejar do desespero.

E ela, a pobre e amorosa filha do deserto, como é meiga e lerna para desarmar o seu amante da ira que lhe ilumina os olhos, e cinge a face de um rubor ígneo e flamejante!

É plangente a cena — é sublime a situação.

Kleber enraivecido apresenta aos espetadores em cada mão um punhado de cabelos, arrancados à cabeleira no furor do desespero.

Astarbea lembrando-se das diferentes comunicações que devem existir entre as pirâmides e a praia, corre os bastidores sem achar saída: já sem esperança a extremosa amante se dirige aos restos do seu pai, como conhecedor de todos os cantos das pirâmides.

Acmet ouve que o chamam, abre a poria do seu armário de múmia, sai, aponta solenemente para uma saída, e volta para o escaninho!

Ah! como a leitora está ralhando do meu estilo!

Senhor folhetinista, a sua liberdade não chega a tanto — um morto que ouve; um morto que anda; um morto que aponta, nem liberdade de poeta vai tão longe!

Se v. exa me permite uma observação, talvez façamos as pazes. Vejo que a leitora se esquece dos mortos que andam depressa, representados no teatro português; e que ainda não mandou o seu criado à rua augusta à loja do Cobelos comprar um interessante folheto — Um morto a contar a sua história...

Mas para que havemos de sair de casa... não digo bem, sair do folhetim?...Eu pela minha parte estou aqui perfeitamente na amável companhia de v. exa; e bem me lembro que a semana passada tive o gosto de lhe apresentar, enquanto íamos de S. Carlos para o teatro de D. Maria, a carta engraçadíssima de um estimável morto... se acaso v. exa se esqueceu, basta um Almanak de Lembranças para que se recorde.

Estou secante, sem-sabor, não é assim?

Perdoe-me a leitora a divagação, pois que o nosso diálogo não interrompeu o espetáculo, porque a cena final do ato foi muda. Astarbea e Kleber fugiram precipitadamente pela saída que lhe descobriu o morto, e foram seguidos pelo crocodilo... e como ele dava a cauda em sinal de contentamento!...

Não podemos continuar o diálogo, porque já estamos no quarto ato.

Que cena minha Sra.! E como o público aplaudiu Rambois e Cinati...

Há vinte anos que pintam palmeiras, mas nunca excederam aquela que está abrigando o sultão, que, meditabundo e sentado como os alfaiates, nem repara nas escravas que dançam para o distrair.

Comparar um sultão a um alfaiate parece estranho; mas como a palavra é árabe... ah! minha Sra., perdoe-me estes ataques de erudição! ficaram-me daqueles concursos de filosofia transcendente que nos divertiram no folhetim!

O fundo da cena é o mar, com uma ilha a tentar a gente que nem que fora a dos amores.

Chega um oficial com despachos relativos ao exército francês: o sultão põe-nos numa bandeja de bolos sem os abrir.

Entra um etíope com uma grande aguia calva, a qual depois de ter sido apresentada a todas as cabeças coroadas da Africa, é oferecida como presente ao sultão.

A aguia estava perfeitamente ensinada.

Levava cartas como as pombas-correios, pescava e nadava como peixe. O sultão mandou sair todos, e assim que ficou só, tirou do peito um sapato que

pertencera à filha de Acmet, e depois de o contemplar com paixão, entoou ao som da viola tristes endeixas, que diziam assim:

Primas, que na guitarra da constância

Tão iguais retinis no contraponto,

Que não há contra-prima nesse ponto,

Nem nos por pontos noto dissonância;

Oh! falsa não sejais nesta jatância;

Pois quando atento os números vos conto,

Nessa beleza harmónica remonto

Ao pletro da febina consonância.

Já que primas me sois, sede terceiras

De meu amor, por mais que vos agaste.

Ouvir de um cavalete as frioleiras.

Se encodeies de ouvir-me, oh primas, baste

De dar à escravelha em tais asneiras;

Que em fim isto de amor é um lindo traste.

Acabou os seus lamentos com esta expressiva quadra:

Viola, minha viola.

Fica-te aqui pendurada

Que lá vão os meus amores

Por essa água salgada.

O sultão adormeceu depois de ter pendurado a viola a um tronco de palmeira.

A orquestra para o auxiliar a adormecer executa aquela tão conhecida música da nossa infância: *Ó papão vai-te embora, etc.*

Dispense-me a leitora o resto, que esta erudição da infância não carece de recordações como a que se aprende no colégio.

Kleber entra em cena, seguido de Astarbea, que vestida de amazona vem montada no crocodilo.

O bicho não tendo perdido de todo a ferocidade natural, mal que vê o sultão abre a rasgada boca para o tragar.

Kleber não consente; mas vendo os ofícios que estão fechados, rompe os

selos, e lê com satisfação a nova de que anda perto o exército francês.

Kleber ébrio de contentamento grita a ponto que o sultão acorda: chegam as guardas, que nunca faltam nestes casos, e cercam o general francês, que se vê obrigado a desembainhar a espada, e para entusiasmar o crocodilo aponta para a pirâmide, que se destaca no horizonte, e diz:

Do alto daquele monte vinte séculos te contemplam.

O crocodilo desejoso de que tão respeitável espetador o aplauda, executa prodígios de habilidade e de valor.

Kleber repudia corajosamente o ataque dos guardas.

Neste ponto o autor introduz uma peripécia de grande efeito.

A aguia careca que tem estado, como nós, a presenciar a cena, paira alguns momentos sobre a cabeça de Kleber, e dando um grito selvático, toma-lhe a espada, e desaparece, ficando o general à mercê dos egípcios que o vão prender.

O crocodilo recua até ao mar, levando Astarbea, e assim vai à nado até chegar tá ilha que estamos a ver no fundo.

O sultão ordena que os persigam, o côro berra dizendo que não tem nem uma

barca. A aguia reaparece, com a espada de Kleber nas garras, e vem deixa-la cair aos pés do sultão!

Neste ponto, a ave bate as azas, os guardas agitam as espadas, e cantam um côro desesperado, com o qual finda o ato.

No ato seguinte, que é o quinto, vemos um rochedo eriçado de ninhos gigantescos. É a capital dos crocodilos.

Não se assuste a leitora, que a cena é menos perigosa do que a exposição dos animais ferozes de Mr. Charles, que povoavam de senhoras as ruinas do convento de S. Francisco.

Os crocodilos parecem gente!

As mães cuidam dos filhos; os pais vão para a caça ou para a pesca, e os crocodilos jovens fazem a corte ás crocodilas, como se estivessem no teatro ou num baile.

O cenário é tão perfeito que o folhetim declara à leitora com toda a candura, que os anfíbios lhe pareceram formar um povo civilizado, que nem se quer fuzila o próximo. Astarbea não vê nem ouve o que se passa, e está melancolicamente sentada num rochedo. O seu inseparável companheiro, aquele amável e delicioso crocodilo, que nós conhecemos desde os atos anteriores, deixou-a só por algum tempo, a fim de fazer certas visitas, a que não podia falar.

Astarbea pensa no seu general, contempla a miniatura, ou, para falar em termos mais civilizados, um bilhete de visita de Kleber em que se vê o retraio do amante.

Ao cabo de uma torrente de lágrimas, e outra de versos, embrulha a cabeça e o corpo num xaile-manta, e diz que não podendo ver o seu amante, não quer ver mais coisa alguma, nem a nós os espetadores, que a aplaudimos até nos estalar a pele das luvas.

É este o momento em que a aguia calva aparece novamente, mas desta vez pousada sobre uma nuvem de papelão.

A ave imperial desce lentamente do seu extravagante poleiro, apanha com as garras as quatro pontas do xaile, como se fossem quatro coroas de reis, e ela aí vai levando a pobre rapariga pelos ares.

Ah! que cena, minha Sra.! Que suspensão de espirito!... e que esforço supremo do maquinista, que as Variedades pagam com palmas e bravos!...

O crocodilo que neste instante volta das suas visitas, tenta inutilmente levantar-se sobre a cauda, estendendo para ela as patas com acionado aflitivo.

Astarbea desaparece nas nuvens.

A situação é patética, sentimental, terna, afetuosa e crocodilica!

É neste ponto que se nota o famoso e estrambólico monologo pantominado, do hábil anfíbio, em que exprime a sua dor por todos os modos usados, e não usados na mimica italiana. Geme como se estivesse rugindo, sustem a cabeça com as patas, como se ela tivesse de cair no tablado; tenta arrancar os cabelos se os tivesse, o que não seria impossível havendo na ilha pomada florestal, e cai em cena vencido e abatido pelo sofrimento!

O rufar do tambor arranca o terno bicho ao delírio que o sucumbe!

É o exército francês que desembarcou sem dificuldade na ilha dos crocodilos!

Temos anexação? perguntará a leitora, a quem o meu vizinho do andar de cima, inicia nas questões europeias!

Não, minha Sra., porque os bichos ainda conservam o direito de não viverem à mercê dos tratados e da força das armas!

O folhetim como amigo da independência e da liberdade pede licença para interinamente se declarar bicho, ou mesmo bicha, se a terapêutica for amável no destino que lhe der!

Fica intendido que me poderei metamorfosear em ocasião oportuna... e ás bichas não faltam elas...

Ai! que cabeça esta! Que desvarios folhetinísticos! Nem sei onde estou!

Procuro-me, e só acho linhas e linhas para as seis colunas de que não posso ser Sansão: se o fora v. exa que me está seguindo com os seus lindos olhos não ficava sepultada nas ruinas, que eu sempre havia de ter tempo para prevenir o caso!

Oiço o tambor. Agora me lembro que temos em cena o exército francês.

O crocodilo já está com eles ás voltas, explicando-lhes o melhor que pode a conveniência de o seguirem se querem libertar o general.

Os franceses, que não falam outra língua senão a sua, não entendem o crocodilo, e desconfiando do bicho, cruzam baionetas.

O crocodilo desesperado quer fugir. Julgam-no algum traidor, e prendem-no, Ao mesmo tempo um oficial descobre o bilhete de visita, com o retraio de Kleber, e ao pé uma conta de terem custado a 500 réis por dúzia.

Os soldados furiosos gritam. E como a civilização dando a volta do mundo ainda o não tinha passeado todo no ano 3000, instauraram um conselho de guerra, e vão fuzilar o crocodilo ao som do hino da liberdade.

Os espetadores ouvem o hino em pé; o pano desce, e vamos assistir ao sexto ato.

O sexto ato! repete v. exa admirada i também o folhetim repetiu o mesmo ao seu vizinho da esquerda, que estava meditando no libreto da peça.

E como não tive resposta, também não posso dá-la a v. exa... pelo menos satisfatória. Sei que a peça há de acabar, porque tudo acaba, até o folhetim, mas quando, é que não sei!

Mas note v. exa que desgraça não era se as lágrimas de Astarbea apagam a pintura, e se eu como poeta singular tivesse sido obrigado a repetir:

Maricas chorai de sizo,

E vosso choro dobrai,

Pois com ele já lavai

O retrato de Narciso,

E com razão vos aviso,

Que choreis, e vos exorto

A dobrar o choro absorto

De ver, que neste incidente,

Se ale agora estava ausente,

Agora o chorareis morto.

Se não é como suspeito,

Que vosso sujeito nobre,

(Por ter invejas do cobre)

O trasladou ao seu peito;

Sendo que era muito bem feito,

Que perecesse nas fráguas

Dessas águas, e sem mágoas

Acabasse aqui Narciso;

Pois tem tão pouco juízo,

Que ainda se fia das águas.

Tantos assuntos de choro!

Já não posso chorar tanto,

Somos aqui planideiras,

Para andar sempre chorando?

Já lágrimas de cristal

Derramei de quatro em quatro,

Já andei feito choramigas.

Á cabra cega jogando.

Agora querem que chore

O despintar-se um retrato,

Chore Nize muito embora,

Porém não chore um barbado.

Saber quisera de Nize,

Se chora sabão acaso,

Porque safar as pinturas

Somente ao sabão é dado.

Estamos portanto no sexto ato, e no palácio do sultão.

Kleber está preso numa sala que deita para o rio, o trabalha em fazer um balão para se poder evadir.

A muitas reflexões pessoais, junta algumas gerais que se referem aos balões, e são traduzidas dos Manuais e Enciclopédias, que a ciência escreve a benefício da ignorância.

O monólogo é interrompido pelo estampido da artilheria.

O general conhece a linguagem das suas bocas de fogo, e logo percebe que está ouvindo a artilheria em francês!

Entra o sultão: vem perturbado. A cidade está cercada, e vai ser assaltada se Kleber não ordena ao seu exército que se retire.

Kleber não está pelos autos, apesar de que o sultão diz-lhe que morrerá, se não manda retirar o exército.

No mais renhido do dialogo a aguia calva aparece, e vem deixar cair aos pés de Kleber a desditosa Astarbea, ainda envolta no xaile-manta..

A filha de Acmet abraça Kleber, e declara categoricamente que há de morrer com ele.

O caso cada vez se torna mais sério. E os três já se tratam por tu.

Kleber diz:

Treme!

Astarbea também brada:

Treme!

E o sultão arremessando para os dois exclama:

Tremam!

Como vem adverti-lo que os franceses já estão senhores da cidade, o sultão desembainha a espada para ferir os dois amantes. Kleber corre à janela da prisão, arranca uma barra de ferro, e os egípcios fogem a bom fugir.

Mas através da porta que separa os dois amantes do seu perseguidor, este não cessa de repetir:

Tremam!

Os escravos também ameaçam.

Astarbea assustada abraça Kleber, como seu único defensor; e olha com terror para quanto a cerca.

A orquestra executa um trecho de música apropriado. Trabalham os ferrinhos, as campainhas, e os pratos atordoam os ouvidos.

Abre-se a terra, isto é, o tablado, e duas enormes serpentes começam a erguer compassadamente as cabeças!

Os amantes permanecem no mesmo lugar petrificados de horror!

As serpentes avançam para eles.

Um pensamento súbito assalta a mente do grande Kleber, o que dá a conhecer aos espetadores batendo uma grande palmada na testa.

Corre ao balão que aproxima da janela; coloca a sua. Astarbea na barquinha... Ah! eu bem percebo a inquietação nervosa da amável leitora... É tarde, os amantes não poderão salvar-se.

V. exa tem razão... as serpentes distam poucos passos dos amantes: assobiam alegres!

Sossegue, minha Sra. sossegue, aquele uivo, bramido, ou rugido que estamos ouvindo anuncia-nos a salvação dos amantes.

O crocodilo entra por uma janela, e avança corajosamente com as serpentes, as quais recuam atemorizadas.

Kleber, que não é homem de perder a ocasião quando ela se apresenta, salta para a barquinha, e ele aí vai por esses ares e ventos, abraçando a amante, e dizendo adeus aos espetadores a quem distribui rebuçados embrulhados em versos como estes:

Subi com a minha amada

Até onde ninguém nos viu

As nuvens disseram: basta

Até aqui ninguém subiu.

O autor do drama, homem do seu século, e perfeitamente romântico, se havia de estafar os atores com diálogos e monólogos, esmaltados de gritos, murros, desmaios, punhaladas, tiros, e mais recursos dramáticos, meteu acertadamente em cena a bicharia!

As serpentes lutam com o crocodilo.

Estamos numa verdadeira praça de toiros, falta o sol e a sombra, mas não faltam partidos; uns são pelas cobras, outros pelo anfíbio.

As palmas e a pateada não se distinguem, e seguem as peripécias do combate, a ponto que a leitora julgará que está em cena alguma dançarina reconduzida pela vigésima vez.

São bichos, minha Sra., não são dançarinas. Fiquemos bem certos nisto.

Ouvimos música marcial: a esta hora não pode ser a guarda da praça, e bernarda também não é, porque passaram da moda.

A música vem dos bastidores.

É bem bonito! Parece o templo de Salomão, quando esteve no Rossio!

Astarbea e Kleber marcham à frente dos soldados franceses. Os cavalos cabriolam, as bandeiras tremulam, o côro canta, e o zabumba está quase a estoirar e a ensurdecer-nos.

O cortejo parou: é já tarde para salvar o herói da peça, o sagaz crocodilo.

O bicho está exausto de forças, e apenas pode erguer-se um pouco da terra, e pôr uma pata sobre o coração, e depois expirar.

Astarbea desmaia: Kleber fica aterrado, e cada soldado tirando um lenço da mochila, enxuga o choro dos valentes, nas faces crestadas pelo sol de cem combates! As palmas e os bravos retumbam por toda a sala.

Corrido o pano, fervem os chamados.

O crocodilo vem agradecer, trazido pela dama e pelo galã.

O bicho está realmente sensibilizado. Todos lhe acenam com o lenço, chovem retratos de cima do lustre, e não faltam poesias em que o crocodilo e a fabula inspiram poetas que presam a arte até nos brutos.

O leitor há de achar o folhetim hoje teatral de mais; mas estão acabadas as seis colunas, e eu, verdade, verdade, não tenho mais que dizer-lhe.

Ah! agora me lembra; tenho um diálogo de dois touros que a noite passada

estiveram conversando ao luar no Terreiro do Paço!

Se a leitora dá licença o folhetim guarda o dialogo para terça feira próxima, para não parecer hoje um arremedo dos animais falantes.

Depois, minha Sra., este espaço é pequeno para outra arca, que não seja a da nossa aliança... literária: e eu, aqui em segredo, ainda sou novo para Noé.

* * *

— A peça terá mil representações, disse Lady Fácil, até os jornalistas dirão bem, como é representado na maior parte pelos bichos... Acresce que o autor é desconhecido, e pouca gente percebe as recomendações que se resumem nesta qualificação. O escritor que já é célebre, quando apresenta qualquer obra ao público, é odiado, não somente pelos que estão a par dele, mas pelos que no caminho da glória já vem perto do lugar que a crítica destina aos seus ídolos.

Para os primeiros é um rival; para os segundos é um homem que está no lugar para onde pode ir outro qualquer; e para todos os literatos, um inimigo comum. O autor desconhecido, esse, não inspira receio nem ciúme.

Os candidatos à celebridade aplaudem-no, como sendo um dos seus, e cada

um dos heróis da época presta-lhe louvores com a esperança de que ele ocupará o lugar de um dos seus companheiros de glória.

Cada literato armado com o sucesso próprio, procura desacreditar os que se acreditavam antes dele: levantam até onde podem o extremo da prancha onde se assenta o recém-chegado, para fazer descer o outro extremo até que chegue à terra. É tão agradável dizer bem de um colega, quando isto oferece ocasião para dizer mal de muitos outros! Os desconhecidos são quase como os mortos, e bem sabeis, como presamos os mortos... com ideia nos vivos já se entende. Vão transformar em génio o autor da peça, ainda que seja unicamente para ter a satisfação de considerar parvos os seus predecessores.

— Ainda há outro motivo, observou Pretório, o novo poeta é conhecido de nós todos, consultou-nos sobre a sua composição cena a cena, por assim dizer: todos temos no seu drama alguma coisa que nos pertença, ora esta parte de cada um, é pelo menos admirável para o seu autor. Desta forma sustentamos a obra mutuamente. O conselho que o literato nos vem pedir é como um compromisso tácito tomado antecipadamente em relação a cada jornalista. A musa que ditou o drama é nossa conhecida, não podemos recusar-lhe coisa alguma, pois que para admirarmos uma composição ou uma mulher, o ponto essencial não é que seja formosa, mas que seja condescendente com estes reis da época chamados jornalistas.

É uma explicarão bem pouco amável para os pobres elogiados, interrompeu Lady Fácil

— E porque? perguntou Pretório.

— Porque no vosso dicionário condescender e sinonimo de ceder.

— E quando assim fosse... pertencer a um jornalista é governar um rei...

— Com cetro de ferro, e coroa de papel impresso... atalhou Lady Fácil.

— Devíeis ensaiar um desses reinados... ofereço-me para a experiencia.

— Sim?

— Sem duvida.

— E que diria a isso a rainha do vosso destino?

— Diria, como todos, que ninguém vos pode resistir.

— É por esse motivo que resisto a todos...

— Saldais todas as contas com os recursos do espirito?

— É a nossa moeda... e desta não me consta que haja peças falsas.

— Fali há muito, e desbaratei os cabedais... não me restam nem trocos...

— Compadeço-me de tanta pobreza... quereis cear comigo?

— Esta noite?

— Certamente, e com todos quantos aqui estão, espero ter também à minha mesa os vossos ressuscitados. Teremos um divertimento interessante, uma sessão da sociedade das mulheres sabias. A Sra. Digna há de falar: será a farsa depois do drama.

Pretório aceitou o convite, bem como as outras pessoas, e todos se dirigiram para casa de Lady Fácil.

CAPÍTULO XVI

A casa onde habitava Lady Fácil, tinha fama de ser o mais belo palácio da capital.

Aquela encantadora morada era o resultado da rivalidade do galanteio que havia entre os membros do governo para com a heroína da época.

O ministro das obras públicas tinha concorrido com as riquíssimas e artísticas ruinas de uma antiga catedral:

O diretor da academia das belas-artes ofereceu quadros e estátuas, tudo pago pela verba do orçamento académico destinada a fomentar os instintos da arte, e as suas multíplices manifestações:

O bibliotecário mór uma coleção de livros especiais com estampas apropriadas, e ricamente encadernados:

O diretor das caudelarias nacionais mimoseou a bela com os mais perfeitos tipos hípicos da raça indígena, e das raças cruzadas e aclimatadas: em frase menos hípica e mais alveitar isto quer dizer, que esse benemérito funcionário da

república mandou para as cavalariças de Lady Fácil algumas excelentes parelhas de cavalos:

O ministro dos negócios eclesiásticos e de justiça tomou ao seu cargo a ornamentação do oratório particular, que esta previdente Magdalena desejava ter preparado para o caso de adoecer de arrependimento, como ela dizia muitas vezes.

Lady Fácil reconhecia todas estas amabilidades de diferente modo.

Magnetizava concessionários a favor do ministro das obras públicas, e aclarava as questões técnicas entre um sorriso e um beijo: passeava a cavalo, vestida de amazona, com o diretor das caudelarias, que era ao mesmo tempo diretor

do observatório astronómico: obtinha comissões para estudarem diferentes coisas, a muitos dos seus admiradores, e alcançou votos para o ministério em todas as questões importantes.

Tinha amigos e conhecidos em todos os partidos, e em todas as classes. A sua casa franca para todos os homens notáveis, era um terreno neutro onde os adversários se encontravam comendo à mesma mesa, bebendo pelos mesmos copos, jogando com as mesmas carias, e perdendo ás vezes o mesmo dinheiro.

A rainha daqueles salões apontava algumas vezes com o cetro, com o leque, para a porta, e dizia: Deixem ai, meus senhores, tudo quanto não seja o desejo de se divertirem.

Na casa de Lady Fácil todos zombavam dos sentimentos que professavam em qualquer outro lugar, e riam à sua vontade do próximo e de si mesmo; as salas deste palácio encantado eram como os bastidores de um lheat.ro em que os atores parodiam os seus próprios papeis.

Era aí que a geração nova da capital vinha aprender esse sorriso cético, que é como o vento da tempestade que açouta as floridas colheitas da juventude. Era sobre os largos sofás, e nas amplas poltronas, que a ironia campeava fazendo parar sucessivamente no seu vôo o entusiasmo inocente, a crença bem viva, as esperanças fugitivas, as ilusões mudáveis, pobres borboletas de cores brilhantes, que essa mesma ironia fere, não só com punhais, mas com alfinetes de aço envenenado, para expor nas convulsões da morte, aos motejos das turbas.

A indiferença para o bem e para o mal substituo bom senso nas reuniões da moda: o egoísmo é a regra da vida: o desprezo dos homens toma o nome de experiencia. A ciência da corrução é a ciência da vida. Ninguém propunha que levantassem patíbulos aviltantes para os imitadores de Jesu-Cristo, mas davam-lhes por cetro um polichinelo, e ornavam-nos, e coroavam-nos com o barrete ornado de guizos, que desde os tempos clássicos figura na cabeça dos bobos. O

sublime nem já produzia ira; ninguém compreendia, mas todos riam.

Maurício chegando algum tempo depois de Lady Fácil, achou as salas cheias de gente daquela que a si mesmo se considera com a classificação de sociedade escolhida... Escolhida!... Onde?... Por quem?...

Vamos, é preciso rir como eles.

Pretório mostrou-lhe um certo número de homens célebres na política ou nas artes, por lerem feito cada um deles alguma coisa útil ou agradável; e mostrou-lhe um muito maior número dos que eram conhecidos no mundo elegante por não fazerem coisa alguma.

Entre os primeiros notou Maurício um homem magro, gesto de aborrecido, e falando a todos desdenhosamente.

— É o Sr. cético,-morador na rua. da Inveja, e o nosso primeiro critico: vendo que não podia ser autor de nenhuma produção literária, começou a criticar as produções contemporâneas, semelhando certas mulheres, que, não tendo nunca filhos, acham insuportáveis os filhos alheios.

Em quanto era só recomendável pelo talento, ninguém fazia caso dele; mas desde que se mostrou caluniador e cínico, foi declarado homem célebre. O seu processo de criticar é muito simples, consiste em opor constantemente dois ou três nomes antigos e acreditados aos nomes novos.

Nas suas mãos a glória desses três nomes é o veneno com que dava cabo de todas as glórias contemporâneas. Opunha a qualquer livro uma teoria transcendente que o condenava, e com bastante segurança, porque já tinha sido inventada para esse fim. O método surtiu bom efeito, não para o público que zomba das sentenças de certas críticas, mas para as desgraçadas vítimas, que apesar de se indignarem com as censuras sempre as estimam. Os artistas são como as mulheres, preferem que digam mal deles a que os esqueçam, e não lhes dediquem se quer uma linha, ou meia dúzia de frases: não vos admireis portanto de ver que muitas pessoas se aproximam do Sr. cético.

— É o vosso único Aristarco?

— Temos também aquele homem baixote, prazenteiro, buliçoso, que se declara bobo do público para o divertir com epigramas, e com escândalos. Tem levado algumas bengaladas, mas é chefe de escola, e já formou uma sei ta, que não tendo talento para saber louvar, escarnece de tudo. Esta missão é semelhante à de carrascos das obras de pensamento, mas apesar de desprezível dá valor a quem o exerce. O homem que dispõe da vida. não vê um homem vulgar para os que podem ser enforcados. É assim que esses algozes da reputação moral e literária são lisonjeados e festejados, e chegam a ser célebres à custa da sua má fé, como muitos outros em virtude da lealdade ou do talento.

— E não tereis exceções?

— São raras, mas existem. Temos ainda juízes literários com certa retidão de espirito; mas poucas vezes escrevem nos jornais. A folha diária é uma casa de pasto para satisfazer o apetite intelectual das turbas, e que presa mais as iguarias apimentadas do que as que são higiénicas.

Da crítica Pretório passou aos elegantes da moda, que estavam em força nas salas de Lady Fácil. Cada um deles tinha a sua especialidade que o recomendava ao que se chamava gente escolhida — jogo, cavalos, amantes, eis aqui os carateres essenciais destas classes.

Maurício reparou mais particularmente para um que parecia merecer consideração especial dos convidados.

— E o barão do Estoque, o mais temido espadachim da república. Mata quase sempre o adversário e por isso é objeto da mais alta consideração. Desculpam todas as suas ousadias, sofrem-lhe as parvoíces, com receio de que ele não peça uma satisfação a quem não estiver para o aturar.

Quando se estava falando nestes termos, o barão veio ao encontro de Pretório.

— Já sabeis a notícia do dia, ou, para melhor dizer, da noite, disse ele sem cumprimentar o jornalista: houve um deputado que apresentou na câmara o projeto de lei contra os duelos.

— Talvez seja precaução pessoal, observou Pretório.

— É um insulto, replicou o barão com gesto furioso... a proposta é incontestavelmente dirigida contra mim, e podia exigir-lhe uma satisfação.

— Mas o tal deputado é procurador, e respondia-vos com a chicana.

— E deixareis passar semelhante lei? continuou o barão, dirigindo as# suas palavras para Isaac Ferro — uma lei que condena a pagar multa a quem matar um homem?

— Temeis ficar arruinado? disse o industrial sorrindo.

— Quem sabe? Talvez, replicou o conde lisonjeado com o comprimento... assim acontecerá a quem for sensível em pontos de honra... já me bati setenta e quatro vezes.

— Com efeito í

— E matei trinta e dois dos meus adversários.

— Foi um negócio de cinquenta por cento, disse o Sr. Isaac Ferro, com a mesma amabilidade da sua primeira observação.

— E há de um deputado de campanário tentar coartar-me a liberdade de continuar a minha missão civilizadora, replicou o barão indignado. Não há de conseguir o seu intento. O duelo é a única defesa da moral e da honra. Sem o

duelo quem não souber jogar as armas terá o direito de vos dizer impunemente o que lhe veio à mente. Bastará ter a razão do seu lado para ousar levantar a voz. Não havemos de passar por semelhante vergonha. O meio único de conservar a polidez, a justiça, e a lealdade, é manter o direito a quem se julgue ofendido de meter uma bala no corpo de quem o ofender.

Proferindo estas palavras em tom solene, o barão voltou as costas, e foi ter com outro grupo.

— Acabais de ouvir a opinião de um grupo especial que nos prova a necessidade do duelo para castigar os crimes que a lei não alcança. Esqueceu-lhe acrescentar que na sua justiça do acaso é ás vezes o ofendido que morre, e o criminoso que triunfa. Dizem que o duelo é uma garantia contra a existência dos covardes, e fingem esquecer que pode servir de auxiliar à ousadia dos espadachins.

Anunciaram que se ia servir a ceia.

A mesa vergava com o peso das iguarias mais delicadas, que eram as mais raras.

Maurício não pôde reconhecer em tantos inventos que tinha diante de si nenhum vestígio dos antigos livros de cozinha.

Nas paredes da sala de jantar estavam pendurados grandes quadros contendo

o programa da ceia.

Reparando mais especialmente num dos quadros leu:

Sopa de coração de pombos;

Compota de línguas de perdiz;

Fritura de fígados de andorinha;

Empadinhas de olhos de canários;

Miolos de papagaio.

Maurício não quis ler mais, e para logo compreendeu que a civilização tinha imitado os contos das fadas, que já eram antigas no seu tempo, em cujos banquetes a esquisitice chegava a ponto de se apresentarem na mesa, das fadas, bem se entende, pratos com unhas de formiga.

Os convidados comiam a bom comer, e a conversa que afrouxou enquanto os estômagos se não fortificaram, tomou calor ao ser refrescada pela primeira descarga das baterias de garrafas com preciosos e delicados vinhos. Ao pé de Maurício ficava um jovem com barbas de paxá, e um par de lunetas a cavalo no nariz. Este figurão tinha sido apresentado ao nosso ressuscitado como uma das

mais frondosas esperanças da imprensa da república. Chamavam-lhe Marcelus, como alusão ao herói cantado por Virgílio: *Tu Marcelus eris*!

Falava com extrema facilidade, e à sua fé era tão incontestável que se acomodava a tudo. Passava sucessivamente dos cafés para as capelas em que se rezava o terço; dos bailes e das casas de jogo para ouvir os sermões do padre Pancada, ou de outro orador de fama... e era tão ortodoxo quando cantava o *dies irae*, como quando dançava fogosamente com as deidades duvidosas e suspeitas de qualquer café-concerto.

Marcelus tinha começado por aplicar a sua piedade instintiva a comer e beber; e assim que havia cumprido estes seus primeiros deveres para com a sua prisão (nome que dava cá barriga) começou a conversar com Maurício. -

— Pelo que oiço vivestes no século dezanove, disse Marcelus, acabando de engolir a última garfada de um guisado: era bem ditoso esse tempo de inocência em que o homem desembaraçado de tantos desejos que ao presente nos tentam e perdem, unicamente pensava em nutrir a alma...

Neste ponto encheu a boca com outra garfada, e não pôde continuar no entanto o edificante discurso.

Mal que desembuchou seguiu assim o exórdio:

Felizes tempos eram esses: não voltarão, e com eles se perderam essas

gerações corajosas e fieis, que se preparavam para gozarem de um mundo melhor, bebendo com o leite as ideias puras da fé.

Tomando o cálix, que despejou com um trago, saboreou bem o gosto do vinho cor de topázio, que era precioso, e assim ficou alguns instantes, como um verdadeiro crente que está meditando e digerindo.

À conversa era animada no outro extremo da mesa, Pretório estava contando a história de uma das elegantes da capital, que entre os desejos originais do seu estado interessante, tinha tido o de comer o marido em salada com azeite de mandubi e vinagre de cerveja.

— E a tal heroína devorou o marido? perguntou Palafox.

— Deixou-lhe os ossos, e bem descarnados!

— Estava no seu direito... a lei declara que o marido deve alimentar a mulher...

— E a igreja acrescenta, que são ambos a mesma carne...

— O que não impediu o ministério público de querelar da antropófaga!...

— Certamente que o delegado é casado, e quer evitar maus exemplos a sua mulher...

— Ora essa!

— Mas se a desgraçada provar que cedeu a um desejo irresistível?

— E que assim conservou a vida de um inocente?... disse o critico.

— Matando o pai para conservar o filho? acrescentou o Sr. Isaac Ferro.

— E ela ainda é moça? perguntou o barão.

— Vinte anos.

— É bonita?

— Encantadora.

— Está portanto provado que o tal alimento é sadio, e deve ser adotado pelas nossas elegantes.

— Não admira o facto, porque é sabido que as pessoas que comem bastante carne, criam muito bom sangue.

— A verdadeira fonte da juventude está portanto no matadouro.

— Como Hipocrene, Shakespeare era filho de um cortador.

— É em virtude do rosbife que a Inglaterra clássica foi denominada por Biron um ninho de cisne.

— A propósito de Inglaterra, disse um dos convidados: sabem o que sucedeu a filha do nosso embaixador? Foi roubada pelo secretário do pai, e ambos

fugiram para o cabo.

— Isso é velho.

— Sim, é velho; mas o que é novo e original, é que o roubador julgou a final que miss Confiança era meiga e loura de mais.

— Então mandou tingir-lhe o cabelo por algum Baron?

— Jogou-a ao bilhar.

— Ah! é admirável, originalíssimo.

— E perdeu?

— O ratão foi toda a vida feliz ao jogo.

— E o capitão que havia ganho quis fazer valer os seus direitos.

— E a loura esteve pelo jogo?

— Não, deitou-se da janela abaixo.

— De pouca altura, de rés do chão?

— De um terceiro andar.

— Com efeito! E o amante?

— Mandou-a enterrar com decência, embarcou logo no Vapor submarino, e

chegou há pouco à nossa capital, ato e disposto para continuar as suas proezas, o que se, deve anunciar no Jornal do Comercio como aviso ás meninas incompreensíveis, que desejem repousar em terra estranha.

— O Sr. Cezar Torneira deve escrever um romance sobre o caso.

— Em verdade é uma ótima ideia, disse o fabricante de folhetins, que estava devorando um refugado de orelhas de macaco: hei de comunica-la ao meu contra-mestre.

— E o romance será moral, ou imoral?

— Conforme a encomenda, replicou Cezar; temos no escritório quatro amostras de género: gosto de Luiz XIV para os jornais da alta sociedade; gosto alemão, ininteligível para os nossos colegas literatos — gosto teatral para a classe popular — e género virtuoso ou insípido para os jornais sem partido, isto é, para os que ninguém lê, senão os respetivos redatores. Qualquer assunto pode ser tratado pelo género que o freguês escolhe.

— Também vos recomendo como assunto palpitante a história do branco da Martinica, disse o Sr. Isaac Ferro.

— Ainda há brancos nas Antilhas? observou Lady Fácil com admiração.

— Uma única família escapou do extermínio, q os negros divertiram-se atormentando-a.

— Pobres negros... se eles não tem divertimentos, nem teatros subsidiados!

— Já mataram o pai com dois lílios...

— Foi por ignorância!

— Afogaram o avô...

— A intenção não era má!... se eles são como as crianças!

— Finalmente, a mãe foi preza até se poder resgatar mediante cem mil piastras...

— Preço que bem prova a alta estima em que tem os brancos! disse o Sr. Gaudêncio Enternecido, filantropo de quem eram as interrupções deste dialogo a favor dos pretos.

— Foi ao saber deste facto, que o filho, uma criança com dez anos, partiu a fim de reunir a soma exigida.

— E já chegou à capital?

— Depois de ter naufragado por duas vezes.

— Eis-Aí um modelo de amizade filial! exclamou Palafox; voto para que o declarem herói...

— Com uma dotação de cem escudos.

— Obterá ainda mais, observou o deputado fabricante. Vão organizar uma loteria ao seu beneficio, e um baile de subscrição, onde o beneficiado dançará a polka dos negros!

— E tudo pela sua mãe, que a pobre criança não poderá já salvar da morte.

— Longe vão as tristezas, exclamou Palafox... Aposto que o vosso rapaz da Martinica já põe navalha na cara há muitos anos... O que tudo isso me parece é um aperfeiçoamento do roubo à americana. Sois bem desprecavido se ainda acreditais nos órfãos... A questão, quanto a mim, está fora da ordem; como se trata de uma mulher escrava, o assunto é incontestavelmente da competência do grémio da Sra. Digna.

— Ah! já me esquecia que tinha prometido uma sessão da sociedade das mulheres sabias, observou Lady Fácil.

— Da qual sois sócia?

— Benemérita.

— E que se reúne na minha casa, continuou Lady Fácil, no meu teatrinho... reservei lugares para nós todos... a sessão já deve ter começado, vamos presencia-la.

Todos se levantaram da sala, e foram seguindo Lady Fácil, que ia pelo braço do ministro dos negócios eclesiásticos e de justiça da república.

Quando entraram no teatro, e tomaram os seus lugares, a sala já estava cheia-de mulheres de diferentes idades, dos trinta aos sessenta anos, e de todas as classes, desde a viúva do general reformado até à adela ambulante não agremiada.

Assim que a famosa assembleia viu os homens que acompanhavam a Lady, foi geral a gritaria; as mais frenéticas bradavam: morram os homens; e as mais bem educadas ameaçavam-nos com os punhos cerrados, como se os convidassem para alguma partida do clássico soco inglês.

— Lady Fácil pediu silencio, e nestes termos se dirigiu à multidão ensaiada, que sem ensaios representava a metade frágil, e imberbe da humanidade.

— «Senhoras! disse ela com voz firme.

«Trouxe-vos os chefes do exército inimigo para que possam julgar da vossa força, e conhecer as vossas resoluções. Quando eles conhecerem o perigo que os ameaça, compreenderão que é inútil a resistência oposta ao nosso domínio, e perceberão que já raiou o dia anunciado por aquelas palavras do evangelho — que os primeiros serão os últimos, o que evidentemente significa — que as mulheres marcharão dora avante pelo caminho dos progressos materiais, resignando-se os homens a segurar-lhes a cauda dos vestidos, porque o tal caminho é muito sujeito à lama que suja a reputação dos beneméritos caminhantes. » (Bravos gerais corresponderam a este brilhante improviso.)

Soou o toque de uma campainha. Era a Sra. Digna que subindo ao tablado com os outros membros da mesa ia tomar a presidência.

Houve alguns aplausos, mas fracos e contrafeitos. Facilmente se conhecia, pelo aspeto da assembleia, que cada uma das assistentes se julgava pelo menos com tanto direito à presidência como podia ter a Sra. D. Digna.

Esta disposição de espirito era traduzida por vários diálogos.

— Ah! é aquela a nossa presidente?

. — Não é a oitava maravilha, por certo!

— E que vestido tão mal feito!

— Quando me revolucionar hei de ter general mais bonito do que ela!

— E que nariz! Santo Deus!

— Não admira que tenha odio aos homens; eles hão de pagar-lhe bem na mesma moeda!

— Atenção que vai escancarar a boca!

— Temos discurso!

— Que sensaboria! Se ela me desse ao menos uma pitada!

— Tinham dito que havia música e bolacha à vontade!...

— É sempre assim em todos os programas, sem excluir os dos ministros! Todos prometem mais manteiga do que pão!

— Silencio! Ela levantou o braço, é sinal que vai falar.

A Sra. Digna tinha com efeito aberto um volume manuscrito, ajustou mais convenientemente os óculos, e levantou um pouco a cabeça para fingir aspeto nobre.

O sussurro que havia na assembleia foi cessando, e a presidente do grémio das mulheres sabias tomou a palavra nos seguintes termos:

— ”Estando ainda comovida com as provas universais de benevolência que me são prodigalizadas por esta nobre assembleia, mal sei como possa investir com a grave questão que nos reuniu neste lugar.,

O meu coração está por tal forma perturbado, que receio os desvarios do espirito, porque sinto, contra a própria vontade, que me enterneço de gratidão.

Senhoras! É essa mesma gratidão que me recorda a importância da minha missão, é ela — a gratidão — que me reanima as forças, e aquece as esperanças. Passado o êxtase de sensibilidade, que é um tributo pago à natureza, enceto mais forte e inabalável a exposição dos meus princípios.

Conheceis já o meu plano. Quero realizar para o nosso sexo a grande revolução que a França realizou outrora para as classes.

Mirabeau proclamou do alto da tribuna, que tinham acabado os plebeus — eu digo-vos deste lugar onde os vossos votos me elevaram, que se acabaram as mulheres!

Sim, senhoras, não haja mais mulheres — deixemos a fragilidade, e fiquemos com a beleza, visto que os homens nos tem condenado até hoje aos cuidados abjetos do arranjo da casa, e aos deveres equívocos da maternidade.

Não haja mulheres, já que elas não podem dirigir a fábricas, comandar os navios de guerra, nem desempenhar o benemérito serviço de cabos de polícia. Não haja mulheres, já que os homens assumiram o privilégio e monopólio de poderem morrer na guerra, nas viagens, ou no trabalho, enquanto nos deixam a roca, as chaves da despensa, a crinolini, os cueiros, e o rol da roupa...

Mas porque meios chegaremos a essa transfiguração? Tal é a pergunta que na sua mente nos está dirigindo cada uma de vós.

Essa é a chave do negócio, o ponto serio do problema cuja solução se tem procurado, haverá vinte séculos, que se continuaria a procurar se eu não tivesse nascido no beco do Encerrabodes, para vos libertar.

Senhoras e mulheres: é duro, mas é preciso conservar estas distinções. dos editais do passeio publico: como ia dizendo, senhoras e mulheres, eu venho acabar o que Eva não soube começar. Nasci para vos dar o cetro do mundo!

Neste período a Sra. Digna interrompeu o discurso, a fim de prolongar a palpitante atenção da assembleia, o que todos aproveitaram para se assoarem.

Sossegados os narizes (pois em todos os auditórios o nariz representa o elemento rebelde e turbulento), a oradora continua gesticulando como uma macaca:

Deslumbra-vos a perspetiva que vos apresento? Parece-vos que não podereis obter o resultado que vos anuncio senão ao cabo de muitos e dolorosos esforços? Estais prevendo alguma combinação nova e imprevista?

Desenganai-vos, sexo amável, de que tenho a honra de fazer parte, o meio inventado por mim já foi proposto há dois mil anos por um poeta grego, chamado Aristófanes, mas sem lhe compreender todo o alcance.

O meio a que me referi é baseado sobre a observação e a natureza: domará o homem tão facilmente como a fome doma o cavalo de circo, quando aprende a comer salada à mesa, ou a disparar uma pistola: como a falta de sono domestica o cão para jogar o dominó; como o opio e o ferro em brasa vencem a pantera que deve representar sobre o tablado.

Bem estou percebendo que estais impacientemente procurando na mente qual possa ser esse meio. Segui outro método se quereis adivinhar-me o pensamento.

Investigai qual era a paixão mais veemente do homem, a mais geral, a mais

continuada e persistente; recordai-vos do que fez arder Troia, do que transformou Roma em república, e se ainda me não exprimi claramente, lede a explicação do próprio poeta grego, traduzida para instrução da ignorância: os exemplares estão à vossa disposição.

A estas palavras a Sra. Digna fez um sinal ás secretárias, que tirando de um elegante cesto os impressos a que ela se referia, os distribuíam abundantemente pelos circunstantes.

Dentro em poucos instantes os impressos giravam por todas as mãos.

Os exemplares que chegaram ao camarote de Lady Fácil e os seus convidados mostravam que o folheto distribuído era um fragmento da Lisistratata.

O meio exposto pela presidente do grémio das mulheres sabias estava perfeitamente explicado na comedia grega.

Os homens seriam vencidos pela fome, não da boca, mas do coração. Todas as mulheres para se alcançar o prodigioso resultado se deviam sujeitar a uma espécie de bloqueio continental, admitindo que a palavra diplomática do século dezanove se deriva de continência. Por este meio os seus tiranos. mudados em vítimas, entregar-se-iam à discrição.

A leitura grega produziu grande efeito na assembleia, todas percorriam as páginas do folheto, manifestando curiosidade, e depois de terem lido ainda

compreendiam melhor a singularidade e beleza do plano.

A Sra. Digna quando julgou que os espíritos deviam já estar suficientemente esclarecidos, pegou novamente no caderno, e seguiu assim a leitura do extravagante discurso:

Conheceis ao presente, irmãs e amigas, o meio que deve assegurar o vosso trinfo, e nenhuma de vós ousaria duvidar da sua eficácia.

No dia que as mulheres recorrerem a esse meio, o homem ficará subjugado.

Vitus et inermis drago! Não vos espante a citação latina; uma vez que a realeza pertença ao vosso sexo, o latim fica incontestavelmente à vossa disposição, assim como a esgrima e os tiros de pistola.

Repetirei portanto:

Vitus et inermis drago!

Assim que os vossos inimigos se deem por vencidos, convém dispor as coisas de modo que eles não levantem mais cabeça. O meio mais seguro de obter semelhante resultado, é outorgar uma nova carta, à qual não chamaremos constitucional, mas carta feminil.

A revolução francesa proclamou na antiguidade os direitos do homem, nós vamos substitui-los com os direito da mulher, que de hoje em diante serão a

nossa lei.

DIREITOS DA MULHER LIVRE

ARTIGO 1.°

Deus será do sexo feminino, desde a data da presente carta, em razão da sua omnipotência e perfetibilidade.

ARTIGO 2.°

Os direitos da mulher consistem em não reconhecer nenhuns direitos ao homem.

ARTIGO 3.°

Todas as mulheres serão iguais para mandar, e todos os homens serão iguais para lhes obedecer.

ARTIGO 4º

Todos os lugares do orçamento pertencerão ao sexo mais interessante e mais fraco, excetuando aqueles que o referido sexo não quiser, os quais neste caso, e em nenhum outro, pertencerão de direito ao sexo feio e mais forte.

ARTIGO 5º

Todas as mulheres casarão, e todos os homens ficarão solteiros, ou, em outros termos, os homens não terão senão deveres para cumprir, enquanto as mulheres permanecendo livres, não conhecerão senão direitos.

ARTIGO 6º

As mulheres terão exclusivamente as chaves dos cofres públicos e particulares, cumprindo aos homens o encargo de os encher.

Ao cabo deste decálogo rebentaram exclamações frenéticas. O que mais admirava, sobretudo, o auditório era a equidade com que se estabelecia a igualdade humana!

Os bravos de Viva a nossa libertadora! Viva a Sra. Digna! traduziam o entusiasmo geral: e cada uma das ouvintes já indicava o lugar que desejava; umas

redatoras de boletins, fiscais de companhias, e quase todas gritavam para que as nomeassem oficiais de secretaria, indicando mais de trinta repartições novas para se criarem, e sem as quais não podiam viver certas cidadãs mais chegadas ao ministério.

Era notável um grupo de quatro que disputavam entre si os lugares de comandante da guarda municipal, governador civil, ajudante do procurador geral da coroa, e reitor da universidade.

A que se julgava com mais direito a comandar a guarda municipal, era míope, e sem uma perna, o que a obrigava a trazer muleta: o mais valioso titulo para a sua pretensão era o bigode grisalho, que rebentava de dois amplos sinais nas duas extremidades do lábio superior.

A candidata ao lugar de governador civil era cega e surda, mas berrava por três, para sustentar o direito de ser provida num lugar que tantas vezes se tinha dado á-imbecilidade ou à intriga. Sou fidalga, e basta, dizia ela. Os governos civis pertencem aos pergaminhos, e ninguém os tem mais velhos do que eu.

Em frente destas duas velhas ficavam duas formosas mulheres, uma loura, de olhos azuis, e faces rosadas.

Ao vê-la lembravam aqueles versos:

Ela tem as douradas moles tranças

Que Adónis tantas vezes, pelos bosques,

Te desembaraçou de húmida relva,

E de amassadas flores:

Os seus olhos como os teus, dardejam gosto

Que aquece, que inquieta o assento de alma.

Aspirava à procuradoria da coroa.

A pretensão verdadeiramente célebre era a que defendia a outra mulher com mais alguns anos do que a loura, mas ainda bela. Esta era o tipo romano aquecido pelo sangue espanhol. Formas robustas, mas elegantes. As espaduas nuas tinham a alvura do mármore, quando a luz do sol vinha, coada pelos véus, iluminar as belas estátuas da Grécia; o cabelo era negro, fino, basto e ondeado: os olhos grandes e expressivos feriam com a vista o olhar ousado que os tentasse fitar por algum tempo. Não eram nem negros, nem castanhos, mas de um tom de côr que fica entre estas duas, que participa de ambas, e liga a fereza com a ternura, a provocação com o despeito, o delírio com a razão. Estes olhos quando por fortuna se encontram estão pelo menos nos trinta anos, e daí em

diante ninguém lhes pode saber a idade, até que eles se fechem para o amor e para a vida, porque morrem como a rosa, quando depois de desabrochada, e na força do viço, perde a côr e o perfume, e para logo seca e fenece.

Perdoe-me o leitor se estive seguindo estes olhos com a mesma atenção com que o faziam os convidados de Lady Fácil; e já satisfaço a sua curiosidade dizendo-lhe que o lugar pretendido pela socia do grémio de que nos estamos ocupando, era o de reitora da universidade! Com tal reitora os estudantes certamente não seriam riscados, mas andavam em risco de perder a cabeça, e quem sabe se a alma.

A ambição era neste congresso como a mascara: cada associada tomava o que mais lhe convinha.

A Sra. Digna expressava por muitos modos a satisfação que a dominava assistindo a reitoria das suas ideias.

A socia que tinha embirrado com o nariz da presidente, era uma velha clássica, empregada na biblioteca, e não deve admirar que voltada para a que lhe ficava ao lado estivesse dizendo:

— Um dos meus clássicos que fez vocabulários, prosas e charadas e que pintou acertadamente a parte do rosto que acho mais expressivo na nossa presidente; se quereis saber qual é adivinhai:

No frontispício do Microcosmo

Sou a parte, que para fora mais sai,

Entre duas meninas é o meu assento;

Sempre pendente estou, mas tão firme,

Que não posso cair para baixo.

Com licença de palacianos,

Sem ofender majestades,

Na presença delas me limpo;

E com licença dos teólogos

Sem afetar santidades,

No ponto que a natureza me deu,

O lugar da virtude ocupa:

Mas quando a mostarda me chega,

Não dissimulo o enfado.

A presidente tinha óculos içados para a testa, olhava repleta de contentamento para um maço de manuscritos que estavam sobre a mesa, e eram o verdadeiro motor de todas as rodas do seu engenho, como diria um académico do conde da Ericeira.

Tendo serenado o entusiasmo ela tornou a tomar o fio do discurso, em estilo parlamentar, em que o homem se fia no fio daquele em quem não confia.

«Previa a satisfação e o entusiasmo que manifestais: vejo em sinais tão evidentes de jubilo mais uma garantia de que o nosso triunfo será incontestável. Sim, queridas cúmplices, deveis reunir-vos para vencer a ferocidade desse sexo que repele os adversários, sem respeitar a sua fraqueza, e não tendo ao menos nem a generosidade de se deixar atacar sem se defender.

Convém, portanto, minhas queridas amigas, que todas as mulheres nos auxiliem e conspirem connosco a favor da liberdade; mas só poderemos alcançar este resultado por meio de uma propaganda em que nos auxilie a publicidade.

As instruções que se devem imprimir existem, estão há muito redigidas por mim: dez anos de vida consagrei a esse improbo trabalho. Gostam de romances, poesias, tratados filosóficos, impressões de viagem, dramas, comedias, cenas cómicas. Adotei sucessivamente todas as formas literárias.

Este saco, que tenho a honra de vos apresentar, contem a matéria de noventa

e quatro volumes em oitavo, sem rasuras, entrelinhas, nem coisa que duvida faça. É a revolução do mundo em manuscrito; falta unicamente o mais insignificante, as despesas da impressão; e de cada uma destas folhas de papel que aos milhares estão nestes maços, se pode apropriadamente dizer:

Numa planície mais direita,

Que as folhas da açucena,

Aparecem muitas irmãs,

Que sem estarem de nojo,

Andam vestidas de luto.

Este campo é tão fértil,

Que sem sol e sem chuva,

Nele logo se vê nascer

O que nele se sêmea.

Andam por ele Apolo,

As musas e Minerva,

E na superfície é capaz

De coisas muito fundas.

Todos nele tem lugar,

Vivos, ausentes e morto?

E para todos é igual.

Quanto mais branco é

E menos para visto.

Somente dá para entender,

Quando se faz escuro.

As despesas de que vos falo, aninhas amáveis socias, compreendendo a justa retribuição do trabalho da autora, não pode ser feita senão por esta benemérita associação. Tenho portanto a honra de vos propor em nome da mesa uma subscrição, aberta desde já para a imediata impressão das minhas obras completas.

O nome de cada subscritora, e a quantia com que concorrer para este ato de civilização fémea, serão lançados num livro, pela minha secretaria, que para esse efeito achareis à porta principal.

Ao acabar de proferir estas palavras, a Sra. Digna tirou os óculos, cumprimentou a ilustre assembleia, e saiu com os outros membros da mesa.

Ninguém aplaudiu.

A ideia de uma subscrição tinha gelado as esperanças, e amortecido a coragem mais fogosa.

Um certo rumor de descontentamento começou a circular pela assembleia.

— Foi um laço que nos armou com esta sessão, em que nem ouvimos a filarmónica, nem versos ao piano...

— O seu único fim é obrigar-nos a concorrer para que se imprimam as obras do seu talento dorminhoco...

— Quer fazer um património à nossa custa para ver se acha algum marido, não obstante os óculos, e aquele portentoso nariz...

— É uma visionaria...

— Uma doida...

— Uma intrigante...

— Eu não dou nada...

— Nem eu...

— Nem eu...

— Nem eu...

Não obstante as intenções que tão unanimes se apresentavam, todas olhavam com certo embaraço para a porta em que as estava esperando a secretária particular da Sra. Digna. Passar diante de um livro de subscrição sem dar coisa alguma, é sempre mais difícil do que se pensa. Custa sacrificar, não a generosidade, mas a parvoíce.

Todas dizemos:

O que hão de pensar? Julgarão que é usura, rigidez de carater, ou pobreza. A esta última suposição coramos, e metemos insensivelmente a mão na algibeira.

Era isto mesmo que tencionavam fazer as mulheres sabias, muito contra vontade, quando viram uma porta mais retirada por onde podiam sair, evitando o perigo da subscrição na porta principal.

Todas tomaram este caminho como se fora um novo cabo, não da boa esperança, mas da boa saída.

Quando um lacaio agaloado vinha ver se podia apagar os lustres, achou a sala já sem viva alma.

A presidente, que estava no tablado, veio à rampa, para se assegurar do triste

desengano com os próprios olhos.

Infeliz mulher! Teve que deixar cair os óculos no nariz, e, cobrindo a cara com o seu par de luvas de algodão pardo, exclamou como Catão depois da batalha de Filipes:

Diutius vixi!...

Palavras que a secretaria traduziu assim:

Eu tinha muitos manuscritos...

No entanto Lady Fácil, e as suas visitas, tinham saído da galeria, rindo desapiedadamente da sessão que findara.

Maurício e Marta permaneceram sós na sala deserta, no mesmo lugar em que tinham estado, e com as mãos enlaçadas olhavam um para o outro.

Foi Maurício que primeiro falou, encostando a cabeça a um dos ombros de Marta, que se conservava pensativa.

— Não mudam com os séculos, os desvarios da humanidade! Para que se tinham de querer dividir em dois campos os filhos de Deus? Não será Eva da mesma carne de que foi formado Adão?

Porque não compreenderá a humanidade que só o amor em vez do direito pode acabar com a escravidão?

A base das alianças, a sua força, não pode provir das suspeitas, nem das recriminações. Amai como Deus ordenou que vos ameis, e não se distinguirá quem manda de quem obedece.

— Foi assim que vivemos, e que devemos continuar a viver, respondeu Marta, voltando-se para Maurício que lhe beijava os anelados cabelos.

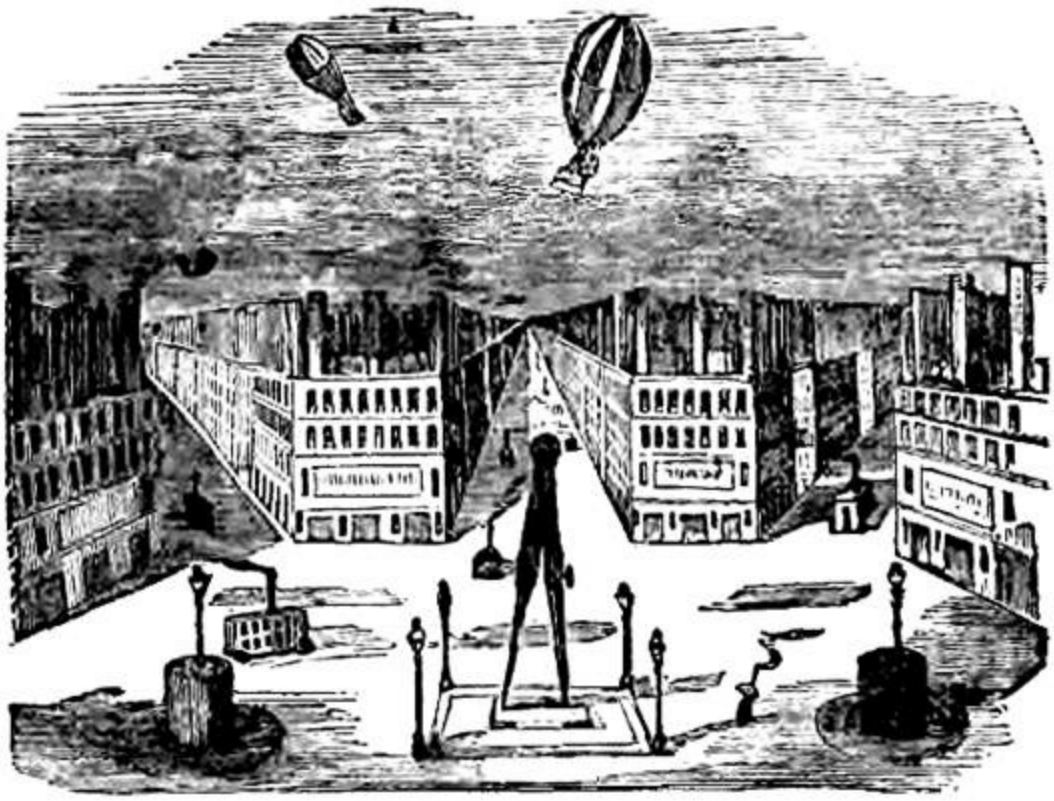
As lágrimas saltavam dos olhos do jovem, e depois de ter abraçado Marta disse-lhe a custo.

— A nossa falta entre os convidados já deve ter sido notada; e que pensariam eles, se nos pudessem ver e ouvir? Nem se quer nos compreendiam, pois que a inteligência unicamente se eleva à compreensão das ideias sublimes nas aspirações da alma, ao passo que entregue aos interesses materiais da realidade, apenas rasteja pela terra, parecendo-lhe o horizonte da vida cada vez mais limitado de dia para dia. ontem choravas sobre este mundo novo, porque o amor o tinha desamparado; mas na fuga levou consigo uma companheira.

— E qual foi ela?

— A poesia.

A TERCEIRA DIGRESSÃO



A alma humana é alimentada no ardor pelas dificuldades.

Ao ser ameaçada de perder a coisa mais fútil, para logo se apaixona; ao passo que se mostra indiferente com o que obteve sem sacrifícios. Ambicionamos com todas as forças, do desejo o elogio que nos dificultam, e no entanto recebemos com indiferença a carta de um admirador vulgar e desconhecido.

Compramos com avidez os livros do escritor que nunca vimos; mas desde o dia que ele pessoalmente nos oferece um exemplar, não lemos nem mais uma das suas páginas.

Acontece algumas vezes estarmos a descobrir os meios de nos apresentarmos em casa de um vizinho; mas se ele nos visita primeiro já ficamos desconfiados. Para esquecermos qualquer homem que estimamos, bastará vê-lo todos os dias. Quando o encontramos unicamente uma vez por ano informamo-nos cuidadosamente dos seus intentos, das suas ideias: tomamos verdadeiro interesse na sua sorte, mas assim que todos os dias lhe falíamos, mal a sua presença significa um costume, e não um desejo, não nos conta nada da sua vida, nem as suas infelicidades ou venturas.

É bem singular a natureza humanai Só presamos o que nos sabe repudiar; e

tudo quanto nos procura suscita indiferença ou desconfiança.

Tais eram as observações mentais que o nosso Dr. Universal estava fazendo diante da sua mesa de trabalho, coberta de volumes cujas folhas estavam por abrir, não obstante os autores terem vindo pessoalmente oferece-los ao enfatuado académico, bem como de jornais gratuitos com as cintas intatas.

No começo da carreira, essas homenagens públicas teriam embriagado o futuro académico; mas depois, quando se julgava bem forte na sua posição literária e económica, já o enfastiavam semelhantes testemunhos de consideração, mais pela fama do que pelo homem.

O que mais o preocupava era a necessidade de responder ás trezentas cartas que tinha diante de si, porque o doutor sabia que a exatidão não era só a polidez dos reis, mas também a dos indivíduos que se entregavam com paixão à epistolografia. O nosso académico correspondia sempre a quem lhe escrevia. Tinha para isto abundancia de exemplares litografados de três modelos, a que reduzira a sua numerosa correspondência.

Se devia responder ao oferecimento de um volume de poesias que tinha vindo acompanhado com uma carta extática, tomava o modelo N.º 1, e só tinha a pôr-lhe o sobrescrito e assinar.

«Meu estimadíssimo vate!

«O vosso coração é uma lira! Perdi, antes lucrei uma noite da minha trabalhosa vida lendo... (aqui o titulo do livro). As horas que deviam ser de mais sono foram as de mais entusiasmo: tal era o poder do astro que me arrebatava a alma ao som da cadência homérica dos vossos versos.

«A musa que os inspirou é como aquelas aves de latitudes diferentes da nossa, que fazem os ninhos nas árvores gigantescas, cantando sobre o píncaro dos rochedos, e pairando nas nuvens. Continue, meu caro poeta, continue, e o que ao presente a sua extrema benevolência pensa ao meu respeito, será um dia repetido com mais justiça do seu talento, pela posteridade que imparcialmente nos há de julgar.»

Se a resposta dizia respeito a qualquer publicação periódica servia o modelo n.º 2:

"Meu querido Redator:

«Salve, atleta da imprensa! Tendes a têmpera do aço mais fino. Li, reli, e tornei

a ler (o nome da publicação). Os argumentos que empregais parecem essas armas que ferem pelos dois lados, e também pela ponta. O ministério treme à vossa voz, e seguramente cairá, ou vos dará uma cadeira: a oposição, ciosa da vossa ascendência curva a cabeça como vencida e subjugada por um campeão, que sabiamente se mantem entre o poder e os seus inimigos, como intolerável a ambos, ardendo no santo amor de pátria, que o fará seguir um ou outro rumo, segundo os acertados caprichos da vossa desinteressada conveniência.

Continuai, Sansão das colunas tipográficas de todos os jornais, e o louvor com que honrais as minhas obras, centuplicará no futuro ao vosso respeito.»

Para responder à remessa de um manuscrito, recorria ao modelo n.º 3:

«Meu caro e modestíssimo confrade!

«Tendes uma orquestra na imaginação. Li com entusiasmo, delírio, encanto e avidez... (titulo do manuscrito). As concessões do vosso génio são semelhantes àquelas sinfonias, em que se ouvem todos os tons e harmonias.»

«Continue, e o que dizem de mim, segundo a sua opinião, será muito mais aumentado pelo futuro quando a imprensa multiplicar essa prova do seu admirável talento.

A expedição diária de todas estas cartas tinha aumentado prodigiosamente a popularidade do académico.

Todas as pessoas a quem ele louvava tão hiperbolicamente, eram pregoeiros da fama do doutor.

Quem há de deixar de elogiar uma celebridade que lhe escreve?

Quanto mais ilustre é o homem que nos escreve, mais nos deve honrar o louvor. Devemos transforma-lo em herói quando não fosse senão para aumentar o valor dos seus autógrafos.

O Dr. Universal conhecia todas estas circunstâncias e não desprezava nenhum dos meios conhecidos de inventar e conservar qualquer reputação.

À glória dos indivíduos é semeada pelo acaso, mas só a estudada habilidade de quem a requesta a pode fazer desenvolver e engrandecer. Muitas pessoas são atas para estabelecerem a boa reputação do seu mérito, mas são poucas as que bem conhecem a arte de a conservar.

É preciso para obter este resultado a destreza que prepara, a persistência que funda, e o egoísmo que fortalece. É necessário principalmente muita vaidade e pouca soberba, pois que a vaidade é uma vela que nos leva pelos mares deste mundo, e que nós mesmos inchamos: e a soberba é a ancora forte e vigorosa

que nos obriga a ficar imoveis.

Lisonjeai a quantos for possível, curvai-vos perante algumas das potestades frágeis deste mundo, ainda mais frágil; mas aparecei em todos os lugares onde o homem e apreciado, ou considerado. Deveis ter do vosso mérito a opinião que desejais impor aos outros, porque o homem é imitador até das sensações. A estima que a vaidade fizer bem patente como sendo da nossa alma para o nosso mérito será infalivelmente contagiosa. Livrai-vos unicamente de justificar demasiadamente as vossas pretensões.

A admiração não quer ser obrigada, podem-na obter de nós como favor, mas nunca a obtém como um direito..

Todos os homens são pouco mais ou menos da família de Temístocles, e os troféus dos Miltiadas tiram-lhes o sono. Contentai-vos, portanto, em fazer sobressair o passado; tomai lugar entre esses duques e pares da glória, que hoje figuram muito, porque outrora representaram alguma coisa. Assim sereis aceito como uma ilustração póstuma, que todos honram, porque não faz sombra a ninguém. Tomarão a vossa preguiça como sobriedade, a esterilidade do talento como discrição, darão valor a tudo quanto não fazeis, e o vosso lugar será nessa falange de celebridades estimadas pelo silencio.

Já dissemos o modo como este sistema havia aproveitado ao Dr. Universal, a quem pertencia a mais elevada posição literária da república dos Interesses-

Unidos, e isto sem ele escrever, sendo também professor sem professar. Era por estes motivos que estava bem resolvido a permanecer num caminho, onde, sem o incómodo de andar, encontrava a satisfação de todos os desejos.

Acabou o mais breve que pôde a correspondência do costume, e depois lembrando-se do seu hóspede foi ter com ele.

Maurício tinha um livro na mão.

O doutor estendeu a cabeça para ler o título.

— O que estais lendo? Ah! são os fastos da revolução francesa.

— É verdade, respondeu Maurício, estava lendo a história desses estoicos audaciosos: o somenos dentre eles soube morrer como um Sócrates. Contava os sacrifícios modestos daquele povo de Deus, e achava o segredo de tanta simplicidade e grandeza numa só palavra: A FÉ.

O académico encolheu os ombros.

— É possível que assim fosse, observou o doutor: o elemento dominante dessas eras remotas era a alma imortal do corpo da sociedade; mas o tempo esclarece os homens; e aperfeiçoamos o patriotismo como no vosso século se aperfeiçoava a máquina de cozer ou de amolar facas. O motor dessas gerações que nos precederam tinha muita semelhança com o vapor, poder irresistível, mas difícil para guiar: as explosões são sujeitas a desastres; é por esse motivo que

lhe substituímos uma força mais amável, mais dócil, e não menos irresistível.

— Qual?

— A do interesse. A nossa constituição foi tão sabiamente combinada, que os deveres de cidadão ficaram reduzidos à obrigação de procurar em tudo a sua própria conveniência.

Não posso negar que o governo constitucional do vosso tempo conhecia os gérmens desta maravilhosa reforma, gérmens que jaziam escondidos, como envergonhados, e que nós acertadamente cobrimos com a legalidade para os desenvolver, e facilitar que brilhassem ao sol das liberdades públicas.

É por esta razão que ao presente o sistema político dos Interesses-Unidos corresponde a todas as necessidades do homem verdadeiramente civilizado.

É composto de quatro poderes que resumem os princípios sociais da época.

Na frente dessa organização figura o presidente da república, ou o impecável, assim denominado, porque não pode fazer o mal, e se o não pode fazer é pela fortíssima razão de que lhe não permitem o arbítrio para fazer coisa alguma.

O impecável, é como lhe chamam, mas não é nem um homem, nem uma mulher, nem uma criança; é na realidade o que se denomina ficção governamental.

Compõe-se esta ficção de uma cadeira sem ninguém assentado e posta debaixo de um dossel.

Esta cadeira representa o chefe legítimo do governo.

Os ministros não podem falar oficialmente senão em nome desse chefe, e por essa razão as suas mais solenes declarações políticas chamam-se discursos da cadeira.

Tão feliz conceção livrou-nos do embaraço de escolhermos um presidente temporário, bem como dos inconvenientes do poder hereditário.

Quando o chefe do estado envelhece, chamamos um estofador que o renova, e ás vezes basta uma dúzia de pregos para restaurar a ordem das coisas públicas.

Com este sistema não temos encargos régios no orçamento quando casam.

A casa presidencial consta de uma escova e de um espanejador. Não temos corte nem dotação real.

O estado não tem que dotar as filhas do seu chefe, nem filhos para casar.

Não existe na república o receio dos golpes de estado, nem das usurpações, porque uma cadeira é forçosamente obrigada ao status quo.

Finalmente, como esse poder não pode executar coisa alguma, confiamos-lhe sem reserva o poder executivo.

A segunda autoridade do estado é a câmara dos deputados, eleita por todos os cidadãos que podem comer prato de meio, beber bom vinho, c. dormir no colchão fénix.

O legislador pensou muito acertadamente que todo e qualquer cidadão em comendo bem, bebendo melhor, e dormindo comodamente, deve ser incontestavelmente um homem, amigo da ordem, ou, em outros termos, dedicado à sua mesa e à sua cama; e que possui os conhecimentos precisos para não consentir que a fortuna pública seja dividida com os que se alimentam com pão de toda a farinha e dormem sobre a palha.,

Não obstante as previdentes disposições da lei eleitoral, como por acaso poderiam fazer parte da câmara dos deputados certos carateres excêntricos, tão egoístas que preferissem as suas ideias aos seus interesses, a nossa constituição contrabalançou a sua influência com a câmara dos valetudinários, composta de indivíduos que se inquietam com o movimento, e que se cansam com o mais leve ruido.

Para ser admitido nesta câmara é preciso provar pelo menos a surdez ou a cegueira, ser gotoso ou asmático. São preferidos os que reúnem maior número de enfermidades; mas cumpre advertir que havendo proteção também a teima e a ignorância suprem todos aqueles requisitos.

O quarto poder, finalmente, é composto dos banqueiros, que se constituíram

os administradores da república, ou seus verdadeiros tutores. Emprestam-lhe à semana, e tomam a si o encargo de passarem os vencimentos públicos por um crivo que só deixa cair os miúdos.

O estado, não havendo já papel nas fabricas para estampar títulos de divida, empenhou a esses banqueiros a terra, os rios, os mares, as minas, e os transportes aéreos, por tal forma que já seriam senhores de tudo, se a cadeira e as duas câmaras não fossem os garantes dos nossos direitos.

O ponto sublime da nova organização política é que tudo se compensa e pondera.

O carro do estado, porque não lhe chamam nau como no vosso tempo, parece exatamente um outro carro mais material e menos ideal que foi achado nas ruinas do arco de triunfo, chamado Carrossel em Paris: e que era puxado em sentido inverso por quatro cavalos de forças iguais. O nosso permanece portanto no mesmo ponto, estando livre do risco de se quebrar nos despenhadeiros.

— Mas não de se desconjuntar! disse Maurício, e tardo ou cedo é o que lhe há de acontecer.,

— Assim seria se não tivéssemos uma cavilha mágica para consolidar tudo, replicou o académico.

— E em que consiste?

— No medo! Outrora empregavam a paixão na política, mas ao presente o progresso das luzes fez desaparecer esses homens niquentos que se apegavam ao que chamavam as suas ideias, e que desejavam a todo o custo achar o que para eles era a verdade.

Hoje tanto acreditamos no que se condena, como no que se defende.

As opiniões são quartos para alugar, que se não anunciam nos jornais, mas que sempre tem porta independente para a escada, a fim de nos mudarmos facilmente logo que descobrimos outra melhor, isto é, mais conveniente ao nosso interesse.

É por este motivo que as lutas políticas são mais aparentes do que reais.

Os deputados, e os jornalistas combatem na câmara e na imprensa, como os comparsas no teatro, pondo todo o cuidado em não se ferir, e unicamente para entreter os espetadores, que pagam subsídio ou assinaturas.

Nenhum descarrega nos inimigos espadeiradas de matar, com medo de morrer na festa.

Os adversários de hoje são os coligados do dia seguinte: o laço que apupamos será depois o emblema da nossa crença. Esta previsão é comparada à benevolência.

Olhai para os partidos, parece que vai cada um para o seu lado — é tudo um efeito ótico — miragem e nada mais.

— Compreendo, observou Maurício, estais livres das febres políticas; mas quem vos livrará da indiferença?

— A constituição, que é o nosso remedio para tudo, respondeu o doutor. Eu vos explico. Com as ideias retrogradas aprendidas no século XIX, estou certo que vos julgais ainda no tempo em que o orçamento pedia aos eleitores a paga dos deputados.

Compreendemos o que esse sistema era desanimador para o zelo eleitoral, e tomámos a resolução de o inverter. Agora é o deputado que paga ao eleitor! Cada círculo é posto em praça pela sua vez; os candidatos lançam o que podem, e, ás vezes o que pedem e ficam a dever; a cadeira de deputado é adjudicada ao que dá mais. Com este sistema acabaram os enganos, as intrigas, e até os chapéus à Herman do ministro; também foi a perda destes chapéus a única que nos foi sensível. Era divertido na época de uma eleição ver sair deputados de um chapéu, saltando como peixes vivos que se deixam cair na rede do astuto pescador.

O novo sistema eleitoral assenta na base de que o deputado é que paga ao eleitor: como já vos disse uma eleição é por este motivo coisa muito para ver. Os eleitores são tão acérrimos no cumprimento do direito cívico, que alguns já

moribundos pedem para ser levados até junto à urna independente, onde deitam o voto, ganhando assim a parte respetiva do produto da candidatura arrematada.

Este exemplo de energia política, que mantem as instituições no único princípio verdadeiramente social — o egoísmo — não poderá ser perdido para a posteridade!

f enho aqui por acaso na minha carteira a última circular do célebre Isac Ferro, a qual nos fará apreciar melhor do que outra qualquer explicação as vantagens do sistema.

ISAC FERRO

CANDIDATO A DEPUTADO

Aos eleitores do Bairro B da Cidade Sem Igual

«Senhores: — Se eu obedecesse à rainha vontade, e ás minhas inclinações não iria pedir-vos os votos.

«Vivendo satisfeito na minha honrosa e comoda situação, continuaria a gozar as delícias da vida domestica, longe do ruido, e das intrigas da política; se não fossem as assíduas e repetidas instâncias dos meus amigos, que puderam a final

vencer a violência das minhas inclinações, decidindo-me a reclamar a candidatura que se oferece ao público.

«As minhas opiniões são conhecidas.

«Desejo a felicidade de todos os cidadãos da república, e quero tudo quanto possa assegurar a sua ventura.

«Votarei sempre pelo bem e pela verdade. Seguirei tão somente o partido que tenha a razão do seu lado, e combaterei o que for injusto.

«Sustentarei os ministros enquanto eles se sustentarem pelos seus atos; e se caírem do poder, lembrar-me-ei que a voz do povo é a voz de Deus.

«Eis-aqui, portanto, quais são as minhas ideias governamentais.

«Cumpre-me expor-vos agora os direitos que tenho à vossa confiança.

«Ei-los:

«Ganho anualmente, termo medio, trezentos e seis contos de réis, o que vos deve convencer que sou um homem amigo da ordem;

«Por amor à liberdade não me tenho querido casar, nem tomar nenhum associado aos meus negócios:

«Fabrico botões de todas as qualidades, e para todas as classes, provando assim o muito que respeito a igualdade:

«Finalmente em todos os relatórios que tenho escrito para a Sociedade Humana chamo aos homens meus semelhantes, expressão que prova as minhas ardentes crenças na fraternidade.»

«A minha profissão de fé não será menos explícita do que as francas declarações que vos tenho dirigido.

«Obrigo-me em primeiro lugar a fazer uma ampla distribuição de marcas de osso, ou botões nacionais e populares, a todos os pobres do bairro: Darei anualmente seis bailes, doze jantares, aos quais serão convidados todos os eleitores que tiverem votado em mim:

«Os que me alcançarem dez votos terão direito a uma gratificação do valor de cento e oitenta mil réis, pagável em raspa de osso, e de outras matérias duras empregadas na minha fábrica; em cerveja da fábrica que projeto estabelecer em Noukaiva, ou em ações da Companhia dos telégrafos aéreos:

«Os que me obtiverem quinze votos terão, além de quaisquer das gratificações mencionadas, uma medalha de bronze dentro de uma caixa de marroquim artificial:

«Finalmente quem angariar ao meu favor vinte votos realizáveis receberá durante toda a sua vida uma pensão representada numa tijela de sopa económica, que poderá mandar buscar ás cozinhas da respetiva sociedade, até

que se vendam em leilão os caldeirões e os novos guindastes de os suster sobre o lume, o que já está anunciado nas folhas periódicas, como prova de que não temos pobreza, nem pensamos na sopa da economia:

«Farei distribuir aos meus partidários, durante a votação, as respetivas listas, bem desenhadas e carimbadas, tendo o meu nome escrito por extenso, como manda a lei; e para que o vosso voto imparcial e independente tenha mais peso perante a opinião pública, cada lista vos será entregue embrulhando um cruzado novo dos menos roubados que se encontrarem:

«É inútil acrescentar que deve cada cidadão deitar a lista na urna e guardar o pinto na algibeira: apesar de ser de casta pequena, não há outros, visto que a sarrilha não os deixa ir senão pouco além do tamanho dos doze vinténs, e que ainda se não descobriu remedio para esta gosma da moeda.

"Confio em que a franqueza das minhas explicações obterá os vossos votos, e que brevemente me será possível proclamar do alto da tribuna nacional as necessidades locais e gerais dos concidadãos meus semelhantes, a quem tenho a honra de me dirigir.

«Isac Ferro.»

— E essa circular produziu efeito nos leitores? perguntou Maurício quando

acabou de a ler.

— Foi tal o efeito do famoso documento que Isac Ferro é ao presente um dos membros mais influentes da câmara, replicou o Dr. Universal: na sessão de hoje dirigirá ele ao ministério uma destas interpelações arrepiadas o escandalosas, que começam na invetiva e acabam quase sempre nas vias de facto.

— Nesse caso o homem pertence à oposição?

— Desde que o ministério permitiu a entrada dos colchetes estrangeiros, cuja fabrica sendo interdita no reino, protegia e animava duplamente a confeção dos botões nacionais.

— Será possível assistir à sessão?

— Vinha propor-vos para irmos hoje à câmara; a ocasião não pode ser mais bem escolhida.

Maurício aceitou com agradecimento, e Milady Enjoada, que entrou neste momento com Marta, disse que também os acompanhava.

CAPÍTULO XVII

As discussões da câmara da república dos Interesses-Unidos eram públicas, isto e, ninguém podia assistir a elas sem vir munido de um bilhete assignado pelo presidente.

Como o Dr. Universal era amigo íntimo do embaixador do Congo, obteve pela sua intervenção poder entrar com o seu hóspede na tribuna diplomática.

Maurício observou atento as pessoas que o cercavam. A diplomacia tinha conservado todas as singularidades particulares do seu século.

Os fidalgos no tempo chamado da nobreza, e antes de irem ás burras da classe media buscar os dotes dos filhos e filhas, conservavam pela perpetuação das famílias, tipos especiais e caraterísticos. É verdade que as raças enfraqueciam, ás vezes não só na parte física, mas também nos recursos da inteligência: mas as feições, o gesto e a voz passavam de família em família com o brasão esculpido na pedra darmas, e com a libré do numeroso séquito de criados.

Não era preciso ser nenhum Cuvier do Nobiliário para conhecer por um nariz

a genealogia do possuidor, ou para ver numa careta, estampada sempre em certa fisionomia, a serie de avós a que ela tinha pertencido.

Todos estes factos tinham portanto uma explicação fisiológica e racional; mas o que não sabemos explicar é a razão porque o corpo diplomático, de que fazem parte indivíduos de diferentes nações e classes, há de conservar falas e modos que o transformam numa colonia, mais ou menos interessante dentro de qualquer nação.

Deixando o assunto apontado para estudo critico mais competente, saltemos ao ano 3000, e entremos com Maurício na tribuna diplomática: não conhecendo como ele as diferentes nações em que o mundo se divide nessa época, somos obrigados a limitar as observações ao aspeto dos indivíduos sem sabermos a que nação pertencem.

A diferença mais notável entre o corpo diplomático estrangeiro e o resto da humanidade, que habitava a república dos Interesses-Unidos, era que os diplomatas andavam completamente vestidos, enquanto os bons patriotas nesse ponto, como já ponderámos, não passavam da ceroulas mais ou menos rica e enfeitada.

Feito este reparo notaremos o indivíduo que fica ao pé de Maurício.

É um homem sem idade, com uma destas fisionomias que dos trinta aos

cinquenta anos são um quarto de papel branco, em que se pode escrever o algarismo que mais agrade, entre esses dois marcos anuais.

As barbas eram apenas dois tufos de cabelos loiros, rebentando de cada uma das faces.

Os olhos de côr azul deslavado, não traduzem nenhum sentimento nem afeto.

A boca, que poucas vezes se abre para falar, e que boceja a miúdo com enfado, é a feição mais reveladora. Em certos movimentos que se não podem descrever, mas que bem se compreendem, mostrava que o egoísmo, o orgulho, e a indiferença, deviam ser a base do carater da nação, representado por aquele indivíduo.

O modo excêntrico e significativo como estava sentado, denotava que o conforto se devia juntar ás paixões que ficam indicadas, como dominantes numa das nações da nova carta da Europa.

Como último traço deste esboço, diremos que estava quase sempre olhando para os deputados com um par de óculos de teatro, que pareciam uma das centenares de peças com que os ingleses defendiam, no tempo que os havia, o estreito de Gibraltar.

Um outro indivíduo, com aspeto mais altivo do que o diplomata dos óculos de teatro, trocava com ele algumas palavras de quarto a quarto de hora. Este era

russo no cabelo e na curta barba, que descia ao longo do ouvido, sem passar das alturas do imóvel coleirinho. Tinha só luneta num olho, porque não podia ver com ambos a civilização, que enfraquecia o poder da potência a que pertencia.

Atrás de ambos ficava outro colega com a cabeça quase quadrada, e olhando para os dois com olhar desconfiado o curioso.

Os olhos eram de aguia já velha,, e que não podia portanto olhar para o sol impunemente. Voltava-lhe as costas um diplomata sardento, e que para simbolizar a unidade tinha só um olho, uma perna, e um braço, e assim mesmo dava que fazer ao vizinho, e tais voltas deu que anexou a si quase todo o banco em que o outro estava sentado. Neste grupo figuravam ainda um sujeito com visos de príncipe alemão das eras antigas, outro nédio como um queijo flamengo, e que parecia contra-mestre de uma fábrica, e não representante de qualquer augusto amo: ao pó dele ficava outro colega espalmado como um arenque, e ao qual os balaustres da tribuna serviam de dique para não cair na sala.

Maurício, sem reparar nos restantes, considerou por alguns momentos a pessoa que em estrado mais superior dominava o grupo que tinha estado a observar.

Era um homem de meia idade, todo adamado, envernizado e perfumado: a cabeça girava, como se fora um moinho, de um para outro lado. A expressão da

força sobressaia nos modos graciosos, e a segurança do pensamento ora como o eixo bem fixo de todos os meneios da cabeça. O olhar era de aguia, mas de aguia que se não deslumbra com a luz, e que estende as garras vigorosas à preza que deseja.

Ao canto da tribuna viu dois diplomatas, que pela proximidade em que estavam podiam conservar até sem incomodar os vizinhos: no entanto estavam embasbacados, e olhando desconfiados um para o outro.

Maurício achou muito notáveis os dois tipos nacionais representados pelos indivíduos que estava observando.

Á semelhança do pano do diorama, que ao correr nos apresenta outra vista quando ainda estamos a contemplar a primeira, assim um daqueles diplomatas, ora parecia um dos intrépidos e cavaleirosos guerreiros, que recordavam o Cid, ora um bolero infatigável, ou um garboso fidalgo.

O vizinho, ou companheiro de carta, porque jogavam sempre na mesma partida, era mais baixo, parecia sonâmbulo; mas apresentava vestígios de ter sido homem de tino e de nomeada, em outro tempo: tinha na sobrecasaca em lugar de fita de hábito, uma folha de louro já seca, uma saudade, e um martírio.

Maurício teve que interromper a revista diplomática, aturdido com o tocar de mais de um cento de sinos, que pareciam deitar abaixo outros tantos

campanários.

Averiguado o caso estava acabada a leitura da ata e do expediente, e a câmara entrava naquele delicioso período de vida agitada, para os intrigantes e entes nulos, a que se chama antes da ordem do dia.

O presidente havendo deitado a cabeça fora de um capuz com que resguardava a vasta calva, abriu um volumoso livro, e estava, de lápis na mão pronto, a fim de inscrever os impacientes oradores.

Os deputados berrando em côro pediam todos a palavra.

O presidente dava indícios de estar muito impaciente, e até iracundo; e com uma das mãos esfregava o peito com gesto enfadado: mas qual foi o espanto de Maurício quando viu o alto funcionário imolar sobre a mesa da presidência a causa verdadeira e única da sua impaciência.

Eis-aqui o necrológio daquela vítima do presidente da câmara da república dos Interesses-Unidos:

As cores são de cigana,

E como cigana, ando vaga,

Não digo la buena dicha,

Buena dicha tem Quem me não conhece:

Dos pés que me deu a natureza,

Não costumo valer-me,

Para andar, nem para correr.

Quer triste, quer alegre,

Passo a vida saltando:

Acusam-me de sanguinária,

Por que de sangue me sustento,

Para mim todos são algozes.

Tão amigos de matar,

Que por uma picada me tiram a vida:

Mas eu de todos me vingo,

Em toda a parte os sigo,

Até a majestades me atrevo.

Também quando me apanham,

Sem apelação, nem recurso,

Ao seu poder me sacrificam.

As pequenas causas produzem grandes efeitos, e os pais da pátria riram vendo morrer aquela impercetível filha da natureza.

O relator da comissão de fazenda, pondo-se em pé sobre a cadeira, conseguiu ser ouvido, e disse:

Aproveito a ocasião e o facto, e mando para a mesa um requerimento urgente, a fim da comissão poder dar o seu parecer consciencioso sobre o orçamento do estado. A verba de despesa, a que o requerimento se refere, deveria ser votada sem os esclarecimentos pedidos, antes de se criar uma repartição de estatística; mas ao presente é impossível, tanto mais que é um dever da câmara e do governo provar pelos seus atos, que as repartições novas não são aparatosas sinecuras: passo portanto a ler o requerimento.

A vossa comissão de fazenda, para apreciar devidamente a verba aplicada no orçamento ás caixas e foles inseticídios, requer que pela repartição competente se confecionem mapas, bem explicativos, pelos quais se conheça a media anual de cada espécie de insetos, com relação aos diferentes estabelecimentos públicos, e à sua população.

O Sr. Redondo chamou à atenção do ministro das obras públicas para que a

diretriz da estrada da vila das Bicas, no sítio dos Quadrados, passe pela porta da sua casa.

O Sr. Bacalhau apresenta um protesto contra a eleição do Sr. Pescada, e manda para a mesa o diploma do Sr. Robalo.

O Sr. Ressurreição leu um projeto de lei, tendente a promover a criação dos coelhos na província da Encarnação.

O Sr. Ramos retificou um facto narrado pelo Sr. Palma na sessão antecedente.

Leu-se na mesa um requerimento de cinco deputados requerendo a permissão de entrarem na sala alguns cães de caça, atendendo à abundancia dos coelhos.

O Sr. Rombo disse que não penetrava as intenções do governo: mas que julgava a pátria em perigo, desprezados os direitos dos cidadãos, e que se Catilina não bate ás portas de Roma, já lhe tocou à campainha da sua casa, porque o governo, depois da última votação em que foi contrario, demitiu um primo seu, que era cabo de policia.

O orador continuou um destes extensos aranzéis que o deputado recita sem ninguém ouvir, e que depois produz o seu efeito na botica da terra, quando e publicado a pedido em qualquer periódico da capital.

Em frente da tribuna parlamentar ficava um banco debaixo de um grande apagador em forma do dossel.

Maurício compreendeu o fim deste lugar reservado, quando um dos deputados mais centrais da maioria se levantou, e caminhando, seguido pelas risadas dos colegas., até ao banco que servia de berlinda para as prendas de certos jogos, se assentou, o daí em voz altissonante, requereu que fosse acabada a discussão.

O apagador era um ente parlamentar de tanta importância no primeiro século da vida de Maurício que para mnemonizar a figura de que estava ouvindo, foi passando pela memória uns versos estimados no seu tempo, e que diziam:

Corpo pequeno,

Rosto tostado,

Magro, escarnado,

De frouxas rugas

Entretecido;

De cabelo branco ornado,

O mal bornido

Cabelo preto:

Eis o retrato

Deste bisneto

Do grão Neptuno.

Dizem que Juno

Já pretendera

Faze-lo esposo

De uma sereia,

Que mal o viu,

De medo cheia,

A côr perdeu,

E entre gemidos

Enfim morreu.

A câmara aprovou em virtude dos sinais telegráficos, comunicados entre a presidência e as cadeiras dos ministros, pois que é preciso saber que o presidente da câmara e o do conselho de ministros, estavam em correspondência por fios elétricos.

Veio uma questão de ordem promover grande desordem, como de costume, e um representante com um maço de papeis na mão ateimava que tinha o direito de maçar a câmara com o seu projeto de lei, precedido do respetivo relatório.

Os deputados vencidos pela teima do colega, começaram a bradar: lei-a, lei-a.

O bom do homem pediu água, e começou a ler, e os seus amigos começaram a conversar.

Maurício seguiu o seu exame pelas galerias. Havia uma reservada em que realçavam as elegantes da terceira secção, remoçadas no toucador antes de se exporem à contemplação dos seus infatigáveis afeiçoados.

O gesto destas deidades falsas era artificial, como os cabelos caprichosamente dispostos, como os alvos dentes, mostrados no sorriso metódico e desdenhoso.

A juventude e a meia idade da câmara contemplava aquela velhice mascarada; e apenas o deputado provinciano lhe voltava as costas para se embasbacar, devorando com os olhos luzentes as damas equivocas, que em outra galeria, ocultavam as mãos de cozinheiras, nos regalos de fina marta, ao passo que trabalhavam sem descanso para o chapéu lhes não cair pelas costas abaixo.

Nas elegantes, havia pensionistas de consideração, consideradas pela beleza, ou pela influência dos parentes. Na tribuna pública também havia pensionistas, mas em perspetiva. Estas, sem proteção, mas herdeiras de serviços valiosos e

relevantes, corriam havia anos atrás de uma récua sem fim de informações. Um véu que o tempo crestara, e de preto fizera castanho, era o distintivo destas infelizes vítimas, que de dia mendigavam justiça dos ministros e deputados, e à noite dos que passavam pelas ruas ou saíam dos teatros.

Os nossos ressuscitados para se distraírem do quadro que o Dr. Universal pintara, com a indiferença do pintor que esboça na tela uma caveira entoando uma canção bachica, começaram a estudar a fisionomia da câmara, auxiliados pelo distinto académico.

As suas impressões foram poucas, mas significativas.

A maioria ficava atrás dos ministros, e era toda composta de indivíduos barrigudos; e com as faces nédias, e o gesto satisfeito, mas indiferente.

A esquerda oposicionista era magra, buliçosa, e desalinhada no trajar. Não tiravam os olhos das cadeiras ministeriais, alvo único de todos os seus desejos.

Na direita velhos magros e míopes, representavam as tradições do antigo regime.

O que mais espantou Maurício foi quando deu com a vista num coreto, ornado com todos os arrebiques do seu século. Maestro na frente de batuta na mão, todo encarniçado e gesticulando como um possesso em-adro de convento a vomitar o demo; primeiros e segundos rebecas; zabumba, pratos e ferrinhos!

O coreto com os seus músicos a formarem parte de uma câmara de deputados, era uma verdadeira charada figurada para os nossos ressuscitados.

O Dr. Universal percebendo a surpresa de Maurício, explicou-lhe como os progressos da música, devidos ás filarmónicas e aos teatros de canto, subsidiados largamente pelos governos, tinham chegado a tão elevado grau, que tomavam parte no modo como funcionava a representarão nacional.

O presidente não tocava campainha, e cantava diferentes solos mencionados no regimento da câmara, a fim de harmonicamente dirigir os trabalhos de tão conspícua assembleia.

O académico demonstrou como esta inovação havia elevado a posição da presidência do corpo legislativo. No vosso século era ignóbil ver um dos primeiros funcionários da república a tocar uma campainha, como se fosse qualquer sacristão, ou andador de irmandade. Seguramente que foi para algum desses presidentes que se fizeram os versos de que temos um raríssimo exemplar na biblioteca da capital, e que dizem:

Pensa o parvo que me engana;

Com a tal bandeja na mão,

De capa rota e parrana

A fingir que é bom cristão.

Quem come a cera das tochas

Para pôr casa o que tem?

Um farroupilhas andador,

Que anda... mas sem vintém

Que mal pode ler-se em pé!

Um bolinho derretido

Um golo de capilé.

E como é expressivo quando o herói do poema fala! acrescentou o doutor, e nos diz

Quando o sineiro.

Na moléstia impertinente.

Nos sofrimentos ronceiro,

Dá parte que está doente,

Sou eu que subo lampeiro

A puxar pelos badalos!

Não são toques, são estalos

Com que estalo a freguesia!

Maurício não podia acreditar o que lhe estavam dizendo, e quando no seu tempo tinha ouvido o Taborda cantar aqueles versos em casa de um dos atores de Paris, mal podia pensar que as assíduas investigações dos sábios tinham de transformar em presidente de uma câmara de representantes a caricatura de um misero andador das almas.

Reparando bem para o coreto viu que não tinha estantes, e o seu Mentor lhe disse que eram inúteis, porque a música era de improviso. O deputado cantava quando lhe parecia, e como queria, e a orquestra era obrigada a segui-lo com acompanhamento improvisado. Só as arias da presidência eram sempre as mesmas, e estavam tão popularizadas, que se tocavam sem música.

Não tardou que a orquestra viesse em auxílio da eloquência, e um deputado que durante o dialogo de Maurício e o académico tinha estado a interpelar o ministro da justiça, acerca da introdução das irmãs da caridade, e dos lazaristas, começou a cantar em voz de baixo profundo:

Executores da lei

Haverei vergonha algum dia.

……..

Como o rumor da câmara o não deixava continuar, seguiu o discurso em prosa violenta, e berrando como um pregoeiro.

— Ah! querem que eu me cale? Estão enganados; cederei à força, e só à força. Não é a mim que insultam com essas risadas, é a respeitável antiguidade... O que vos ia cantar não são versos meus, são de Sá de Miranda, autor do trágico entremez da Castanheira...

A gargalhada foi geral e estrepitosa: mal se ouviu esta amostra de sabedoria clássica.

O tumulto, e a citação do entremez recordaram ao presidente abstrato quais

eram os seus deveres, e pondo-se em pé sobre a mesa entoou este recitativo acompanhado pelas harpas:

Ó lá da parte da ronda,

Tenha mão ninguém se bula;

Quero saber miudamente

Quem é toda esta matula.

Assim que o presidente voltou à cadeira, um dos membros, que era doutor no regimento, pede a palavra sobre a ordem, e cheio de entusiasmo exclamou:

— Senhor presidente! Senhor presidente! O caso não pedia que V. exa fizesse uso dos versos do artigo 1025, mas sim os do artigo 4007, e nestas circunstâncias mando para a mesa uma proposta, a fim de que a comissão do regimento se entretenha estudando, se eu fazendo esta observação, estou ou não na ordem.

Ficou para segunda leitura.

Em quanto se estava lendo um projeto de lei de contribuição sobre os cabelos, o Dr. Universal fez uma rápida revista de algumas notabilidades da

câmara, nos seguintes termos:

— Aquele deputado que fica em frente, e que está atentamente examinando colunas e colunas de algarismos, faz constituir a sua especialidade no orçamento; e não pensa, não fala, e não escreve sobre outra coisa. Leva dias a somar o que já está somado, e a diminuir o que já está diminuído. Para ele, achar um erro de conta, é achar um tesouro. Na última sessão propôs treze milhões de economias, e a câmara apenas lhe votou 3$200 réis!

Ao pé dele fica um dos vossos colegas da academia, que na câmara passa por literato, e na academia por homem politico. Todos os anos renova um discurso contra os autores contemporâneos, que não lhe concedem um lugar distinto nos seus triunfos, e logo depois improvisa outra a favor do ministério, que lhe concede seis ou sete lugares no orçamento. Lá está o general Patacoada, conhecido pela sua eloquência campanuda, e cheirando a pólvora e casa da guarda. Aquele velho que passeia ao fundo da sala é o famoso Tacilo, espécie de Montesquieu em miniatura, que alcançou a fama de cidadão exemplar, porque não pensa, e de pensador respeitável porque diz mal de todos. O figurão que está naquele canto da sala conversando com outro, e sorvendo piladas, de frase a frase, é um rabula de aldeia, reputado como o nosso primeiro João das Regras: é o Sr. Pegas, e para ele o governo do estado deve ser considerado como os autos de um processo, deixaria vender a república, e votaria pela venda, com tanto que

fosse realizada conforme as Ordenações e o Código.

Está conversando com ele o Sr. Grave, ex-ministro, que foi o primeiro que adotou a austeridade na corrução.

No lado oposto passeia o Dr. Vesgo, que fala sempre a favor do governo popular, que detesta, para nos fazer voltar à monarquia, que ninguém deseja.

Na tribuna está falando agora o Sr. Patranha, defensor dos interesses positivos da república, sempre que tais interesses se ligam com os seus.

Todos os deputados que tenho mencionado são chefes de outros tantos partidos, que se coligam Aquando se não podem destruir mutuamente.

O mais numeroso dos partidos é o chamado dos equilibristas, composto dos indivíduos que sabem conservar a posição com todos os ministérios, e cuja opinião se resume num ou mais lugares de bom ordenado. Também lhes

chamam conservadores, por causa do afinco e do zelo com que conservam os lugares, subsídios e pensões. Os seus mais implacáveis adversários estão no partido dos aspirantes, o qual compreende todos os indivíduos que já foram ministros, e todos que o desejam e pretendem ser.

Entre os dois partidos andam pairando os independentes. A política deste partido é semelhante ao andar de um homem embriagado, e quando parece que os independentes se vão inclinando para a esquerda, eis que de súbito se chegam para a direita, unicamente como demonstração de que não andam nunca numa só direção.

Temos além destes grupos mais consideráveis e considerados, uma dúzia de fações, ora separadas, ora unidas, que servem para determinar a força e a significação da maioria: é delas que dependem certas votações em que a câmara contradiz numa o que decidiu na outra.

O Dr. Universal não pôde continuar a sua revista, porque a atenção de Maurício se voltou toda para a câmara.

Finda a leitura do projeto, o presidente cantou o que o regimento marcava como sinal de começar a interpelação, dada para ordem do dia.

Eram motivos do negro melro entremeados com fantasias do carnaval de Veneza: Maurício só compreendeu estes dois versos repetidos mais de uma vez:

Eu perdi o meu ourelo

Eu perdi-o, e vós traze-lo.

Um dos deputados que ainda tinha a palavra para antes da ordem do dia, não se mostrava satisfeito, e mal o presidente se sentou, e enquanto o orador chamado à tribuna caminhava para ela, carregado de livros-e de papeis, começou na toada do toque de recolher dos caçadores do século dezanove a cantar:

Fui bailar, caí na festa,

Nunca mais me verão nela.

E pondo o chapéu saiu da sala, indignado contra a presidência e contra os colegas.

Maurício reconheceu no orador que já estava na tribuna o célebre Isac Ferro.

O académico notou que era neste ponto que começava o verdadeiro interesse da sessão, e que tudo quanto se havia passado era obra de dez ou doze

comparsas, encarregados do prologo chamado — antes da ordem do dia — ; e que apenas serviam para encher tempo, e nada mais. Eram como o copo de absinto que se bebe antes do jantar, não porque seja agradável ao gosto, mas porque desenvolve o apetite.

O ilustre fabricante tinha a barba metida na gravata, e os braços cruzados sobre o peito, indícios seguros de profunda meditação.

Olhou por algum tempo para a assembleia, estendeu o braço direito, e começou a bater aereamente o compasso das frases do seu discurso, em voz ora de trompa, ora de flauta.

Para sermos exatos, nesta parte da sessão vamos copiar do Diário de Sem-Igual, folha oficial da Republica dos Interesses-Unidos, a íntegra da sessão:

«Senhores! Por mais firme que seja a resolução de um homem público, para desempenhar o seu dever, existem ocasiões em que a sua missão é um doloroso encargo, e nas quais ele inveja a posição dos homens sem responsabilidade, que podem subordinar a convicção ás simpatias, concedendo aos amigos, com quem não concordam o favor do silencio.

«Desgraçadamente não é esta a minha situação, nem a dos meus amigos. Investidos de uma missão política, devemos aos eleitores, e à própria

consciência, a obrigação de manifestarmos francamente a nossa opinião.

«Por muito tempo confiamos em que os factos esclarecessem os cavalheiros que nos governam, mas essa esperança foi sem efeito, e prolonga-la seria impossível.

«A salvação da república deve ser a lei de nós todos — a suprema lei que regule as ações e os pensamentos; devemos dize-lo, com a mão na consciência — é chegado o momento de a perder ou de a salvar.

(Rumor no centro. Aplausos nas extremidades. Agitação. O orador bebe água com açucar.)

«Sim, senhores, a situação nunca foi mais assustadora do que ao presente. O futuro é medonho. Olhando para o interior ou exterior, tudo nos atemoriza. A república parece-nos uma locomotiva guiada por mão inábil, que estremece contrariada nos movimentos, fazendo gemer as rodas como se fosse saltar pelos ares.

(Profunda sensação.)

«É nesta situação que nos falam em impor novos tributos à nação, e nos apresentam essas tabelas que hão de levar a pele ao povo, tributando desde o leite da burra, que alimenta os nossos tísicos, até ás rodas dos moinhos de café, que nos enfeitam as cozinhas à sombra do ramo de louro, que nos aguça o apetite!

«Pedem-nos um crédito de duzentos milhões, e repetem os arautos do poder, enganei-me — os arautos de todos os poderes — que isto é um simples voto de confiança. Pois bem, seja: mas vejamos primeiramente o que tem feito o governo para merece-la.

(Movimento em toda a câmara. O orador começando a entusiasmar-se bebe mais, água com açucar.)

Podia multiplicar as censuras neste ponto até ao infinito; mas serei moderado. Não repetirei as acusações dirigidas tantas vezes ao poder; quanto aos remédios aconselhados pelo médico ministerial peço licença para os apreciar — rindo-me.

(Riso geral. Interrupção. O Dr. Esculápio pede a palavra para uma explicação, e canta enfurecido:)

Si in medicinis

Te visitamus….

(Restabelecido o silêncio continua o orador:)

Examinarei um só dos atos do poder, o mais recente, e basta ele para nos dar a medida exata da habilidade, tato e política dos homens que estão à frente do governo.

Quando falo assim todos compreendem que as minhas palavras se referem a quem me pode responder, aos ministros que estão naquelas cadeiras, os únicos responsáveis, e que julgo culpados. Há um nome que deve sempre ficar fora de todas as nossas discussões; sei que as minhas observações não podem ir além da esfera inviolável, onde reside o chefe do estado — impecável e impassível, aconteça o que acontecer.

(Aprovação geral.)

Mas os agentes da sua administração, esses estão sujeitos à nossa vigilância, e a constituição permite-nos o exame dos seus atos.

(O silencio é tal que se ouve o voar das moscas.)

Quando disse há pouco que examinaria um só ato do poder, para o julgar e condenar no seu sistema governativo, todos compreenderam que me referia tá supressão dos três pares de luvas oferecidos pela república aos defensores das suas colonias: supressão que desorganizou e indignou o exército.

O general Patarata: — É verdade, foi ideia de um homem de saias.

Vozes de advogados: — Isso é insultar a Camara.

Outras vozes: — Não é.

Um antigo farmacêutico, antigo regedor: — É uma indecência.

Vozes gerais: "à ordem, à ordem."

(O general Patarata põe o chapéu armado de lado, torce os bigodes, e fica em atitude

ameaçadora: a gritaria aumenta até que o presidente consultando o regimento canta:)

Meno fúria, meu senhor.

(O general senta-se, cessa o tumulto, e o orador segue no seu discurso.)

Convém advertir que esta supressão inepta se levou a efeito, com manifesta ofensa das prerrogativas das câmaras. O governo ligou assim a ilegalidade com a ignorância. Sinto ter de o dizer, mas esta importantíssima resolução, quem o acreditará! Foi obra de um decreto!

(Sensação profunda.)

O Dr. Digesto brada com energia: — O ato é contrário a todas as praxes do processo, quero dizer aos artigos da Constituição.

Muitas vozes: "É verdade. É verdade."

Outras vozes: "Não é verdade, não é verdade..."

(Os ministros olham inquietos uns para os outros: o tumulto é cada vez mais horrível. A final o presidente consultando o regimento pega num folheto de papel quase pardo, e acompanhado pelos tambores e zabumbas canta:)

Já me vai chegando muito

Toda a mostarda ao nariz:

Ninguém deve respingar-me

Que aqui sou eu juiz.

O Sr. Isac Ferro: *(continuou dirigindo-se para o governo)*

«E qual era o vosso fim, ministro da cadeira, ousando empreender esse golpe de estado? Adivinho, — o vosso orgulho, não consente que as mãos que defendem a pátria calcem luvas como as vossas.

O Sr. Vesgo: — Podíeis ter respeitado as aparências, não dando as luvas aos soldados, mas conservando no orçamento a verba respetiva, pois que deste

modo, ao menos pouca gente saberia do facto, e ficava salva a honra nacional.

O Sr. Grave: *(com gesto de aprovação)* — Era o que se devia ter feito.

O Sr. Isac Ferro: *(continuando)*

«Procedestes como é do vosso costume, com audácia e leviandade: são estas as duas bases únicas da vossa política. A elas deveis os feitos gloriosos da vossa administração, como disse um dos profundos pensadores do tempo, quando descrevem a fortuna ministerial dizendo: Subiram porque estavam vazios.

(Movimento na assembleia; todos os olhos se voltam para o Sr. Tácito, que dorme a sono solto; risadas e aplausos.)

«Em consequência do que tenho exposto, com a franqueza que me caracteriza, proponho à câmara o seguinte projeto de lei:

Artigo 1.°

A câmara declara que não aprova o decreto com que o governo ofende o

exército, e decide que se conceda a cada soldado, tanto do continente como do ultramar, seis pares de luvas, em vez de três pares que lhe concedia a tarifa de 2 809.

Art. 2.°

As luvas de que trata o artigo antecedente serão de algodão nacional, com elástico para os punhos.

Art. 3.°

Deverão ser distribuídas a todos os regimentos, três dias antes da promulgação desta lei.

Art. 4.°

Não sendo possível, que os ministros atuais procedam com imparcialidade à distribuição ordenada no artigo antecedente, são convidados pela câmara a legarem esse encargo aos seus sucessores.

Finda a leitura desta proposta o Sr. Isac Ferro desceu da tribuna, e foi cumprimentado, não só pelos numerosos amigos, mas também pelas frações flutuantes da câmara, e pelos independentes.

Gomo a narrativa do resto da sessão veio adulterada no Diário Oficial, somos obrigados a recorrer ao jornal da oposição mais descabelada, onde a encontraremos com este título em lugar de artigo de fundo:

ESCÂNDALO E MAIS ESCÂNDALO

Quando o novo apóstolo da corrução desceu da tribuna, trazendo na mão o preço corrente das consciências, o ministro do reino fingiu querer subir a ela para desafrontar o gabinete; mas o ministro das obras públicas disputou-lhe o passo, e a final veio o ministro dos estrangeiros querer tomar a dianteira aos seus colegas. Houve acalorada discussão entre os ministros, a qual cessou tomando a câmara uma atitude digna dos antigos congressos constituintes, e gritando todos votos, votos, no delírio da eloquência e do convencimento.

O presidente, não obstante o muito que os ministros lhe tocavam nos arames, em lugar de obedecer ao telégrafo, teve desta vez que obedecer cá câmara. A proposta do Sr. Isac Ferro, que se deve chamar doravante Isac Ventoinha, foi posta a votos.

Artigo 1.°:

Numero de votantes — 613

Esferas pretas — 290

Esferas brancas — 323

A câmara aprova.

Os ministros arrancam os cabelos, os que não são calvos, e todos abraçam as pastas com afeto.

Os artigos 2.° e 3.° são igualmente aprovados.

Os ministros vão cair desmaiados nos braços dos correios, quando o presidente com gesto de raposa começa a ler pausadamente o artigo 4.° o gabinete sai da sala, e entra imediatamente para um dos cubículos das comissões.

O artigo 4.° é também aprovado sem discussão.

Como não seguimos o prudente uso dos antigos parlamentos, e votamos a generalidade depois da especialidade, foi esta oportunidade habilmente aproveitada pelos ministros, que avisados por um recadista entraram na câmara radiantes de satisfação, como se fossem frades a caminhar para o refeitório.

O Sr. Isac Ferro recebe logo um bilhete em papel cor de rosa de xadrez.

O país deve saber o seu conteúdo, e nós vamos dize-lo, porque já não é segredo para ninguém — era o seguinte:

«De amanhã em diante será proibida a importação dos colchetes estrangeiros.»

As galerias atiraram ás faces do Sr. Isac um sorriso de desprezo, quando o viram meter na algibeira o bilhete com a esfera branca. O seu voto contra a proposta de que era autor foi a apoteose do cinismo.

Outro bilhete amoroso, noticiou ao Sr. Digesto, que estava nomeado procurador geral da coroa; e um terceiro, da mesma força corrutora, participou ao general Patarata, que estava comandante da mais importante divisão, com tantas forragens quantos fossem os dentes do seu filho mais novo, que tinha 16 anos.

Um dos heróis da maioria, confidente dos ministros, veio segredar aos ouvidos do Sr. Grave; mas tão desprevenido que um dos nossos amigos ouviu a fraternal advertência, de que se iam publicar certas cartas a uma titular, com as respetivas respostas, tradução livre da correspondência de Heloísa e Abeilard.

Um outro confidente, tão pouco discreto como o antecedente, disse a Tacito, que o seu sobrinho ia ser despachado, numa das reformas das secretarias, e que a sua mana teria uma administração do tabaco.

Diziam nos antigos séculos que as casacas se voltavam: os nossos leitores vão pasmar como as ceroulas se voltam no ano 3000, em que estamos. Só dois pares ficaram firmes, porque os nossos colegas na redação, não são homens de se bandear ao poder, nem que ofendam a decência pública.

Veja o país com espanto o resultado da votação da generalidade de uma proposta já aprovada por artigos.

Votantes — 613

Esferas pretas — 611

Esferas brancas — 2

A câmara rejeita portanto a proposta!!!

Escândalo e mais escândalo. Não admirará se amanhã anunciarem que se abriu uma loja onde se comprem e vendam votos.

Maurício à vista do exposto chorou pelos Catões parlamentares do seu tempo!

CAPÍTULO XII

Marcelus aquele devoto comilão da ceia de Lady Fácil, tinha combinado com Maurício para num dia determinado se encontrarem no Café-Concerto dos dois mundos, que se acabava desconcertar de alguns desconcertos que havia levado até ao passeio público da capital.

No dia aprazado com uma carta topográfica da cidade na mão foi ter ao sitio determinado.

O Sr. Marcelus jogava o bilhar com sir Louse Viajante, missionário de origem inglesa, que exercia as profissões de dentista, pastor evangélico, segundo a sua frase, e vendedor de géneros coloniais.

Sir Louse Viajante havia percorrido todas as terras-idolatras do mundo, em nome e por ordem de uma sociedade de propagação, e facilmente obteve merecer a confiança plena dos povos bárbaros!

Não imitou esses rabugentos apóstolos católicos, que sem outras armas que não fossem um livro de orações, e um crucifixo, se apresentavam ás tribos selvagens, como enviados verdadeiros de Deus, para lhes intimar que

abjurassem o erro.

O missionário inglês desprezando tais exemplos já cediços de velhos, resignava-se a participar do erro em que viviam os bárbaros, com tanto que ele fosse proveitoso ás suas crenças, e ao seu comercio, renovando assim a história de Alcibíades.

Em obediência à sua missão passou por circunsivo em Mascat, foi marido de doze mulheres nas ilhas Marianas: negociante de escravos no Zanguebar, e semi-antropófago nas ilhas Sandwiches, sempre sem quebrar a sua fé, que era de torcer, o tudo por conta da humanitária sociedade que representava.

Tais eram os meios eficazes de que se tinha servido sir Louse para distribuir muitos centenares de sermões impressos, destinados a educar os idolatras, que não sabiam ler, e a facilitar a venda de muitas carregações de mercadorias avariadas.

Marcelus não era ovelha do rebanho de sir Louse, e não obstante vivia com ele na maior intimidade, pois que sempre lhe trazia bons presentes das suas digressões, talvez com o fim reservado de adquirir tão proveitoso adepto para a religião novissimamente reformada.

O Sr. Marcelus apresentou o seu amigo a Maurício, o como galanteria o missionário inglês dançou com uma das frequentadoras do Café alguns passos

de uma polka, que não tinha cativado as simpatias da policia.

A dança continuaria por muito tempo, se Maurício não recordasse ao Sr. Marcelus a promessa feita de lhe explicar a nova religião, conhecida na capital com o título de religião nacional.

Saíram portanto os dois conhecidos, depois de se despedirem de sir Louse, e foram procurar Fr. Camaleão; mas ao passarem pelo Largo dos Anúncios, viram um daqueles imensos e retumbantes cartazes que denunciam ao longe a Imprensa Universal.

Marcelus exclamou:

— É a abertura do paraíso, deixai-me ver bem que mo não engano.

Parando a distância de poucos passos, leram o seguinte cartaz:

SALA DO PARAÍSO

BAILE DE MASCARAS

DOMINGO à NOITE

ESTUPENDA FUNÇÃO

A FESTA DOS SELVAGENS

Duas mil mulheres pertencentes ao estabelecimento executarão danças adequadas ao seu carater

Os homens receberão ao entrai uma senha indicando o número de ordem ou de policia da parceira com quem deverão dançar durante o baile.

O meritíssimo inspetor não permite que se troquem as referidas senhas, a bem da ordem pública. Figurino adotado, o que representa os indígenas da América antes da descoberta do novo mundo, com a cláusula de que as luvas são obrigatórias para ambos os sexos.

Haverá uma casa especial para se guardarem as bengalas e chapéus de chuva.

Entrada uma libra

O devoto e folgazão Marcelus logo que findou a leitura do cartaz foi comprar um bilhete, depois do que disse a Maurício:

— Ainda fui a tempo. Daqui a cinco minutos já seria tarde, e não teria par. Deram-me a senha 1983, que representa uma parceira loura com vinte anos, quando eu não posso olhar senão para as mulheres de cabelo preto... mas enfim que remedio haverá senão aceitar as mortificações, quando elas se oferecem,

ainda que seja a preço de ouro. Desculpai-me se vos deixo, mas devo prevenir o presidente da sociedade dos bons costumes, para quem estava compondo um relatório, que motivos inesperados me obrigam a retardar o meu trabalho.

Ensinou a Maurício onde ficava o novo templo, e despediu-se abreviadamente dele.

Era a primeira vez que o nosso ressuscitado se via só nas ruas da capital da república dos Interesses-Unidos.

Começou atentamente a examinar certas circunstâncias em que ainda não tinha reparado.

Citaremos algumas.

Os moradores das diferentes casas tinham tabuletas sobre as portas, ou nas janelas com o seu nome e profissão. A cidade era portanto como um Almanak muito mais perfeito do que os publicados no século dezanove, com as moradas dos mortos e ausentes, e as numerações das portas trocadas.

Á entrada de cada prédio havia um mecanismo adequado, com tantas cadeiras quantos eram os inquilinos, e todas com a indicação do andar a que pertenciam.

Quem entrava na loja de qualquer casa, tomava assento na cadeira do andar para onde ia, carregava numa mola, e era imediatamente guindado até à porta que procurava.

Maurício viu também uma sala de baile na qual os pares dançantes, davam movimento a um par de mós de um moinho de trigo; fazendo também reparo nos carros que na volta do terreiro, e quando vinham descarregados, punham a girar fusos mecânicos que dobavam algodão.

De espaço a espaço as ruas eram atravessadas por viadutos pelos quais voava assobiando a locomotiva, ora movida pelo vapor, ora por outras novas forças desconhecidas séculos antes.

Os fios do telégrafo elétrico chegavam em certos pontos a escurecer a atmosfera.

Os para-raios eram aos milhares, e subindo até prodigiosa altura, sustentavam em si perpetuamente a eletricidade em proveito dos douradores, das empresas de ónibus galvânicos, e das companhias de iluminação.

Debaixo de cada rua corria uma outra, ao longo da qual se estendiam milhares de encanamentos de ferro., distribuindo por toda a cidade o calor, a luz e a água.

Maurício ouvia ecoar por baixo dos -pés a voz dos operários misturada com o sibilar do vento, o crepitar das chamas, e o rumor confuso de centenares de passos.

Era em verdade uma cidade servindo de base a outra.

Na capital subterrânea se elaborava a vida da capital que resplandecia à luz do sol.

Maurício foi arrebatado dos seus pensamentos pelo valente encontrão de um passeante, que vinha todo embasbacado para as janelas.

Era um homem robusto, queimado pelo sol, trazendo na cabeça um chapéu de palha com amplíssimas abas, e ao pescoço muitos cordões de ouro.

Produziu no ressuscitado o efeito de qualquer dos passageiros, que no seu tempo enriqueciam as companhias transatlânticas. Nem o anel de chapa, faltava no dedo indicador do tal mocetão.

Maurício o julgou como vindo da terra onde

Tem valor só a prata e o ouro,

Branco açúcar, rijo couro,

É melhor ter que virtude;

Pelo menos assim pensa

Gente douta e povo rude.

Existe um magnetismo natural que nos leva a procurar com a vista a parte para onde vem olhando qualquer pessoa, que encontramos.

Assim aconteceu a Maurício, e voltando a cara para o lado leu sobre uma porta este dístico:

EXPOSIÇÃO DOS TEMPOS PRIMITIVOS

ou

A BELA SELVAGEM PORTUGUESA

Entrou depois de pagar a entrada já reduzida a 4 réis, como dizia o cartaz, em virtude da paixão do empresário pelo respeitável público.

Como o papel impresso que lhe deram, supre muito bem a descrição do que viu, aqui o inserimos:

Uma fraldilha vestida

Trazia ela de pombinho,

Com pospontos um sainho

De arenoso,

Um corpinho muito custoso

Do chamalote encarnado,

De veludo debruado

Com pestanas,

Que era inveja das serranas,

E dos pegureiros fala;

Baetilas de Bengala

Mui singela,

Fita de seda amarela

Que por baixo reluzia,

Que à cinta tudo a fazia

Mais formosa;

Continhas do pau de reza

Cordão de linhas bem finas,

Gavarin com mil boninas

Debuxado,

Capirote laranjado,

Surrão de branco cordeiro,

Cajadinho de salgueiro

Traz na mão.

Maurício não se podia recordar que no seu tempo tivesse notícia de pastores tão pitorescos, e admirou as tendências clássicas das povoações do ano 3000, que andavam constantemente a recuar o carro da civilização para as escavações literárias, que no século dezanove unicamente se faziam com subsídio dos governos.

Ao sair da exposição da pastora clássica, Maurício vinha repetindo de si para si:

Porém a larga história

Da minha vida triste,

Tão diferente é já, da que me ouvistes.

Como eu de quem era

Sou qual estio após a primavera.

Maurício chegou a uma praça, a que chamavam dos fenómenos, e como se não queria demorar para não esquecer o caminho que Marcelus lhe tinha ensinado, apressou o passo, e pouca atenção prestou ás diferentes barracas e teatros ambulantes, que transformavam a praça numa feira,

Já ia quase na extremidade oposta da praça, e acabava de se livrar de um explicador de câmara ótica, que mostrava o mundo de pernas para o ar, quando se lhe perfila diante um homem disparando-lhe estas palavras ao ouvido:

— A galinha falante! meu senhor, por dez réis venha ver o fenómeno dos fenómenos! Eu sou descendente de Herman, e dou amanhã uma recita em beneficio de todos os asilos existentes. Dez réis uma cena de galinha falante! Entrem, meus senhores, que só há lugar nas dobradiças.

Maurício agarrado pelo homem como o amador da Outra-banda pelo impertinente barqueiro, foi entrando pela barraca, que estava forrada de artigos de jornais das diferentes nações em louvor do novo Herman. Uma orquestra de pifanos e berimbaus executou magistralmente a Casta Diva. Levantado o pano

apareceu em cena uma galinha com as azas depenadas, e acocorada sobre um cesto de rosas.

Era a galinha falante!

O ventríloquo insigne, saiu do bastidor vestido de mulher, e começou neste ponto, entre bravos surpreendedores do público a seguinte cena:

GALINHA

Acode-me, filha;

Que estou há meia hora

A cacarejar.

CORO DE CAMAFEUS

Que triste cantar É o cacarejar.

DAMA

Mas não te agastes,

Que eu vou-te soltar.

GALINHA

Vem já, que não posso

Mais tempo penar.

DAMA

(voltada para o público.)

Que é pena, que e magoa,

Que uma ave de pena

Não possa voar.

As palmas retumbaram e os pombinhos voaram sobre o palco, juntamente com as coroas e os ramos.

Maurício sem esperar o fim da ovação já estafa fora, não só da barraca magica, mas também da praça dos fenómenos, e ainda se admirava da boa fé de tanta gente, que não percebeu, que a martirizada galinha falava pela boca do

filantrópico ventríloquo.

Ao voltar de uma rua percebe que se perdeu, e dá consigo na praia onde fica por algum tempo a ver navios.

E neste momento que um vulto humano com formas colossais, surge do mergulho que o sumia na água ás vistas de Maurício.

Um Tritão todo coberto

De marisco e verde limo,

Traz somente descoberto

O nariz agudo e frio.

Saindo da água o Tritão de forma humana ameaça Maurício, que se julga um pigmeu vendo ao pé de si aquele monte de carne e ossos, em que julga perceber escama de peixe.

Como não sabia a língua que ele entenderia, reúne as reminiscências do tempo em que andava entre gente do seu século, e nestes termos e línguas, tenta sossega-lo:

Basta já, senhor Tritão,

Per pietá, Tritone amato,

Triton Ican no more,

Prudence, seigneur Triton,

Ó Triton, esto pacato.

Corde, animo, nasce e ore.

O anfíbio humano não se demovia da sua fúria, e já Maurício mentalmente poderia dizer:

Eis que as bochechas engrossa,

Ai de mim onde esconder-me,

…quando um sujeito risonho, e com trajes de arlequim, lhe aparece ao lado dizendo:

— Não se enfade com o meu gigante, que acumula também a particularidade de ser menino gordo. É uma pobre crença, que estranha a liberdade, assim como quem o vê pela primeira vez estranha os seus oito pés de altura. Todos os dias aqui o venho banhar para logo poder aparecer, na praça dos fenómenos, vestido de zéfiro, sem que por falta de asseio as damas deixem de honrar a nossa barraca.

Maurício perguntou ao arlequim onde era a igreja nacional, e depois de o gratificar seguiu o caminho que lhe indicou.

Ao voltar de uma esquina, reparou em alguns indivíduos que estavam à porta de uma loja, discutindo com certa vivacidade de gestos.

O mais velho de entre eles, depois de o saudar atenciosamente, pediu-lhe o favor de se aproximar dos seus companheiros. Aceite o convite, o hóspede de Maurício foi instado por todos para assinar o requerimento contra os novos projetos do ministro de fazenda.

— Eu não sou deste século, meus senhores, pertenço ao museu, e nada tenho com as contribuições da república.

— Está o Sr. perfeitamente enganado, disse um dos assistentes em voz de tiple.

— Ora veja, acrescentou outro, sacando dos bolsos das ceroulas dois maços

de papéis...

— Mas se permitem continuo o meu caminho...

— Tenha paciência, prosseguiu o que estava armado com os dois rolos de papel... Este é o projeto do governo, e este o parecer K K K da comissão de fazenda. Do projeto escapava o senhor, mas do parecer não tenha medo dessa. Aqui está... Tabela! Y classe 102... homem exótico, em terra de qualquer ordem:

Exposto em teatro — 13 000

» em barraca — 6 000

» em casa particular — 3 000

Andando em liberdade — 1 500

— Esta última é a sua hipótese.

— Ergo deve assinar, acudiu o tiple.

— Se me dispensam agradecerei o seu obséquio...

A este tempo saltou por cima do balcão um caixeiro todo secio, estacando mesmo em frente de Maurício, e trazendo um papel na mão.

— Ao meu requerimento é que se não resiste — é a favor das touradas... no

seu tempo aquilo é que eram touros... não é assim?

— Ainda vivem os louros! exclamou involuntariamente Maurício.

— E porque não!... Amanhã temos uma corrida esplêndida... em beneficio do asilo... o gado é de esmola... todas as lavouras serão representadas: o cartaz diz que todas as senhoras da primeira nobreza se dignam oferecer os enfeites para os bichos, trazendo cada um nas armas a divisa da sua dama: se duvida eu lhe vou buscar a folha oficial, e lerá o anuncio textualmente, como lho estou dizendo.

— Eu não duvido, mas não assigno para me não comprometer.

— Bem se vê que no seu século não se conhecia nem usava o direito sagrado de petição.

Maurício obteve convence-los, que sendo estranho na cidade, e até no século devia abster-se de tomar parte nas questões nacionais: e feitas as recíprocas despedidas continuou o seu caminho.

Começava a chover; vendo-se sem chapéu para se livrar da chuva, pensava em se recolher em qualquer loja quando leu numa amplíssima tabuleta:

LEILÕES

PERMANENTES E CONTÍNUOS

OBJETO POSTO EM PRAÇA NÃO SE RETIRA

VENDA QUASE DE GRAÇA

DEZ MILHÕES DE CHAPÉUS DE CHUVA E DE SOL, VINTE MILHÕES DE CEROULAS DA ÚLTIMA MODA, E VÁRIOS OUTROS OBJETOS PRESENTES NO ATO DO LEILÃO

O CORRETOR SEM NÚMEROS

Bento da Boa Fé

Maurício entrou, e poucos instantes depois um individuo mal encarado e mal trajado se aproximou dele, e lhe disse ao ouvido:

— O nosso compadre diretor do estabelecimento pede-lhe que lance em tudo, e que vá picando sempre.

— Apenas careço de um chapéu de chuva e nada mais.

O interlocutor mal isto ouviu desapareceu entre os concorrentes, mas logo voltou, e chegando-se a Maurício disse-lhe:

— Aqui estão dois chapéus em lugar de um... mas cubra sempre o último lance... Ande, homem... ponha mais cinco réis... que o ramo vai ser entregue… nós aqui mais de metade somos compadres...

— E o resto?

— São patos disfarçados em gente, disse em voz baixa o chefe do estado maior do corretor de leilões.

Maurício largando os dois chapéus saiu sem eles, e com uma ilusão de menos.

No ano 3000 a humanidade permanecia estacionaria até nos leilões de especulação.

O tempo tinha estiado, e o sol refletia de nuvem em nuvem a luz corada com que ao cair da tarde, se despede de uma parte da terra. _

Era melancolicamente agradável contemplar como o campo agradecia a fertilidade com que as águas do céu lhe fecundavam a vegetação.

As flores silvestres desabrochavam exalando o perfume variado das campinas: as folhas das árvores desprendiam de si, como lágrimas de alegria, as gotas de água que resvalavam de tronco em tronco até se sumirem na solo.

Ao longe o arco iris, desenhava-se vivo e belo na abobada negra de uma parte do firmamento.

Os regatos murmurando mais alto a corrente, anunciando que vinha perto a hora em que cessa o bulício do homem para que as harmonias da natureza, acompanhem a voz eterna de Deus.

Como era belo este quadro! Gomo eram grandiosas as ideias que suscitava na mente!

A imaginação floria, como a planta, o animo erguia-se, como o arbusto, e o coração sentia regozijo, porque a terra estava satisfeita e louvava o Senhor no encantado e misterioso concerto dos seus milhares de vozes..

Tais eram os pensamentos de Maurício quando percebeu que tinha passado as barreiras da cidade. Era este um dos últimos marcos do seu itinerário, e do mundo ideal das ilusões caiu sobre a dureza da triste realidade!

Tinha andado mais alguns passos quando parou oprimido pela crise da transição: tanto é certo que o meditar opera prodígios de sentimento!

Maurício avistando já perto o edifício que lie tinham indicado como sendo a igreja nacional, não podia desviar da lembrança as maravilhas da civilização do ano 3000.

Contemplava com desconforto a obra do progresso humano!

Entre tantos aperfeiçoamentos da matéria, procurou o homem, e deu com ele tão pobre de recursos próprios, tão vicioso e inconstante como no seu tempo.

Todos os rostos que encontrou eram a imagem do sofrimento ou da dúvida.

Não compreendia o efeito de tantos esforços da indústria, porque via os homens tão pobres como o eram no seu século.

Não atinou com a igualdade, nem com a fraternidade humana entre tantos milagres do cálculo.

E pensava no que teria sido da religião verdadeira, que liga os homens uns com os outros, como irmãos, mostrando o caminho da bem-aventurança eterna na prática das virtudes.

Ora foi neste momento, que erguendo as vistas, e parando na meditação em que vinha, conheceu que estava ao pé de um vasto edifício que tinha esculpido no frontão em letras de bronze:

IGREJA NACIONAL

Entrou.

O templo do ano 3000 era uma antiga praça de leilões, pintada e atapetada

por conta da nova religião.

No lugar da pia da água benta estavam cabides para as bengalas e chapéus de chuva.

Os ofícios idolatras tinham acabado, e o padre nacional, como lhe chamavam, comodamente sentado num sofá, pregava uma extrema diatribe contra as outras religiões, que se não prestavam a seguir na transformação das ideias os progressos das luzes. Anatematizou o uso de uma língua morta como expressão de culto, e provou citando Tácito, Cícero, Tertuliano e Santo Agostinho, que se devia ignorar e condenar o latim, acabando o seu discurso pela apoteose do cultivo do sorgo, e da criação do bicho da seda!

Finda a prédica saiu do templo o auditório, que apenas «e compunha de trinta pessoas.

Maurício ia também sair, quando viu que um operário, que havia assistido ao sermão, com visíveis gestos de impaciência, veio tomar o passo ao pregador, que se encaminhava para a porta.

— Faça favor, meu padre, e dizendo isto, o operário levou a mão aos cabelos, como se quisesse tirar um barrete. Posso saber se tenho a honra de falar ao fundador da igreja nacional?

— Em carne e osso! acrescentou o pregador com sorriso vaidoso.

— Nesse caso, replicou o operário, que já estava entre as dez e as onze, é o Sr. Frei Camaleão, o verdadeiro e único Frei Camaleão?

— Sem duvida alguma.

O operário deu-lhe no estomago um murro de amizade.

Frei Camaleão não estava menos alegre do que o seu interlocutor, e de ambos se podia dizer:

Ah! quantas vezes,

Sem se assustarem

De mil revezes

Que a história aponta,

Guerra empreenderam

Contra esquadrões.

Em ala postos

De garrafões.

A que arrancaram

Rolhas teimosas,

E despejaram

Nas sequiosas

Goelas vorazes;

Sem um momento,

Ouvido a pazes

Quererem dar.

Depois tocando

Na dócil lira,

E descantando

Suas vitorias,

Nos descreveram,

Quanto beberam.

A viajar,

O Tejo e Nilo

Talvez bebessem

Se em vinho os rios

Se convertessem:

Pois há quem diga

Que transportados

Em alegria.

E coroados

De verdes parras,

A Baco um dia

Quais estiveram

Para votar

Que o mesmo mar

Enxugariam;

Se as suas águas

Baco pudesse

Vinho tomar.

Com o punho ainda cerrado, o desequilibrado operário exclama:

— Estou com o meu homem!... Desde pela manhã que ando pelas vendas de vinho para saber onde era à igreja nacional, nenhum lhe sabia o poiso!...

— Quereis dirigir-me alguma pergunta? disse o pregador para investir sem rodeios com a questão.

— Quero fazer-vos vinte ou mais perguntas, replicou o operário, porque todos me dizem que sois um bom patusco, e eu morro por quem está sempre alegre!...

— Dizei o que me quereis?

— Devagar se vai ao longe, isto não vai a matar!... Começarei pelo princípio. As coisas significam o que representam, e a circunstância do objeto ficará desconhecida, se eu, apesar de homem rude, me não explicar, como quem sabe o nome ás coisas, e não ignora o nome aos bois. Ora, meu padreca... eu chamo-me Aniceto, e não me envergonho de apresentar as mãos calejadas, porque o homem significa o que representa, isto é um modo de falar. Tenho uma filha com doze anos que ajuda a mãe a cardar lã para colchões, o que não é pecado, segundo me parece, salvo o respeito à sua opinião: mas eu sendo rústico sei que dois e dois são quatro, e, louvado Deus, não ando com as mãos pelo chão...

Tenho muita honra em ser artista e trabalhar...

— O trabalho é um dever...

— É o que digo todos os dias à minha filha, apesar de que Tomás nem sempre prega o que faz. O trabalho é um dever para a mulher... mas a mãe, que tem algumas teias de aranha na cabeça, quer que a rapariga comungue, e vá ao catecismo... Ora isto de opiniões são como o vinho... cada um tem o seu gosto e o seu freguês, e fui portanto procurar o pároco, e dei-lhe parte do caso...

— E que vos respondeu?

— Aí é que bate o ponto: disse-me que para comungar era preciso cada um saber o que fazia; como cada um é como cada qual, não estou pelos autos. Como é possível que a rapariga vá ao catecismo e me deixe o trabalho!... Se me sai de casa, trabalha e ganha menos. Sabeis o que me respondeu? É preciso que todos saibam a religião em que vivem. Não me oponho, repliquei eu, com tanto que não aprenda o catecismo a cardar a lã; não pode ser por menos. Ora isto era claro como a luz do dia; mas o bom do padre fez-se de novas, e não me entendeu.

Frei Camaleão encolheu os ombros, e disse com modos catequizadores:

— Não me admira. O clero não entende quais são as verdadeiras necessidades do povo. Trazei-me vossa filha, e a mãe ficará contente...

— Mas não fale em catecismo! meu herói.

— Para que? A ciência não serve de coisa alguma. A igreja nacional só exige a boa vontade, e nada mais.

Aniceto batia as palmas de satisfeito.

— Isto é que é uma religião, o mais é história! A boa vontade não evita dinheiro, e não arruína ninguém. Tomai-me a rol na vossa freguesia, quero ser vosso freguês... e haveis de enterrar minha mulher quando ela morrer.

— O que precisamos unicamente é a certidão do batismo da morgada.

O operário olhou atónito para o sacerdote do novo culto, e torcendo o barrete, como se estivera ensaboando, titubeou:

— Ah! sim, a certidão do batismo... Ora essa... e não nos poderemos arranjar sem esse luxo?

— Talvez.

— Foi o caso que... ora oiça... Como eu e a mãe temos sempre muito que fazer... não se pode apostar, nem meio quartilho que a pequena fosse batizada com toda a perfeição.

— Podeis reparar o esquecimento?

— Não digo que não... mas a coisa custa oito tostões, o preço de oito garrafas

de vinho, e não há de ser do melhor! E para além do mais ela tem nome: todos lhe chamam Rosa.

— Quase que tendes razão. A igreja nacional não é exigente; havemos de arranjar tudo ás mil maravilhas.

— Venha esse abraço... o senhor é que é um padre, tudo o mais é história. Está dito. não me convém outra religião.

— Ficamos de acordo, redarguiu o pregador sorrindo; e basta que a vossa mulher apresente a certidão do casamento.

Aniceto fez um destes movimentos nervosos com a cabeça como de quem sem querer engole um osso.

— Ah! é preciso a certidão do casamento?

— Indispensável!

O operário coçou a cabeça com ambas as mãos.

— Vamos de mal a pior, redarguiu ele balbuciando... Não respondo que ache o documento porque temos viajado muito, e nas viagens sempre se perdem os papeis... tanto mais que a minha mulher e eu não nos lembramos de ter ido à igreja para a tal cerimónia.

— O caso é sério!

— Meu padre, a economia é também quem tem a culpa! Bem sabeis que o casamento também custa dinheiro... oito tostões, como o batizado... e na situação em que vivemos olhamos para todas as despesas, e sofremos com paciência certas privações...

— Tendes razão, observou o representante da nova igreja. Deus perdoou à mulher adúltera!

— Nesse caso...

— Acharemos meio de remediar o vosso esquecimento, motivado pela economia.

— Outro abraço!...

— A Igreja nacional respeita a vida privada!...

— Se é como dizeis, não quero já saber de outra religião que não seja essa... Sois um herói, e é necessário que vos pague um copinho...

O bom (lo pregador só com muita dificuldade se desembaraçou da sua nova ovelha, e a final conseguiu ir para o interior do edifício, deixando o operário em perfeito desequilíbrio de corpo e de espirito.

Aniceto começou um destes monólogos resmungados em que a eloquência

natural se conserva por algum tempo fresca e ridente em espirito de vinho.

— Está dito... renego... ponho escritos fora de tempo — e mudo de religião... a mudança é económica, pois que se não pagam fretes... A religião que me não permitia beber até fartar... que me não deixava viver segundo o meu gosto... era uma coisa apoquentadora... mas já que este Camaleão descobriu um Deus, que é bom príncipe, também eu o adoto para o meu uso, e declaro em alto e bom som, que eu Aniceto Perdigão, bem como a Sra. Ambrósia Perdiz, e mais a Rosinha Perdigota, fazemos dora avante parte da nova igreja nacional.

Ditas estas palavras enterrou o barrete na cabeça, e foi cambaleando para a porta principal, por onde saiu.

* * *

Maurício voltou para casa desanimado e pensativo.

Marta, que o estava esperando com impaciência e cuidado, estranhou a sua tristeza, e perguntou com ansiedade:

— O que vistes, que assim vens perturbado?

— O que devia ter suposto antes de o ver! respondeu Maurício apertando

afetuosamente a mão da sua esposa.

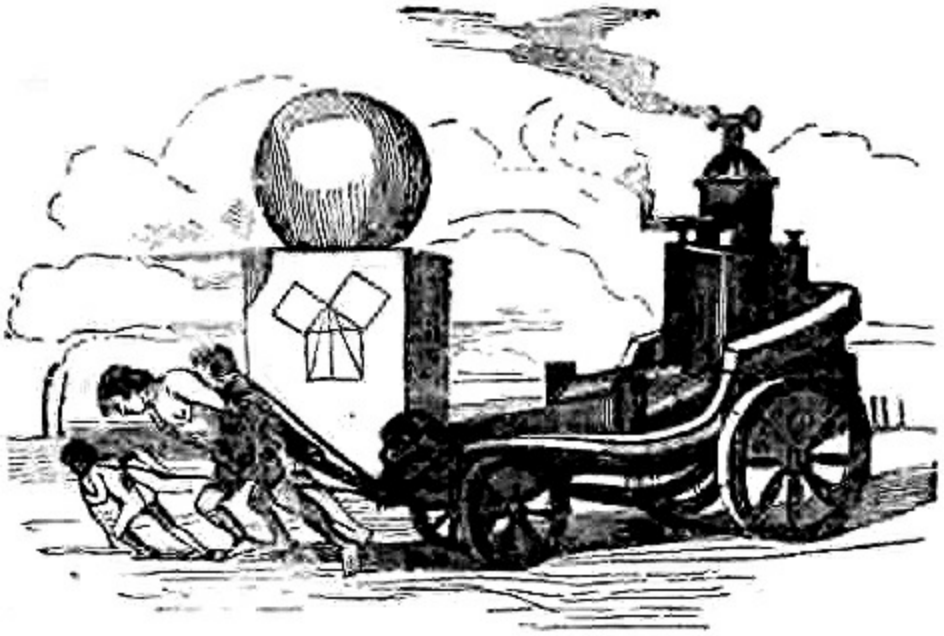
— Maurício sossega...

— Ah! minha querida Marta, tínhamos procurado inutilmente neste mundo aperfeiçoado, o amor e a poesia: restava-nos a fé, que serve de alivio a todos os tormentos!

— E não a poderemos encontrar, ainda que seja vacilante como a luz de uma alampada no templo, que abre aos fieis todas as suas portas, em dia de tempestade?...

— Não, Marta! A fé voou para longe do mundo, seguida pelo amor que vai chorando a desventura dos homens, e pela poesia, que, abraçada à lira, arreda a vista das misérias da terra!

CONCLUSÃO



Marta e Maurício estavam aflitos.

Ambos choravam sobre o destino do mundo, onde o homem se tornara escravo da máquina, e o interesse substituirá o amor.

Eram tristes os seus pensamentos, quando adormeceram.

Ambos contemplaram uma visão.

Deus volvendo os olhos para a terra, e vendo a obra da corrução humana, dizia:

«Aos que esqueceram as leis que eu gravara nos seus corações, turbou-se-lhes a vista interior, e cada um deles não vê objeto algum além de si mesmo.

"Os homens assim como encadearam as águas prenderam o ar, e dominaram o fogo, bradaram: — Somos os senhores do mundo, e ninguém tem direito de julgar os nossos intentos. Eu os desenganarei severamente, partindo as cadeias com que sustiveram as águas, abrindo a prisão do ar, e dando ao fogo a violência que lhe venceram; e para logo esses reis de um dia conhecerão a sua fraqueza.»

A estas palavras o Onipotente fez um sinal!

Os três anjos da ira precipitaram-se sobre a terra, e tudo foi rui na e confusão!

Durante um extenso sonho, Maurício e Marta viram abater os pórticos, trasbordar os rios, os incêndios rolarem sobre o mundo em ondas de fogo, e o género humano fugir da destruição geral.

No maior ímpeto da catástrofe uma voz bradou:

Paz aos homens de boa vontade. É pela sua causa que a humanidade renascerá, e que o mundo surgirá das ruínas iluminado pela fé, confortado pela caridade, e defendido pela esperança.

FIM